

# O Pico nos Textos dos Viajantes dos Séculos XVIII e XIX

Dissertação de Mestrado

Cláudia Garcia Pereira de Oliveira

Mestrado em  
**Património, Museologia  
e Desenvolvimento**



# O Pico nos Textos dos Viajantes dos Séculos XVIII e XIX

Dissertação de Mestrado

Cláudia Garcia Pereira de Oliveira

## Orientador

Professor Doutor Mário Paulo Martins Viana

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Mestrado em Património Museologia e Desenvolvimento.



À minha avó paterna, Ascensão,  
e ao Diogo Pimentel, meu amigo,  
pelo Céu.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha avó paterna e aos meus pais, pelo apoio.

Aos amigos Andreia Locatelli, Daniela Melo, Elio Ferraris, Filipe Silva, Nuno Engrácio e Patrícia Amaral, pelo tempo que disponibilizaram aos meus desabafos durante a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Mário Paulo Martins Viana, pela disponibilidade e compreensão.

Ao Professor Doutor Luíz Nilton Corrêa, pelo incentivo e disponibilidade.

À Professora Doutora Cátia Benedetti, pela disponibilidade no fornecimento de fontes traduzidas.

Aos funcionários da Biblioteca da Universidade dos Açores e da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, pelo auxílio na recolha de fontes.

We all flow from one fountain Soul. All are expressions  
of one Love. God does not appear, and flow out, only  
from narrow chinks and round bored wells here and there  
in favored races and places, but He flows in grand  
undivided currents, shoreless and boundless over creeds  
and forms and all kinds of civilizations and peoples and  
beasts, saturating all and fountainizing all.

John Muir, June 9, 1872,  
Letter to Miss Catherine Merrill, from New Sentinel Hotel, Yosemite Valley.

## RESUMO

Nos séculos XVIII e XIX, o arquipélago açoriano foi visitado por diversos viajantes: naturalistas, navegadores, geógrafos, historiadores, militares, escritores, entre outros. Os motivos destas visitas foram tão diversos quanto a diversidade cultural dos viajantes que fizeram das ilhas açorianas porto de passagem e rota curiosa para os seus estudos científicos e/ou aventuras: ingleses, americanos, espanhóis, franceses, italianos, entre outros, deixam-nos riquíssimos testemunhos da sua passagem no Arquipélago dos Açores.

A ilha do Pico é, frequentemente, uma das ilhas açorianas visitadas pelos viajantes estrangeiros. Na diversidade dos seus diários de viagem, de cariz científico, antropológico, ou generalista – de quem pretende apenas registar as suas jornadas –, são tecidas caracterizações do património natural e cultural da ilha do Pico, desde o clima, a geologia, os recursos hídricos, a flora, a fauna, às gentes, sua vivência e atividades económicas: agricultura, pecuária, comércio e transportes.

A combinação das imagens reproduzidas através da ótica dos viajantes, no que respeita ao meio natural e cultural da ilha do Pico, traduzem as suas perspetivas sobre o património natural e cultural da ilha nos séculos XVIII e XIX. Esta alteridade, presente nos testemunhos dos viajantes, aplicada ao estudo patrimonial da ilha do Pico, contribui para uma escrita da identidade do meio natural e dos habitantes da ilha, tecendo, por conseguinte, a identidade da paisagem cultural da ilha do Pico.

Palavras-chave: Açores, Identidade Cultural, Literatura de Viagens, Naturalismo, Paisagem Cultural, Pico.

## ABSTRACT

In the 18th and 19th centuries, the Azorean archipelago was visited by different travellers: naturalists, navigators, geographers, historians, members of the military, writers, among others. The reasons for these visits were as diverse as the cultural diversity of the travellers who made the Azores islands a harbour for their scientific expeditions and/or adventures: English, American, Spanish, French, Italian, among others, left us with precious testimonials of their passage through the Archipelago of the Azores.

Pico island is one of the Azorean islands often visited by foreign travellers. In their travel diaries, with a scientific, anthropological or generalist approach – whose writers only wish to record their journeys –, one can find characterizations of the natural and cultural heritage of the island of Pico, about its climate, geology, water resources, flora, the people and their ways of living, and their economic activities: agriculture, livestock production, trade and transportation.

The combination of images obtained from the travellers' perspective regarding the natural and cultural environment of the island of Pico reflect their perspectives on the natural and cultural heritage of the island on the 18th and 19th centuries. The presence of otherness on the traveller's testimonials of Pico island's heritage contributes to a representation of its natural environment and its inhabitants identity, therefore weaving the identity of the cultural landscape of the island of Pico.

Keywords: Azores, Cultural Identity, Cultural Landscape, Naturalism, Pico, Travel Literature

## ÍNDICE

Índice de Figuras	10
Introdução	11-13
1. O Estado da Arte	14-17
2. Os Viajantes e os seus Textos	
2.1. Os Naturalistas	17-24
2.2. Navegadores, Geógrafos, Historiadores, Militares e Escritores	24-34
3. O Meio Natural	
3.1. O Clima	34-35
3.2. A Geologia	36-42
3.2.1. As Erupções Históricas	42
3.2.1.1. A Erupção de 1562	42-44
3.2.1.2. A Erupção de 1718	44-46
3.2.1.3. A Erupção de 1720	46-47
3.2.2. A Montanha	48-52
3.3. Os Recursos Hídricos	52-55
3.4. A Flora	55-64
3.5. A Fauna	64-74
4. Os Habitantes e as suas Atividades	
4.1. Os Habitantes	75
4.1.1. Traços Fisionómicos	75-78
4.1.2. Traços de Carácter	78-80
4.1.3. O Vestuário	80-83
4.1.4. O Tecido Social	83-85
4.2. As atividades Económicas	85-86
4.2.1. Atividades Agrícolas	

4.2.1.1.	A Vitivinicultura	86-96
4.2.2.	Outras Atividades Agrícolas	96-97
4.2.2.1.	A Cerealicultura	98
4.2.2.2.	A Fruticultura	99
4.2.2.3.	A Olericultura	100-101
4.2.2.4.	A Silvicultura	101-102
4.2.3.	A Pecuária	102-107
4.2.4.	A Pesca	108-109
4.2.5.	O Comércio e os Transportes	
4.2.5.1.	O Comércio	109-111
4.2.5.2.	Os Transportes	111-115
Conclusão		116-118
Fontes e Bibliografia		
Fontes Impressas		119-125
Obras Auxiliares		125
Obras Gerais		125-127
Estudos		127-133
<i>Sites</i> Utilizados		133-136
Anexos		137-142

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - As ilhas do Pico e de São Jorge vistas do Faial	137
Figura 2 - Acampamento de Alberto D’Albertis aquando da sua subida à montanha do Pico	137
Figura 3 - Representação do Piquinho da montanha do Pico no relato de Alberto D’Albertis	138
Figura 4 - A vista da montanha do Pico	138
Figura 5 - Ao longe, a montanha do Pico	139
Figura 6 - O Piquinho da montanha do Pico, visto da ilha do Faial	139
Figura 7 - Mulheres do Pico num poço	140
Figura 8 - Mulher de Capote e Capelo no mercado da Horta, Faial	140
Figura 9 - Mulher do Pico a carregar água	141
Figura 10 - Os <i>Ferryboats</i> do Pico	141
Figura 11 - O mercado da Horta, Faial	142
Figura 12 - <i>Ferryboat</i> do Pico em detalhe	142

## INTRODUÇÃO

O tema abordado nesta dissertação – O Pico nos Textos dos Viajantes dos séculos XVIII e XIX – surge da combinação do interesse da autora no estudo do património da ilha do Pico e do seu interesse pessoal por obras de literatura de viagem. A vontade de conhecer a perspetiva dos viajantes que passaram pelos Açores e que escreveram sobre o arquipélago e, mais especificamente, sobre o património natural e imaterial – usos e costumes dos habitantes – da ilha do Pico, veio dar origem a este trabalho.

O estudo compreende os séculos XVIII e XIX: o primeiro é marcado pela visita de naturalistas ao arquipélago açoriano, nomeadamente geólogos e botânicos; o segundo, marcado não só pela visita de naturalistas às ilhas, responsáveis pela dinamização e desenvolvimento da exploração científica do arquipélago na segunda metade do século, mas também por geógrafos, historiadores, militares e escritores que fizeram das ilhas porto de passagem, quer por motivos profissionais como de lazer.

Os testemunhos dos viajantes, constituídos maioritariamente em formato de diário de viagem, constituem as fontes primárias utilizadas neste trabalho, material extremamente rico em caracterizações, quer do património natural da ilha do Pico, quer da paisagem antropológica da época retratada. Outras fontes utilizadas neste estudo igualmente ricas e relevantes foram os catálogos de viajantes naturalistas que estudam a flora e fauna açorianas.

Como fontes de apoio, foi utilizada bibliografia sobre o descobrimento científico no arquipélago açoriano, desde artigos a dissertações de mestrado sobre a realidade da ilha do Pico nos séculos estudados neste trabalho. Foram também utilizadas obras gerais da historiografia açoriana, *sites* de dicionários e enciclopédias das diferentes línguas apresentadas na bibliografia primária, assim como outros artigos digitais que tratam a história açoriana.

A recolha das fontes utilizadas nesta dissertação foi efetuada, primariamente e na sua maioria, através de catálogos e antologias que apresentam literatura estrangeira sobre o arquipélago dos Açores; outras, de forma menos abundante e numa fase de recolha posterior e contínua, foram retiradas de artigos científicos sobre a mesma temática, mais especificamente, sobre a presença de viajantes nas ilhas do Faial e do Pico.

Esta recolha de fontes foi efetuada através de bibliotecas da ilha de São Miguel, Açores, nomeadamente a Biblioteca da Universidade dos Açores e a Biblioteca e Arquivo Público de Ponta Delgada, assim como de bibliotecas, repositórios e arquivos digitais; outras, edições bibliográficas mais recentes, foram consultadas em formato papel, através da coleção pessoal da autora de literatura de viagem sobre os Açores.

No tratamento das fontes provenientes de catálogos científicos dos naturalistas que estudaram a flora e fauna do arquipélago, foram utilizados critérios de seleção das espécies observadas ou tidas como existentes na ilha do Pico, considerando as espécies dadas como ‘presentes na ilha do Pico’ e ‘na ilha do Pico e em outras das ilhas’, devidamente assinaladas pelos autores. Por outro lado, por necessidade de estabelecimento de critérios no tratamento da informação, foram excluídas todas as espécies que são dadas como ‘presentes em todas as ilhas’ sem referência direta à ilha do Pico, por oferecerem uma natureza demasiado generalista em lugar e número ao estudo, destinado à ilha do Pico.

No que refere ao tratamento das fontes em línguas estrangeiras, foi necessário, por parte da autora, o recurso a dicionários e enciclopédias digitais como apoio à interpretação da terminologia técnica das diferentes línguas utilizadas nas fontes primárias, assim como no auxílio às traduções livres realizadas pela autora. A presença das traduções no presente trabalho adveio de uma forte necessidade da autora de compreender, com maior profundidade, os testemunhos escritos dos viajantes, de forma a atingir a melhor construção interpretativa possível, e ainda por questões de coerência e clareza no discurso escrito final, destinado ao leitor.

Importa ainda ressaltar que a autora tomou a liberdade de traduzir os excertos e citações de obras sem tradução equivalente publicada à data da redação do texto, com exceção para alguma obra que, à data do processo de escrita das sub-temáticas do trabalho, não teria ainda vindo a público, tendo sido recolhida e tratada posteriormente em outras partes do trabalho. Salvo a exceção mencionada, todas as traduções oficiais de obras publicadas foram, devidamente, utilizadas na presente dissertação.

No que respeita à natureza das fontes primárias utilizadas neste estudo, podemos dividi-las em várias sub-temáticas do complexo tema que caracteriza a Literatura de Viagens: roteiros com descrições geográficas do arquipélago para uso da cartografia; diários de exploração científica com introduções antropológicas sobre os açorianos; catálogos científicos da flora e fauna do arquipélago e relatórios de exposição da análise dos seus resultados; relatórios militares que procuram demonstrar a importância da localização geográfica do arquipélago; diários de cariz antropológicos com descrições detalhadas dos habitantes e da sua vivência nos Açores; e diários que servem de companhia e memória ao viajante à procura de lazer, com comentários comuns sobre a realidade do arquipélago. Epistolários dos viajantes foram também utilizados no presente trabalho.

Após o terramoto de Lisboa de 1755 e durante a Revolução Liberal Francesa, verificava-se o exotismo com que a Península Ibérica era pensada por parte de outras nacionalidades europeias, principalmente: franceses, alemães e britânicos. Esses viajantes escrevem sobre as suas aventuras,

revelando uma forte parcialidade nas comparações com os seus valores culturais, e, muitas vezes, exibindo elevados níveis de preconceito.<sup>1</sup>

Os Açores foram alvo da curiosidade de viajantes durante os séculos XVIII e XIX por diversos motivos: o arquipélago interessou a diferentes cientistas pela sua natureza vulcanológica ou pela sua natureza de ilhéu, pelo seu isolamento, muito importante para o estudo da biologia; os Açores interessaram também aos visitantes na procura de lazer, repouso e cura. A sua localização geográfica foi um elemento fundamental na influência do elevado número de diários de viagem produzidos no século XIX, tendo contribuído para levar o arquipélago a ser, muitas vezes, porto de passagem de longas viagens entre o continente Europeu e o Americano.

Os diários dos viajantes caracterizam tanto o meio natural como os usos e costumes dos açorianos, conceitos hoje alargados e representados pelos termos ‘património natural’ e ‘património imaterial’. A ótica do viajante é outro fator a considerar na análise efetuada por este estudo: a imagem do território sujeita à alteridade traduz-se em ricos testemunhos, capazes de isolar o «estranho», o «outro», revelando-nos imagens do «eu», da identidade de um povo ou de uma paisagem. Esta paisagem é dinâmica, intangível: transforma-se constantemente, quer pelo tempo, quer pelo próprio dinamismo da interpretação dos seus recetores e, simultaneamente e consequentemente, criadores.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Veja-se CHAVES, 1977.

<sup>2</sup> Veja-se WALTER, 2004: 7-16.

## 1. O ESTADO DA ARTE

No que respeita ao estudo científico dos Açores pelos naturalistas que visitaram o arquipélago, Luís M. Arruda, em 1998, publica o artigo *Naturalists and Azores before the 20th century*, em *Museu Bocage: Museu Nacional de História Natural, publicações avulsas*, onde comenta sobre as razões pelas quais os naturalistas se sentiam atraídos pelo arquipélago açoriano durante os séculos XVIII e XIX. A edição portuguesa deste artigo é publicada no mesmo ano com o título *Os naturalistas, o Faial e periferia açoriana até ao século XIX*, no colóquio *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs. XV a XIX: Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e S. Jorge de 12 a 15 de Maio de 1997*. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

Em 2014, na obra *Descobrimto científico dos Açores: do Povoamento ao início da erupção dos Capelinhos*, Luís M. Arruda escreve sobre as contribuições dos naturalistas ao estudo do arquipélago açoriano, desde o povoamento, no século XV, passando pela escala de Andanson na Horta, ilha do Faial, em 1753, até à primeira escala de Alberto I, Príncipe do Mónaco, na mesma cidade, em 1879.

Quanto ao contributo científico ao estudo da oceanografia e meteorologia no arquipélago açoriano e o papel desempenhado pelo Príncipe do Mónaco neste contributo, em 1899, Eugénio Pacheco publica *S.A.S. Principe de Monaco e os seus serviços à causa açoreana*, onde comenta sobre as explorações oceanográficas de Albert I do Mónaco e sobre os seus esforços, como indica o título, à causa açoriana, assim como os do Coronel Afonso Chaves, aplicados na criação do Observatório Meteorológico Internacional e instalação dos observatórios meteorológicos nas ilhas.

Em 1992, são publicados na revista *Açoreana*, três artigos do *Centenaire de la Dernière Campagne Oceanographique du Prince Albert de Monaco aux Açores a bord de l'Hirondelle: communications, Açores, 1998*: o primeiro, redigido por Maurice Fontaine – *Le Prince Albert Ier de Monaco, les Açores et l'Institut Oceanographique*; o segundo, de Jacqueline Carpine-Lancre – *L'Hirondelle aux Açores* –, que segue o rastro das campanhas científicas da *Hirondelle* no arquipélago; e o terceiro, de Luiz Saldanha – *Le Prince Albert Ier de Monaco et le Colonel Afonso Chaves* –, que trata o trabalho científico de Afonso Chaves e de Albert I, e a colaboração entre os dois cientistas no estudo meteorológico dos Açores.

Orlando de Azevedo também escreve sobre as *Campanhas Oceanográficas do Príncipe de Mónaco nos Açores*, artigo publicado no ano 2000, nas *Actas do Congresso realizado em Angra do Heroísmo de 24 a 28 de Maio de 1999 – O Papel das Ilhas do Atlântico na Criação do Contemporâneo*. O artigo trata a visita do Príncipe ao arquipélago em 1879 e a sua ligação às ilhas e

às suas gentes, definindo o seu roteiro; o artigo aborda ainda as suas campanhas oceanográficas, as determinações do relevo no planalto açoriano feitas pelo Príncipe e a caça e alimentação do cachalote.

São ainda relevantes dois artigos sobre o Príncipe Albert I e os Açores: o primeiro, publicado na Revista *Açoreana*, em 2005, do autor António M. de Frias Martins – *Alberto I, Príncipe do Mónaco: o Homem, o Navegador, o Investigador e os Açores*; o segundo, publicado em 2009 no *Boletim Cultural da Horta – A importância das Campanhas Oceanográficas do Príncipe Albert do Mónaco para o conhecimento do Mar dos Açores*, de Filipe Mora Porteiro.

Quanto à visão dos viajantes que passam pelas ilhas açorianas por motivos diversos, Fátima Sequeira Dias, no artigo *A redescoberta das ilhas: a construção de um imaginário (a visão nem sempre “politicamente correcta” do viajante nas ilhas)*, inserido no *V Colóquio Internacional de História das Ilhas do Atlântico*, publicado em 1999, escreve sobre os visitantes que passaram pelo arquipélago durante o século XIX, dividindo o seu estudo em várias sub-temáticas: os elogios tecidos à paisagem das ilhas; as críticas aos nativos; o enaltecimento à aristocracia; os comentários masculinos às mulheres; e o diagnóstico e causas do atraso das ilhas.

Rolf Kemmler escreve dois artigos relevantes ao estudo das ilhas açorianas e dos viajantes que as visitaram: o primeiro, *Os Açores vistos por um açoriano na diáspora: A Trip to the Azores or Western Islands (1867) de Manuel Borges de Freitas Henriques (1827-1873)*, artigo do 25.º *Colóquio da Lusofonia, Graciosa, 2015*, publicado em 2017 nos *Colóquios da Lusofonia: Cadernos de Estudos Açorianos*; O segundo, *Lyman Horace Weeks: Among the Azores (1882)* publicado no 29.º *Colóquio da Lusofonia*.

Maria dos Remédios Castelo-Branco escreve sobre os *Viajantes Ingleses nos Açores nos Inícios do Século XIX*, artigo incluído no colóquio *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs. XV a XIX: Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e do Pico de 10 a 13 de Maio de 1993*, publicado em 1995. No artigo, a autora analisa as obras de Robert Steele e Thomas Ashe sobre o arquipélago açoriano.

No que respeita a percepção do arquipélago açoriano no mundo anglófono novecentista, Rolf Kemmler escreve três notas baseadas nos diários de viagem de Thomas Ashe, Mark Twain, John White Webster e Edward Boid, publicadas em 2017, nos *Colóquios da Lusofonia: Cadernos de Estudos Açorianos*: a primeira publicação intitula-se *Notas sobre a percepção dos Açores no mundo anglófono novecentista I: os habitantes dos Açores segundo Thomas Ashe (1813) e Mark Twain (1869)*, do 17.º *Colóquio da Lusofonia, Lagoa, 2012*; a segunda, *Notas sobre a percepção dos Açores no mundo anglófono novecentista II: John White Webster e A Description of the island of St. Michael (1821)*, artigo do 19.º *Colóquio da Lusofonia, Maia, 2013*; a última, intitulada *Notas sobre*

a percepção dos Açores no mundo anglófono novecentista III: Edward Boid e *A Description of the Island of St. Michael (1835)*<sup>3</sup>, 20º Colóquio da Lusofonia, Seia, 2013.

Ainda sobre a literatura de viagens anglófona, João Paulo A. Pereira da Silva escreve um artigo sob o título *Os Açores em 1832: A perspectiva do Comandante Edward Boid, oficial inglês e romântico*, artigo publicado na revista *Arquipélago – Revista da Universidade dos Açores*.

No que respeita às ilhas do grupo central dos Açores, importa salientar o artigo de José Damião Rodrigues – *Entre Ficção e Realidade: O Faial e as Ilhas do Grupo Central da Segunda Viagem de James Cook*, parte das *Actas do III Colóquio realizado em Maio de 2002 nas ilhas do Faial e das Flores, O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX* –, publicado em 2004, onde o autor cruza registos do diário de James Cook com informação histórica local, sugerindo um desfasamento entre a realidade das ilhas retratada pelos viajantes do século XVIII e a dos dados históricos por si recolhidos.

Duarte Miguel Barcelos Mendonça, em *Um olhar americano sobre as ilhas do Faial, Pico e São Jorge no século XIX*, artigo presente nas *Actas do V Colóquio realizado nas ilhas do Faial e de São Jorge, dias 17 a 20 de Maio de 2010 – O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, publicado em 2011, escreve sobre a ótica dos viajantes americanos em relação às ilhas do Faial, Pico e São Jorge no século XIX, confrontando estas obras com os *Anais da Família Dabney no Faial*.

Susana Serpa Silva, em 2005, publica o artigo *As ilhas do Faial e do Pico vistas, no século XIX, por viajantes estrangeiros*, em *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX: actas do VI Colóquio, realizado nas ilhas do Faial e de S. Jorge nos dias 17 a 20 de Maio de 2010*. No artigo, a autora escreve sobre as obras de diversos viajantes, como Silas Weston, Jean-Gustave Hebbe, Briant Barrett, James Cook, irmãos Bullar, Albert I do Mónaco, Lyman Weeks, Alberto d'Albertis, Thomas Higginson, entre outros, tecendo comentários sobre as suas observações das ilhas do Faial e do Pico.

Carlos Guilherme Riley, Leonor Sampaio da Silva e Ricardo Manuel Madruga da Costa, em 2013, publicam *Um Observador Observado, edição comentada e traduzida para o português da obra do autor americano Silas Weston – Silas Weston, Visit to a Volcano, or What I Saw at the Western Islands (Providence, 1856)* – que trata as ilhas do Faial e o Pico, abordando temáticas desde a descrição da sua paisagem, a comentários de natureza antropológica.

Em 2017, Ricardo Manuel Madruga da Costa, Carlos Guilherme Riley e Isabel Soares de Albergaria publicam uma edição comentada e traduzida para o português do epistolário de Charles Hickling Sr. e Jr., conjunto de cartas de finais de 1865 a inícios de 1867, que trata a vivência dos

---

<sup>3</sup> A designação correta da obra é *A Description of the Azores or Western Islands (1835)*.

Hickling, pai e filho, nas ilhas do Faial e do Pico – *Os dias de Charlie nas Western Islands: as ilhas do Faial e do Pico na visão de um turista americano a meados do séc. XIX.*

No que respeita à ilha do Faial, Rosa Maria Simas publica, em 2011, no colóquio *Mark Twain – Um viajante inocente? No centenário da morte do escritor, realizado na cidade da Horta no dia 22 de Outubro de 2010*, um artigo intitulado *Mark Twain e Thomas Higginson: dois turistas Americanos na Horta*, onde confronta as perspetivas dos dois autores sobre a ilha do Faial. Ricardo Manuel Madruga da Costa também publica, em 2011, um artigo sobre a presença de um viajante na Horta – *Uma outra visão da Ilha do Faial – A reportagem de um companheiro de viagem de Mark Twain.*

São ainda encontrados estudos sobre a ilha de São Miguel, mais precisamente sobre a imagem do Vale das Furnas na literatura de viagens do século XIX, como os de J. L. Brandão da Luz e de Rolf Kemmler: em 1995, na revista *Insvlana*, é publicado *O Vale das Furnas na literatura de viagens do século XIX*, artigo da conferência *VII Ciclo de Cultura Açoriana, Toronto, 1993*, por J. L. Brandão da Luz; em 2017, Rolf Kemmler publica *A população de São Miguel em A Winter in the Azores: and a Summer at the Baths of the Furnas (1841)*, artigo do *24º Colóquio da Lusofonia no Fundão*, publicado nos *Colóquios da Lusofonia: Cadernos de Estudos Açorianos.*

Em 1999, Catia Benedetti publica um artigo sobre a cidade de Ponta Delgada na visão do navegador italiano Alberto d’Albertis, intitulado *Crociera del Corsaro alle Azzorre: Ponta Delgada em 1886 no relato de um viajante italiano*, em *Actas do Colóquio Comemorativo dos 450 anos da Cidade de Ponta Delgada.*

No que respeita à ilha do Pico, não existem muitos estudos a ela referentes, ou exclusivos, sobre o legado escrito dos viajantes que visitaram os Açores nos séculos XVIII e XIX, ou lhes dedicaram páginas inspiradas em testemunhos de autores precedentes. Este trabalho tem, portanto, como objetivo principal, suprir a carência de estudos sobre o Pico nesta matéria, de forma a incluir a ilha no discurso histórico-patrimonial da literatura de viagens sobre os Açores.

## **2. OS VIAJANTES E OS SEUS TEXTOS**

### **2.1. OS NATURALISTAS**

No arquipélago dos Açores, os séculos XVIII e XIX são marcados pela passagem de naturalistas de diferentes nacionalidades. Desde ingleses, americanos, franceses, espanhóis, italianos, entre outros, a visita destes cientistas às ilhas açorianas contribuiu, indubitavelmente, para o enriquecimento do estudo científico do arquipélago. Outros autores, não obstante a falta de

oportunidade de visitar o arquipélago, não deixaram de mencionar as ilhas nas suas obras, pela importância que oferecem à ciência dos séculos XVIII e XIX.

Na primeira metade do século XVIII, mais precisamente em 1735, John Atkins (1685-1757), cirurgião da marinha inglesa, publica *A Voyage to Guinea, Brazil and West Indies*, onde tece algumas notas sobre o vulcanismo do Pico. Contudo, é a visita do naturalista francês Michel Adanson (1727-1806) aos Açores, a 20 de outubro de 1753, que traça o marco cronológico do início das expedições naturalistas no arquipélago açoriano. Deste feito, Adanson deixa-nos testemunho na sua obra *Histoire Naturelle du Sénégal*, 1757, onde descreve o cone vulcânico da ilha do Pico, de forma muito superficial, não entrando em profundos detalhes sobre a sua formação geológica.<sup>4</sup> São de considerar também os comentários de outro naturalista francês, o Conde George-Louis Buffon (1707-1788), que menciona a erupção de 1720, com o propósito de fundamentar a semelhança entre vulcões subaéreos e submarinos.<sup>5</sup>

Luís Arruda, no II capítulo – *Vulcões submarinos e ilhas oceânicas*<sup>6</sup> – da sua obra *Descobrimento Científico dos Açores*, 2014, escreve sobre a evolução cronológica do estudo vulcanológico pelos naturalistas, destacando o geólogo alemão Christian Buch (1774-1853), por ter sido o primeiro a determinar os Alpes como resultado da elevação da crosta terrestre.

Em 1775, ancora na Horta, ilha do Faial, o navio *HMS Resolution*, comandado pelo Capitão James Cook (1728-1779). A bordo, encontravam-se os alemães Johann Forster (1729-1798), naturalista, e seu filho Johann Georg Adam Forster (1754-1794), professor de botânica.

Em 1777, Forster filho publica o diário *Voyage round the world in His Britannic Majesty's sloop Resolution, commanded by Capt. James Cook, during the years 1772, 3, 4, and 5.*, elaborado através do diário de seu pai, por publicar, onde faz referência às ilhas açorianas. Em 1787, publica *Fasciculus Plantarum Magellanicarum et Plantae atlanticae ex insulis Madeira Sti Iacobi Adscensionis Stae Helenae et Fayal reportatae*, sendo considerado o primeiro relatório publicado sobre a botânica dos Açores.<sup>7</sup>

Em 1812, o hidrógrafo inglês John Purdy (1773-1843) publica a primeira edição da obra *Memoir; Descriptive and Explanatory, to Accompany the New Chart of the Atlantic Ocean: and comprising Instructions, General and Particular, for the Navigation of that Sea*. Foram publicadas

---

<sup>4</sup> ADANSON, 1757: 182-183.

<sup>5</sup> O autor afirma que ambos tipos de vulcões se encontram apenas nos cumos das montanhas e, no caso específico dos Açores, alguns são encontrados acima do mar, outros abaixo deste, com ligações subterrâneas entre si. Buffon associa, também, a produção de enxofre, a existência de terremotos, de cavernas, e a ocorrência de deslizamentos de terra, aos danos dos elementos e à existência de vulcões. BUFFON, 1749: 548.

<sup>6</sup> ARRUDA, 2014: 71-73.

<sup>7</sup> ARRUDA, 2014: 53.

várias edições da obra, realizadas por si até à 8ª edição. Não tendo participado em expedições geográficas, o seu trabalho baseou-se em relatórios de outros cientistas.<sup>8</sup>

O trabalho de Purdy foi continuado pelo seu sucessor, também hidrógrafo e geógrafo inglês, Alexander George Findlay (1812-1875).<sup>9</sup> Findlay realizou várias edições da obra referida supra, referindo, no prefácio das 11ª e 13ªs edições, que o trabalho havia sofrido tantas atualizações que a única semelhança ao original a manter-se, seria o título. Em 1894, é publicada uma edição a partir do trabalho de Findlay, pelo membro da *Royal Geographical Society* William R. Kettle (?-?)<sup>10</sup>.

Em 1817, John White Webster (1793-1850), mineralogista americano, estabeleceu residência em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel, sobre a qual viria a escrever uma monografia geológica – *A Description of the Island of St. Michael* –, publicada em 1821. Na obra, consta um relatório sobre a história dos Açores, com informações de carácter antropológico relevantes ao estudo social das ilhas. O autor descreve a estrutura das rochas e das cavernas e realiza estudos comparativos. No apêndice da sua obra, faz referência às ilhas que não visitou. No caso da ilha do Pico, Webster baseia-se na descrição da subida à montanha do Pico de George Heriot<sup>11</sup> e refere a composição de lava da ilha, a ausência de terra na ilha e sua consequente necessidade de importação à ilha do Faial (Ver Figura 1).<sup>12</sup>

Christian Leopold Buch (1774-1853), geólogo alemão, apesar de não ter visitado os Açores, faz menção ao arquipélago na sua obra de história natural sobre as ilhas Canárias, publicada em 1825,<sup>13</sup> baseando os seus comentários em outros autores.<sup>14</sup>

Em 1836, o Conde Vargas de Bedemar (1770-1847), geólogo, aventureiro e escritor dinamarquês, visita os Açores com o fim de estudar a geologia das ilhas. Segundo Arruda (2014), o Conde procurava rochas primitivas, de forma a credibilizar a teoria da Atlântida.<sup>15</sup> Na sua obra, *Resumo de observações geológicas feitas em uma viagem às ilhas da Madeira, Porto Santo e Açores nos anos de 1835 e 1836* (1837), Bedemar faz menção à natureza vulcânica da ilha do Pico.<sup>16</sup>

Nesse mesmo ano de 1836, o naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882) escala a ilha Terceira. Em 1959, Darwin menciona os Açores na sua famosa obra *On the origin of species*, 1859.

<sup>8</sup> STEPHEN, 1832-1904, vol. 47: 46.

<sup>9</sup> STEPHEN, 1885-1900, vol. 19: 23, 24.

<sup>10</sup> STEPHEN, 1832-1904, vol. 47: 46.

<sup>11</sup> O artista e escritor George Heriot (1759-1839), em data desconhecida, também visita os Açores a caminho da América, do que resulta o seu relato – *Travels through the Canada*. No que diz respeito à ilha do Pico, descreve a sua montanha, aludindo ao seu carácter vulcanológico e mencionando a erupção vulcânica de 1718. Ver HERIOT, 1807: 11-12.

<sup>12</sup> WEBSTER, 1821: 234.

<sup>13</sup> *Physicalische Beschreibung der Canarischen Inseln*, 1825.

<sup>14</sup> Buch baseia-se, pelo menos, em ASHE, 1813; BOID, 1834 e WEBSTER, 1821. ARRUDA, 2014: 135.

<sup>15</sup> ARRUDA, 2014.

<sup>16</sup> VARGAS DE BEDEMAR, 1837: 11.

Na obra *Geological observations on the volcanic islands*, 1844, menciona a ocorrência de erupções nos Açores nas três linhas paralelas do Pico, São Jorge e Terceira.<sup>17</sup> Segundo Arruda, «[Darwin] (...) não deixou de perceber a importância do estudo das ilhas açorianas para compreender a colonização das ilhas, em geral, e a evolução das espécies, em particular».<sup>18</sup>

De acordo com Arruda, após a passagem de Darwin pela ilha Terceira em 1836, as ilhas açorianas começavam a ter peso no mundo científico. Porém, o estudo dos seres vivos continuaria negligenciado durante dois anos, até à chegada, em 1838, dos botânicos Christian Ferdinand Friedrich Hochstetter (1787-1860) e Heinrich Joseph Guthnick (1800-1880), acompanhados pelo farmacêutico filho de Hochstetter, Karl Christian Friedrich Hochstetter (1818-1880), e ainda pelo médico e mineralogista Johann Rudolph Gygax (1809-1859).<sup>19</sup>

Relativamente à ilha do Pico, esta foi explorada no mês de julho do mesmo ano, sem a presença de Guthnick, que havia seguido viagem para a Madeira.<sup>20</sup> Os resultados científicos desta expedição viriam a ser publicados pelo botânico Moritz August Seubert (1846-1878) que, embora não tendo visitado os Açores, colaborara com Hochstetter pai e outros cientistas, elaborando, em 1843, a *Flora Azorica*, obra reconhecida com prestígio pelos seus sucessores.<sup>21</sup>

Em 1842, o botânico inglês Hewett Cottrell Watson (1804-1881) visita as ilhas do Pico, Faial, Flores e Corvo, vindo a publicar diferentes notas botânicas sobre as ilhas açorianas no *The London Journal of Botany*: em 1843, Watson publica a primeira nota – *Notes on a botanical tour in the Western Azores* –, onde dedica algumas páginas à descrição da sua subida à montanha do Pico e à paisagem botânica que aí pôde observar;<sup>22</sup> em 1844, o autor publica outra nota sobre a botânica dos Açores – *Notes on the Botany of the Azores*; em 1847 é publicada a terceira nota sobre o arquipélago – *Supplementary notes on the Botany of the Azores*.

A partir de 1857, com a chegada dos naturalistas franceses, zoólogos, Arthur Morelet (1809-1892) e Henri Drouët (1829-1900) aos Açores, a exploração científica das ilhas ganhou maior corpo. Os naturalistas tiveram oportunidade de percorrer as diferentes ilhas açorianas, à exceção da de São Jorge.<sup>23</sup>

Em julho daquele ano, Morelet partiu da Madalena, ilha do Pico, montado num burro, com o propósito de escalar a montanha do Pico. Relembrando a dificuldade de tamanha proeza, deixou

---

<sup>17</sup> DARWIN, 1844: 129.

<sup>18</sup> ARRUDA, 2014: 102.

<sup>19</sup> ARRUDA, 2014: 103-106.

<sup>20</sup> ARRUDA, 2014: 102, 103, 106.

<sup>21</sup> ARRUDA, 2014: 107.

<sup>22</sup> ARRUDA, 2014: 115-117.

<sup>23</sup> Durante a sua viagem, Morelet e Drouët encontram em São Miguel o geólogo Karl George Friedrich Hartung (1820-1891). Em 1860, Hartung publica uma obra de grande interesse científico para Açores, com ênfase na ilha de Santa Maria. A obra interessa à Geologia e denomina-se *Die Azoren in ihrer äusseren erscheinung und nach ihrer geognostischen natur*. ARRUDA, 2014: 121-128.

registro de algumas notas que interessam ao estudo vulcânico da ilha. O seu colega, Drouët, não foi tão afortunado: tendo revelado sintomas de inflamação no estômago aquando da realização da subida à montanha, viu-se obrigado a abandonar a ideia, tendo, porém, deixado registados alguns comentários sobre a montanha do Pico.

No ano seguinte, em 1858, foram publicados os estudos da exploração das ilhas por Morelet, Drouët, e dos outros cientistas que os acompanharam. Porém, só em 1866 viria a ser publicado o catálogo da flora açoriana, resultado da expedição realizada em 1857.

Em 1865, o zoólogo inglês Frederick du Cane Godman (1834-1919) e o coletor de plantas James Alexander Brewer (1818-1886) visitaram os Açores.<sup>24</sup> Em 1870, Godman publicou *Natural History of the Azores*, tendo contado com o contributo de Hewett Watson para o estudo da flora açoriana, e de William Mitten (1819-1906) para estudo dos musgos do arquipélago, os quais viriam a ser reestudados pelo briologista francês Jules Cardot (1860-1934), e cujos resultados viriam a ser publicados, em 1897, sob o título *Mosses of the Azores and of Madeira*.

No ano de 1867, desembarcam nos Açores o geólogo francês Charles Joseph Sainte-Claire Deville (1814-1876) e o astrónomo Pierre Jules César Janssen (1824-1907). No mesmo ano, o colaborador de Deville, o geólogo também francês Fernand André Fouqué (1828-1904),<sup>25</sup> também visitou os Açores, com o objetivo de estudar a erupção marinha ocorrida entre 1 e 7 de junho do mesmo ano entre a ilha Terceira e a Graciosa, e realizar estudos de química aplicada à geologia.<sup>26</sup>

Em 1873, Fouqué publicou *Voyages Géologiques aux Açores* na revista francesa *La Revue des Deux Mondes*. Em 2019, veio a público a tradução do Instituto Açoriano de Cultura – *Viagens Geológicas aos Açores*. A obra dedica um capítulo à ilha Terceira, outro às ilhas Graciosa, Pico e Faial, e um terceiro às culturas da ilha de São Miguel. Sobre a ilha do Pico, o autor menciona as erupções históricas aí decorridas e elabora algumas considerações sobre a montanha, a qual teve oportunidade de escalar.

Ainda no ano de 1873, o biólogo marinho e oceanógrafo escocês Charles Wyville Thomson (1830-1882)<sup>27</sup>, dirigente da expedição científica do *Challenger*,<sup>28</sup> chega aos Açores com o objetivo de efetuar dragagens oceanográficas.<sup>29</sup> Em 1877, Thomson publicou os resultados da sua viagem ao

---

<sup>24</sup> ARRUDA, 2014: 177-178.

<sup>25</sup> ARRUDA, 2014:183. Fouqué realizou observações nas ilhas açorianas de diversa natureza: geologia e vulcanologia, botânica, zoologia, e mineralogia. Voltou aos Açores, em 1872, com o intuito de estudar a geologia das ilhas do grupo central e também a de São Miguel, ilha onde se dedicou a estudar as águas minerais do Vale das Furnas. O autor afirma ter percorrido não apenas as zonas habitadas das ilhas, mas também as regiões selvagens do interior.

<sup>26</sup> ARRUDA, 2014: 181-183.

<sup>27</sup> ARRUDA, 2014: 164.

<sup>28</sup> Segundo Arruda, «a expedição científica à volta do mundo do H.M.S. ‘Challenger’, comandada pelo capitão George Nares (1831-1915), com a supervisão científica do escocês Charles Wyville Thomson, viajou cerca de 70 000 milhas náuticas (130 000 km), entre 21 de dezembro de 1872 e 24 de maio de 1876.» ARRUDA, 2014: 186.

<sup>29</sup> ARRUDA, 2014: 187.

Atlântico em dois volumes, intitulado *The Voyage of the Challenger: The Atlantic, a preliminary account of the general results of the exploring voyage of H.M.S. 'Challenger' during the year 1873 and the early part of the year 1876*. O segundo volume da obra faz menção às ilhas açorianas, comentando-lhes o clima, natureza vulcânica e paisagem – natural e urbana. No que respeita à ilha do Pico, Thomson faz referência à sua montanha e às suas culturas.

Sobre as culturas da ilha do Pico, no ano de 1867, os franceses Jean-Léon Soubeiran (1827-1892),<sup>30</sup> farmacêutico, e Augustin Delondre (1823-1879),<sup>31</sup> assistente de química aplicada no *Muséum National d'Histoire Naturelle* em Paris, publicaram um artigo no *Bulletin de la Société Impériale e d'Acclimatation*, com o título *Produits Végétaux du Portugal*, onde são mencionadas as culturas do arquipélago açoriano, com referência ao vinho da ilha do Pico.

Em 1879, o navegador e oceanógrafo Albert Honoré Charles Grimaldi (1848-1822), Príncipe Albert I do Mónaco, visita os Açores pela primeira vez, com o intuito de conhecer as gentes, as paisagens e a economia das ilhas, tendo estabelecido relações sociais com as elites locais.<sup>32</sup>

Entre 1884 e 1915, o Príncipe Albert I do Mónaco dirige 28 campanhas oceanográficas, das quais 13 decorreram ao largo do arquipélago açoriano.<sup>33</sup> Os resultados científicos dessas expedições oceanográficas, realizadas por naturalistas de várias nacionalidades, foram publicados entre 1889 e 1950, com a participação de 106 autores.<sup>34</sup>

O Príncipe do Mónaco desempenhou um papel importante na história dos Açores, não apenas no estudo da oceanografia do arquipélago, mas também no da meteorologia, tendo aplicado esforços na direção da criação da rede meteorológica nos Açores, tendo proposto, em 1892, à *Académie des Sciences* de Paris a criação de um serviço meteorológico internacional, argumentando sobre a importância das ilhas e sua situação estratégica para as previsões do clima na Europa.<sup>35</sup>

No que respeita ao seu papel na oceanografia açoriana, e mais precisamente, na picoense, a 9 de Julho de 1896, durante as dragagens oceânicas ao largo da ilha do Pico, o Príncipe descobriu um baixio a sudoeste desta ilha, nomeando-o Banco Princesse Alice, em homenagem à sua esposa.<sup>36</sup>

Em 1886, Albert I publicou *Sur le Gulf-Stream, Recherches pour établir ses Rapports avec la Cote de France*, em seguimento da campanha oceanográfica do *Hirondelle*, de 1885. Nesta obra, a ilha do Pico é mencionada pelo Príncipe, fazendo referência à montanha e aos habitantes da ilha – contemporaneamente agricultores e baleeiros. A sua autobiografia, publicada em 1902 – *La*

---

<sup>30</sup> Jean-Léon Soubeiran (1827-1892). Consultado a 03/05/2021, em <https://data.bnf.fr>

<sup>31</sup> Augustin Delondre (1823-1879). Consultado a 03/05/2021, em <https://data.bnf.fr>

<sup>32</sup> PORTEIRO, 1009: 181, 182, 204.

<sup>33</sup> ARRUDA, 2014: 204-206.

<sup>34</sup> ARRUDA, 2014: 204, 205.

<sup>35</sup> PACHECO, 1899: 34, SALDANHA, 1992: 54, PORTEIRO, 2009: 203.

<sup>36</sup> PACHECO, 1899: 30.

*Carrière d'un Navigateur*<sup>37</sup> – dedica algumas páginas às expedições oceanográficas realizadas nos Açores.

Em 1883, o oficial da marinha, oceanógrafo e malacologista francês Alexandre Guillaume Léopold (1817-1896), conhecido como Marquês de Folin, chegou aos Açores como membro da equipa da expedição oceanográfica do *Talisman* ao Atlântico.<sup>38</sup> Em 1887, Folin publicou *Sous les Mers: campagnes d'explorations du «Travailleur» et du «Talisman»*, onde teceu comentários sobre o clima e a geografia física das ilhas açorianas, mencionando-lhes a natureza vulcânica. O autor deixou-nos ainda uma pequena descrição da paisagem da montanha do Pico numa noite iluminada pelo luar.

Em 1886, o Capitão, explorador e naturalista genovês Enrico Alberto D'Albertis (1846 – 1932) visitou os Açores a bordo do yacht *Corsaro*,<sup>39</sup> uma continuação do antecedente à Madeira e às Canárias. Após 26 dias de viagem com partida do porto de Génova, D'Albertis atracou em Ponta Delgada. No que respeita à ilha do Pico, o autor menciona na sua obra *Crociera del Corsaro alle Azzorre*, 1888, as suas erupções históricas, a ligação geológica entre as ilhas Faial-Pico, os ilhéus da Madalena, sem descurar de uma descrição detalhada da sua subida à montanha do Pico (Ver Figuras 2 e 3).

Jules Guerne (1855-1931), zoólogo e geógrafo francês, visita os Açores em 1887, a bordo do *Hirondelle*, durante a segunda campanha oceanográfica do Príncipe Alberto I do Mónaco, tendo sido o seu principal conselheiro nas suas primeiras campanhas oceanográficas.<sup>40</sup> Guerne elaborou estudos sobre a fauna de água doce<sup>41</sup> dos Açores, tendo estudado as ilhas de São Miguel e do Faial.<sup>42</sup> Elaborou ainda 3 cartas sobre os Açores, a última das quais sobre o Canal Faial-Pico.<sup>43</sup>

Ainda em 1887, Guerne publicou uma nota sobre a fauna de água doce dos Açores e o transporte de animais através dos pássaros – *La faune des eaux douces des Açores et le transport des animaux à grande distance par l'intermédiaire des oiseaux*.

---

<sup>37</sup> «Em *La Carrière d'un Navigateur* (Albert I, 1966) o príncipe navegador abre a sua alma de marinheiro: conta o seu fascínio pelo mar, pelos barcos e pelas relações humanas que aí se estabelecem. (...) A poesia da partida ilustra a complexidade dos seus sentimentos. Filósofo, critica a futilidade dos costumes sociais das cortes ou dos ambientes requintados e frívolos da época. A sua autobiografia mostra o seu espírito de liberdade e a preocupação com a dignidade humana o seu amor pela vida marinha, o prazer da descoberta e da ciência, mas também a sua nostalgia e tristeza. O triângulo cultura, arte e ciência estruturava a personalidade do humanista.» PORTEIRO, 2009: 181.

<sup>38</sup> ARRUDA, 2014: 201-203.

<sup>39</sup> ARRUDA, 2014: 206.

<sup>40</sup> PORTEIRO, 2009: 14.

<sup>41</sup> «Nas campanhas do *Hirondelle*, J. de Guerne dedicou-se ao estudo de lagoas, ribeiras, poços de maré e fontanários durante as suas visitas a terra. Em todas as ilhas, excepto S. Jorge, recolhe elementos da fauna de 14 lagoas vulcânicas, 13 das quais não tinham sido exploradas anteriormente e 5 não se encontravam sequer cartografadas.» PORTEIRO, 2009: 203.

<sup>42</sup> ARRUDA, 2014: 208-209. O naturalista micalense Francisco Afonso Chaves (1857-1926) auxiliou o barão de Guerne na expedição científica ao arquipélago açoriano. TAVARES, 2009: 131.

<sup>43</sup> PORTEIRO, 2009: 201.

No mesmo ano, o médico naturalista e professor de zoologia Théodore Charles Barrois (1857-1920) visitou parte do arquipélago açoriano, tendo vindo a contribuir com as suas observações realizadas nas ilhas de São Miguel,<sup>44</sup> Terceira, Faial, São Jorge e Graciosa para o estudo, principalmente, da fauna de água doce do arquipélago.<sup>45</sup>

De grande importância para o estudo da flora açoriana é ainda o contributo do botânico americano William Trelease (1857-1945). Trelease teve a oportunidade de visitar os Açores em 1894, tendo regressado ao arquipélago passados dois anos. Três anos após a sua visita ao arquipélago açoriano, em 1897, o naturalista publicou um estudo sobre a flora açoriana através de coleções realizadas por si, por C. Samler Brown, e pelos residentes açorianos Bruno Carreiro e Carlos Machado. Esse estudo – *Botanical Observations on the Azores* – é considerado, por Luís Arruda, uma das mais completas monografias sobre a flora açoriana.<sup>46</sup>

## 2.2. NAVEGADORES, GEÓGRAFOS, HISTORIADORES, MILITARES E ESCRITORES

Dos viajantes que visitaram o arquipélago dos Açores nos séculos XVIII e XIX e nos deixaram testemunhos das ilhas, muitos não entram na categoria de naturalistas. Pese embora os seus diários não ofereçam a credibilidade à comunidade científica das ciências naturais que oferecem os diários dos naturalistas mencionados neste estudo, neles são tecidas considerações de interesse às ciências da terra, oferecendo testemunhos dos Açores numa perspetiva mais empírica, traduzidos em ricos comentários antropológicos.

Ainda no século XVI, tomemos como exemplo o testemunho do arquiteto e engenheiro militar italiano Pompeo Arditì de Pesaro, que visitou os Açores em 1567, com a missão de projetar arquitetura militar. Embora não tenha visitado a ilha do Pico, Pompeo de Pesaro deixou-nos algumas notas sobre a vulcanologia da mesma.

Em 1775, o explorador, navegador e cartógrafo inglês James Cook (1728-1779), capitão do *HMS Resolution* chega à cidade da Horta, ilha do Faial. Em 1842, foi publicado, em dois volumes, o diário sobre as suas viagens à volta do mundo – *The Voyages of Captain James Cook*. O primeiro volume faz referência à sua chegada à ilha do Faial, mencionando também a ilha do Pico.

Segundo Luís Arruda, «a necessidade das naus no regresso de ambas as Índias reconhecerem com precisão as ilhas açorianas levou a que D. João VI (1767-1826), Rei de Portugal, mandasse

---

<sup>44</sup> De acordo com ARRUDA, 2014: 210, Barrois conta com a colaboração de Afonso Chaves na exploração da ilha de São Miguel. Consultado a 03/05/2021, em [www.icpd.pt](http://www.icpd.pt).

<sup>45</sup> ARRUDA, 2014: 210-212.

<sup>46</sup> ARRUDA, 2014: 219.

fazer cartas particulares delas (...)».<sup>47</sup> Esta missão ficou a cargo do cosmógrafo espanhol Vicente Tofiño de San Miguel (1732-1795), para a qual foram montados, em 1788, observatórios nas ilhas Terceira e Faial.<sup>48</sup>

No ano seguinte, em 1789, foi publicado o *Derrotero de las Costas de España en el Océano Atlántico, y de las Islas Azores ó Terceras, para Inteligencia y uso de las Cartas Esféricas presentadas al Rey Nuestro Señor por el Exc.mo Sr. Baylío Dr. Don Antonio Valdés, y construídas de orden de S. M. por el Brigadier de la Real Armada Don Vicente Tofiño de San Miguel*. Nesta obra, um capítulo é dedicado à rota das «Ilhas Açores» ou «Terceiras», contendo descrições sobre as costas das ilhas, alguns dados demográficos e notas sobre as culturas existentes.

No final de 1800, início de 1801, as ilhas do Pico e do Faial foram visitadas pelo oficial da marinha sueca John Gustaf Hebbe (1777-1847). Em 1802, foi publicada a sua obra *Beskrifning pa Faial och de Övriga Azoriska Öarna*. Em 1816 foi publicada a tradução francesa da obra de Hebbe, sob o título *Description des Îles Açores*, parte integrante da obra *Voyages dans l'intérieur du Brésil, particulièrement dans les districts de l'or et du diamante*, por Jean Mawe. Com base nas suas observações, Hebbe descreve a ilha do Pico, tecendo-lhe algumas considerações sobre a demografia, vulcanologia e agricultura. Escreve também sobre as outras ilhas do arquipélago açoriano, baseando-se em relatos de outros autores.

Não menos relevante ao estudo do património açoriano, temos a compilação da americana Roxana Lewis Dabney (1827-1913)<sup>49</sup> – *Annals of the Dabney Family in Fayal*. A obra de Roxana, dividida em 3 volumes e destinada a circular de forma privada, é o resultado da sua recolha e compilação de correspondência da sua família entre os anos de 1806 e 1871. A obra é narrada, parte na primeira pessoa, parte através de transcrições de cartas de familiares e seus de seus correspondentes.

A compilação de Roxana Dabney baseia-se na vivência da famosa família americana Dabney na ilha do Faial, desde o ano de 1806, aquando da presença de Joss Bass Dabney (1766-1826)<sup>50</sup> como 1º Cônsul Geral dos Estados Unidos nos Açores.<sup>51</sup> A obra refere os negócios de comércio da família, as suas ligações à ilha do Pico, vivências íntimas do círculo familiar e social, e

---

<sup>47</sup> ARRUDA, 2014: 54.

<sup>48</sup> Ibidem.

<sup>49</sup> MÓNICA, SOUSA, 2013: 21.

<sup>50</sup> MÓNICA, SOUSA, 2013: 20.

<sup>51</sup> ANDRADE, COSTA, 2014: 454.

outras curiosidades sobre a passagem de vários viajantes pelo arquipélago açoriano.<sup>52</sup> Os Dabney permaneceram na Horta, Faial, entre 1806 e 1892.<sup>53</sup>

No que respeita à ilha do Pico, na obra de Roxana é mencionado o vinho e o seu comércio, realizado através da ilha do Faial pela família Dabney; encontram-se ainda descrições interessantes da ilha do Pico e da vivência dos Dabney nela, transparecendo imagens do meio social da classe alta e da residência da família na ilha– *The Priory*.

Em data desconhecida, o escocês George Heriot (1759-1839), funcionário dos correios, artista e escritor, visita o arquipélago açoriano. Heriot menciona a visita aos Açores na sua obra *Travels through the Canadas, containing a description of the picturesque scenery on some of the rivers and lakes; with an account of the productions, commerce, and inhabitants of those provinces to which is subjoined a comparative view of the manners and customs of several of the indian nations of North and South America*, publicada em 1807.<sup>54</sup>

Na sua obra, George Heriot escreve sobre as ilhas de São Miguel e do Pico. Sobre a segunda, descreve a subida à montanha do Pico, a vista do seu pico, assim como sua altura e temperatura. Comenta ainda sobre a natureza do solo da ilha, mencionando a sua natureza vulcânica, a erupção de 1718 e a plantação de vinhas.

Em 1809, O tenente da Marinha Real Inglesa, Robert Steele visita os Açores. Desta visita, Steele elabora o seu testemunho na obra *A Tour through part of the Atlantic; or recollections from Madeira, The Azores (or Western Isles) and Newfoundland, (Including the Period of Discovery, Produce, Manners, and Customs, of each place, With Memorandums from the Convents) visited in the Summer of 1809, in H.M.S. Vestal*), publicada em 1810. O autor comenta diversas ilhas do arquipélago, descrevendo-lhes as paisagens e os habitantes. Sobre a ilha Pico, Steele menciona a sua famosa montanha e a produção vitivinícola.

No ano de 1811, o escritor irlandês Thomas Ashe (1770-1835)<sup>55</sup> visita os Açores. Dois anos mais tarde, publica a obra *History of the Azores or Western Islands; containing an account of the*

---

<sup>52</sup> Outros americanos, como Catherine Green Hickling Prescott (1768-1852), Caroline Pomeroy e William H. Prescott, deixaram-nos obras sobre a sua visita à ilha de São Miguel. Elisa Nye também deixou registo sobre a ilha de São Miguel, assim como do Faial, não dando relevância à ilha do Pico. Catherine Hickling deixa dois cadernos cujo conteúdo traduzido e anotado por Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues chegou até nós sob o título *Diário de Catherine Green Hickling 1786-1789*. Caroline Pomeroy, por sua vez, também escreveu sobre a sua viagem à ilha de São Miguel, em 1824, acompanhada por sua irmã Frances Aslop Pomeroy, pelo cunhado Charles W. Dabney, e pela irmã deste. O seu diário – *Diário de Caroline Pomeroy* – foi traduzido para o português e anotado por Henrique Aguiar Oliveira Rodrigues. Da visita de William H. Prescott a São Miguel, são testemunhas as suas quatro cartas – *Quatro cartas do historiador William H. Prescott contendo impressões da sua visita a S. Miguel em 1815-1816*, com tradução de João Hickling Anglin. Quanto à visita de Elisa Nye, temos como testemunho um diário de sua autoria, traduzido por João Hickling Anglin, com notas de Nuno Álvares Pereira – *Diário de uma viagem da América aos Açores no veleiro 'Slyph' em Julho de 1847*.

<sup>53</sup> ANDRADE, 2014: 456.

<sup>54</sup> ARRUDA, 2014: 84.

<sup>55</sup> Ashe, Thomas. Consultado a 25/02/2022, em [www.dib.ie](http://www.dib.ie)

*Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants: and Demonstrating the Importance of these Valuable Islands to the British Empire.* A maior parte das descrições de Ashe são referentes à ilha de São Miguel. Apesar da ilha do Pico não ter feito parte do seu roteiro e dos seus conhecimentos científicos serem postos em causa por outros autores,<sup>56</sup> Ashe deixa alguns comentários sobre a montanha, onde expressa certeza sobre as suas características vulcânicas.<sup>57</sup>

Entre 1812 e 1814, o viajante inglês Briant Barrett (?-?) visitou os Açores. Barrett percorreu todas as ilhas, à exceção do grupo ocidental. Apenas no ano de 2017, viria a ser publicado o seu diário de viagem sob o título *Relato da minha Viagem aos Açores – 1812-1814*.<sup>58</sup> Esta obra, traduzida do inglês para o português, transcreve o relato da viagem do autor ao arquipélago, onde comenta a população e sociedade das ilhas que visitou, escreve sobre a sua descoberta, elaborando ainda alguns comentários sobre as leis de Portugal.

No que respeita à ilha do Pico, Barrett menciona na sua obra a natureza vulcânica da ilha, não tendo tido, no entanto, oportunidade de escalar a montanha.<sup>59</sup> O autor tece observações que interessam à geografia física da Madalena do Pico, descreve algumas localidades da ilha, e escreve, também, sobre a vitivinicultura da ilha do Pico.

Em 1830, o viajante inglês John Fowler (?-?), ao regressar à Inglaterra da sua viagem ao Estado de New York, no mesmo ano, sofreu um naufrágio a bordo do *Robert Fulton*<sup>60</sup> conseguindo, uma semana depois, alcançar a ilha das Flores. Em novembro daquele ano, Fowler e o resto dos passageiros e tripulantes naufragados já se encontravam na Horta, Faial.<sup>61</sup>

Da história deste naufrágio, nasce parte do diário de viagem de John Fowler – *Journal of a Tour in the State of New York, in the Year 1830; with Remarks on Agriculture in those Parts Most Eligible for Settlers: and Return to England by the Western Islands, in Consequence of Shipwreck in the Robert Fulton* –, publicado em 1831. Em 2017, foi publicada a tradução anotada do texto que trata as ilhas açorianas, sob o título *Diário de um Naufrago nas Flores e no Faial*.<sup>62</sup>

A 6 de maio de 1831, o Capitão Edward Boid (?-?), ao serviço da marinha portuguesa, chegou à ilha do Faial, onde permaneceu durante três semanas.<sup>63</sup> A 22 de fevereiro de 1832, Boid

<sup>56</sup> Ver ARRUDA, 2014: 83.

<sup>57</sup> ASHE, 1813: 295.

<sup>58</sup> «O original chegou a S. Miguel pela mão do colecionador alemão, Sr. Rainer Daehnhardt, proprietário de uma loja de antiguidades, situada em Ponta Delgada, tendo sido posto à venda por duzentos contos». Nota prévia de Manuela Vaz de Medeiros. BARRETT, 2017: 5.

<sup>59</sup> Barrett baseia-se nas descrições de Mr. Curry, cavalheiro inglês que o havia acompanhado na volta à ilha, e de Mr. Thomas Parkin, cônsul inglês no Faial. BARRETT, 2017: 22.

<sup>60</sup> Segundo Fowler, o *Robert Fulton* foi um «barco americano com carregamento de farinha». FOWLER, [1831] 2017: 5.

<sup>61</sup> FOWLER, [1831] 2017: 5,6.

<sup>62</sup> Veja-se FOWLER, [1831] 2017: 8.

<sup>63</sup> BOID, 1834: 255, 256.

integrou a esquadra da expedição liberal comandada D. Pedro IV e pela sua tropa de oficiais maioritariamente britânicos, tendo permanecido quatro meses no arquipélago açoriano.<sup>64</sup>

No relato de viagem de Boid – *A Description of the Azores, or Western Islands, from Personal Observation, Comprising Remarks on Their Peculiarities, Topographical, Geological, Statistical, etc., and on Their Hitherto Neglected Condition* –, publicado em 1834, é feita uma caracterização geral do arquipélago dos Açores.

No que respeita à ilha do Pico, o relato do Capitão Boid contém informações referentes à população, habitação, comércio, agricultura, vitivinicultura, e aos seus recursos hídricos da ilha. O autor escreve sobre a montanha do Pico (ver Figuras 4 e 5), elaborando ainda, no capítulo dedicado a esta ilha, uma longa descrição sobre uma cultura lucrativa para a ilha – a Urzela.

No ano de 1834, o autor e diplomata britânico Sir Charles Augustus Murray (1806-1895) partiu de Liverpool em direção a New York, a bordo do navio americano *Waverley*. Da sua longa viagem – entre 1834 e 1836 – o autor deixou testemunho na obra *Travels in North America during the years 1834, 1835 & 1836, including a summer residence with the Pawnee tribe of Indians in the remote prairies of the Missouri, and a visit to Cuba and the Azores Islands*, publicada em 1839, em dois volumes. No primeiro volume, capítulo segundo, Murray refere as ilhas açorianas, mencionado a montanha e o vinho da ilha do Pico.

Em 1834-1835, sob a direção do explorador, cartógrafo, botânico e escritor francês Jules Sébastien César Dumont D’Urville (1790-1842), foi publicada, em dois volumes, a obra *Voyage Pittoresque Autour du Monde*, baseada em narrativas de viagens de outros navegadores.<sup>65</sup> O segundo volume, publicado em 1835, faz referência às ilhas dos Açores, mencionando a montanha da ilha do Pico, assim como as suas vinhas e localidades.

No ano de 1838, os irmãos Joseph Bullar (1808-1869), médico inglês, e Henry Bullar chegaram aos Açores, onde permaneceram oito meses. O seu diário – *A Winter in the Azores; and a Summer at the Baths of Furnas* –, publicado em 1841 e atribuído, por norma, à autoria individual de Joseph, é considerado um dos diários da literatura de viagens sobre os Açores mais ricos e reconhecidos. De grande interesse à antropologia e de conteúdo informativo bastante diversificado, o diário dos Bullar oferece versatilidade ao estudo do arquipélago açoriano.

Dos escritos que a obra dos Bullar revela, no primeiro volume, são dadas a conhecer ao público informações muito interessantes referentes à ilha do Pico: informações de cariz naturalista referentes à geologia da ilha; ou de cariz antropológico, como a caracterização dos habitantes; Joseph descreve ainda a sua subida à montanha e os contratempos nela ocorridos.

---

<sup>64</sup> SILVA, 1988: 211. ARRUDA, 2014: 94.

<sup>65</sup> Story: Dumont d’Urville, Jules Sébastien César. Consultado a 07/01/2021, em [teara.govt.nz](http://teara.govt.nz).

Nos anos de 1949, 1986 e 2001 foram publicadas, pelo Instituto Cultural de Ponta Delgada, traduções da edição original inglesa da obra dos irmãos Bullar. Estas traduções, do inglês para o português, foram elaboradas por João Hicking Anglin, sob o título – *Um Inverno nos Açores: e um Verão no Vale das Furnas*.

A 5 de agosto de 1843, o navio americano *U.S. Steam Frigate Missouri*, comandado por John Thomas Newton, Esq., partiu de Norfolk com destino à cidade de Alexandria, Egito.<sup>66</sup> No dia 18 do mesmo mês, o navio atracou na cidade da Horta, ilha do Faial, dando possibilidade ao tripulante William Bolton (?-?) de escrever sobre esta ilha na sua narrativa de viagem, publicada no mesmo ano.

A narrativa de Bolton, intitulada *A Narrative of the Last Cruise of the U.S. Steam Frigate Missouri, from the day she left Norfolk, until the arrival of her crew in Boston, including a full and circumstantial detail of the General Conflagration, which took place at Gibraltar, resulting in her total loss* dedica os capítulos II a IV à ilha do Faial, com considerações gerais sobre a ilha. Uma descrição da cidade da Horta é feita no capítulo I. O capítulo IV menciona as culturas da ilha do Pico.

Em 1843, John Osborne (?-?), funcionário do *Passenger Department* da *Royal Mail Steam Packet Company*,<sup>67</sup> publicou um guia de viagem baseado em informações fornecidas pelos agentes da companhia a que pertencia, entre outras fontes por si consideradas autênticas. Este guia – *Guide to the Madeiras, Azores, British and Foreign West Indies, Mexico, and Northern South-America*, – contém um excerto informativo sobre a ilha do Faial, onde expõe algumas informações gerais sobre os Açores e informa sobre a subida à montanha do Pico.

Em 1846, o escritor irlandês John Ross Browne (1817-1875)<sup>68</sup> publicou *Etching of a Whaling Cruise, with notes of a Sojourn on the Island of Zanzibar, to which is appended a brief History of the Whale Fishery, its past and present condition*, uma narrativa da sua viagem a bordo de um navio baleeiro. No seu diário, são mencionadas as ilhas açorianas, onde a do Pico é caracterizada pela sua «*picturesque beauty*».<sup>69</sup>

No ano de 1850, foi publicada a obra *Winter in Madeira; and a Summer in Spain and Florence*, do autor e político americano John Adams Dix (1798-1879). Um ano mais tarde, viria a público a segunda edição da obra. Durante a sua viagem, John Dix passou de barco pela ilha do Faial, fazendo algumas descrições das ilhas que avistou.<sup>70</sup> Sobre a ilha do Pico, descreveu a vista da

---

<sup>66</sup> BOLTON, 1843: 5.

<sup>67</sup> Royal Mail Steam Company, consultado a 07/01/2021, em [collections.rmg.co.uk](http://collections.rmg.co.uk)

<sup>68</sup> Veja-se MENDONÇA, 2011: 585, 586.

<sup>69</sup> BROWNE, 1846: 97.

Tradução livre da autora: «*beleza pitoresca*».

<sup>70</sup> Veja-se MENDONÇA, 2011: 585, 586.

sua montanha, as suas culturas, inclusive a vitivinicultura, tendo classificado o seu vinho como sendo inferior em qualidade.

No mesmo ano, em 1851, o capitão de navio, francês, Charles-Marie-Philippe de Kerhallet (1809-1863) publica a obra *Description de l'Archipel des Açores*, extraído do manual de navegação de sua autoria – *Manuel de la Navigation à la Côte Occidentale d'Afrique*, publicado em 1852, em três volumes. Extraído do mesmo manual de navegação, o autor publica também *Description Nautique des Açores*, cuja primeira edição nos é desconhecida, sucedida pelas edições de 1858, 1865, e 1881.<sup>71</sup>

No ano seguinte, no Verão de 1852, o escritor e jornalista português Carlos José Caldeira (1811-1882) visitou os Açores, tendo dedicado o vigésimo quinto capítulo de sua obra – *Apontamentos de uma viagem de Portugal à China e da China a Lisboa* – à ilha do Faial. A obra foi publicada em dois volumes, nos anos de 1852 e 1853.<sup>72</sup>

Na sua obra, Caldeira descreve a ilha do Faial, desde o porto da cidade da Horta à atmosfera da vivência local, mencionando as importações à ilha do Pico. Sobre esta última ilha, o autor descreve a paisagem da montanha, com suas casas e laranjeiras na base, o porto da Madalena, os barcos em movimento no canal, e os barcos baleeiros na estação da pesca.<sup>73</sup>

Em 1855, Thomas Higginson (1822-1911), pastor protestante, poeta e tradutor americano, visitou os Açores, a bordo do *Azor*. Acompanhado da sua primeira esposa, portadora de doença crónica e motivo da sua vinda ao arquipélago, o casal ficaria a residir no arquipélago açoriano durante seis meses. Nesta visita, Higginson aproveitou para escalar a montanha do Pico.

No mesmo ano da sua visita, o autor publicou o artigo *The Ascent of Pico*, traduzido do inglês para o português em 2009, e inserido na obra *O Faial e os Portugueses*, publicada pelo Instituto Cultural da Horta. O título desta obra foi adotado do artigo de Higginson – *Fayal and the Portuguese*, publicado na revista *Atlantic Monthly*, em 1860.

No ano seguinte, em 1856, na cidade de Providence, E.U.A., foi publicada a obra do militar americano Silas Weston – *A visit to a volcano, or what I saw at the Western Islands*.<sup>74</sup> Weston escreveu sobre as ilhas do Pico e Faial, descrevendo-as durante a sua passagem pelo arquipélago açoriano, onde permaneceu durante onze dias, seguindo a sua viagem em direção às ilhas de Cabo Verde.<sup>75</sup>

---

<sup>71</sup> Charles Philippe de Kerhallet (1809-1863). Consultado a 07/01/2021, em data.bnf.fr

<sup>72</sup> CALDEIRA, 1852-1853: 333, 370.

<sup>73</sup> CALDEIRA, 1852-1853: 335, 336.

<sup>74</sup> Em 2013, foi publicada uma edição da obra de Silas Weston, comentada e traduzida do inglês para o português por Carlos Guilherme Riley, Leonor Sampaio da Silva e Ricardo Manuel Madruga da Costa, com o título *Um Observador Observado*.

<sup>75</sup> WESTON, 2013: 18-21; 97.

Na sua obra, Silas Weston dedicou-se a descrições de cariz antropológico sobre os habitantes locais, descrevendo cenários da vivência local em tom crítico e humorístico. Quanto à ilha do Pico, Weston descreve a sua subida à montanha, o carácter dos guias com que se cruzou e os obstáculos com que se deparou nesta visita, não descurando de uma descrição das vinhas que decoram a montanha.

Os americanos Charles Hickling e seu filho Charlie chegaram à Horta, ilha do Faial, em 1865, permanecendo nesta ilha durante mais de um ano. Os Hickling procuram a ilha pelo seu clima, devido aos problemas de saúde que afetavam Charlie. Da sua vivência nos Açores, deixaram-nos um rico conjunto de correspondência com os seus familiares nos E.U.A., datado de finais de 1865 a inícios de 1867.<sup>76</sup>

O epistolário dos Hickling é, na sua maioria, constituído por cartas de Charlie aos seus familiares, nas quais são descritas as ilhas do Faial e do Pico. Do Faial, são descritas localidades e paisagens; da ilha do Pico, o autor descreve a montanha como uma das mais gloriosas por si observadas, menciona a convivência com o círculo social dos Dabney na residência de férias destes – *The Priory* – na Madalena, deixando ainda algumas noções do carácter os habitantes locais. O seu pai, Charles Hickling Sr., por sua vez, escreveu sobre a montanha do Pico e seu amor por ela.

Em 1867, Manuel Borges de Freitas Henriques (1826?-1873), cônsul de Portugal em Boston e escritor, natural da ilha das Flores, Açores, publicou um diário de viagem sobre o arquipélago açoriano, terra-pátria a qual havia ficado oito anos sem visitar. No seu diário, *A Trip to the Azores or Western Islands*, encontramos informação relevante a diferentes áreas científicas de estudo sobre as ilhas açorianas. Henriques dedica o sexto capítulo da sua obra à ilha do Pico, onde menciona a aparente esterilidade do seu solo, refere a montanha e a aparência das nuvens que a circundam, as vinhas, não descurando ainda de uma referência comum às erupções históricas decorridas na ilha.

No mesmo ano, 1867, o escritor e jornalista americano Samuel Langhorne Clemens (1835-1910),<sup>77</sup> mais conhecido pelo seu pseudónimo Mark Twain, escalou a cidade da Horta, Faial, durante dois dias. Mark Twain vinha a bordo do «*Quaker City*», num cruzeiro à Europa, Terra Santa e Egipto.<sup>78</sup>

Na sua famosa obra – *The Innocents Abroad, or The New Pilgrim's Progress; being some account of the steamship Quaker City pleasure excursion to Europe and the Holy Land; with descriptions of countries, nations, incidents and adventures, as they appeared to the author* – ,

---

<sup>76</sup> Em 2017, foi publicado o epistolário dos Hickling – pai e filho –, numa edição comentada e traduzida do inglês para o português, com o título – *Os Dias de Charlie nas Western Islands, As ilhas do Faial e do Pico na Visão de um Turista Americano a meados do séc. XIX*. COSTA, RICARDO ed al., 2017: 23-27.

<sup>77</sup> Mark Twain, Consultado a 22/06/2021 em [www.britannica.com](http://www.britannica.com)

<sup>78</sup> SIMAS, 2011: 453.

publicada pela primeira vez em 1869, Twain menciona as ilhas de São Miguel – onde deveria ter escalado o «*Quaker city*», não fosse pelo inconveniente do temporal que os acompanhava –, Flores, Faial e Pico.

Tendo dedicado o capítulo V e VI da sua obra às ilhas açorianas, Mark Twain descreve a cidade da Horta: os seus monumentos, a população e seus costumes, as culturas, e o clima. Twain escreve alguns comentários que contêm informação geral sobre o arquipélago açoriano. O autor descreve ainda, embora brevemente, a montanha da ilha do Pico.

No Verão de 1876, Rupert Swindells (1835-1908),<sup>79</sup> engenheiro civil e viajante inglês, visitou a ilha de São Miguel a bordo do *Atlântico*. O relato da sua viagem, publicado em 1877 para circulação entre amigos – *A Summer Trip to the island of St Michael, The Azores* –, contém uma descrição principal da ilha de São Miguel, não descurando de algumas notas sobre as demais ilhas do arquipélago, às quais reservou o capítulo oitavo. No que respeita à ilha do Pico, Rupert Swindells faz comentários muitos gerais na sua obra, elaborando uma breve descrição da sua montanha; menciona as culturas praticadas na ilha, dando ênfase à vitivinicultura e à praga que a destruiu – o *oidium*.

Em 1878, Samuel Green Wheeler Benjamin (1837-1914),<sup>80</sup> autor e diplomata americano, publicou a obra *The Atlantic Islands as Resorts of Health and Pleasure*, onde menciona as ilhas dos Açores. O autor viajou a bordo do *Jehu*, tendo partido de Boston em data incerta em direção à ilha do Faial. O seu diário, de carácter antropológico, contém informações e ilustrações de elevado interesse, que representam uma caracterização da vivência açoriana da época. Contém ainda um relato da subida à montanha do Pico com informações relevantes ao estudo da geologia da ilha (ver Figura 6).

No ano de 1881, foi publicada a obra *Sailing Directions to accompany the chart of the Azores, or Western Islands*, do geógrafo membro da *Royal Geographical Society* e hidrógrafo inglês Alexander George Findlay (1812-1875).<sup>81</sup> Findlay faz uma descrição geral das ilhas açorianas, dedicando outra à caracterização dos ventos do arquipélago, baseada nas observações do Cônsul britânico na ilha de São Miguel – Thomas Carew Hunt (1808-1886).<sup>82</sup> No que respeita à ilha do Pico, Findlay faz pequenos comentários sobre as culturas da ilha e a sua geografia física. Menciona também o comércio e o porto da vila picoense da Madalena.

Em 1882, a escritora, historiadora e professora americana Charlotte Alice Baker (1833-1909)<sup>83</sup> publicou *A Summer in the Azores with a Glimpse of Madeira* – um diário sobre a sua

<sup>79</sup> Obituary. Rupert Swindells, 1835-1908. Consultado a 06/04/2021, em [www.icevirtuallibrary.com](http://www.icevirtuallibrary.com)

<sup>80</sup> Samuel Greene Wheeler Benjamin. Consultado a 06/04/2021, em [catalogue.nla.gov.au](http://catalogue.nla.gov.au)

<sup>81</sup> Findlay, Alexander George, the younger. Consultado a 06/04/2021, em [www.oxforddnb.com](http://www.oxforddnb.com)

<sup>82</sup> Hunt, Thomas Carew (1808-1886). Consultado a 07/04/2021, em [plants.jstor.org](http://plants.jstor.org)

<sup>83</sup> SCANLON, COSNER, 1996: 10.

viagem aos arquipélagos dos Açores e da Madeira, em data desconhecida. O diário de viagem de Charlotte Baker é uma narrativa antropológica sobre as ilhas do Faial, Pico, São Jorge, Graciosa, Terceira e São Miguel.

Baker escreve sobre o arquipélago madeirense e, com amargura, sobre a desagradável aventura que a reteve durante cinco dias ancorada no mar, de bandeira amarela hasteada no veleiro, impedida de aceder à costa da ilha da Madeira devido ao surto de febre amarela que ocorrera em Memphis, nos E.U.A.. Quanto à ilha do Pico, Baker escreve sobre a quotidianidade dos picarotos, seus usos e costumes; descreve a paisagem da vinha, aludindo aos costumes da vindima; descreve a montanha do Pico e dedica-se ainda a comentários sobre o clima da ilha.

No mesmo ano, em 1882, o jornalista americano Lyman Horace Weeks (1851-1942)<sup>84</sup> publicou a obra *Among the Azores*, um volume baseado em antigos relatos pessoais de contribuições aos jornais *Boston Traveller*, *Boston Herald* e à revista literária *Appleton's Journals*. O autor refere no seu prefácio não ter qualquer pretensão de um resultado metucioso, pretendendo apenas revelar a quotidianidade açoriana. Destas contribuições, referentes à ilha do Pico, temos os escritos sobre a subida à montanha e seu carácter vulcanológico, assim como uma descrição dos camponeses da ilha.

Em dezembro de 1883, a viajante e escritora inglesa Lady Anna Brassey (1839-1887)<sup>85</sup> visitou a ilha de São Miguel a bordo do iate privado – seu e do marido Lord Thomas Brassey (1836-1918) –,<sup>86</sup> *Sunbeam*, nomeado em memória da sua filha Constance, falecida de febre escarlate.<sup>87</sup> Da sua visita ao arquipélago, Anna Brassey deixou-nos descrições, interessantes e com detalhe, dos monumentos naturais micaelenses e do usos e costumes dos nativos da ilha. Estes testemunhos foram publicados em 1885, na obra *In the Trades, the Tropics, & the roaring Forties*.

No capítulo vigésimo da sua obra, Brassey contextualiza o leitor sobre a realidade observada na sua viagem, elaborando descrições sobre: os camponeses, o clima, as principais culturas, e a história da descoberta das ilhas. A 20 de dezembro de 1883, a 14 milhas de distância das ilhas do Pico e Faial, a autora descreve a vista da montanha do Pico.

Em 1888, a escritora inglesa Julia Anne Elizabeth Tollemache Roundell (?-?), esposa do político Charles Savile Roundell (1827-1906),<sup>88</sup> partiu da Madeira em direção aos Açores a bordo do *Funchal*, navio da empresa Insulana de Navegação, atracando a 24 de março na ilha de Santa Maria.

---

<sup>84</sup> KEMMLER, 2001-2018.

<sup>85</sup> Brassey, Anna (1839–1887). Consultado a 12/04/2021, em [www.encyclopedia.com](http://www.encyclopedia.com)

<sup>86</sup> Brassey, Thomas (1836–1918). Consultado a 12/04/2021, em <https://adb.anu.edu.au>

<sup>87</sup> Around the world in the 1800s: The voyage of the SUNBEAM. Consultado a 12/04/2021, em [www.sea.museum](http://www.sea.museum)

<sup>88</sup> Charles Savile Roundell. Consultado a 13/04/2021, em <http://self.gutenberg.org>

Julia Roundell escreveu sobre as nove ilhas açorianas, publicando, no ano seguinte à sua viagem, a obra *A Visit to the Azores with a Chapter on Madeira*. A autora não informa o autor sobre a oportunidade de ter visitado a ilha do Pico, sobre a qual escreve: descreve a paisagem da sua montanha; cita e parafraseia a subida à montanha do Pico pelo viajante Samuel Benjamin; os habitantes, as culturas, a hidrologia, e as erupções históricas da ilha do Pico, são temas abordados no seu diário de viagem.

Em 1892, o americano Dr. Herman Canfield Jr. (?-?),<sup>89</sup> médico e proprietário do Hopeworth Sanitarium, na cidade de Bristol, E.U.A., leu um comunicado perante a *Society of the Alumni of Bellevue*, com o objetivo de aconselhar os Açores como estância terapêutica de Inverno aos seus pacientes. O testemunho baseou-se numa viagem às ilhas açorianas, em data não mencionada.

No seu comunicado, Canfield escreve sobre as ilhas açorianas, descrevendo particularidades sobre os seus nativos e sobre as águas minerais e banhos termais da ilha de São Miguel; sobre a ilha do Pico, o médico refere os habitantes da ilha, o seu clima, fornecendo informações de interesse turístico aos seus pacientes.

### **3. O MEIO NATURAL**

#### **3.1. O CLIMA**

O clima dos Açores é recorrentemente mencionado na literatura de viagens sobre o arquipélago, embora de forma superficial. O clima do arquipélago é comumente descrito pelos viajantes como temperado, insular, sem neve e com frequentes chuvas de temporal. É caracterizado pela sua humidade extrema e permanente, principalmente no Inverno. Tempestades repentinas, rajadas de vento, chuvas fortes e densas neblinas caracterizam a região no Inverno, principalmente nos meses de dezembro a março.<sup>90</sup> No Verão, os calores são amenizados pelos ventos que conservam a frescura do ar marítimo.<sup>91</sup>

Segundo os viajantes, no arquipélago, temperaturas abaixo dos 0°C podem verificar-se apenas em zonas altas das montanhas. Na região das culturas e na costa, a temperatura mínima raramente se posiciona abaixo dos +10°C, e a máxima, ocorrente no mês de agosto, foi registada como +28°C.<sup>92</sup>

---

<sup>89</sup> KORR, 2017.

<sup>90</sup> DROUËT, 1861: 21, 22.

<sup>91</sup> HEBBE, [1802] 1816: 306, 307.

<sup>92</sup> DROUËT, 1861: 21, 22.

No que respeita à ilha do Pico, o seu clima é caracterizado como mais acolhedor do que as demais ilhas do arquipélago açoriano.<sup>93</sup> O seu ar é descrito como sendo seco e claro, com menos chuvas e com maior intensidade dos raios solares.<sup>94</sup> Por estas razões, os proprietários faialenses de casas no Pico deslocam-se à ilha, no Verão, para gozar do seu clima e desfrutar de banhos de mar.<sup>95</sup>

A montanha do Pico é mencionada por diversos viajantes como sendo o barómetro dos Açores. No Inverno, o seu Piquinho encontra-se coberto de neve ausente no Verão e encontra-se muito frequentemente coberto de nuvens. Entre os 400 e os 500 metros de altura, o ar é caracterizado como seco e balsâmico, oxigenado, em contraste com o ar húmido de São Miguel.<sup>96</sup>

É do conhecimento dos viajantes que a presença constante das nuvens no Piquinho da montanha do Pico é tida como um prenúncio de mau tempo, de chuva. Pelo que, o seu contrário – o total desaparecimento das nuvens – significa um prenúncio de bom tempo. Este é um dito das gentes dos Açores; outro dito, confirmado pelas descrições variadas da paisagem da montanha do Pico, feitas pelos viajantes, é o de que a montanha nunca pode ser avistada duas vezes igual.

As nuvens são descritas como um grande cogumelo ou capacete no pico da montanha, verificando-se nele três ou quatro anéis de nuvens.<sup>97</sup> Durante a subida, as nuvens são referidas como resultando, por vezes, em nevoeiro espesso, como chuva.<sup>98</sup> No discurso poético de Henriques, são descritas como «solemn masses of unillumined vapor, sickly mists, or compact, pearly heaps of snow»,<sup>99</sup> enquanto Fouqué explica, cientificamente, a sua presença constante.<sup>100</sup>

No que respeita às tempestades na ilha do Pico, o viajante francês Henri Drouët descreve uma tempestade durante o mês de agosto que fizera estragos no milho, nas árvores de fruto e nas moradias, embora menos consideráveis dos de outras ilhas.<sup>101</sup> Segundo o autor, «dans la nuit du 23 au 24 août, il éclata une tempête terribles, de celles que les Açoréens par une litote météorologique nomment un coup de vent (...) mais on m'a assuré qu'il était rare de voir pareille tempête em cette saison.»<sup>102</sup>

---

<sup>93</sup> BAKER, 1882: 86.

<sup>94</sup> BULLAR, [1841] 2001: 167.

<sup>95</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 5, BAKER, 1882: 86, ROUNDELL, 1889: 96.

<sup>96</sup> D'ALBERTIS, 1888: 193.

<sup>97</sup> BARRETT, 2017: 234.

<sup>98</sup> BULLAR, [1841] 2001: 172.

<sup>99</sup> HENRIQUES, 1867: 64, 65. Tradução livre da autora: «massas solenes de vapor não iluminado, neblinas desvanecidas, ou montes de neve compactos e perlados».

<sup>100</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 11, 12.

<sup>101</sup> DROUËT, 1870: 86.

<sup>102</sup> DROUËT, 1870: 84, 85. Tradução livre da autora: «Na noite de 23 a 24 de agosto, rebentou uma terrível tempestade, a que os açorianos, por eufemismo meteorológico, chamam de vendaval (...) mas asseguraram-me de que era raro ver tal tempestade nesta estação.»

### 3.2. A GEOLOGIA

De acordo com Luís Arruda (2014):

«É nestes contextos, científico e religioso, de interpretação dos terremotos, das erupções vulcânicas e do Dilúvio bíblico que são relatados alguns dos acontecimentos sísmicos e vulcânicos que ocorreram nas ilhas dos Açores, é discutida a sua origem e são feitas interpretações da sua geografia física e da sua estrutura geológica por cronistas, naturalistas e outros relatores que ou viveram ou passaram por estas ilhas desde que começaram a ser habitadas até finais do século XVIII».<sup>103</sup>

FRANÇA *et al.*, na obra *Geologia dos Açores* (2003), dividem as contribuições dos diversos cientistas que se dedicaram ao estudo da geologia açoriana em três períodos distintos: os estudos clássicos, os estudos modernos – os dois períodos que interessam a este trabalho –, e os estudos recentes.<sup>104</sup>

O primeiro período – estudos clássicos – tem o seu início com os estudos de Gaspar Frutuoso. Muito mais tarde, aparecem as publicações de Webster (1821), entre outras. Um marco deste período foi a passagem de Charles Darwin pela ilha Terceira, no ano de 1836.<sup>105</sup>

O segundo período – estudos modernos – tem início com as campanhas oceanográficas do Príncipe Alberto do Mónaco nos Açores (1885-1914),<sup>106</sup> passando pelas contribuições de Afonso Chaves (1908), entre outras, e ainda pelos trabalhos na ilha do Faial, realizados entre 1957 e 1958, por George Zbyszewski e sua equipa.<sup>107</sup>

Por último, o terceiro período – estudos recentes – vê o seu início nas contribuições de Frederico Machado, com o estudo da atividade do vulcão dos Capelinhos, cuja obra<sup>108</sup> contribuiu com 107 publicações científicas, realizadas entre os anos de 1948 e 1996. As dissertações de doutoramento de Forjaz (1995), França (2000), Pacheco (2001), entre outras publicações relevantes, dão corpo a este período de estudos.<sup>109</sup>

Verifica-se unanimidade na literatura crítica quanto à importância da obra de Gaspar Frutuoso – *Saudades da Terra* (1586-1590) – para o estudo geológico do arquipélago e, em particular, vulcanológico. O naturalista e historiador açoriano é considerado o primeiro vulcanólogo português, em cuja obra se encontram, segundo Luís Arruda (2014), as «sementes da doutrina do uniformitarismo».<sup>110</sup>

---

<sup>103</sup> ARRUDA, 2014: 16.

<sup>104</sup> FRANÇA *et al.*, 2003: 11-14.

<sup>105</sup> FRANÇA *et al.*, 2003: 11, 12.

<sup>106</sup> PORTEIRO, 2009: 189-219.

<sup>107</sup> FRANÇA *et al.* 2003: 12, 13.

<sup>108</sup> ARRUDA, 2004, BOLETIM DO NCH N° 13: 29-36.

<sup>109</sup> FRANÇA *et al.*: 13, 14.

<sup>110</sup> De acordo com Luís Arruda (2014), o período até meados da segunda metade do século XVIII, do ponto de vista geológico, é reconhecido como ‘obscurantista’. Após este período, com a recusa de James Hutton (1726-1797) à teoria

O cronista Gaspar Frutuoso argumenta contra a Atlântida de Platão,<sup>111</sup> apresentando argumentos de natureza diversa. Frutuoso escreve sobre a origem vulcânica das ilhas, argumentando sobre tremores de terra, erupções vulcânicas, fazendo experiências com rochas e fogo, provocando assim alterações nos seus materiais.<sup>112</sup> No entanto, ambos Pinto (2003) e Arruda (2014) parecem notar que o conceito de colapso das crateras vulcânicas não era, de todo, conhecido pelo autor. As ideias de Frutuoso em relação à criação das ilhas questionavam a lei bíblica do Dilúvio, pese embora não rejeitassem a doutrina do Criacionismo – posicionavam-se num meio termo.<sup>113</sup>

É deste contexto especulativo e das descrições catastróficas de Frutuoso que nascerá o estudo científico da geologia e vulcanologia dos Açores. Desde o século XVI que os fenómenos vulcânicos são descritos por cronistas, naturalistas e viajantes. É deste interesse que nascerá o vulcanismo e a sismicidade históricos nos Açores, assim como os materiais de estudo com importância social a eles associados. Também as manifestações secundárias deste vulcanismo (nascentes termais, fumarolas e emanações gasosas nos solos) tiveram um importante papel no estudo geológico das ilhas.

Ainda do século XVI, temos o exemplo do testemunho do arquiteto e engenheiro militar italiano Pompeo Arditì de Pesaro. Pesaro visitou os Açores no ano de 1567, com o propósito de projetar arquitetura militar e, embora não tenha visitado a ilha do Pico, deixa-nos algumas notas sobre a sua vulcanologia.

Quanto ao século XVII, este não é particularmente rico em testemunhos sobre o arquipélago dos Açores. Não podemos, no entanto, deixar de mencionar a obra *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores* (1646-1654), do cronista e vigário franciscano Frei Diogo das Chagas (ca.1584-ca.1661) que, entre 1646 e 1649, teve a oportunidade de percorrer todas as ilhas do arquipélago.

Na primeira metade do século XVIII, John Atkins (1685-1757), na sua obra *A Voyage to Guinea, Brazil and West Indies* (1735) escreve algumas notas sobre o vulcanismo na ilha do Pico. Contudo, é a visita do naturalista francês Michel Andanson (1727-1806) aos Açores, a 20 de

---

diluvial, surge o *uniformitarismo* – teoria baseada no processo de erosão. Com Abraham Werner (1749-1815), surge o *neptunismo* – ou *wernerismo* –, conceito baseado no princípio da existência de um oceano primitivo que haveria coberto a Terra no passado e que viria a descobrir algumas rochas, que procurava aproximar-se das suas raízes bíblicas. Assim, o peso do *uniformitarismo* decaíra e só viria a recuperar o seu pódio no pensamento científico com Charles Lyell (1797-1875) e os seus *Princípios da Geologia* (1830-1833). Este pensamento viria então alcançar o século XIX, Charles Darwin e o amadurecimento do evolucionismo. FRANÇA *et al.*, 2003, PINTO, 2003, ARRUDA, 2014.

<sup>111</sup> Veja-se COSTA, 1978: 7-22.

<sup>112</sup> PINTO, 2003.

<sup>113</sup> ARRUDA, 2014. De acordo com a interpretação de Manuel Pinto sobre as ideias de Frutuoso, «(...) quando expressou a ideia de que, ao criar o mundo, Deus nele havia colocado água, terra firme e muitas ilhas, ilhas que antes e depois do Dilúvio universal haviam sido sujeitas a mudança, Frutuoso admitiu que podia estar errado e precisado de ser corrigido pela Santa Igreja e seus ministros.» PINTO, 2003: 205.

outubro de 1753, que traça o marco cronológico do início das expedições naturalistas ao arquipélago açoriano. Deste feito, Andanson deixou-nos testemunho na obra *Histoire Naturelle du Sénégal* (1757), onde descreve o cone vulcânico da ilha do Pico, de forma muito superficial, não entrando em detalhes sobre a sua formação geológica.<sup>114</sup>

Sobre o vulcanismo da ilha do Pico, são de considerar os comentários do naturalista francês Conde George-Louis Buffon (1707-1788). Buffon comenta a erupção de 1720 na tentativa de fundamentar a semelhança entre vulcões subaéreos e submarinos. O autor afirma que ambos tipos de vulcões se encontram apenas nos cimos das montanhas e, no caso específico dos Açores, alguns encontram-se acima do mar, outros abaixo deste, com ligações subterrâneas entre si. Buffon associa a produção de enxofre, a existência de terremotos, de cavernas, e a ocorrência de deslizamentos de terra aos danos dos elementos e à existência de vulcões.<sup>115</sup>

A relação da formação das ilhas oceânicas comentada por Buffon no século XVIII viria a ser estudada e desenvolvida pelos naturalistas da primeira metade do século XIX. Luís Arruda (2014), no capítulo II da sua obra intitulado *Vulcões submarinos e ilhas oceânicas*,<sup>116</sup> esclarece-nos sobre a evolução cronológica do estudo deste tema pelos naturalistas, destacando o geólogo alemão Christian Buch (1774-1853) pelo pioneirismo na determinação dos Alpes como resultado da elevação da crosta terrestre. Arruda (2014) refere ainda que, já em meados do século XIX, o naturalista Charles Darwin, fundamentando-se em Christian Buch, distinguiu dois tipos de vulcões: central e em cadeia.

Em 1817, John White Webster, na sua monografia geológica – *A Description of the Island of St. Michael* (1821) – descreve a estrutura das rochas e das cavernas. Webster estudou as crostas silicosas das erupções vulcânicas recentes e fez estudos comparativos que o levaram à conclusão que as rochas vulcânicas dos Açores apresentam maior semelhança com as da Europa do que com as da América.

No que respeita à ilha do Pico, Webster menciona a montanha na sua obra, baseando-se na descrição da subida de George Heriot; o autor refere a sua inteira composição de lava, a ausência de terra na ilha e a conseqüente necessidade de importação à ilha do Faial: «(...) earth is purchased on the latter Island at five cents per bushel, and transported across the channel.»<sup>117</sup>

O geólogo alemão Christian Buch, apesar de não ter visitado os Açores, faz menção ao arquipélago na sua obra de história natural sobre as ilhas Canárias, publicada em 1825,<sup>118</sup> baseando

---

<sup>114</sup> ADANSON, 1757: 182-183.

<sup>115</sup> BUFFON, 1749 :548.

<sup>116</sup> ARRUDA, 2014: 71-73.

<sup>117</sup> WEBSTER, 1821: 234. Tradução livre da autora: «(...) a terra é comprada na última ilha [Faial] a cinco cêntimos por bushel e transportada através do canal».

<sup>118</sup> *Physicalische Beschreibung der Canarischen Inseln*, 1825.

os seus comentários em outros autores.<sup>119</sup> Sobre o vulcanismo das ilhas, Buch refere que «a ilha do Pico é alongada de sudeste para noroeste e acontece o mesmo com todas as outras ilhas, S. Jorge, S. Miguel e Terceira e o que é mais notável, é que todas estas ilhas até às Flores e Corvo estão situadas umas atrás das outras, exatamente nesta mesma direção.»<sup>120</sup>

Christian Buch alude à existência de uma banda vulcânica, «análoga àquela que atravessa a Islândia, um tipo de falha imensa, preenchida com rochas em parte escondidas na profundidade do mar».<sup>121</sup> O autor não deixa de notar, também, uma ligação entre as ilhas do Faial e o Pico. Arriscando ir mais longe na sua análise, refere que a ilha do Faial «(...) parece ser uma parte da ilha do Pico porque a direção geral destas ilhas e as suas margens correspondem-se perfeitamente».<sup>122</sup>

Em 1836, o geólogo Vargas de Bedemar visitou os Açores na procura, segundo Arruda (2014), de rochas primitivas, com o fim de credibilizar a teoria da Atlântida.<sup>123</sup> No que respeita à ilha do Pico, Bedemar menciona a sua natureza vulcânica na obra *Resumo de observações geológicas feitas em uma viagem às ilhas da Madeira, Porto Santo e Açores nos anos de 1835 e 1836*, publicada em 1837.<sup>124</sup>

Em 1837, Charles Darwin escala a ilha Terceira. Na sua obra, *Geological observations on the volcanic islands*, 1844, Darwin menciona a ocorrência de erupções nos Açores, em três linhas paralelas das ilhas do Pico, São Jorge e Terceira.<sup>125</sup>

Em 1857, Arthur Morelet partiu da Madalena, na ilha do Pico, montado num burro, com o propósito de escalar a montanha do Pico. O autor lembra ao leitor, no seu diário, a dificuldade da subida e deixa-nos algumas notas que interessam ao estudo vulcânico da ilha. Os seu colega, Henri Drouët, embora não tenha podido acompanhá-lo por motivos de doença, deixa-nos também, no seu diário, alguns comentários sobre a montanha.

Em 1867, o geólogo francês Fernand André Fouqué visitou o arquipélago açoriano. No que respeita à ilha do Pico, Fouqué (1873) menciona as suas erupções históricas e tece comentários sobre a montanha e sua subida. Segundo Arruda, as observações de Fouqué «(...) haviam colocado em dúvida a teoria que explicava a formação das caldeiras vulcânicas por simples acumulação de materiais e levaram-no à realização de trabalhos de campo (...) para estudar sismos e erupções recentes», motivo que levou a Academia das Ciências de Paris a enviá-lo à ilha Terceira.<sup>126</sup>

---

<sup>119</sup> Buch baseia-se, pelo menos, em Ashe, 1813; Boid, 1834 e Webster, 1821. ARRUDA, 2014: 135.

<sup>120</sup> ARRUDA, 2014: 135, citando BUCH [1825] 1836.

<sup>121</sup> Ibidem.

<sup>122</sup> ARRUDA, 2014: 135, citando BUCH [1825] 1836.

<sup>123</sup> ARRUDA, 2014.

<sup>124</sup> VARGAS DE BEDEMAR, 1837: 11.

<sup>125</sup> DARWIN, 1844: 129.

<sup>126</sup> ARRUDA, 2014: 182.

Em 1886, o naturalista genovês Alberto D'Albertis visitou os Açores. No que respeita à ilha do Pico, no seu diário, publicado em 1888, D'Albertis menciona as erupções históricas aí ocorridas, a ligação geológica entre as ilhas do Faial e do Pico, os ilhéus da Madalena, elaborando ainda uma descrição detalhada da sua subida à montanha do Pico.

No que respeita à ligação geológica entre as ilhas do Pico e do Faial, Alberto D'Albertis (1888) faz referência ao curto canal que separa as duas ilhas, atribuindo-lhe a distância como de apenas três milhas. Através da observação de um mapa hidrográfico e da quota de profundidade das sondagens realizadas no canal Faial-Pico, o autor italiano conclui:

«(...) In tempi remoti queste due isole ne formassero una sola, e che il fondo marino, sul quale nel punto più basso e più e più ristretto non sono ora che 13, o 14 metri d'acqua, dovesse emergere un tempo dalle onde, colegendolo le due terre ora disgiunte. Un cataclisma verificatosi in epoche remote, probabilmente una eruzione vulcânica, avrà fatto scomparire l'istmo, come avvenne più volte di lingue di terra che univano isole o continenti fra loro.»<sup>127</sup>

Sobre canal Faial-Pico, D'Albertis (1888) menciona ainda os ilhéus da Madalena, no Pico, situados «a due terzi di cammino fra Fayal e Pico».<sup>128</sup> O autor caracteriza-os como «due bizzarri scogli»<sup>129</sup>, de formação vulcânica, em cujos «(...) fianchi perpendicolari sul mare, come sull'istmo subacqueo che li congiunge, si vedono traccie di roccie tufacee».<sup>130</sup> Um dos ilhéus é descrito como «lungo e depresso»;<sup>131</sup> o outro, «rassomiglia ad un campanile».<sup>132</sup>

Em 1800, John Gustaf Hebbe visitou as ilhas do Pico e do Faial. No que respeita à vulcanologia da ilha do Pico, com base em observações próprias, e noutros relatos, Hebbe (1816) nota que «le volcan qui lui donne son nom est encore en activité (...) la partie de l'ouest commence à s'élever dès le bord de la mer»<sup>133</sup>; nota ainda que o solo é «généralment pierreux et couvert de lave».<sup>134</sup>

Onze anos mais tarde, o irlandês Thomas Ashe visitou os Açores. Ashe (1813) comenta, no seu diário de viagem, sobre a montanha do Pico e as suas características vulcânicas.<sup>135</sup> Também Briant Barrett, ao visitar os grupos central e oriental das ilhas açorianas entre 1812 e 1814, deixou

---

<sup>127</sup> D'ALBERTIS, 1888: 186-187. Tradução livre da autora: «(...) em tempos remotos, estas duas ilhas formaram uma só, e o fundo marinho, sob o qual no ponto mais baixo ou mais estreito que tem agora apenas cerca de 13 ou 14 metros de água, devera outrora ter emergido das ondas, ligando as duas terras agora desunidas. Um cataclismo ocorrido em épocas remotas, provavelmente uma erupção vulcânica, terá feito desaparecer o istmo, como acontece várias vezes com línguas de terra que uniam ilhas ou continentes entre eles».

<sup>128</sup> D'ALBERTIS, 1888: 190. Tradução livre da autora: «a dois terços de caminho entre o Faial e o Pico».

<sup>129</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «duas rochas bizarras».

<sup>130</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «lados perpendiculares do mar, como no istmo subaquático que os une, veem-se vestígios de rochas tufáceas».

<sup>131</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «longo e achatado».

<sup>132</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «semelhante a um campanário».

<sup>133</sup> HEBBE, [1802] 1816: 323, 324. Tradução livre da autora: «o vulcão que lhe dá o nome ainda está ativo (...) a parte oeste começa a subir da beira do mar».

<sup>134</sup> HEBBE, [1802] 1816: 324. Tradução da autora: «geralmente pedregoso e coberto de lava».

<sup>135</sup> ASHE, 1813: 295.

comentários no seu diário que respeitam à natureza vulcânica da ilha do Pico, embora não tenha tido a oportunidade de escalar a sua montanha.<sup>136</sup>

A costa da ilha do Pico, na zona da Madalena é descrita por Briant Barrett (2017) como sendo «muito plana e (...) formada por várias camadas de lava provenientes de diversas erupções que correram para o mar e deram origem a toda esta zona». O terreno «tem fendas (...) e está coberto de fragmentos de pedra solta».<sup>137</sup>

Em rota de viagem na Madalena, pelo lado Norte da ilha, Barrett (2017) descreve um caminho com «(...) lava solta ou pedras que foram lançadas de um vulcão abaixo do Pico, [onde] debaixo dessa camada de pedra solta, a lava líquida correu para o mar, formando uma ponta de grande extensão»<sup>138</sup>. O autor menciona ainda a aldeia das Bandeiras, próxima de «(...) lugares de mistérios ou biscoitos estendiam-se por uma légua e, a partir daí, o caminho tornava-se numa camada de lava uniforme.»<sup>139</sup>

Foi no ano de 1832 que Edward Boid chegou aos Açores. No seu relato de viagem, o autor faz uma caracterização da geologia das ilhas, comentando a sua origem vulcânica. Boid nota que a sua formação é recente, embora não fosse possível aos geólogos, à época, determinar quando emergiram do oceano. Através da observação das rochas e seus componentes, apercebe-se de diferentes períodos de formação das ilhas.<sup>140</sup>

Seis anos mais tarde, os irmãos Joseph e Henry Bullar chegaram ao arquipélago açoriano. No seu diário, deixaram-nos informações relevantes à geologia da ilha do Pico. Outros diários pertinentes ao estudo da geologia da ilha do Pico, são os dos viajantes Manuel Borges de Freitas Henriques, Samuel Green Wheeler e Lyman Weeks. Wheeler e Weeks tiveram a oportunidade de escalar a montanha do Pico.

O vulcanismo da ilha do Pico foi mencionado por diversos viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX. Foi descrito pela natureza de suas margens, «(...) couverts d'énormes laves rocheuses, sans cesse battus par des vagues courroucées, ont un aspect sombre et désolé, plein de mélancolie (...) un sable noirâtre et mouvant (...) [et] des rochers noirs et bizarres».<sup>141</sup> O carácter vulcânico da ilha encontra-se, também, representado nas descrições dos ilhéus da Madalena,

---

<sup>136</sup> O autor baseia-se nas descrições de Mr. Curry, cavalheiro inglês que o havia acompanhado na volta à ilha, e de Mr. Thomas Parkin, cônsul inglês no Faial. BARRETT, 2017: 22.

<sup>137</sup> BARRETT, 2017: 218.

<sup>138</sup> BARRETT, 2017: 219.

<sup>139</sup> BARRETT, 2017: 220.

<sup>140</sup> Ver ARRUDA, 2014: 94-96.

<sup>141</sup> DROUËT, 1858, I: 12. Tradução livre da autora: «(...) cobertas de enormes lavas rochosas, constantemente batidas por ondas furiosas, têm um aspeto sombrio e desolado, cheio de melancolia (...) uma areia enegrecida e movediça (...) [e] rochas negras e esquisitas».

Sobre a formação de praias na ilha, Georges Zbyszewsky afirma existirem restos de praias escassos, de difícil identificação pela ação da erosão. ZBYSZEWSKI, 1964: 8.

descritos por Fouqué (1873) como «(...) imposans débris d'un cône de tuf qui servent de refuge des milliers d'oiseaux».<sup>142</sup>

### 3.2.1. AS ERUPÇÕES HISTÓRICAS

Desde o povoamento das ilhas, ocorreram 26 erupções nos Açores: 12 subaéreas, 1 mista (em terra e mar) e 13 localizadas no mar. Na ilha do Pico, ocorreram 4 erupções:<sup>143</sup> duas subaéreas – a de 1562, na Prainha, e a de 1720, na Silveira; uma em terra e mar, em 1718; a última apenas no mar, em 1963.<sup>144</sup> Em tempos históricos, as erupções ocorreram na base da montanha do Pico.<sup>145</sup> A este estudo, interessam os comentários às erupções históricas nos testemunhos dos viajantes dos séculos XVIII e XIX, não sendo, portanto, relevante a erupção de 1963, por se encontrar fora do espaço cronológico abrangente pelo estudo.

Concernente ainda à vulcanologia do arquipélago açoriano, é recorrente observar-se, no cenário literário dos naturalistas e demais viajantes que visitaram as ilhas nos séculos XVIII e XIX, pequenas referências a estes fenómenos catastróficos: descrições baseadas em literatura histórica ou em fontes orais fornecidas pelos habitantes locais.

#### 3.2.1.1. A ERUPÇÃO DE 1562

A primeira erupção histórica na ilha do Pico remonta ao século XVI – a erupção dos Cabeços do Mistério –,<sup>146</sup> ocorrida na Prainha do Norte, entre 1562 e 1564. Esta erupção histórica encontra-se inserida na zona geomorfológica do Planalto da Achada e é designada por «escoada histórica da Prainha». Sobre sua formação, França *et al* (2003) descrevem: «espraiando-se principalmente para o lado norte da ilha galgou falésia e constituiu uma nova plataforma lávica».<sup>147</sup>

Sobre a datação deste fenómeno vulcânico, Gaspar Frutuoso em *Saudades da Terra* ([1586-1590]1998) fornece-nos informações divergentes em dois capítulos distintos: o 41º capítulo indica 22 de setembro de 1562, quanto o capítulo anterior refere 21 de setembro de 1572, ambas datas

---

<sup>142</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 5. Tradução livre da autora: «(...) restos imponentes de um cone de tufo que servem de refúgio para milhares de pássaros». Zbyszewsky caracteriza estes ilhéus como tendo de cerca de 60m de altura acima do nível do mar, situados no Canal do Faial. ZBYSZEWSKI, 1963: 13.

<sup>143</sup> Georges Zbyszewski considera 4 erupções históricas: a de 1562, duas em 1718, e a última em 1720, não considerando as erupções marinhas. ZBYSEWSKY, 1964: 7.

<sup>144</sup> FRANÇA *et al.*, 2003: 19-20.

<sup>145</sup> ZBYSZEWSKI, 1964: 8.

<sup>146</sup> «Complexo de 6 crateras alinhadas, cujo ponto mais alto tem 841m de altitude.» ZBYSZEWSKY, 1964:6.

<sup>147</sup> FRANÇA *et al.*, 2003: 70.

identificadas como dia de São Mateus.<sup>148</sup> Em bibliografia posterior, verificam-se, comumente, datações desta erupção histórica baseadas na referência de Frutuoso referente ao ano de 1572.<sup>149</sup>

O cronista franciscano Agostinho de Monte Alverne (1629-1726) e seu contemporâneo Manuel Luís Maldonado optam pela referência de Frutuoso de 22 de setembro de 1562.<sup>150</sup> Frei Diogo das Chagas ([1646-1654] 1989) também considera que a erupção da Prainha do Norte ocorreu neste ano, referindo, porém, existirem testemunhos que atribuem a sua data ao ano de 1557.<sup>151</sup> O italiano Pompeo Arditi de Pesaro, por sua vez, atribuiu-lhe a data de 1565.<sup>152</sup> Atualmente, é aceite a datação 20 de setembro de 1562-64.<sup>153</sup>

Segundo os testemunhos do século XVI, esta erupção foi precedida por um rumoroso terramoto que fez a terra tremer «em um terço de hora dezasseis vezes, com contínuos e horrendos abalos e tão grandes estrondos, como de grossas peças de artilharia, (...)».<sup>154</sup> Segundo Gaspar Frutuoso ([1586-1590] 1998):

«(...) em um lameiro arreventou o fogo, fazendo cinco bocas muito grandes, sendo uma delas a principal e maior, de que manou uma grande ribeira de polme, que correu para a banda do norte por espaço de légua e meia até cair pela rocha abaixo e fazer um grande cais abaixo da rocha, onde se espraiou aquele polme e se tornou pedra viva, em que não se pode pôr pé descalço, nem se cria nenhum género de erva, nem mato, até hoje, senão em alguma parte onde se não acabou de cobrir aquele polme (...)».<sup>155</sup>

Ainda segundo Frutuoso ([1586-1590] 1998), esta erupção teve tamanha dimensão que «alumiu» as ilhas ao redor, tendo chegada a claridade do fogo à ilha de São Miguel,<sup>156</sup> fazendo parecer «a noite dia». O autor afirma que o temor da população pela catástrofe presenciada quase despovoou a ilha do Pico e que, «fugindo dela, muitos dos moradores se embarcavam para as outras ilhas com a mais pressa e diligência (...)».<sup>157</sup>

Já no século XVII, Frei Diogo das Chagas ([1646-1654] 1989) escreve:

«Em meio da Lomba, que do pé deste Pico, se começa a criar de dous picos, que aly faz arreventou fogo (...) que durou por muitos dias, que correndo para a banda do norte com maior impetu, fez os biscoutos, a que chamão

<sup>148</sup> FRUTUOSO, [1586-1590] 1998, vol. 6: 113 e 117.

<sup>149</sup> SOUSA, 1822: 121, BOID, 1834: 306, HENRIQUES, 1867:65, FOUQUÉ, 1873, vol. II: 16 e D'ALBERTIS, 1888: 203.

<sup>150</sup> MONTE ALVERNE, 1988, 3: 191 e MALDONADO, 1990, v. 2: 132.

<sup>151</sup> CHAGAS, [1646-1654] 1989: 529.

<sup>152</sup> ARDITI, 1567: 180.

<sup>153</sup> Segundo o geólogo Georges Zbyszewski, a erupção teve uma duração de nove meses. ZBYEWSKI, 1964: 6 e FRANÇA *et al.* 2003: 20.

<sup>154</sup> FRUTUOSO [1586-1590] 1998, vol. 6: 117.

<sup>155</sup> FRUTUOSO [1586-1590] 1998, vol. 6: 117.

<sup>156</sup> Em 1867, Manuel Borges Henriques escreveu sobre o testemunho de Frutuoso: «diz a tradição que a luz emanada por este vulcão foi avistada tão distante quanto S. Miguel, a uma distância de cem milhas.» HENRIQUES, 1867: 65. Também FOUQUÉ, 1873 vol. II: 16 menciona o acontecimento, sem referir, porém, a distância entre o Pico e São Miguel. Encontramos ainda referência a este acontecimento em D'ALBERTIS, 1888: 203. D'Albertis acrescenta 20 milhas à descrição de Henriques, aumentando o valor da distância de avistamento da luz emanada pela erupção para 120 milhas.

<sup>157</sup> *Ibidem.*

misterio, assim ditto porque entrou pollo mar dentro, e fez hua ponta mui comprida e de altas Rochas, do modo, que sendo isso de antes hua bahia, elle a ficou diuivindo em duas fazendo a Ilha aqui mais larga do que era, e são tão altos, e brabos estes biscoutos (tendo hua boa legoa de largo) que nada em si criam, mais que hua eruasinha a modo de estopa, da mistura com algua Ursalinha que as pedras em si criam.»<sup>158</sup>

No século XIX, segundo o naturalista Fernand André Fouqué, esta erupção foi precedida de um terramoto violento, «(...) dont les secousses se prolongèrent pendant vingt minutes (...)».<sup>159</sup> Abriam-se cinco crateras, «(...) alignés transversalement au grand axe de l'île (...)»,<sup>160</sup> perto da vila da Prainha do Norte, de onde foram lançadas «(...) des amas de matières incandescentes».<sup>161</sup>

O naturalista italiano Alberto D'Albertis copia *ad litteris* a caracterização de Fouqué sobre esta erupção histórica, poupando-se apenas na referência às «pilhas de matérias incandescentes». O autor confirma ainda a descrição de Fouqué sobre as lavas expelidas, «(...) che noi dal nostro osservatorio vedevamo distintamente, si estesero su di un miglio di larghezza, e dopo tre miglia di percorso si riversarono nel mare.»<sup>162</sup>

O capitão Edward Boid e o viajante Manuel Borges Henriques também escrevem sobre a erupção de 1562. No seu diário, Henriques (1867) refere que «(...) near Prainha, on the north side, a volcano broke out, from which a stream of lava half a league wide desolated everything before it for six miles, and then plunged into the sea»,<sup>163</sup> aumentando o número de milhas percorridas em espaço marítimo pela lava, referidas nas obras de Fouqué e de D'Albertis, para o dobro. Boid ([1834] 1835), por sua vez, escreve que a erupção surgiu na parte este da cadeia montanhosa.<sup>164</sup>

### 3.2.1.2. A ERUPÇÃO DE 1718

A erupção histórica de 1 de fevereiro de 1718<sup>165</sup> ocorreu na periferia da montanha do Pico,<sup>166</sup> tendo afetado as localidades de Santa Luzia e de São João, e originado os Mistérios de São João.<sup>167</sup> Dez dias após o seu início, ocorreu uma nova erupção no mar.<sup>168</sup>

<sup>158</sup> CHAGAS, [1646-1654] 1989: 529.

<sup>159</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 16. Tradução livre da autora: «(...) cujos abalos se prolongaram por vinte minutos (...)».

<sup>160</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «(...) alinhadas transversalmente ao grande eixo da ilha (...)».

<sup>161</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «(...) pilhas de matérias incandescentes.»

<sup>162</sup> D'ALBERTIS, 1888: 203-204. Tradução livre da autora: «(...) que nós, do nosso observatório víramos distintamente, estenderam-se sobre uma milha de largura e, passadas três milhas de percurso, verteram-se no mar.»

<sup>163</sup> HENRIQUES, 1867: 65. Tradução livre da autora: «(...) perto da Prainha, no lado norte, um vulcão rebentou, do qual um fluxo de lava de meia liga de largura desolou tudo à sua frente por seis milhas, e depois afundou no mar.»

<sup>164</sup> BOID, [1834] 1835: 306 e HENRIQUES, 1867: 65.

<sup>165</sup> MACEDO 1871, 1: 475, referência transcrita do *Livro do Tombo da Matriz da villa das Lages*.

Sobre esta erupção, veja-se também MACEDO 1871, 1: 469-475.

<sup>166</sup> ZBYSZEWSKI, 1976: 154.

<sup>167</sup> ZBYSZEWSKI, 1964: 7.

<sup>168</sup> No mar, «(...) dia 11 rebentou novamente (...) a distancia de 50 braças de terra e n'altura de 40 defronte da igreja, arrejando para terra grande quantidade de peixes assados e alguns desconhecidos, e pedras abrazadas em ardente lava com que formou um promontório de grande altura, e entrando por terra dentro começou a devastar os compôs e casas d'aquella freguesia.» MACEDO 1871, 1: 476, transcrito do Livro do Tombo da Matriz da villa das Lages.

Os naturalistas Fouqué e D’Albertis caracterizam duas fases eruptivas desta erupção histórica, mencionando as localidades onde ocorreram estes fenómenos catastróficos. Os autores fragmentam o acontecimento histórico em duas erupções distintas e descrevem os materiais resultantes destes fenómenos vulcânicos. D’Albertis parafraseia Fouqué na caracterização deste fenómeno, mencionado as aldeias de Santa Luzia e «Randenos» [sic].<sup>169</sup> O autor acrescenta aos comentários de Fouqué que a segunda erupção – de São João – durou até Janeiro de 1719.<sup>170</sup>

De acordo com Fouqué, a primeira erupção ocorreu no flanco norte<sup>171</sup> do Pico, acima da vila das Bandeiras e de Santa Luzia. Foi precedida de tremores muitos fortes, sentidos por toda a ilha, e seguida e de uma explosão que originou uma vasta fenda.<sup>172</sup> No local, segundo o autor, identificam-se «(...) sept bouches alignées du nord au sud. La plus basse est à une altitude de 800 mètres; la plus élevée est située à un niveau plus haut de 400 mètres.»<sup>173</sup>

No que respeita às rochas e materiais vulcânicos que compõem o local desta erupção, Fouqué menciona uma escarpa com escória fina na sua base, de bancos de lava finos e fendidos na sua parte superior, provocando avalanches de pedra durante quase todo o ano. De acordo com o autor, podem ser observadas duas colinas paralelas de «(...) matériaux incohérens rejetés par les bouches de cette eruption (...)»: uma mais evidente, a Oeste, e outra menos, a Este, de onde o autor concluiu ter havido vento Este dominante durante a erupção.<sup>174</sup>

Segundo Fouqué (1873), «(...) les gaz et les vapeurs surchauffées (...)»<sup>175</sup> jogaram um papel importante na erupção, pese embora o fluxo de materiais fundidos, a seu ver, não tenha sido «(...) proportionné à la violence du cataclysm»<sup>176</sup>, mas o suficiente para a criação de um «(...) promontoire d’environ 400 mètres de long»<sup>177</sup> de lavas que alcançaram o mar.<sup>178</sup>

---

<sup>169</sup> O autor refere-se à localidade das Bandeiras.

<sup>170</sup> D’ALBERTIS, 1888: 204.

<sup>171</sup> Segundo Zbyszewsky, foi «uma violenta erupção com saída de projecções e derrames de lavas, os quais correram para NW envolvendo o Cabeço Redondo e atingindo o mar numa frente de quase 1000 m, entre Lajido e Porto do Cachorro. ‘O Mistério de Santa Luzia’, assim constituído, tem um comprimento de 8 a 9 quilómetros e uma largura máxima de 1700m.» ZBYSZEWSKY, 1964: 5.

<sup>172</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 16.

<sup>173</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «(...) sete bocas alinhadas de norte a sul. A mais baixa encontra-se a uma altitude de 800 metros; a mais alta está situada a um nível superior aos 400 metros.» Macedo refere 4 bocas em vez de 7. Segundo o autor: «fôra um espantoso vulcão que rebentára por quatro bocas na faldada da montanha do Pico, entre as freguesias de Santa Luzia, e das Bandeiras». MACEDO 1871, 1: 476.

<sup>174</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 16. Tradução livre da autora: «(...) materiais incoerentes rejeitados pelas bocas dessa erupção (...)».

<sup>175</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 16. Tradução livre da autora: «gases e vapores sobreaquecidos».

<sup>176</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 16. Tradução livre da autora: «proporcional à violência do cataclismo».

<sup>177</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 16. Tradução livre da autora: «promontório de aproximadamente 400 metros de comprimento».

<sup>178</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 16. Em MACEDO 1871, 1: 476, transcrito do Livro do Tombo da Matriz da villa das Lages, pode ser lido: «fôra um espantoso vulcão(...), donde corria ardente lava em caudalosas ribeiras para o mar».

Sobre a segunda erupção, segundo Fouqué (1873), ocorreu duas semanas após a primeira, a oeste da vila de São João.<sup>179</sup> O geólogo Georges Zbyszewski (1909-1999)<sup>180</sup> data-a de 2 a 27 de fevereiro de 1718, a SE da montanha do Pico, entre Terra do Pão e Companhia de Cima.<sup>181</sup>

No que respeita à formação de crateras, de acordo com Fouqué (1873):

«Trois cratères se formèrent d’abord sur une même ligne droite; puis un quatrième, très remarquable par la conservation d’une partie de la fissure sur laquelle il est implanté et par l’existence d’un autre cône concentrique dans son intérieur, s’établit à un niveau plus bas. Il en sortit des flots de lave, qui se répandirent jusqu’à la mer sous la forme d’étroites coulées juxtaposées les unes aux autres.»<sup>182</sup>

De acordo com Georges Zbyszewski (1964), surgiram dois cones vulcânicos desta erupção: o Cabeço de Cima e o Cabeço de Baixo. Segundo o autor, o primeiro, «(...) o Cabeço de Cima, com cratera aberta para Este deu saída a abundantes lavas basálticas, as quais destruíram a aglomeração de S. João e correram para o mar envolvendo o segundo aparelho, o Cabeço de Baixo, que emitiu muitas projecções.»<sup>183</sup>

### 3.2.1.3. A ERUPÇÃO DE 1720

A erupção de 1720 ocorreu a 10 de Julho, no Soldão, na Silveira, Lajes do Pico.<sup>184</sup> Esta erupção histórica é mencionada, pelo menos, pelos viajantes John Atkins no século XVIII, e Ferdinand Fouqué e Alberto D’Albertis no século XIX.

John Atkins (1735) escreveu sobre a erupção de 1720, ocorrida entre as ilhas de São Miguel e Terceira no ano de 1720 – «Ilha Nova», iniciada a 20 de novembro.<sup>185</sup> De acordo com o autor, depois da erupção, o mar ficou coberto de pedra pomes e peixe meio cozido por várias léguas, o que o deixou curioso sobre os sintomas sentidos pelas outras ilhas no decorrer daquele fenómeno. Atingido pela curiosidade, Atkins descobre que, na ilha do Pico, ocorrera uma erupção e um

---

<sup>179</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 16. Em MACEDO 1871, 1: 476, transcrito do Livro do Tombo da Matriz da villa das Lages, pode ser lido «(...) na madrugada do dia dois tendo cessado a violência do fogo da parte norte onde tinha rebentado, houve nova explosão no sitio da Bragada, entre as freguesias de S. Matheus e S. João nos mattos com horriveis estrondos, e convulsões, que pela proximidade d’esta villa se tornavam mais sensiveis que da primeira vez.»

<sup>180</sup> Geólogo, paleontólogo e arqueólogo francês, de origem russa, reconhecido em Portugal pelos seus trabalhos de campo entre 1935 e 1939. Zbyszewsky trabalhou cerca de quarenta anos nos Serviços Geológicos de Portugal e lecionou como Professor Auxiliar na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, de 1973 até 1979. Georges Zbyszewsky (1909-1999). Consultado a 25/02/2022, em [instituto-camoes.pt](http://instituto-camoes.pt)

<sup>181</sup> ZBYSZEWSKI, 1964: 5.

<sup>182</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II:16, 17. Tradução livre da autora: «três crateras formaram-se, inicialmente, na mesma linha reta; depois, uma quarta, muito notável pela conservação de uma parte da fissura na qual se encontra implantado, e pela existência de um outro cone concêntrico no seu interior, estabelecido num nível inferior. Surgiram fluxos de lava que se espalharam até ao mar, sob a forma de estreitas correntes justapostas umas às outras.»

<sup>183</sup> ZBYSZEWSKI, 1964: 5.

<sup>184</sup> ZBYSZEWSKI, 1964: 6.

<sup>185</sup> FRANÇA *et al.*, 2003: 20.

terramoto recentes, que provocaram danos consideráveis – a erupção de 10 de julho de 1720, na Silveira.<sup>186</sup>

Segundo Fouqué (1873), a erupção ocorreu a 10 de fevereiro de 1720, na vila de São João e teve a duração de 6 meses, dando origem «(...) à la formation de plusieurs cônes et à un épanchement abondant de scoriacées qui aujourd’hui encore resistente aux envahissements de la végétation.»<sup>187</sup>

Fouqué (1873) afirma que, no Pico, tanto as modernas como as antigas, «(...) à une seule exception près, sont essentiellement basaltiques»;<sup>188</sup> segundo o autor, verifica-se abundância de cristais de piroxénio e peridoto; é referida ainda a existência frequente de túneis, um dos quais, resultado da lava da erupção de 1720.<sup>189</sup>

D’Albertis (1888) parafraseia Fouqué (1873) nos comentários sobre esta erupção. O autor acrescenta em escrita original que, do topo da montanha do Pico, «(...) potevamo osservare come sopra una carta geográfica i punti di sbocco delle differenti eruzioni, nello stesso modo che, costeggiando l’isola, avevamo osservato le varie correnti di lava, attualmente più o meno coperte dalla vegetazione a seconda della loro età.»<sup>190</sup>

De acordo com o historiador António Macedo (1818-1891), esta erupção rebentou por cinco bocas no Soldão, pelas nove horas da noite, horário em que a população se encontrava recolhida. Segundo o autor, teria havido muitas vítimas, não fosse pelo aviso prévio de uma mulher:

«(...) uma mulher que sahindo de casa e subindo a um alto e avistou o fogo e gritou áquelles povos para se salvarem, o que que elles logo fizeram retirando-se todos para esta vila [Lajes], (...) continuando o fogo a devastar immensas campinas, formando-se um extenso mysterio, cobrindo em toda a ilha as cearas d’ardentes cinzas que as fizeram seccar, resultando uma grande esterilidade, morrendo muitos animais suffocados, e andando todos atordoados pelos vapores sulphures terminando finalmente a acção do fogo a 18 de dezembro do dito anno.»<sup>191</sup>

Segundo Georges Zbyszewski (1964), a erupção ocorreu no «(...) centro vulcânico moderno (...) constituído pelos cabeços do Fogo (478m) com quatro crateras, situados na vertente sul do planalto, nas proximidades da estrada nova de S. Roque para Lajes do Pico (...) As (...) lavas formaram o Mistério da Silveira, atingindo a costa numa frente de 3 quilómetros entre S. João e Silveira.»<sup>192</sup>

<sup>186</sup> ATKINS, 1735: 28 e ARRUDA, 2014: 46.

<sup>187</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 17. Tradução livre da autora: «(...) à formação de vários cones e a uma abundante efusão de escoriáceas, que ainda hoje resistem às invasões da vegetação.»

<sup>188</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «(...) com uma só exceção, são essencialmente basálticas».

<sup>189</sup> Ibidem.

<sup>190</sup> D’ALBERTIS, 1888: 205. Tradução livre da autora: «(...) podíamos observar, como sobre uma carta geográfica, os pontos de saída das diferentes erupções, da mesma forma que, costeando a ilha, tínhamos observado as várias correntes de lava, hoje mais ou menos cobertas por vegetação consoante a sua idade.»

<sup>191</sup> MACEDO 1871, 1: 478.

<sup>192</sup> ZBYSZEWSKI, 1964: 6.

### 3.2.2. A MONTANHA

Dos visitantes que se aventuraram na ilha do Pico, nem todos tiveram a oportunidade de escalar a sua famosa montanha – a montanha do Pico. A sua imponência, porém, raramente deixa de ser mencionada nos seus diários de viagem, muitas vezes acompanhados de um discurso lírico e onírico, verdadeiramente enaltecendo o fenómeno natural. A montanha é descrita de diversos prismas, interpretações paisagísticas e discursos expressivos.

Para Thomas Ashe (1813), a montanha do Pico não deixa dúvidas da sua natureza vulcânica, fruto de uma erupção submarina: «(...) a hollow cone, created by the expansive properties of fire.»<sup>193</sup> Segundo Drouët (1858), os habitantes da ilha acreditam que o interior deste «cône colossal»,<sup>194</sup> que serve de farol ou torre para guiar os navegadores, é revestido de ouro e prata. O autor denomina esta crença como «une tradition invétérée»,<sup>195</sup> baseada na existência de «(...) parcelles nombreuses de mica rendermées dans les roches et dans le sable.»<sup>196</sup>

A paisagem da ilha do Pico é descrita, nas palavras de George Heriot, a partir do alto da montanha do Pico: «the eastern part rises into a narrow ridge, along which are many ancient volcanos which have long ceased to emit Smoke, and several of whose craters are now almost concealed by woods which have sprung up around them.»<sup>197</sup>

Os visitantes que subiram a montanha do Pico, como Heriot, Bullar, Higginson, Fouqué, Benjamin, Weeks e D'Albertis, mencionam, quase sempre, tê-lo feito com acompanhamento de guias e montadas de burros, como uma verdadeira excursão organizada. Outros, porém, como Drouët, que devido a uma inflamação no fígado teve que abandonar a ideia da subida, ou ainda Ashe, que não visita a ilha do Pico, deixam-nos testemunhos interessantes baseados em outros autores, que nos revelam o seu interesse pessoal pela montanha.

Para Thomas Higginson (2009), o Pico possui três valências que nenhuma montanha americana pode igualar: a possibilidade de sua escalada desde o nível do mar; a contemplação do mar através dos intervalos das nuvens; e a existência do vapor que acorda o viajante para a noção do seu aquecimento central.<sup>198</sup>

---

<sup>193</sup> ASHE, 1813: 295. Tradução livre da autora: «(...) um cone oco, criado pelas propriedades expansivas do fogo.»

<sup>194</sup> DROUËT, 1858, I: 13. Tradução livre da autora: «cone colossal».

<sup>195</sup> Ibidem.. Tradução livre da autora: «uma tradição inveterada».

<sup>196</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «(...) parcelas numerosas de mica contidas nas rochas e na areia».

<sup>197</sup> HERIOT, 1807: 12. Tradução livre da autora: «a parte oriental ergue-se numa cadeia estreita, ao longo da qual se encontram muitos vulcões antigos que há muito deixaram de emitir fumo, e cujas muitas crateras estão agora quase escondidas por bosques que surgiram ao seu redor.»

<sup>198</sup> HIGGINSON, [1855] 2009: 84.

Segundo os viajantes, o início da escalada da montanha é feito com montadas, geralmente em burros, deixados a cerca de 700 metros após o início da subida, a cerca de duas horas e meia<sup>199</sup> a três horas de caminhada.<sup>200</sup> Chegados à base do cone,<sup>201</sup> esta é formada de pedra lávica até ao nível máximo da baixa-mar; o seu solo é de uma lava decomposta, deitado num estrato de lava.<sup>202</sup> A base é constituída por vestígios de vulcões menores de fogo extinto,<sup>203</sup> onde dois terços do caminho são «(...) de rocha de lava negra escarpada, coberta de matagais e tomilho, atulhado entre as rochas».<sup>204</sup>

O caminho da montanha, na sua parte inferior, é formado por essa pedra lávica, pavimentado por grandes lajes naturais; o trajeto é serpenteado, estreitando-se à medida que se sobe e tornando-se mais rochoso e repleto de muros a seco que, «(...) vus à la clarté de la lune, donnent au paysage l'aspect lúgubre et monotone d'un cimetière abandonné.»<sup>205</sup>

Quanto à restante parte da subida à montanha, o grande e pequeno cones devem ser subidos a pé na sua totalidade, por cerca de cinco horas, sobre espinhos de urze e aguentando-se nas saliências das lavas desagregadas.<sup>206</sup> Para D'Albertis (1888), esta parte da subida é um verdadeiro trabalho de Sísifo.<sup>207</sup>

Segundo Higginson (2009), na passagem de transição dos vinhedos para a Serra, o terreno é uma ampla faixa de terra de pastagens, recortado em muitos montes pequenos – alguns dos quais com crateras no seu cimo –, muito desigual e coberto de erva macia e, às vezes, de lava.<sup>208</sup> A rota marcada, segundo Fouqué (1873), termina nesta zona, a uma altura de cerca de 700 metros.<sup>209</sup>

O resto do caminho, como referido, deve ser feito a pé. Perto, há um alojamento – uma pequena cabana –<sup>210</sup> que serve de abrigo aos pastores e onde os caminhantes podem passar a noite, continuando a sua subida na manhã seguinte. A esta altura, o terreno torna-se mais inclinado e as pastagens substituem os bosques<sup>211</sup> até aos 1500 metros, altura onde cessa a vegetação «(...) come una linea quasi matemática (...)».<sup>212</sup> Segundo D'Albertis (1888), esta vegetação existe devido à

---

<sup>199</sup> D'ALBERTIS, 1888: 199.

<sup>200</sup> HIGGINSON, [1855] 2009: 81.

<sup>201</sup> Zbyszewsky descreve o cone como sendo largo na base, estreitando-se a partir dos 1200 metros, ZBYSZEWSKI, 1964: 4.

<sup>202</sup> ASHE, 1813: 295.

<sup>203</sup> HERIOT 1807: 12.

<sup>204</sup> HIGGINSON, [1855] 2009: 81.

<sup>205</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 5. Tradução livre da autora: «(...) vistos ao luar, dão à paisagem o aspeto lúgubre e monótono de um cemitério abandonado».

<sup>206</sup> D'ALBERTIS, 1888: 199.

<sup>207</sup> Ibidem.

<sup>208</sup> HIGGINSON, [1855] 2009: 77.

<sup>209</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 6.

<sup>210</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 6, HIGGINSON, [1855] 2009: 77.

<sup>211</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 6.

<sup>212</sup> D'ALBERTIS, 1888: 194. Tradução livre da autora: «(...) como uma linha quase matemática».

«perenne umidità»<sup>213</sup> que habita esta zona, «(...) mantenuta ed aumentata nel fondo delle piccole valli formate dai numerosi coni d'eruzione e dalle irregolarità delle grandi correnti di lava (...)»<sup>214</sup>.

O solo da montanha é descrito pelos viajantes como argiloso,<sup>215</sup> rico em diferentes sais, formado por uma densa camada de pedra pomes e superficialmente composto por rochas desagregadas, devido à humidade constante. A pedra pomes é originada pelas antigas erupções vulcânicas, ocorridas das numerosas crateras, hoje cobertas de densa vegetação herbácea.<sup>216</sup>

A cerca dos 1500 metros, a subida torna-se mais árdua; a relva, como referido, mais rara, dando lugar a tufos de urze separados por rastos de escórias e pedra nua.<sup>217</sup> Veem-se «(...) des ravins qu'on tracés les eaux en tombant du haut des pentes au moment des orages»<sup>218</sup> e elevações de poucos metros de altura,<sup>219</sup> com «(...) cavités arrondies dont les parois sont revêtues de stalactites de lave (...) et (...) des soufflures produites par l'expansion des gaz volcaniques au sein de la matière fondue (...)».<sup>220</sup>

Sobre a formação e caracterização das rochas, Fouqué (1873) escreve:

«Tantôt la substance en fusion s'est déversée en nappes minces qui se sont moulées sur le terrain sous-jacent, tantôt elle a coulé en étroits qui se sont vidés, laissant béans des espèces de tuyaux à envelope fendillée. Ici la roche est un amas de cristaux de pyroxène et de péridot de la grosseur du pouce, enchevêtrés dans une pâte amorphe; là elle présente l'apparence d'une matière noire homogène, constellée d'une multitude de petites étoiles d'un blanc éclatant. Chacun de ces points brillants est un groupement de cristaux de feldspath.»<sup>221</sup>

As cavidades ou cones mencionados distribuem-se alinhados em grupos, na mesma fissura linear, direcionada para o cume do pico, e o seu interior de cobertura curva serve como residência para pastores.<sup>222</sup> Uma das grutas apresenta-se profunda, com fetos e musgo suspensos; outras,

---

<sup>213</sup> D'ALBERTIS, 1888: 193-194. Tradução da autora: «humidade perene».

<sup>214</sup> D'ALBERTIS, 1888: 194. Tradução livre da autora: «(...) mantida e aumentada no fundo dos pequenos vales, formados por numerosos cones de erupção e pelas irregularidades das grandes correntes de lava (...)».

<sup>215</sup> FOUQUÉ, 1873 vol. II: 6.

<sup>216</sup> D'ALBERTIS, 1888: 194.

<sup>217</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 7.

<sup>218</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «(...) desfiladeiros traçados pela água que escorrida do topo das encostas na época das tempestades».

<sup>219</sup> Ibidem.

<sup>220</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «(...) cavidades arredondadas, cujas paredes são cobertas por estalactites de lava (...) e (...) bolhas produzidas pela expansão dos gases vulcânicos no interior da matéria fundida (...)».

<sup>221</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 7, 8. Tradução livre da autora: «a matéria fundida, em algumas partes, verteuse em camadas finas moldadas no solo subjacente, noutras, afundou-se em estreitos túneis que se esvaziaram, deixando algumas espécies de tubos de invólucro rachado. Aqui, a rocha é constituída por uma massa de cristais de piroxénio e de peridoto do tamanho do polegar, enroscados em uma pasta amorfa; ali, possui a aparência de uma matéria negra homogénea, constelada de uma multitude de pequenas estrelas de um branco luminoso. Cada um desses pontos brilhantes é um aglomerado de cristais de feldspato.»

<sup>222</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 7.

apresentam difícil acesso, exigindo que o visitante rasteje para aceder ao seu interior, onde se revelam precipícios, estalagmites e estalactites de lava.<sup>223</sup>

Bullar ([1841] 2001) afirma que «A última parte da montanha nada mais é do que um montão de cinzas arenosas, ligadas de onde em onde pela urze rasteira e musgo ralo», e o piso «(...) tão incerto que os pés frequentemente se metem até aos tornozelos em escórias aguçadas, que se desfazem e escorregam de modo irritante.»<sup>224</sup>

Chegados ao cimo da montanha,<sup>225</sup> a cerca de 2250 metros acima do nível do mar,<sup>226</sup> encontra-se a antiga cratera, «(...) da qual saíra toda a lava, escórias e pedras (...)»<sup>227</sup> é «(...) solidamente fechada por largo e plano pavimento natural de lava, por sobre o qual se espalham enormes massas de penedos».<sup>228</sup>

A cratera é descrita como estando circundada por um recinto semicircular, uma enorme bacia de cerca de 800 metros de diâmetro e 80 de profundidade média,<sup>229</sup> 200 a 300 metros de altura, de fundo pouco acidentado, com superfície plana, onde foram derramadas e espalhadas lavas<sup>230</sup> estratificadas, apresentando grandes fendas.<sup>231</sup> Onde a superfície do fundo da cratera não é plana, apresentam-se ondulações bizarras.<sup>232</sup> As suas paredes, «(...) que em parte conservam a forma circular, são altas e perpendiculares a sudoeste e a sul, com cerca de cem pés de altura; para nordeste estão desfeitas.»<sup>233</sup> A parte mais larga apresenta cerca de quinhentos pés de largura.<sup>234</sup>

No centro desta antiga cratera, encontra-se um cone perpendicular de trezentos pés de altura, cuja ascensão apresenta dificuldade, por ser muito íngreme a sua inclinação.<sup>235</sup> Bullar ([1841] 2001) descreve o cone na cratera da montanha e descreve uma nova cratera neste:

«O pico, que dá a aparência fendida ao topo da montanha, é um grosseiro cone de penedos vulcânicos erguendo-se a nordeste da cratera principal e colocado próximo da orla desta última. No lado norte do cone mais

---

<sup>223</sup> HIGGINSON, [1855] 2009: 77, 78. Higginson afirma ter visitado uma gruta com estalactites «[sem] iguais em mais nenhuma outra gruta», cujo cimo e lados estavam «cobertos duma substância gelatinosa, de grandes alvéolas ou bolhas e com os quais se misturava o musgo.» HIGGINSON, [1855] 2009: 78.

<sup>224</sup> BULLAR, [1841] 2001: 175, 176.

<sup>225</sup> Segundo BULLAR, [1841] 2001: 176, o guia que o acompanhou na subida à montanha procurara evitar certos lugares com a justificação de ali terem ocorrido várias mortes de pessoas que haviam respirado «ar viciado».

<sup>226</sup> D'ALBERTIS, 1888: 199.

<sup>227</sup> BULLAR, [1841] 2001: 176.

<sup>228</sup> Ibidem.

<sup>229</sup> D'ALBERTIS, 1888: 199. Zbyszewski indica 500m de diâmetro e 30m de profundidade. ZBYSEWSKI, 1964: 4.

<sup>230</sup> FOUQUÉ, 1873 vol. II: 8.

<sup>231</sup> D'ALBERTIS, 1888: 199. D'Albertis compara a cratera ao «imenso fosso de um poderoso bastião erguido para um forte de Titãs».

<sup>232</sup> D'ALBERTIS, 1888: 199.

<sup>233</sup> BULLAR, [1841] 2001: 176. Em BENJAMIN, 1878: 44, pode ser lida a média de setenta pés de altura, «exceto num lugar, onde foi feita uma brecha». ZBYSZEWSKI, 1964: 4 escreve que as paredes se conservam apenas a oeste e a sul. No resto, foram as bordas destruídas pelas «quebradas».

<sup>234</sup> Ibidem.

<sup>235</sup> HERIOT 1807: 11-12.

pequeno formou-se nova cratera, com pouco mais de doze pés de largo, a qual parece de formação mais recente do que a outra.»<sup>236</sup>

Este pequeno pico, ou como consta em Drouët (1858) – «pain de sucre»<sup>237</sup> –, designado de pelos açorianos de Piquinho, é comparado por Weeks (1882) com uma chaminé alta,<sup>238</sup> e apresentando trezentos pés de altura.<sup>239</sup> Na descrição de Benjamin (1878), «it is composed of loose blocks of lava, which are easily detached, and roll bounding to the bottom, threatening the footing or the head of the climber».<sup>240</sup>

A sua cratera, deprimida,<sup>241</sup> de «pouco mais de doze pés de largo»<sup>242</sup> e de formação mais recente do que a principal,<sup>243</sup> apresenta uma forma afunilada formada, no seu centro, por grandes falésias traquíticas empilhadas – resultado de antigas erupções – e grandes fissuras nas suas rochas superiores.<sup>244</sup> Destas fissuras, são emanados vapores quentes:<sup>245</sup> gás carbónico ácido, ácido sulfuroso, encontrando-se ainda «(...) un copioso deposito di zolfo.»<sup>246</sup>

### 3.3. OS RECURSOS HÍDRICOS

No século XIX, os recursos hídricos da ilha do Pico foram mencionados pelos viajantes que visitam e/ou escrevem sobre a ilha. A ilha do Pico é caracterizada pela escassez de água doce que apresenta, principalmente na região litoral, devido ao seu solo poroso e fendido, que tão bem a caracteriza. De acordo com as descrições dos viajantes, a água da chuva infiltra-se no solo, formando nascentes pouco abundante em certos pontos, normalmente abaixo do nível do mar.

A água disponível ao uso dos habitantes na ilha do Pico é descrita como maioritariamente salobra. Para a captação da água doce, é descrito o recurso às cisternas naturais pelos habitantes, assim como aos poços de maré. São ainda elaboradas várias descrições detalhadas do transporte de

---

<sup>236</sup> BULLAR, [1841] 2001: 176.

<sup>237</sup> DROUËT, 1858: 12. Tradução livre da autora: «pão de açúcar». O nome «pão de açúcar» tem origem na forma cónica de cerâmica em que era produzido o açúcar na Época Moderna em Portugal, mais comumente, no arquipélago da Madeira. SOUSA, 2011, vol.I: 429.

<sup>238</sup> WEEKS, 1882: 69.

<sup>239</sup> BENJAMIN, 1878: 44. Em WEEKS, 1882: 69, lê-se 300 metros da margem da primeira cratera até ao topo do piquinho.

<sup>240</sup> BENJAMIN, 1878: 45. Tradução livre da autora: «é composto de blocos de lava soltos, que são facilmente removíveis e rolam até à base, ameaçando a estabilidade ou a cabeça do alpinista».

<sup>241</sup> Ibidem.

<sup>242</sup> BULLAR, [1841] 2001: 176. Em BENJAMIN, 1878: 45, lê-se «talvez vinte e cinco pés de diâmetro». Em D'ALBERTIS, 1888: 206, lê-se «talvez com 15 metros de diâmetro a 10 metros de profundidade máxima».

<sup>243</sup> Ibidem.

<sup>244</sup> D'ALBERTIS, 1888: 206. D'Albertis afirma ter descido à cratera do Piquinho.

<sup>245</sup> BENJAMIN, 1878: 44, WEEKS, 1882: 66. Weeks afirma ter aquecido as suas mãos nestes vapores: WEEKS, 1882: 70.

<sup>246</sup> D'ALBERTIS, 1888: 206. Tradução livre da autora: «(...) um abundante depósito de enxofre.» Joseph Bullar, por sua vez, afirma não ter sentido cheiro de enxofre BULLAR, [1841] 2001: 176.

água realizado pelas mulheres, que a carregavam em potes à cabeça, assim como do seu uso na lavagem da roupa, outro trabalho destinado ao sexo feminino (ver Figura 7).

A relação de dependência da água pela população açoriana é estudada por Rui de Sousa Martins. Segundo o autor:

«As águas pluviais, de regime acentuadamente sazonal, eram a principal fonte de água doce, tendo sido recolhidas directamente e armazenadas em construções especializadas, abertas ou cobertas, assim como em grandes recipientes de madeira e cerâmica. As construções abertas recolhiam água destinada sobretudo ao consumo de animais e, mais raramente, à produção agrária e industrial.»<sup>247</sup>

Na ilha do Pico, como explica Mónica Goulart, «perante a escassez de água nesta ilha, os Picarotos adoptaram uma solução que lhes permitia aceder a água para uso geral, água essa que sendo na sua generalidade salobra, era o melhor que se podia ter durante os séculos de povoamento até ao século passado – essa solução foi a construção de poços de maré nas zonas costeiras da ilha.»<sup>248</sup>

Passemos à análise dos testemunhos dos viajantes do século XIX. No que respeita a antropologia da água na ilha do Pico, temos, pelo menos, os testemunhos do inglês Briant Barrett (2017), do capitão Edward Boid (1834), dos irmãos Bullar (2001), dos naturalistas Arthur Morelet (1860) e Ferdinand Fouqué (1873), da historiadora Alice Baker (1882), e do italiano Alberto D’Albertis (1888). Os autores mencionam, comumente, a carência de água na ilha do Pico.

Alice Baker menciona a inexistência de cascatas, córregos ou lagos na ilha, aludindo, no entanto, à sua existência no passado. A aldeia Criação Velha, no concelho da Madalena, é caracterizada pela autora como sendo totalmente desprovida de água.<sup>249</sup> D’Albertis comenta a razão da carência de água potável no litoral da ilha – a natureza do seu solo. Nas palavras do autor, a água da chuva «(...) s’infiltra nel terreno poroso e accidentato e non forma sorgive un po’ abbondanti, che sotto il livello del mare».<sup>250</sup>

O viajante Briant Barrett, no seu diário de viagem, faz referência a uma ribeira na ilha do Pico<sup>251</sup> – a da baía, ou porto de Santa Cruz,<sup>252</sup> mencionando ainda «(...) uma avenida com uma óptima nascente de água, na qual as mulheres lavam as roupas.»<sup>253</sup> Segundo D’Albertis, em várias localidades da ilha do Pico, a roupa era lavada «(...) a bassa marea e laddove scaturisce acqua dolce.»<sup>254</sup>

---

<sup>247</sup> MARTINS, s.d: 2.

<sup>248</sup> Poços de Maré da Ilha do Pico, Mónica Goulart. Consultado a 04/03/2022, em [siaram.azores.gov.pt](http://siaram.azores.gov.pt)

<sup>249</sup> BAKER, 1882: 84.

<sup>250</sup> D’ALBERTIS, 1888: 196. Tradução livre da autora: «(...) infiltra-se no solo poroso e acidentado e não forma nascentes um tanto ou quanto abundantes senão abaixo do nível do mar.»

<sup>251</sup> BARRETT, 2017: 227.

<sup>252</sup> Ribeira situada no Povoado de Santa Cruz das Ribeiras, freguesia das Ribeiras, Concelho das Lajes do Pico.

<sup>253</sup> BARRETT, 2017: 221.

<sup>254</sup> D’ALBERTIS, 1888: 196. Tradução livre da autora: «(...) na maré baixa e onde brota água doce.»

Barrett (2017) menciona a existência de reservatórios de água potável no interior da ilha do Pico, acumulada em cisternas naturais. Destes, o autor refere a Lagoa do Caiado, situada no cimo da serra, atribuindo-lhe aproximadamente uma milha de circunferência.<sup>255</sup> D’Albertis (1888) também comenta as cisternas naturais existentes na parte central da ilha, sugerindo formas de aproveitamento da sua água pela comunidade. Nas palavras do autor:

«Rare sono le cisterne e la maggior parte della popolazione deve contentarsi di un’acqua salamastra attinta entro pozzi scavati a poca distanza dal mare; però com qualche lieve lavoro idraulico si potrebbe incanalare l’acqua della parte centrale dell’isola, che è la piú ricca, radunarla nei molti servatoi, o cisterne naturali che sono in quella regione, e farla giungere infine nel centri abitati.»<sup>256</sup>

No planalto central da ilha, a este da montanha do Pico, Fouqué (1873) menciona a existência de pequenos lagos.<sup>257</sup> Segundo o autor, os habitantes do Pico fazem furos na areia da praia, que se enchem de água do mar, e assim lavam as suas roupas; para consumo, na maior parte das aldeias, é consumida água muito salobra, extraída de poços perto do mar<sup>258</sup> – os Poços de Maré.<sup>259</sup>

No que respeita aos reservatórios de água na ilha do Pico, Arthur Morelet (1860) comenta:

«Ces réservoirs, qui ne tarissent jamais, donnent naissance à de nombreux ruisseaux, qui produisent à leur tour de petites rivières, ou alimentent des lacs emprisonnés dans l’enceinte des cratères. Certaines îles, néanmoins, telles que Saint-Georges et Pico, couvertes em grande partie de laves scorifiées, conservent peu d’humidité à leur surface; les eaux, absorbées par le sol, suivent une direction souterraine, et ne reparaissent qu’à la limite inférieure des terres, où elles se confondent avec l’Océan.»<sup>260</sup>

Apesar da comprovada carência de água nesta ilha, existem algumas referências da existência de neve na montanha do Pico. A neve, segundo Barrett (2017), quando derretida pelo sol, forma estalactites.<sup>261</sup> São mencionadas também, pelos Bullar (2001), torrentes que arrastam cinzas e escórias com a sua força, depositando-se em pequenos charcos ou lagoas quando chegam à base do cone da montanha, desaparecendo no seu solo através do processo de infiltração.<sup>262</sup>

<sup>255</sup> BARRETT, 2017: 228. A Lagoa do Caiado é a maior da ilha do Pico, com 5,49ha de área. Consultado a 09/11/2020, em [parquesnaturais.azores.gov.pt](http://parquesnaturais.azores.gov.pt)

<sup>256</sup> D’ALBERTIS, 1888: 196. Tradução livre da autora: «as cisternas são raras e a maior parte da população tem que se contentar com água salobra retirada de poços escavados a pouca distância do mar; no entanto, com alguns ligeiros trabalhos hidráulicos, a água da parte central da ilha, que é a mais rica, poderia ser canalizada, recolhida nos muitos reservatórios ou cisternas naturais que existem naquela região, fazendo-a finalmente alcançar os centros habitados.»

<sup>257</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 18.

<sup>258</sup> Ibidem.

<sup>259</sup> Os Poços de Maré são parte integrante da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, com 1.924ha de área, classificada em 2004 pela UNESCO como Património da Humanidade. Poços de Maré, consultado a 26/02/2022, em [siaram.azores.gov.pt](http://siaram.azores.gov.pt), Paisagem Vinha da Ilha do Pico, consultado a 26/02/2022, em [unescoportugal.mne.gov.pt](http://unescoportugal.mne.gov.pt)

<sup>260</sup> MORELET, 1860: 27. Tradução livre da autora: «esses reservatórios, que nunca secam, dão origem a numerosos riachos que, por sua vez, produzem pequenos rios ou alimentam os lagos presos nas paredes da cratera. Algumas ilhas, no entanto, como São Jorge e Pico, cobertas em grande parte com lava escoriada, retêm pouca humidade na sua superfície; as águas, absorvidas pelo solo, seguem uma direção subterrânea e reaparecem apenas no limite inferior da terra, onde se fundem com o oceano.»

<sup>261</sup> BARRETT, 2017: 233.

<sup>262</sup> BULLAR, [1841] 2001: 180.

Segundo o capitão inglês Edward Boid (1834), «the snow lies on the mountain nearly eight months in the year; and as it gradually melts, furnishes supplies of water to the surrounding territories, giving increased fertility to the lava soil, and more rapidly decomposing that which is not already cultivable.»<sup>263</sup> O autor menciona ainda, no lado este da montanha, a cerca de 3.000 pés do nível do mar, «(...) a transparent lake nearly four miles in circumference (...) and (...) a spring of boiling water perfectly pure and I believe unmingled with mineral ingredients.»

### 3.4. A FLORA

Segundo Arruda, após a passagem de Darwin pela ilha Terceira em 1836, as ilhas açorianas começavam a ter peso no mundo científico. Porém, o estudo dos seres vivos continuaria negligenciado durante dois anos, até à chegada dos naturalistas Christian Ferdinand Friedrich Hochstetter (1787-1860) e Heinrich Joseph Guthnick (1800-1880), botânicos, acompanhados pelo filho de Hochstetter – o farmacêutico Karl Christian Friedrich Hochstetter (1818-1880) –, e pelo médico e mineralogista Johann Rudolph Gygax (1809-1859). Esses cientistas visitaram todas as ilhas açorianas, exceto a de São Jorge.<sup>264</sup>

No que respeita à ilha do Pico, esta foi explorada pelos Hochstetter – pai e filho – e por Gygax, pois Guthnick havia seguido viagem para a Madeira.<sup>265</sup> Os resultados científicos desta expedição viriam a ser publicados em 1843 pelo botânico Moritz August Seubert (1846-1878) que, embora não tendo visitado os Açores, colaborara com Hochstetter pai e outros cientistas na elaboração da obra que viria a ser prestigiada pelos seus sucessores – a *Flora Azorica*.<sup>266</sup>

Em 1842, o botânico inglês Hewett Watson visitou as ilhas do Pico, Faial, Flores e Corvo. No ano seguinte, publicou diferentes notas botânicas sobre as ilhas dos Açores no *The London Journal of Botany*. Da notas de Watson, uma enfatiza a ilha do Pico, onde é descrita a subida à montanha realizada por si, assim como a paisagem botânica que aí pôde observar.

Posteriormente, no ano de 1858, foram publicados os estudos da exploração das ilhas açorianas por Arthur Morelet, Henri Drouët e outros cientistas que os acompanharam. Em 1866, viria a ser publicado o catálogo da flora açoriana, o resultado da expedição realizada pelos naturalistas em 1857.

Em 1865, o zoólogo inglês Frederick Godman e o coletor de plantas James Brewer visitaram os Açores. Cinco anos mais tarde, Godman publicou, com o contributo de Hewett Watson para o

---

<sup>263</sup> BOID, 1834: 309.

<sup>264</sup> ARRUDA, 2014: 103-106.

<sup>265</sup> ARRUDA, 2014: 102, 103, 106.

<sup>266</sup> ARRUDA, 2014: 107.

estudo da flora e de William Mitten para o estudo dos musgos do arquipélago, a obra *Natural History of the Azores*. O estudo dos musgos viriam a ser estudados pelo briologista francês Jules Cardot, e publicados em 1897.

De grande importância para o estudo da flora açoriana é ainda o contributo do botânico americano William Trelease. Em 1897, o naturalista americano publicou um estudo sobre a flora açoriana através das coleções realizadas por si, por C. Samler Brown, e pelos residentes açorianos Bruno Carreiro e Carlos Machado. Segundo Arruda (2014), este estudo é uma das monografias mais completas sobre a flora açoriana.<sup>267</sup>

Moritz Seubert (1843) descreve a condição da flora açoriana e ressalta a influência dos elementos que traçam suas características. Para o autor:

«(...) estas ilhas são notavelmente apropriadas à produção d'uma vegetação ubérrima, não so por causa do clima mais benigno e igual, mas também em virtude do seu solo vulcânico, que absorvendo avidamente os raios solares, se torna feracíssimo, com tanto que seja suficientemente desagregado pela acção das chuvas, e ainda por não carecerem da humidade atmosférica. Todavia uma certa variedade especial de vegetais e a fertilidade são em alguns logares prejudicadas, quando as lavas e outras rochas vulcânicas, produzidas por erupções mais recentes, só tardiamente se tornam férteis pela acção dos agentes atmosféricos, e ainda, (...) quando os ventos fortíssimos e outras causas locais obstam o seu desenvolvimento.»<sup>268</sup>

Morelet (1860) refere não haver dados suficientes para garantir certezas sobre a flora primitiva açoriana, apontando a fixação humana e a condição migratória do Homem como causa. O autor crê que: «la végétation indigène, comme sur toutes les terres anciennement cultivées, a fini par se confondre d'une manière tellement intime avec celle qui est le produit de l'immigration, qu'on parvient très difficilement à les distinguer l'une de l'autre.»<sup>269</sup>

Para Drouët (1861):

«(...) la flore de l'archipel açoréen ne revêt pas les formes tropicales que l'on retrouve à Madère et aux Canaries. Son ensemble est plus humble, ses proportions plus réduites, et sa physionomie, empreinte d'une grace et d'une harmonie particulières, concorde parfaitement avec la douceur et l'humidité du climat. Tout ses attributs la rapprochent et lui donnent une place à coté de la flore de l'Europe méridionale, tout en conservant un caractere qui lui est propre et que l'on cherchera vainement ailleurs.»<sup>270</sup>

Para Seubert (1843): «(...) a grande analogia e intima afinidade que se manifesta entre a flora deste arquipélago e a da Europa meridional, mais se deve atribuir à similhaça do clima, do

---

<sup>267</sup> ARRUDA, 2014: 219.

<sup>268</sup> SEUBERT, 1843: 332, 333.

<sup>269</sup> MORELET, 1860: 30. Tradução livre da autora: «a vegetação indígena, como em todas as terras outrora cultivadas, acabou por se confundir de uma maneira tão íntima com aquela que é produto da imigração, que se nos torna muito difícil distingui-las uma da outra.»

<sup>270</sup> DROUËT, 1861: 55. Tradução livre da autora: «(...) a flora do arquipélago açoriano não assume as formas tropicais que encontramos na Madeira e nas Canárias. O seu conjunto é mais humilde, suas proporções mais reduzidas, e a sua fisionomia, impressa de uma graça e harmonia particulares, combina perfeitamente com a doçura e humidade do clima. Todos os seus atributos a aproximam e doam-lhe um lugar ao lado da flora da Europa meridional, mantendo um carácter próprio e que procuraríamos em vão noutro lugar.»

que à imigração.»<sup>271</sup> Watson acrescenta que esta flora é apenas um segmento de uma mais abrangente da terra europeia mais próxima – a península espanhola.<sup>272</sup>

Para Trelease (1987), a flora açoriana é decepcionante no que respeita à sua ecologia:

«(...) the flora of the Azores is particularly disappointing, primarily because of the small number of truly endemic species, and secondarily because, notwithstanding their remoteness from the continents, the islands have for so long a time been stopping points for vessels plying between America and Europe that the probability of the introduction of plant-visiting insects capable of pollinating little-specialized flowers is almost as great as that of the plants themselves.»<sup>273</sup>

No que respeita ao estudo das espécies da flora açoriana, segundo Frederick Godman (1870), a listagem de plantas de Hewett Watson conta 478 espécies de plantas para o arquipélago, a grande maioria comuns à Europa, Madeira e Canárias, e apenas 40 espécies peculiares ao arquipélago açoriano.<sup>274</sup>

O resultado do trabalho de Watson, publicado por Godman em 1870, foi o conjunto das coleções botânicas de Hochstetter, da Flora Azorica de Seubert, sua, de Hunt, Godman, e de Drouët e seus colegas da exploração de 1859. Da coleção de Hochstetter, estudada por Seubert, Watson enumera 289 espécies botânicas; suas, conta 338 espécies, adicionando 103 à coleção; de Hunt, enumera 375 espécies, adicionando 67; de Drouët, Morelet e Hartung, conta 332 espécies, adicionando 13; por último, de Godman, conta pelo menos 256 espécies, adicionando 6 novas espécies à coleção.<sup>275</sup>

Trelease (1897) crê que a flora endémica do arquipélago sofreu de uma redução gradual devido, em parte, à prática da agricultura: «in some of the islands, even the high-lying pasture lands are being restocked with forage plants from the European and American continents, in the belief that they are more valuable than those native to the islands; but, as a rule, such changes as are taking place above the zone of cultivation are fought out on the lines of the survival of the fittest.»<sup>276</sup>

---

<sup>271</sup> SEUBERT, 1843: 334.

<sup>272</sup> GODMAN, 1870: 269.

<sup>273</sup> TRELEASE, 1897: 88. Tradução livre da autora: «(...) a flora dos Açores é particularmente decepcionante, principalmente por causa do pequeno número de espécies verdadeiramente endémicas e, secundariamente, porque, não obstante o seu afastamento dos continentes, são, há muito, pontos de paragem para navios que operam entre a América e a Europa que a probabilidade da introdução de insetos visitantes florais capazes de polinizar flores pouco especializadas é quase tão grande como o das próprias plantas.»

<sup>274</sup> GODMAN, 1870: 332.

<sup>275</sup> GODMAN, 1870: 262, 263. Desta contagem, Godman (1870) refere não terem sido consideradas algumas das plantas de Drouët e companhia, tendo admitido outras com muita desconfiança. Os resultados são acompanhados de uma nota explicativa de que, dos cientistas mencionados, apenas Hunt era residente no arquipélago. De igual importância, o autor ressalta ainda que as ilhas de São Jorge, Graciosa e Pico haviam sido pouco examinadas, exceto pela subida à montanha do Pico, desde o usual ponto de atracagem na ilha.

<sup>276</sup> TRELEASE, 1897: 83. Tradução livre da autora: «em algumas das ilhas, até as pastagens altas estão a ser reabastecidas com plantas forrageiras provenientes dos continentes europeu e americano, sob a crença de serem mais valiosas do que as nativas das ilhas; mas, em regra, tais mudanças, como as que ocorrem acima da zona de cultivo, são combatidas nos limites da sobrevivência do mais apto.»

De acordo com Trelease (1897):

«(...) trees and shrubs, which are much needed for the firewood that they furnish, have been seen planted to such an extent in all available nooks and corners, whence they spread to a greater or less extent, (...) with few exceptions, it is almost impossible, on encountering a Woody plant in the agricultural zone, to say whether it is spontaneous or introduced.»<sup>277</sup>

Godman (1870), na sua classificação de espécies, distribui as espécies açorianas pelos diferentes grupos, indicando 390 para o grupo oriental, 376 para o central e 241 para o ocidental.<sup>278</sup> No que respeita à ilha do Pico, são feitas pelos naturalistas referências, gerais ou específicas, de espécies habitantes na ilha: na encosta do Pico, a *Habenaria micrantha*, recolhida por Hochstetter, identificada por Morelet (1860); o *Rubus*, único da ilha do Pico; em zonas marítimas, como indica o nome, Morelet (1860) identifica o *Myosotis maritima*.<sup>279</sup>

Um ano após a publicação de Morelet (1860), Drouët (1861) refere, na ilha do Pico, a existência da *Taxus baccata*, onde, por entre ela se propaga a *Pinus pinea*; habitantes da região das montanhas, ravinas e caldeiras, não somente no Pico mas também no Faial e nas Flores, Drouët elogia o porte e a folhagem da *Euphorbia melifera*, refere a *Urtica azorica* e, identificada unicamente no Pico, a *Urtica Lowei*.<sup>280</sup>

Na linha das costas do Pico, a *Solidago azorica* é identificada; quando na costa arenosa, referida por Morelet (1860), a *Myosotis maritima*; nas escarpas húmidas e sombrias, entre os 1000 e os 1500 metros, habita a *Euphrasia grandiflora*; nos cumes das montanhas, inclusive no pico do Pico, acima dos 2300 metros, habitam a *Erica azorica* e a *Calluna vulgaris*; *Ranunculus cortusaeifolius* é avistado nas zonas húmidas e sombrias da região silvestre; por último, especial às ilhas do Pico e das Flores, Drouët (1861) salienta o *Rubus Hochstterorum*.<sup>281</sup>

Seubert (1843) caracteriza a distribuição vertical da flora dos Açores, baseando-se na subida à montanha do Pico realizada pelos Hochstetter, em cujo diário e coleção de plantas baseia a sua obra. O autor divide a montanha do Pico em cinco regiões, considerando esta divisão como possível de ser aplicada em todas as ilhas, à exceção da última região – a quinta – reservada apenas à ilha do Pico, por ser a única ilha a atingir a elevada altitude da sua montanha.<sup>282</sup>

Para Seubert (1843), a primeira região – região da base ou cultivada – compreende uma altitude entre os 0 e os 1500 pés. Esta região abrange as bases dos montes e outeiros, onde a cultura

---

<sup>277</sup> TRELEASE, 1897: 82, 83. Tradução livre da autora: «(...) árvores e arbustos, tão necessários para a lenha que fornecem, foram plantados em grande escala em todos os cantos e recantos disponíveis, de onde se espalharam com maior ou menor extensão (...) com poucas exceções, é quase impossível, ao encontrar uma planta lenhosa na zona agrícola, discernir se é espontânea ou introduzida.»

<sup>278</sup> GODMAN, 1870: 265.

<sup>279</sup> MORELET, 1860: 37.

<sup>280</sup> DROUËT, 1861: 49-54.

<sup>281</sup> Ibidem.

<sup>282</sup> SEUBERT, 1843: 335.

das plantas comestíveis substitui a flora espontânea. Nas rochas do litoral, crescem as endémicas *Fetusca petrea*, *Solidago azorica* e *Cerastium azoricum*, entre outras, provando que, «(...) nos tempos primitivos as mátas desceram quasi até o mar (...)».<sup>283</sup>

Para Seubert (1843), a segunda região – região montanhosa inferior ou das matas –, compreende uma altitude entre os 1500 e os 2500 pés. Nesta região, habitam os arbustos: «(...) principalmente a *Erica azorica*, transformam-se em verdadeiras arvores, ás quaes se associam com troncos altísimos: a *Persea azorica* e a *Myrica Faya*, bem como a *Picconia excelsa*, esta, porem aparece muito mais raramente do que as outras e somente junto ao limite superior da região.»<sup>284</sup>

Seubert (1843) refere ainda o *Rhamnus latifolia* e *Similaz tetragona* «(...) trepando pelos troncos do arvoredo das matas».<sup>285</sup> Nos sítios sombrios das matas, os fetos, «(...) constituindo a 14ª parte das plantas vasculares da flora açoreana (...)»<sup>286</sup> – *Osmunda regalis*, *Pteris aquilina*, *Nephtodium Foenisecci*, *Allantodiae*, *Pteris arguta*.<sup>287</sup>

Nos confins com a região anterior, de acordo com Seubert (1843), as extremidades das matas «(...) são ornadas com lindas flores de *Rubus Hochstetterorum*, que é substituída entre as vinhas e nas sebes das regiões inferiores pelo *Rubus fruticosus*».<sup>288</sup>

A terceira região – região montanhosa superior – compreende a altitude dos 2500 aos 4500 pés. Segundo Seubert (1843), os cedros dos habitantes – *juniperus* – «(...) enchem as fendas das rochas e os pequenos vales sombrios»;<sup>289</sup> nesta região observam-se a *Myrsine retusa* Ait, a *Myrica Faya* Ait., a *Diksonia Culcita*, e o *Acrostichum squamosum*, assim como a *Tolpis nobilis*, a *Microderis filli* e a *Sanicula azorica*, «(...) plantas endémicas raríssimas (...)».<sup>290</sup>

«Na parte mais sombria dos pequenos bosques: a *Sibthorpia europaea*, o *Trichomanes speciosum*, e o *Hymenophyllum tubbridgense* (...) a *Fragaria Vesca* e a *Potentilla Tormentilla* (...) enquanto que nos logares humidos e junto às margens dos regatos se encontram as espécies de *Carex*, próprias d'estas ilhas e em grande parte espécies novas». Nas encostas mais suavas verificam-se *Anthoxanti*, *Bellis Azorica*, *Euphrasia grandiflora* e *Lysmachia namorum*.<sup>291</sup>

No que respeita à quarta região – região das plantas arbustivas –, compreendida entre os 4500 e os 5200 pés de altitude, e 5-700 pés de largura, esta é caracterizada por Seubert (1843) como contendo: «arbustos sempre verdes, exceptuando as *Juniperus Oxycedrus* var. *Brevifolia*, *Ilex*

---

<sup>283</sup> SEUBERT, 1843: 337.

<sup>284</sup> Ibidem.

<sup>285</sup> Ibidem.

<sup>286</sup> SEUBERT, 1843: 337.

<sup>287</sup> Ibidem.

<sup>288</sup> Ibidem.

<sup>289</sup> SEUBERT, 1843: 336.

<sup>290</sup> Ibidem.

<sup>291</sup> SEUBERT, 1843: 336, 337.

*Perado*, e *Erica azorica* e se veem elegantísimos cachos de *Vaccinium* (*Uva da Serra* dos habitantes) e aqui e ali a *Daphne lucida* Lois. que na verdade é (...) uma simples forma de *D. Laureola* (...).<sup>292</sup>

Para Seubert (1843), a quinta região – região do cume –, compreendida entre os 5200 e os 7000 pés de altitude, é descrita como: «(...) já de si mínima e na sua maior parte constituída por lavas duríssimas, cria nas fendas destas algumas plantinhas, entre as quaes a *Erica azorica* e a *Daboecia polifolia* e forma anã, e bem assim a *Polygala vulgaris* com flores de belíssima côr azul não pouco alem de 6000 pés, porem o *Thymus vero caespititus*, algumas especies de *Agrostis* e em ultimo logar a *Calluna vulgaris* atingem a base do próprio cone eruptivo (...).<sup>293</sup>

Morelet (1860) discorda da divisão da flora açoriana em cinco regiões distintas, alegando que «la douceur et l'égalité du climat impriment à la végétation un caractère d'uniformité que la pauvreté de la Flore rend encore plus sensible». <sup>294</sup> O autor propõe a sua divisão em apenas três regiões: a região inferior ou marítima, até aos 500 metros de altura; a região intermédia ou dos bosques, até aos 1500 metros; e a última, a região superior, até aos 2320 metros.<sup>295</sup>

Segundo Morelet (1860), na primeira região, nos jardins, verificam-se as plantas tropicais como a banana, as anonáceas, a *psidium* e a *passiflora*, não se encontrando plantas aborígenas de fisionomia africana, como na Madeira ou Canárias; a segunda é intercalada com madeira e testemunha a maioria das plantas lenhosas ou herbáceas características do arquipélago; a terceira e última região, com «(...) végétation arborescente moins vigoureuse (...).<sup>296</sup> existe apenas na ilha do Pico, devido à sua elevada altitude.<sup>297</sup>

Esta terceira e última região definida por Morelet (1860), compreendida entre os 1500 e os 2320 metros de altura, é caracterizada pela sua escassez de vegetação, devido à natureza do seu solo, que se encontra revestido por duras e escamosas lavas, o que se traduz numa inclinação desfavorável à manutenção da humidade e numa inconstante permanência de vapores.<sup>298</sup>

Na base do cone da montanha do Pico, na última região proposta por Morelet (1860), verifica-se a existência da *Erica azorica*. No meio das encostas a *daboecia polyfolia* cessa, verificando-se apenas a presença da *Calluna vulgaris* nos limites superiores. A *daphne lauréola* e a

---

<sup>292</sup> SEUBERT, 1843: 336.

<sup>293</sup> Ibidem.

<sup>294</sup> MORELET, 1860: 33. Tradução livre da autora: «a suavidade e igualdade do clima conferem à vegetação um carácter de uniformidade que a pobreza da Flora torna ainda mais sensível».

<sup>295</sup> MORELET, 1860: 33, 34.

<sup>296</sup> MORELET, 1860: 34. Tradução livre da autora: «(...) vegetação arborescente menos vigorosa (...).».

<sup>297</sup> MORELET, 1860: 33, 34.

<sup>298</sup> MORELET, 1860: 34.

*Polygola vulgaris* são tidas como as únicas espécies que não representam um crescimento diminuto nesta região botânica.<sup>299</sup>

Drouët (1861) analisa ambos Seubert (1843) e Morelet (1860). O autor discorda da delimitação da flora açoriana em regiões botânicas proposta pelos colegas, propondo o meio termo – quatro regiões botânicas. Drouët (1861) fundamenta a sua opinião no facto de a montanha do Pico constituir uma exceção hipsométrica nos Açores, cuja elevação delimitou a última região caracterizada pelos seus colegas – 2320 metros.<sup>300</sup>

Para Drouët (1861), há maior sentido em estabelecer as divisões da flora baseadas nas alturas dos picos secundários, por serem mais comuns, rondando assim altitudes de 1000 a 1200 metros. O autor propõe, portanto, a divisão das regiões botânicas em quatro: a região inferior ou marítima, até aos 500 metros de altitude; a região silvestre, até aos 1000 metros; a região das urzes, até aos 1500 metros; e a região dos picos ou das pastagens, até aos 2320 metros de altitude.<sup>301</sup>

A primeira região inclui as culturas, a beira-mar, os vales, a base das montanhas, e os jardins e planaltos, onde se encontram os frutos da zona subtropical. Relativamente às plantas arbóreas, verificam-se, pelo menos, a *Solidago azorica*, a *Cerastium azoricum*, a *Fetusca petrea* e a *Androsoemum Webbianumi*;<sup>302</sup> a segunda região inclui as plantas características do arquipélago – lenhosas ou herbáceas, bosques de zimbro, louros, *myricas*, *Erica azorica*, assim como a maioria dos fetos; na terceira região encontram-se os arbustos – *Erica azorica*, *Calluna vulgaris*, *Vaccinium*, *Myrsine retusa*, *Daboecia polyfolia*, entre outros;<sup>303</sup> por último, na região dos cumes ou pastagens, habitam as gramíneas, a *Erica azorica*, a *Calluna vulgaris*, a *Daboecia polyfolia*, e duas espécies encontradas quase exclusivamente na ilha do Pico – a *Daphne lauréola* e a *Polygala vulgaris*.<sup>304</sup>

A ilha do Pico não foi completamente explorada por Watson durante o Verão de 1842, aquando da sua visita ao arquipélago açoriano, porém, o autor obteve duas ocasiões diversas para estudar a ilha, enquanto o «*Styx*» esteve atracado na Horta, Faial: na primeira ocasião, Watson aproveitou a oportunidade para escalar a montanha do Pico; a segunda ocasião foi reservada à subida de um dos pequenos cones vulcânicos na base da grande montanha.<sup>305</sup> Em ambas as suas visitas à ilha do Pico, Watson recolhe e descreve diversos exemplares botânicos, estabelecendo comparações com as demais ilhas por si visitadas; o autor alerta o leitor sobre a possível contestação, por outros botânicos, dos nomes que atribuiu às diferentes espécies botânicas.<sup>306</sup>

---

<sup>299</sup> Ibidem.

<sup>300</sup> DROUËT, 1861: 56, 57.

<sup>301</sup> Ibidem.

<sup>302</sup> DROUËT, 1861: 57.

<sup>303</sup> DROUËT, 1861: 57, 58.

<sup>304</sup> DROUËT, 1861: 58.

<sup>305</sup> WATSON, 1843: 394, 406, 407.

<sup>306</sup> WATSON, 1843: 394-408.

Sobre a sua primeira visita de exploração à montanha do Pico, Watson (1843) afirma que a espécie *Hyoscyamis Canarensis* foi encontrada unicamente lá, e em nenhuma das outras ilhas por si estudadas; na zona das vinhas, o autor menciona a abundância das ervas daninhas – *Briza maxima*, *Polycarpon tetraphyllum*, *galactites tomentosa*, *Gnaphalium luteo-album*, *Gastridium lendigerum*, e *Bromus madritensis*. As espécies *Erodium malachoides* e *Heliotropium Erupeaeum* são descritas como exclusivas à parte baixa da região das vinhas.<sup>307</sup>

À medida que Watson sobe a montanha do Pico, repara que as árvores de fruto dão lugar aos arbustos indígenas devido à fisionomia rochosa do solo, que constitui impedimento às culturas. Watson (1843) identifica as espécies *Laurus*, *Myrica Faya*, *Myrica retusa*, *Erica scoparia* e *Juniperus*; onde ainda encontra macieiras, descobre, por entre elas, a espécie *Similax divaricata*; à beira da estrada, o autor recolhe *Salanum pseudo-capiscum*, *Tillaea muscosa* e *Trifolium suffocatum*; à altitude em que desaparece a *Solanum pseudo-capiscum*, começa a avistar a *Calluna vulgaris* e a *Alquilegia vulgaris*, esta última descrita como exemplar único, de todas as ilhas por si visitadas.<sup>308</sup>

Durante a subida, Watson (1843) descreve a estrada como sendo cada vez mais mais húmida, menos rochosa, identificando a *Tormentilla officinalis*, a *Fragaria vesca*, a *Prunella vulgaris* e a *Luzula elegans* de Guthnick, esta última destacada pelos seus dotes ornamentais; «*on the shaded banks, when the road became a sort of gully*», o autor recolhe: a *Bellis azorica* (da coleção de Guthnick), a *Lysmachia azorica* (Hornemann), a *Erythraea difusa* (Woods) e a *Lycopodium suberectum* (Lowe); a *Vaccinium Maderense* (identificada como a *V. Cyllindraceum* de Smith) é observada à beira da estrada, e outras tais, como a *Daphne Laureola* e a *Hypericum foliosium* (Aiton, identificada como *H. grandifolium*, Chois).<sup>309</sup>

Continuando a sua subida, Watson (1843) descreve a paisagem circundante: «(...) the narrow belt of natural wood, which was formed by the evergreen shrubs interspersed with ferns again became broken into clumps»;<sup>310</sup> o autor descreve espaços cobertos por pastos com poças de água estagnada, onde vivem as espécies *Scirpus fluitans*, *Scirpus Savvi*, *Carex Stellulata*, *Callitriche verne*, *Poplis partula* e *Potamogeton natans*; a *Bellis azorica*, *Erythraea difusa*, *Carex azorica* e *Carex sgittifera* abundam entre a erva curta; *Fragaria Vesca* e *Tormentilla officinalis* (passando a *T. rapatans*) são extremamente abundantes.<sup>311</sup>

<sup>307</sup> WATSON, 1843: 396, 397.

<sup>308</sup> WATSON, 1843: 398.

<sup>309</sup> WATSON, 1843: 399.

<sup>310</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «(...) o estreito cinto de madeira natural, formado pelos arbustos de folha perene intercalados com fetos, tornou-se, novamente, separado em moitas».

<sup>311</sup> Ibidem.

Segundo Watson (1843), a região nublada, correspondente à parte mais alta das colinas e Caldeira da ilha do Faial, constitui habitat das plantas albinas e das pantanosas; Watson identifica a *Erica scoparia* como único arbusto nesta região, servindo de abrigo à *Hymenophyllum tunibrigense* e à *Acrostichum squamosum*; os fetos encontram-se ausentes nesta região, à exceção da *Aspidium foenesecci*, avistada ainda em abundância; ao prosseguir com a sua subida, o autor observa a extinção da *Erica scoparia*, o arbusto mais comum dos Açores, dando lugar na paisagem a uma pequena pastagem, constituída, essencialmente, por gramínias, Carices, *Tormentilla reptans* e *Pteris aquilina*.<sup>312</sup>

A cerca dos 4000 a 5000 pés de altitude, com a atmosfera menos nublada, Watson (1843) identifica arbustos anões de *Erica scoparia*, assim como exemplares de *Daphne laureola*, *Aspidium foenesecci* e alguns de *Lycopodium Selago*.<sup>313</sup> Acima das nuvens, reaparecem vários arbustos. Ao atravessar uma parte mais seca e pedregosa da montanha, o autor identifica, novamente: *Erica*, *Juniperus*, *Myrsine*, *Vaccinium*, *Calluna vulgaris* e *Menziesia polifolia* (variedade anã do gabinete de Loddiges).

Ao despistar todos os arbustos à exceção da *Calluna vulgaris*, à medida que escala a montanha, Watson identifica o *Thymus caespititus*. Com o aumento da altitude, a vegetação parece desaparecer, notando-se apenas a *Polygala vulgaris* e a *Agrostis* (possivelmente *A. Vulgaris*): a primeira, avistada uma única vez, por si, nos Açores; a segunda, colhida no cume do Pico.<sup>314</sup>

No topo da montanha do Pico, na grande cratera, Watson (1843) observa a cessação da presença da *Calluna vulgaris*, sobrevivendo apenas o *Thymus caespititus*, espécie resistente até à elevada altitude do cume do pequeno cone da montanha – o Piquinho.<sup>315</sup>

Aquando da descida da montanha, Watson encontrava-se exausto e sem reservas de água, quer armazenada como na natureza. Não podendo concentrar-se nas observações botânicas, o autor viu-se obrigado a limitar as suas notas de campo. Não obstante a sua condição de desidratação extrema, o autor conseguiu descrever algumas das espécies previamente observadas na sua subida, completando a descrição botânica do pequeno cone da montanha com a menção da *Agrotis*, musgos poucos e líquenes.<sup>316</sup>

Durante a sua segunda visita de exploração, ao escalar um dos pequenos cones situados na base na grande montanha, Watson recolheu as espécies *Corema alba* e *Bartsia trixago*, identificadas, de todas as ilhas açorianas por si estudadas, num único lugar daquele cone. De acordo com o autor, na mesma condição encontram-se a *Triticum ciliatum* e a *Myosotis marítima*, embora

<sup>312</sup> WATSON, 1843: 400.

<sup>313</sup> Ibidem.

<sup>314</sup> WATSON, 1843: 401.

<sup>315</sup> WATSON, 1843: 403.

<sup>316</sup> WATSON, 1843: 404, 405.

já identificadas em outros lugares por Guthnick, na mesma parte da costa da ilha; *Rhus Coriaria* é avistada e categorizada por Watson (1843) como indígena.<sup>317</sup>

### 3.5. A FAUNA

Segundo Drouët (1858), o primeiro impacto da fauna açoriana no viajante que chega ao arquipélago dos Açores dá-se pelo pouco desenvolvimento da vida animal. O autor aponta razões para esta realidade: a formação recente do terreno e dos fenómenos vulcânicos nele ocorridos; a falta de florestas e grandes bosques; e o isolamento e falta de comunicação com o continente.<sup>318</sup>

Ainda sobre o reduzido desenvolvimento da fauna animal no arquipélago açoriano, de acordo com Drouët (1861), numa primeira abordagem, os zoólogos poderão crer na existência de uma fauna especial, porém, ao aprofundarem o seu estudo, descobrirão a vida animal pouco desenvolvida ou variada, ainda no estado de instalação ou de organização.<sup>319</sup>

Drouët (1858) caracteriza a fauna açoriana como sendo, na sua maioria, originária da Europa Temperada e afirma ter sido introduzida pelos colonos;<sup>320</sup> Em Drouët (1861), o autor afirma que o albinismo é frequente nos mamíferos, aves, peixes, moluscos, equinogermes e ouriços-do-mar.<sup>321</sup>

Segundo Drouët (1861): «(...) la force vitale, partout mais inégalement répandue sur le globe, semble douée, aux Açores, d'une energie relativement restreinte, ce que doit être, en partie, attribué à la grande humidité du climat, jointe au peu d'élévation de la température.»<sup>322</sup>

No que respeita à fauna terrestre, a existência de mamíferos, répteis e peixes é dada por Drouët (1861) como pobre, enquanto que as aves são identificadas pelo autor como sendo mais numerosas e variadas, devido à sua facilidade de locomoção e, conseqüentemente, de propagação.<sup>323</sup> Morelet (1860) destaca, com surpresa, a ausência do homem no arquipélago aquando do momento da sua descoberta, assim como de qualquer outra espécie de animal vertebrado.<sup>324</sup>

Em 1887, o zoólogo Jules Guerne visita as ilhas de São Miguel e do Faial a bordo da *Hirondelle*, aquando da terceira campanha científica do Príncipe Alberto I do Mónaco. Nos seus estudos sobre a fauna de água doce dos Açores, o autor afirma que, até à data, esta era considerada

<sup>317</sup> WATSON, 1843: 407.

<sup>318</sup> DROUËT, 1858a: 15.

<sup>319</sup> DROUËT, 1861: 63.

<sup>320</sup> DROUËT, 1858a: 15.

<sup>321</sup> DROUËT, 1861: 63.

<sup>322</sup> DROUËT, 1861: 95. Tradução livre da autora: «(...) a força vital, por toda a parte mas desigualmente distribuída pelo globo, parece dotada, nos Açores, de uma energia relativamente limitada, que deve ser, em parte, atribuída à grande humidade do clima, assim como ao pequeno aumento da temperatura.»

<sup>323</sup> Ibidem.

<sup>324</sup> MORELET, 1860: 42, 43. O autor contradiz a afirmação sobre a ausência de animais vertebrados aquando da descoberta do arquipélago açoriano, excetuando uma espécie pouco digna de qualquer observação. Morelet, 1860: 42, 43.

como nula ou quase nula. No entanto, de acordo com Guerne (1887), esta fauna exhibe, pelo contrário, um grande número de espécies e um carácter continental e europeu,<sup>325</sup> devendo a sua origem quase inteiramente ao transporte, realizado, principalmente, pelas aves.<sup>326</sup>

No que respeita aos mamíferos, são vários os autores que destacam a ausência total desta subclasse de animais que sejam indígenas ao arquipélago. Já os mamíferos selvagens, introduzidos quer de forma voluntária ou acidental, encontram-se, segundo os naturalistas, confinados a sete ou oito espécies.<sup>327</sup>

Relativamente às espécies marinhas de mamíferos, de entre estas destacam-se: o cachalote – *Catodon macrocephalus* –, extremamente comum no mar açoriano; espécies de *Physeter* e *Delphinus*,<sup>328</sup> *Balenopectera*; e também a toninha – *Phocoena communis* – abundante no arquipélago.<sup>329</sup> Quanto aos mamíferos terrestres, destacam-se: o coelho, tido como o mais antigo dos roedores nos Açores; o furão, introduzido propositadamente para controlar a multiplicação do primeiro; diversos tipos de ratos indesejados,<sup>330</sup> a doninha<sup>331</sup>; o único mamífero aéreo – o morcego *Vespertilio Leisleri* – é tido como existente desde a descoberta do arquipélago, provavelmente introduzido advindo da Flandres.<sup>332</sup>

No que respeita aos répteis, nenhum é único ao arquipélago e a sua ausência é objeto de surpresa e referimento pelos viajantes. Nesta categoria, temos: a tartaruga verde – *Chelonia Midas* –, de dimensão média, alimento dos nativos e comum à Madeira, Canárias e Bermudas, e o lagarto – *Lacerta Gugessi* –, encontrado na Graciosa por Drouët e descoberto na Madeira. O único anfíbio encontrado no arquipélago – a *Rana esculenta* – foi importada de Lisboa não antes de 1831 e multiplica-se nos lagos micaelenses.<sup>333</sup>

A classe dos peixes é considerada mais rica e variada, embora pouco conhecida.<sup>334</sup> Os peixes marinhos variam muito em espécies, das quais mais de 50 são comestíveis e fazem parte da dieta açoriana.<sup>335</sup> Os peixes de água doce, por sua vez, são muito raros, podendo-se encontrar nos lagos o peixe-dourado da China – *Cyprinidae* – e nas ribeiras e águas salobras à beira mar, uma enguia –

---

<sup>325</sup> GUERNE, 1887b: 1, 3, 4.

<sup>326</sup> GUERNE, 1887a: 4, 5.

<sup>327</sup> MORELET, 1860: 43, DROUËT, 1858a: 15, GODMAN, 1870: 329.

<sup>328</sup> DROUËT, 1858a: 18, DROUËT, 1858b: 14.

<sup>329</sup> DROUËT, 1858b: 14.

<sup>330</sup> MORELET, 1860: 43, 44.

<sup>331</sup> DROUËT, 1858a: 15.

<sup>332</sup> MORELET, 1860: 44.

<sup>333</sup> DROUËT, 1858a: 17-19, MORELET, 1860: 53, 54, DROUËT, 1861: 72, GODMAN, 1870: 330.

<sup>334</sup> DROUËT, 1861: 73.

<sup>335</sup> DROUËT, 1858a: 18, 19.

*Angilla canariensis* –, considerada o único vertebrado pertencente à criação do arquipélago.<sup>336</sup> Godman (1870) contabiliza três espécies de peixes de introdução recente no arquipélago.<sup>337</sup>

Quanto aos crustáceos dos Açores, segundo Drouët (1861), apenas um pequeno número é digno de interesse, na sua maioria existentes no sul e oeste europeu.<sup>338</sup> Drouët (1858) acrescenta que se encontram várias espécies marinhas grandes e comestíveis no arquipélago açoriano.<sup>339</sup>

Relativamente aos pólipos e corais, estes são tidos por Drouët (1858) como sendo bastante difundidos, principalmente nas ilhas do Pico, Faial e São Miguel. Para o autor, «rien de plus élégant que le *gorgonia verrucosa* et plusieurs autres espèces coralligènes qui étendent leurs rameaux tantôt flexibles, tantôt rigides, comme des palmes délicates ou comme des fleurs pétrifiées.»<sup>340</sup>

Segundo Drouët (1858), nos Açores encontram-se diversos *Echinoidea*, alguns acusados de amedrontar os banhistas pela natureza aguçada das suas pontas – *Echinus brevispinosus e lividus*; cnidários coloridos, principalmente medusas amareladas e *Beroe*; encontram-se ainda estrelas do mar – *Asterias glacialis e loevigata* –, responsáveis pelo terror que a aparência das suas formas causam nos habitantes dos Açores.<sup>341</sup>

No que respeita às espécies de insetos no arquipélago açoriano, em 1861 haviam sido contabilizadas por Drouët cerca de 60 espécies de coleópteros.<sup>342</sup> Nove anos mais tarde, este número foi aumentado por Godman (1870) para 212 espécies: 175 consideradas europeias e 36 não europeias. Das últimas, 14 espécies foram observadas no arquipélago dos Açores.<sup>343</sup> A classe de insetos, de carácter europeu, embora mais numerosa nos Açores do que outras classes de animais, encontra-se, segundo Drouët (1861), muito aquém da fauna entomológica dos arquipélagos da Madeira e das Canárias.<sup>344</sup>

Quanto à presença de aracnídeos nos Açores, estes são referidos por Drouët (1861) como numerosos e variados mas pobremente documentados, dando especial atenção aos efeitos dolorosos nos humanos do humor tóxico libertados pelas aranhas e *scolopendras*, quando vítimas da sua picada.<sup>345</sup>

---

<sup>336</sup> DROUËT, 1858a: 18, MORELET, 1860: 60.

<sup>337</sup> GODMAN, 1870: 331.

<sup>338</sup> DROUËT, 1861: 92.

<sup>339</sup> DROUËT, 1858a: 20.

<sup>340</sup> DROUËT, 1858b: 16. Tradução livre da autora: «nada mais elegante do que a *gorgonia verrucosa* e várias outras espécies coralígenas que estendem os seus ramos, ora flexíveis ora rígidos, como delicadas palmeiras ou como flores petrificadas.»

<sup>341</sup> Ibidem.

<sup>342</sup> DROUËT, 1859: 11, DROUËT, 1859: 87, 88. Os coleópteros dos Açores são a ordem de insetos melhor estudada pelos viajantes.

<sup>343</sup> GODMAN, 1870: 331.

<sup>344</sup> DROUËT, 1861: 91.

<sup>345</sup> DROUËT, 1861: 91. Na publicação de 1858, Drouët escreveu ser duvidosa a existência de aracnídeos venenosos. DROUËT, 1858a: 20.

Relativamente à fauna malacológica açoriana, esta foi caracterizada por Morelet (1860) como sendo desprovida de originalidade, mas considerada de grande interesse pelo seu colega e parceiro de expedição Drouët.<sup>346</sup> Segundo Morelet (1860), esta fauna aproxima-se à do continente europeu e distingue-se da dos arquipélagos vizinhos.<sup>347</sup> Drouët (1858) descreve que estes animais, de pequena dimensão e coloração pouco viva, habitam apenas sob as pedras e nas folhas mortas, não sendo avistados sobre árvores, plantas herbáceas ou contra paredes e rochas.<sup>348</sup>

Encontram-se registadas em Drouët (1858) 60 espécies de gastrópodes<sup>349</sup> e ausência total de moluscos fluviais no arquipélago.<sup>350</sup> Os moluscos terrestres foram contabilizados posteriormente como constituindo 69 espécies, número inferior à Madeira e às Canárias, com 32 espécies peculiares ao arquipélago.<sup>351</sup> Os moluscos marinhos, contabilizados em 75 espécies, levam Drouët ao levantamento de questões sobre a pobreza da fauna malacológica marinha: «j'ai quelquefois parcouru plusieurs lieues de côte et des plages d'une certaine étendue sans voir une seule coquille, soit vivante, sur les rochers, soit morte, sur le sable, apportée par les flots.»<sup>352</sup>

No que respeita ao estudo das aves no arquipélago açoriano, são estimadas pelos naturalistas a existência de 30 a 53 espécies.<sup>353</sup> Segundo Godman (1870), das 53 espécies indicadas, 15 são consideradas «*accidental stragglers*»,<sup>354</sup> aves sem residência fixa no arquipélago; 18 a 20 espécies são aves terrestres; as restantes são caracterizadas como «*oceanic wanderers*»<sup>355</sup> ou frequentadores da beira mar e margens das ribeiras.<sup>356</sup>

As aves mais comuns no arquipélago açoriano são o *Buteo vulgaris*,<sup>357</sup> o *Fringilla serinus*, conhecido pelos habitantes como *Canario*, o *Turdus merula*, o *Motacilla boarula*, o *Perdix rubra*, o *Sterna hirundo* e o *Larus argentatus*; as aves consideradas mais interessantes, são o *Pyrrhula coccínea*, o *Fringilla canariensis*, o *Colomba trocax* e *turricola*, e o *Thalassidroma Bulweri*.<sup>358</sup>

---

<sup>346</sup> DROUËT, 1861: 77.

<sup>347</sup> MORELET, 1860: 65.

<sup>348</sup> DROUËT, 1858a:19.

<sup>349</sup> Ibidem.

<sup>350</sup> DROUËT, 1858a: 19, MORELET, 1860: 62.

<sup>351</sup> MORELET, 1860: 63, DROUËT, 1861: 85, 96, GODMAN, 1870: 332.

<sup>352</sup> DROUËT, 1858b: 9, 10, 11. Tradução livre da autora: «percorri, algumas vezes, várias léguas de costa e de praias de alguma extensão sem ver uma única concha, seja viva, nas rochas, seja morta, na areia, trazida pelas ondas.»

<sup>353</sup> De 30 a 40 espécies em 1858, 35 a 40 em 1861, por Drouët, e 53 por Godman, em 1870.

DROUËT, 1858a: 16, DROUËT, 1861: 71, GODMAN, 1870: 329.

<sup>354</sup> GODMAN, 1870: 329. Tradução livre da autora: «retardatários acidentais».

<sup>355</sup> Ibidem. Tradução livre da autora: «viajantes oceânicos».

<sup>356</sup> Ibidem.

<sup>357</sup> Drouët refere-se ao milhafre presente no arquipélago açoriano, mencionado a confusão entre a identificação deste pássaro e a do Açor. Permanece-lhe a dúvida se o búteo dos Açores será, efetivamente, esta espécie. DROUËT, 1858a: 16, 17.

<sup>358</sup> Drouët considera os «*Thalassidromes*» como aves raras, apelidadas de alma-de-mestre pelos açorianos. DROUËT, 1858a: 16, 17; DROUËT, 1861: 68, 71.

Quanto ao reconhecido pássaro endémico açoriano, o Priolo – *Pyrrhula murina* –, este passarinho é designado por Morelet (1860) de *Pyrrhula coccínea*:

«La présence aux Açores d'un bouvreuil, qui n'y niche pas à la vérité, mais y séjourne une partie de l'année, est un fait intéressant au point de vue de la géographie zoologique, aucune espèce du genre n'ayant été observée dans les deux archipels voisins. Ce passereau se montre principalement dans le nord-est de San-Miguel où il cause un véritable dommage aux récoltes. Il appartient à une race plus grosse que celle du pyrrhula vulgaris, dont on l'a distingué par le nom de coccínea.»<sup>359</sup>

No que respeita à fauna da ilha do Pico, a fauna terrestre é caracterizada pelos moluscos gastrópodes presentes nos catálogos de Morelet (1860) e Drouët (1861), e pelos insetos descritos em Drouët (1859), Drouët (1861) e Godman (1870). Dos moluscos gastrópodes, 10 espécies habitam na ilha do Pico; dos insetos, apenas 3 espécies.<sup>360</sup>

Relativamente aos moluscos gastrópodes descritos em Morelet (1860) e Drouët (1861), são descritas 2 espécies *Helix*, presentes em ambos os catálogos, 3 espécies de *Auricula*, descritas detalhadamente por ambos os autores, 2 espécies de *Pupa*, 1 presente em ambos os autores e a outra restrita ao catálogo de Morelet; a *Bulimus Forbesianus*, descritos por ambos os naturalistas; a *Pepides afer*, em Drouët; e a *Arion rufus* em Morelet.

A *Helix lenticula*, muito rara no arquipélago, pode ser encontrada na ilha do Pico e em São Miguel, debaixo de pedras e cerca de muros, e em Santa Maria, em altitude, habitando folhas afiadas de agave;<sup>361</sup> a *Helix paupercula*, descrita como marrom acinzentada na parte superior e acinzentada na inferior, de concha estriada e opaca, é referida como sendo muito comum debaixo das pedras, em jardins e lugares secos nas ilhas do Pico e do Faial, assim como nos poros das lavas do Forte de São Brás, na ilha de São Miguel.<sup>362</sup>

A *Auricula vulcani*, de um fulvo pálido próximo do cinza, vive no litoral açoriano da ilha do Pico, onde abunda, cerca da localidade do Fanal, em Angra do Heroísmo – ilha Terceira – e também nas Canárias, entre as águas doces e as marinhas.<sup>363</sup> Considerada em 2005 endemismo açórico,<sup>364</sup> segundo Morelet (1860), esta espécie vive em circunstâncias curiosas e dignas de atenção:

---

<sup>359</sup> MORELET, 1860: 53. Tradução livre da autora: «A presença nos Açores de um *pyrrhula*, que ali não nidifica, mas passa lá parte do ano, é um facto interessante do ponto de vista da geografia zoológica. Nenhuma espécie do género terá sido avistada nos dois arquipélagos vizinhos. Este passeriforme é visível principalmente no nordeste de São Miguel, onde causa verdadeiros danos às colheitas. Ele pertence a uma raça maior que a do *pyrrhula vulgaris*, distinguida pelo nome de *coccínea*.»

<sup>360</sup> Tanto em relação aos moluscos gastrópodes como aos insetos, neste trabalho foram contabilizadas as espécies que referem à ilha do Pico, ou que se destacam por possuírem particularidades que lhes fornecem certo carácter de especificidade em relação à ilha. Foram deixadas, portanto, em exclusão – adotando o critério da inutilidade da generalização – as espécies gerais a todas as ilhas do arquipélago açoriano que não identificadas como habitantes na ilha do Pico, mas sujeitas a frases gerais de categorização, e.g., ‘comum em todas as ilhas’.

<sup>361</sup> MORELET, 1860: 169, DROUËT, 1861: 156.

<sup>362</sup> MORELET, 1860: 175, DROUËT, 1861: 157.

<sup>363</sup> MORELET, 1860: 208, 209, DROUËT, 1861: 167, 168.

<sup>364</sup> MARTINS *et al.*, 2005: 53.

«L'île de Pico est extrêmement sèche et conserve peu d'eau à la surface pendant l'été; les vapeurs qui enveloppent le piton volcanique d'où elle tire son nom, produisent néanmoins des sources abondantes, mais qui vont sourdre au bord de la mer, sur les dernières limites du rivage, où leur existence ne se révèle qu'à la marée basse. Elles remplissent alors de petits bassins formés par les rochers, que la mer envahit et abandonne à des intervalles réguliers. C'est au bord de ces réservoirs que se plaisent les Auricules; on les voit, lorsque le flot s'est retiré, ramper sur les laves humides ou cachées à demi dans leurs cavités, vivant entre l'eau douce et l'eau salée qui les baignent alternativement. En dehors de ce rayon restreint, elles disparaissent pour faire place aux Buccins et aux Littorines. On peut vérifier ce fait près de Barcas, au nord de Magdalena, où les sources sont abondantes et noyées par le flux de l'Océan. Toutefois, la présence de l'eau douce n'entraîne pas toujours celle des Auricules, car à Santa-Anna, dans le même parage et les mêmes conditions, ces Gastéropodes sont remplacés par des mollusques du genre *Pedipes*.»<sup>365</sup>

A *Auricula bicolor*, concha listrada e muito brilhante, bicolor, como indica o seu nome. Apresenta um tom fulvo em parte da sua concha, contrastando com um castanho avioletado, às vezes muito intenso. Habita a ilha do Pico, com a *Auricula vulcani*.<sup>366</sup> A *Auricula vespertina* é dada como espécie rara, encontrada cerca da Area Larga. Habita a costa oeste da ilha do Pico, por entre as pedras da praia; possui concha oval-fusiforme fina, de tom fulvo e de topo agudo avioletado.<sup>367</sup>

Quanto às *Pupa*, a *Pupa rugulosa*, de concha opaca, áspera e nervurada, de um marrom avermelhado e com uma base amarela brilhante, vive no Pico, onde Drouët encontrou um único indivíduo da espécie.<sup>368</sup> É considerada a primeira espécie endêmica de moluscos terrestres adstrita à ilha do Pico;<sup>369</sup> a *Pupa microspora* foi recolhida por Morelet no mês de julho, na ilha do Pico, em folhas de *Persea Azorica*, onde, segundo o autor, viu abrigo contra a seca.<sup>370</sup>

A *Bulimus forbesianus* é descrita vestindo um cinza pálido e um tom amarelado nas costas, habitando debaixo de pedras e cerca de muros e sendo pouco abundante nas ilhas que constituem o seu habitat: Pico, Graciosa, Faial e Terceira.<sup>371</sup> É considerada uma espécie endêmica limitada ao grupo central de ilhas açorianas.<sup>372</sup> Habita o litoral sul e oeste da ilha do Pico, na cavidade das

---

<sup>365</sup> MORELET, 1860: 208, 209. Tradução livre da autora: «A ilha do Pico é extremamente seca e retém pouca água à superfície durante o verão; os vapores que envolvem o pico vulcânico que lhe dá o nome produzem, no entanto, abundantes fontes mas que vão brotar à beira-mar, nos últimos limites da costa, onde a sua existência só se revela com a maré baixa. Então, elas enchem pequenas bacias formadas pelas rochas, que o mar invade e abandona em intervalos regulares. É no bordo desses reservatórios que as aurículas se divertem; são vistas, aquando da maré baixa, rastejar sobre as lavas húmidas ou meio escondidas nas suas cavidades, vivendo entre a água doce e a salgada que as banha alternadamente. Fora desse raio restrito, elas desaparecem para dar lugar aos Búzios e às *Littorina*. Pode-se verificar esse fato perto das Barcas, no norte da Madalena, onde as nascentes são abundantes e inundadas pelo fluxo do oceano. Porém, nem sempre a presença de água doce leva à presença de aurículas, pois em Santa Ana, na mesma região e nas mesmas condições, esses Gastrópodes são substituídos por moluscos do género *Pepides*.»

<sup>366</sup> MORELET, 1860: 209, 210, DROUËT, 1861: 168, 169.

<sup>367</sup> A espécie também pode ser encontrada na Madeira.  
MORELET, 1860: 210-212, DROUËT, 1861: 169.

<sup>368</sup> MORELET, 1860: 199, 200, DROUËT, 1861: 167.

<sup>369</sup> MARTINS *et al.*, 2005: 53.

<sup>370</sup> Segundo Morelet, esse molusco também pode ser encontrado nas caldeiras de São Miguel e do Faial. MORELET, 1860: 197, 198.

<sup>371</sup> MORELET, 1860: 192-194.

<sup>372</sup> MARTINS *et al.*, 2005: 53.

rochas, com as *Auricula* e a *Pepides afer*. Possui casca imperfurada, ovóide, cinza amarelada, com estrias opacas, e é dada como muito abundante.<sup>373</sup> É mencionada ainda a existência da *Arion rufus* na ilha do Pico, espécie referida como existente em todas as outras ilhas açorianas.<sup>374</sup>

No que respeita aos insetos coleópteros descritos em Drouët (1859) e Godman (1870), são apenas 3 as espécies que referem, especificamente, à ilha do Pico. Destas, duas são referidas por Drouët e uma é partilhada por Drouët e Godman – *Sitona linatus*.

Segundo os autores, a espécie *Sitona linatus*, dada como pouco abundante, faz das plantas baixas do Pico e Faial o seu habitat, podendo também ser encontrada em São Miguel, na Terceira, Madeira, Canárias e Europa;<sup>375</sup> *Calathus mollis* habita debaixo das pedras à beira-mar, nas ilhas do Pico e São Miguel;<sup>376</sup> *Otiorhynchus sulcatus*, pouco frequente no Pico e na Terceira, habita, como a espécie anterior, na parte inferior das pedras.<sup>377</sup>

Quanto à fauna aquática da ilha do Pico, como referido anteriormente, restringimo-nos à fauna marinha.<sup>378</sup> Segundo os catálogos de Drouët, a fauna aquática picoense é composta por 37 animais: 31 moluscos, 2 crustáceos, 1 equinoderme, 3 pólipos e 1 espongiário.

Dos moluscos, os animais da fauna picoense e açoriana melhor estudados, 31 espécies habitam a ilha do Pico, de entre estes, 2 cefalópodes e 25 gasterópodes<sup>379</sup>. Em 1887, 148 espécies de moluscos foram recolhidas pela campanha da *Hirondelle*, comandada pelo Príncipe Alberto do Mónaco, nas ilhas do Faial e Pico, resultando em 24 espécies novas para não só para o arquipélago mas para a Ciência.<sup>380</sup>

Dos moluscos cefalópodes, são descritas por Drouët: a *Argonauta Argo*, também conhecida por *Nautile paruracé*, habitando cerca do Pico e do Faial de forma intermitente e considerada pelo autor um dos animais marinhos mais bonitos;<sup>381</sup> e a *Sepia officinalis*, cujo habitat reside nas costas das ilhas do Pico e de São Miguel.<sup>382</sup>

---

<sup>373</sup> DROUËT, 1861: 169, 170.

<sup>374</sup> MORELET: 1860: 137.

<sup>375</sup> DROUËT, 1861: 195, 196, GODMAN, 1870: 81.

<sup>376</sup> DROUËT, 1859: 16.

<sup>377</sup> DROUËT, 1859: 18.

<sup>378</sup> Tal como na fauna terrestre, descrita previamente neste trabalho, mencionaremos apenas os animais da fauna aquática referidos de forma direta pelos naturalistas como habitantes da ilha do Pico, ou cujas descrições revelem dados considerados relevantes a este estudo. Foram deixados de parte, portanto, todos os outros animais que, embora presentes na ilha do Pico, foram mencionados de forma generalizada pelos naturalistas como pertencentes a todas as ilhas açorianas e não mencionavam a ilha do Pico de forma específica.

<sup>379</sup> Dos moluscos gastrópodes da fauna picoense, Drouët menciona ainda 3 espécies de *Murex*, cuja identificação dá como incerta, razão pela qual foram excluídos da contagem deste trabalho: *Murex ericaneus*, *Murex distinctus* e o *Murex varius*. DROUËT, 1858b: 33, 34.

<sup>380</sup> PACHECO, 1899: 13, 14.

<sup>381</sup> DROUËT, 1858b: 21.

<sup>382</sup> DROUËT, 1858b: 23.

No que respeita aos moluscos gastrópodes, são referidas como habitantes da ilha do Pico, por Drouët, 4 espécies do género *Patella*, espécies vulgarmente apelidadas de Lapas, todas elas comestíveis no arquipélago dos Açores. Essas espécies habitam as rochas da costa da ilha do Pico, como a *Patella spectabilis*, espécie rara, outras habitam também as costas de Santa Maria, como é o caso da *Patella lowei*.<sup>383</sup>

A *Patella Gomesii* habita as rochas à superfície da água do mar, na ilha do Pico e na baía de São Lourenço, na ilha de Santa Maria. É uma espécie rara, descrita como bastante grande, áspera e com nervuras plissadas, colorida com um cinza avermelhado e com um interior avermelhado ou acastanhado revestido de um madrepérola azulado que lhe dá brilho.<sup>384</sup>

A *Patella Baudonni* é também descrita por Drouët como de grande dimensão, muito alta e áspera, plissada e nervurada, assim como espessa e sólida. Com uma epiderme acinzentada ou esverdeada, um madrepérola esbranquiçado e uma mancha branca perto do topo, é dada como muito abundante, habitando o Pico e Santa Maria, nas mesmas condições da *Gomesii*. Encontra-se, muitas vezes, revestida com *cracas*, *sérpulas*, *vermetídeos* e vários *fucus*.<sup>385</sup>

Quanto às espécies de *Littorina*, são mencionadas 2 por Drouët: a primeira – *Littorina coerulescens* –, pouco abundante, habita as rochas do Pico e de Santa Maria, mais frequentemente fora da água; a segunda – *Littorina striata* –, muito abundante, é designada de *caramujo* pelos açorianos e vive nas rochas submersas do Pico e de Santa Maria.<sup>386</sup>

Das espécies de *Janthina*, Drouët descreve 2 espécies – a *Janthina communis* e a *Janthina exígua* –, moluscos flutuantes que navegam com a concha virada para cima. A *Janthina communis*, de concha elegante violeta e branca, é abundante nas costas da ilha do Pico. Quando incomodada, espalha uma espécie de baba abundante, incolor e consistente. Segundo Drouët, os habitantes do Pico designam-na como *agoa viva* [SIC] e afirmam agarrarem-se às pernas dos banhistas.<sup>387</sup>

Quanto à *Janthina exígua*, possui uma concha muito pequena, é rara e habita as ilhas do Pico e do Faial. Segundo o autor, são utilizadas, juntamente com o Sargaço que habitam e fragmentos de pólipos, pelas moças do Faial na criação artística de notáveis conjuntos, destacáveis pela combinação das cores e delicadeza dos materiais.<sup>388</sup>

---

<sup>383</sup> DROUËT, 1858b: 39-41.

<sup>384</sup> DROUËT, 1858b: 39.

<sup>385</sup> DROUËT, 1858b: 41.

<sup>386</sup> DROUËT, 1858b: 26.

<sup>387</sup> DROUËT, 1858b: 27.

<sup>388</sup> DROUËT, 1858b: 11, 12, 27, 28.

As espécies *Murex nux* e *Murex imcricatus* habitam ambas na ilha do Pico. A segunda, capturada viva pela primeira vez por Drouët, de concha acinzentada muito plissada e com grandes nervuras longitudinais, é tida como muito rara.<sup>389</sup>

Quanto às duas espécies de *tritonium* encontradas nos catálogos de Drouët – a *Tritonium nodiferum* e a *Tritonium serobiculator* –, ambas habitam a ilha do Pico: a primeira, segundo o autor, habita as costas da ilha entre a *Area-Larga* e a *Magdalena*, e também a baía de *Rosto-de-Cão*, na ilha de São Miguel.<sup>390</sup>

De acordo com Drouët, duas espécies de *Cypraea* também habitam as costas da ilha do Pico: a *Cypraea pulex*, espécie habitante da costa oeste do Pico, vivendo também na ilha de São Miguel; e a *Cypraea Lurida*, para além das costas do Pico, é habitante das do Faial e de Santa Maria. Espécie comum, de um tom cinza-rato, zonas transversais pálidas, e com duas manchas negras nas extremidades. A sua concha é utilizada pelas mulheres do Pico, como porta-chaves em forma de anel, que o furam passam um fio, de forma a poder suspender os seus molhos de chaves.<sup>391</sup>

Segundo Drouët, as espécies *Hallotis Coccinea* e *Hallotis tuberculata* habitam as costas das ilhas do Pico e Faial: a primeira é abundante na ilha de São Miguel; a segunda, muito abundante no Pico e no Faial, encontrando-se em rochas submersas. Animal de cor negra, apelidado pelos açorianos de *lapa burra*.<sup>392</sup> Quando irritado, liberta um humor leitoso.<sup>393</sup>

Nas descrições de Drouët, são mencionadas: a espécie *Bulla striata*, habitante das margens das ilhas do Pico e do Faial,<sup>394</sup> a *Pepides afra*, habitante da cavidade das rochas da costa ocidental do Pico, tendo a capacidade e se manter fora de água por algum tempo;<sup>395</sup> uma espécie de *Cerithium zebrum*, descrito como enrolado e descolorado, recolhido na Madalena do Pico e também na areia de Rosto de Cão, em São Miguel;<sup>396</sup> *Nassa ascanias*, apesar de ser muito difundida por todo o arquipélago açoriano, habita especialmente as costas do Pico e de São Miguel;<sup>397</sup> na costa oeste do Pico, esporadicamente, encontra-se a *Cassis sulcosa*.<sup>398</sup>

Drouët descreve a *Columbella rustica* var. *Azorica* como ligeiramente riscada, de fundo amarelado com manchas marrom-avermelhadas, às vezes flamejantes. Descrita como muito comum por todo o arquipélago e recolhida pelo autor nas costas das ilhas do Pico, Faial, Graciosa, São

---

<sup>389</sup> DROUËT, 1858b: 33, DROUËT, 1861: 175.

<sup>390</sup> DROUËT, 1858b: 34, DROUËT, 1861: 176.

<sup>391</sup> DROUËT, 1858b: 36.

<sup>392</sup> De acordo com Drouët, este animal não é comestível nos Açores. Refere, porém, que D'Orbigny afirma sê-lo nas Canárias e costas da Bretanha. DROUËT, 1858b: 37.

<sup>393</sup> DROUËT, 1858b: 37, 38.

<sup>394</sup> DROUËT, 1858b: 24.

<sup>395</sup> DROUËT, 1858b: 25.

<sup>396</sup> DROUËT, 1858b: 30.

<sup>397</sup> DROUËT, 1858b: 32.

<sup>398</sup> DROUËT, 1858b: 33, DROUËT, 1861: 175.

Miguel e Flores. Nesta última ilha, o autor afirma que a sua concha é usada pelas mulheres no artesanato de ornamentos, na sua maioria, colares.<sup>399</sup>

O autor encontra ainda perto da ilha do Pico e de São Miguel uma *Mitra Loricca*, espécie dada como muito abundante e descrita como possuindo pele marrom-oliva, sendo pontiaguda no topo e barriguda no resto do corpo;<sup>400</sup> a *Lottia virginca*, identificada na costa oeste da ilha do Pico, entre *Area Larga* e Madalena<sup>401</sup>; uma espécie não identificada de *Trouchus*, recolhida na areia da ilha do Pico.<sup>402</sup>

No que respeita aos moluscos acéfalos, as 4 espécies descritas por Drouët habitam as ilhas do Pico e de São Miguel: a *Hinnites sinuosus*, de cor avermelhada com manchas violeta e válvulas disformes, habita em pequeno número nestas ilhas;<sup>403</sup> a *Area navicularis* é descrita como sendo muito rara; a *Pinna rudis* é classificada como a maior concha marinha do lugar;<sup>404</sup> a última – *Cardita sinuata* – habita a praia entre a Area-Larga e a Madalena, apesar de ser mais abundante no sul da ilha de São Miguel.<sup>405</sup>

Quanto aos crustáceos, Drouët menciona 2 espécies: a *Caranguejola* – *Cancer pagurus* – pouco abundante, habitante das costas das ilhas do Pico e São Miguel; e a *Lagosta* – *Palinurus vulgaris* –, tida como bastante comum nas costas do Pico e de São Miguel, e também na ilha do Faial.<sup>406</sup>

Segundo Drouët, um único equinoderme – *Echinus brevispinosus* – em português denominado de ouriço-do-mar, habitante de todo o arquipélago açoriano, especialmente nas ilhas do Pico e São Miguel, onde foram notadas, por si, 3 variações principais de coloração: branca, violeta e acastanhada.<sup>407</sup>

Com base em Drouët, dos pólipos, temos a *Sertularia operculata*, habitante das rochas do sul da ilha do Pico, onde o único exemplar recolhido pelo autor mede 1dm, podendo atingir o dobro dessa dimensão.<sup>408</sup> A Renda-do-mar – *Retepora cellulosa* – é comum nas costas do Pico e do Faial, vivendo em madréporas, sérpulas e miléporas, na espécie *Pinna rudis*, e podendo atingir grandes dimensões.<sup>409</sup>

---

<sup>399</sup> DROUËT, 1858b: 34.

<sup>400</sup> DROUËT, 1858b: 35.

<sup>401</sup> DROUËT, 1858b: 43.

<sup>402</sup> DROUËT, 1858b: 29, 30.

<sup>403</sup> DROUËT, 1858b: 43.

<sup>404</sup> DROUËT, 1858b: 45.

<sup>405</sup> DROUËT, 1858b: 46.

<sup>406</sup> DROUËT, 1861: 207, 208.

<sup>407</sup> DROUËT, 1861: 210.

<sup>408</sup> DROUËT, 1861: 211.

<sup>409</sup> DROUËT, 1861: 212.

Ainada segundo Drouët, a *Madrepora abrotanoides*, vulgarmente conhecida como *Coral Branco*, habita nas costas da ilha do Faial habita, assim como nas do Pico. É elogiada pelo autor pela sua tonalidade branca, que afirma a formação de grupos compactos pela espécie.<sup>410</sup> Dos poríferos, embora sem certeza, Drouët menciona a esponja – *Aleyonium bursarium* –, habitante das rochas das costas da ilha do Pico.<sup>411</sup>

Relativamente à fauna aérea da ilha do Pico, descrita por Drouët e Godman,<sup>412</sup> esta compreende, por sua vez, 5 espécies de animais: 2 lepidópteros e 3 aves. Dos lepidópteros, temos a *Macroglossa Stellarum*, tida como comum por Drouët e Godman, habitante do Pico e do Faial; e a *Acherontia Atropos*, descrita por Godman como amplamente distribuída, habitante do Pico, Faial e São Miguel.<sup>413</sup>

No que respeita às aves, é mencionada a espécie *Serinus Canarius*, dada como abundante nos Açores. Segundo Godman, e embora ignorante do motivo, quando entardece, os exemplares desta espécie migram de perto da cidade da Horta, Faial, para a ilha do Pico. Esta espécie, de costas acinzentadas, é referenciada como prejudicial às culturas do arquipélago, principalmente à do linho.<sup>414</sup>

Outra espécie, referida por Godman como *Pomba Troqual*, é, segundo Godman, referida erroneamente por Drouët como *Pomba Trocaz*. Trata-se da *Columba palumbus*, encontrada apenas nos grupos oriental e central do arquipélago açoriano, habitando também a Madeira, a Europa e o norte de África.<sup>415</sup>

Por último, temos a *Galinholo* – *Scolopax rusticola*. Esta espécie habita nos arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e também na Europa. No arquipélago açoriano, é mais comum nas ilhas do Pico, São Jorge e Flores, onde, segundo Godman, são caçadas por alguns habitantes. É descrita como um pássaro comum nas áreas montanhosas e a sua época de reprodução é registada como tendo lugar no início do mês de março.<sup>416</sup>

---

<sup>410</sup> DROUËT, 1861: 213.

<sup>411</sup> DROUËT, 1861: 214.

<sup>412</sup> Não são contabilizadas as espécies comuns a todas as ilhas do arquipélago. Foi dada atenção às espécies que focam, de forma mais ou menos demarcada, a ilha do Pico.

<sup>413</sup> DROUËT, 1861: 204, GODMAN, 1870: 103, 104.

<sup>414</sup> GODMAN, 1870: 29.

<sup>415</sup> Godman afirma, com incerteza, ter recebido de J.P. Dabney duas peles deste animal, recolhidas na ilha do Pico, apresentando um tom mais sombrio do que as espécies britânicas. GODMAN, 1870: 30, 31.

<sup>416</sup> GODMAN, 1870: 34, 35.

## 4. OS HABITANTES E AS SUAS ATIVIDADES

### 4.1. OS HABITANTES

Não há uma descrição consensual dos habitantes da ilha do Pico pelos viajantes que a visitaram, como se poderia esperar pela diversidade cultural e identitária dos muitos visitantes que passaram pelo arquipélago açoriano nos séculos XVIII e XIX. Os habitantes do Pico, de todas as classes sociais, são descritos por alguns dos visitantes como pessoas «*boas por natureza*»,<sup>417</sup> outros ressaltam-lhes o mau carácter, opiniões fruto de más experiências ocorridas com os guias da montanha do Pico, que os acompanharam durante a sua subida.

A descrição dos habitantes do Pico é dirigida quase inteiramente aos camponeses e camponesas da ilha e à beleza das mulheres, havendo também referência aos pescadores, padres e crianças. São descritas as características fisionómicas dos habitantes com algum detalhe, assim como o seu carácter e temperamento, e o seu vestuário tradicional.

O tecido social da ilha no século XIX retrata as condições de pobreza extrema e falta de higiene em que se encontrava a população da ilha do Pico, retrato elaborado através das descrições dos viajantes. Trabalho precário, trabalhos pesados destinados à mulher, baixa nutrição, habitações com a presença de pulgas, assim como a prática de roubo, são características notadas pelos viajantes e fatores determinantes dos graves problemas económicos e sociais com que a ilha se deparava.

#### 4.1.1. TRAÇOS FISIONÓMICOS

O Capitão inglês Edward Boid, no seu diário de viagem publicado em 1834, faz referência à aparência física e ao carácter dos picoenses, aquando da sua visita ao mercado da Horta, com o fim de vender os seus bens. De acordo com Boid (1834): «(...) they have a wild semi-barbarous appearance, with an air of distrust, as if dealing with people to whom they are alien. They are, generally speaking, good fishermen (...)».<sup>418</sup> Para os irmãos Bullar (1841), a fisionomia dos habitantes do Pico, na parte ocidental da ilha, distingue-se do resto dos ilhéus.<sup>419</sup>

O francês Henri Drouët relaciona os traços fisionómicos da população açoriana à colonização portuguesa e flamenga. À data da sua visita, segundo o autor, ainda se podiam notar os traços de origem flamenga e dos povos nórdicos nos habitantes das ilhas de São Jorge, Faial, Pico e

<sup>417</sup> BARRETT, 2017: 226.

<sup>418</sup> BOID, 1834: 306. Tradução: «(...) têm um aspecto selvagem e semibárbaro, e um ar de desconfiança, como se lidassem com gente que lhes é estranha. São, em geral, bons pescadores (...)». BOID, [1835] 1952: 31.

<sup>419</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 336.

Terceira. No entanto, Drouët (1861) verifica que «(...) leurs traits, leur stature, la couleur de leurs cheveux, se retrouvent souvent encore sous un langage, un costume, et des moeurs méridionaux.».<sup>420</sup> A escritora inglesa Charles Roundell escreve sobre a herança dos traços flamengos na população do Pico: «(...) brown hair and soft brown eyes».<sup>421</sup>

Ainda sobre os traços fisionómicos da população do Pico, as mulheres são consideradas pelo autor americano Samuel Benjamin e por Charles Roundell as mais belas dos Açores. Benjamin (1878) descreve-as como: «(...) finely formed, and with features of almost classic beauty (...) their wealth of massive black tresses are done up in a simple beautiful braid, crowned by a straw hat or a scarlet cloth. Blithe and buxom, (...)».<sup>422</sup> Segundo Roundell (1889), «(...) with fine features, straight noses, and a most graceful carriage.».<sup>423</sup>

Bullar (1841) elabora uma descrição detalhada da fisionomia das mulheres da parte oeste da ilha do Pico. Segundo o autor, a fisionomia da população daquela parte da ilha diferia totalmente das fisionomias de todos os outros ilhéus que observou:

«The prevailing expression of the women is mild and amiable: their faces are round, soft, and delicate, with light brown eyes and thick long black eye-lashes – the light eye and black eye-lash adding much to their mild expression. Their hair, which is generally brown, is drawn upwards from the forehead and fastened in a knot behind, so as to accommodate itself to their low-crowned straw hats, beneath which the knot projects. Theirs is quite the beauty of youthfulness, not that of feature which remains when the early bloom is rubbed off; and accordingly those women who have passed their youth are plain, and even ugly.»<sup>424</sup>

Para Thomas Higginson ([1855] 2007), a beleza das picoenses é digna dos pintores. Nas palavras do autor:

«(...) a wealth of beauty is lavished on the girls, at which one gazes astonished. Even the complexions have often bloom & even delicacy, despite their dark hovels, & the eyes, teeth, features & figures are often models for painters. Pausing to rest once, four girls went by us, with baskets on their heads over those contents I draw a veil, & I thought that we might search through all Worcester & not find such figures, they were about sixteen, great as palm

---

<sup>420</sup> DROUËT, 1861: 97, 98. Tradução livre da autora: «(...) as suas feições, estatura, cor dos cabelos, encontram-se frequentemente sob uma linguagem, traje e costumes dos meridionais».

<sup>421</sup> ROUNDELL, 1889: 94. Tradução livre da autora: «(...) cabelo castanho e olhos castanho suave.».

<sup>422</sup> BENJAMIN, 1878: 43. Tradução livre da autora: «(...) delicadas, e com traços quase de beleza clássica (...) a sua abundância de maciças tranças negras é apanhada em cima numa simples e bela trança, coroada por um chapéu de palha ou um pano escarlate. Alegres e bem constituídas (...)».

<sup>423</sup> ROUNDELL, 1889: 93, 94. Tradução livre da autora: «(...) com traços finos, narizes retos e um porte muito gracioso.»

<sup>424</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 336. 337. Tradução: «A expressão predominante entre as mulheres é de meiguice e gentileza; os rostos são redondos, suaves e finos, de olhos castanhos claros e pestanas cerradas e escuras – olhos e pestanas que muito realçam a suavidade da fisionomia. O Cabelo, em geral, castanho, é puxado para trás e preso em nó ou no carrapicho, de modo a acomodar-se ao uso dos chapéus de palha de copa baixa, por sob os quais aquele se projecta. A beleza destas mulheres é a da juventude, mas não a que permanece mesmo quando o viço juvenil tem desaparecido; por consequência, quando os *anos da mocidade se esvaem, tornam-se elas vulgares e até feias.*» BULLAR, [1841] 2001: 163, 164.

trees, full, vigorous, pliant & graceful from head to foot, not a muscle undeveloped, & thus we met them by the dozen, & all just the same, in their pretty dresses with the white parts wonderfully white.»<sup>425</sup>

De acordo com Drouët (1870), «elles ont les cheveux noirs, un peu gros, les yeux également noirs, les dents parfaitement blanches, les traits assez réguliers, bien accusés, le teint brun, la gorge développée, les bras ronds et assez bien faits, la taille élevée et la démarche un peu martiale.»<sup>426</sup> Segundo o autor, «(...) leurs pieds sont d'une ampleur démesurée, ce qui doit être attribué à l'habitude de marcher pieds nus, sur des sentiers de lave et de rochers.»<sup>427</sup>

O hábito de andar descalças das picoenses é explicado pelo inglês Briant Barrett: «(...) fui informado que os pés delas cedem à pedra, não formando um elevado grau de calosidade, embora caminhem descalças tanto quanto os homens.»<sup>428</sup> Segundo o autor, «A sola do pé do homem endurece muito, tornando-se rígida e, não cedendo à áspera lava, fica golpeada ou cortada por esta.»<sup>429</sup>

Lyman Weeks escreve sobre as camponesas da ilha do Pico, descrevendo brevemente as picoenses que observou no mercado da Horta, Faial: «(...) ederly, sunburnt matrons, with white or red handkerchiefs on their heads, and these in turn covered with pretty, round, straw hats.»<sup>430</sup> Para Weeks (1882), as camponesas do Pico possuem grande charme. O autor mede este charme pela capacidade que estas possuem em provocar inveja a uma mulher de elevada classe social, tendo em conta os privilégios das últimas:

«(...) a mild expression beams from faces round, soft and delicate, and they have the full liquid 'ox-eyes' of Homer's goddesses, fringed with thick long black lashes. Their heavy masses of brown hair are combed back plain-from their forehead into simple classical knots behind, and covered with kerchiefs and low-crowned straw hats.»<sup>431</sup>

---

<sup>425</sup> HIGGINSON, [1855] 2007: 469. Tradução: «(...) a Natureza foi pródiga com a beleza das raparigas, que é de ficar a olhá-las, completamente surpreendido. Até a compleição tem frequentemente um ar fresco e delicado, apesar das casas pequenas e escuras onde vivem e os olhos, dentes, feições e figura são frequentemente modelos para pintores. Ao parar para descansar uma vez, passaram por nós quatro raparigas com cestas na cabeça cujo conteúdo não revelo. Ocorreu-me que podíamos buscar toda a cidade de Worcester e não encontrar quatro raparigas tão esbeltas, tinham cerca de dezasseis anos, grandes como palmeiras, fortes, vigorosas, flexíveis e elegantes dos pés à cabeça, sem terem músculos pouco desenvolvidos. Assim as víamos à dúzias e todas exactamente o mesmo, com os seus vestidos bonitos em que as porções brancas eram maravilhosamente brancas.» HIGGINSON, [1855] 2009: 76, 77.

<sup>426</sup> DROUËT, 1870: 91. Tradução livre da autora: «elas têm os cabelos negros, um pouco grossos, os olhos igualmente negros, os dentes perfeitamente brancos, traços bastante regulares, bem definidos, a pele morena, a garganta desenvolvida, os braços redondos e muito bem feitos, a estatura alta e a marcha um pouco marcial.»

<sup>427</sup> DROUËT, 1870: 91.

Tradução livre da autora: «(...) os seus pés são desproporcionalmente grandes, o que deve ser atribuído ao facto de andarem descalças, por caminhos de lava e pedras.»

<sup>428</sup> BARRET, 2017: 219.

<sup>429</sup> Ibidem.

<sup>430</sup> WEEKS, 1882: 46. Tradução livre da autora: «(...) matronas idosas bronzeadas, com lenços brancos ou vermelhos na cabeça, cobertos por bonitos e redondos chapéus de palha.»

<sup>431</sup> WEEKS, 1882: 67. Tradução livre da autora: «(...) uma expressão suave irradiante de rostos redondos, macios e delicados, e elas têm os olhos grandes e redondos das deusas de Homero, franjados com cílios longos e grossos. Os seus pesados cabelos castanhos são penteados para trás em nós simples e clássicos, e cobertos com lenços e chapéus de palha de coroa baixa.»

Alice Baker descreve a beleza das mulheres do Pico encarregadas do transporte da água à cabeça referindo, à semelhança de Weeks, a inveja que as suas figuras têm capacidade de causar, neste caso, em qualquer mulher americana. Nas palavras de Baker (1882): «Any American woman might envy them their tall, straight figures, elegantly poised heads, and well-developed chests.»<sup>432</sup> Roundell (1889) crê que o transporte da água nas suas cabeças «(...) gives them much dignity of gait, and they are said to possess all the sateliness of Caryatides.»<sup>433</sup>

No que diz respeito aos habitantes do sexo masculino da ilha do Pico, os irmãos Bullar (1841) deixam-nos comentários sobre os traços fisionómicos dos homens da parte oeste da ilha: «the men are well-looking, having frequently the same mild expression as the women, and universally as far less allowance of jaw bones than falls to the common lot of most of other islanders.»<sup>434</sup> Em Higginson ([1855] 2007), os homens são descritos como «(...) tall spare straight creatures (...) they have simple rustic faces but no beauty (...)».<sup>435</sup> John Gustaf Hebbe (1816) descreve-os ainda como «(...) des hommes vifs, propres et bien tournés.»<sup>436</sup>

As crianças açorianas, por sua vez, são descritas na obra dos irmãos Bullar (1841) comportando uma aparência pouco saudável aos olhos de estranhos e numa primeira impressão, sendo, porém, fortes e saudáveis.<sup>437</sup> As crianças do Pico são consideradas pelo médico Herman Canfield como bons serventes. O autor aconselha aos seus leitores e pacientes que venham a visitar os Açores: «(...) if you want a fine servant for the rest of your days, bring home a Pico boy.»<sup>438</sup>

#### 4.1.2. TRAÇOS DE CARÁCTER

No que respeita ao carácter da população da ilha do Pico, na apreciação do capitão Edward Boid (1834), «the inhabitants of Pico are a harmless, well-disposed race, hardy and robust; and when they have rational motives for industry will work excessively hard; – otherwise, like the Portuguese, they are generally disposed to indolence (...)».<sup>439</sup> Já para o médico Herman Canfield

---

<sup>432</sup> BAKER, 1882: 84. Tradução livre da autora: «Qualquer mulher americana pode invejar-lhes as figuras altas e retas, as cabeças elegantemente equilibradas e os peitos bem desenvolvidos.»

<sup>433</sup> ROUNDELL, 1889: 94. Tradução livre da autora: «(...) dá-lhes muita dignidade no andar e diz-se possuírem toda a imponência das Cariátides.»

<sup>434</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 337. Tradução: «os homens são bem parecidos, quase sempre com a mesma suavidade de expressão das mulheres e com os maxilares menos pronunciados do que a maioria dos restantes ilhéus.» BULLAR, [1841] 2001: 164.

<sup>435</sup> HIGGINSON, [1855] 2007: 469. Tradução: «(...) altos e magros (...) eles têm rosto de camponeses simples mas sem beleza (...)» HIGGINSON, [1855] 2009: 76.

<sup>436</sup> HEBBE, [1802] 1816: 326. Tradução livre da autora: «(...) homens vivos, limpos e bem feitos.»

<sup>437</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 354.

<sup>438</sup> CANFIELD, 1892: 6. Tradução livre da autora: «(...) se pretendeis um bom criado para o resto dos vossos dias, trazei para casa um rapaz do Pico.»

<sup>439</sup> BOID, 1834: 305. Tradução: «são os habitantes do Pico uma raça sã e bem disposta, de gente robusta e resistente. Quando se torna necessário, dedicam-se afoitamente ao trabalho. Porém, se não há motivo para tanto, mostram-se,

(1892), «They are extremely polite and kindly, and though one may not understand their language, we cannot fail to enjoy being with them.»<sup>440</sup>

Na opinião dos irmãos Bullar (1841), «This disregard of truth, a want of plain-dealing, and love of finesse, are the principal defects in the character of the islanders.»<sup>441</sup> Os Bullar (1841) descrevem ainda o carácter duvidoso dos guias da subida à montanha do Pico, sendo um deles descrito com maior detalhe:

«One of my men was a native of Pico, who had lived long enough in America to speak English, – to have lost all love for his country, to have contracted a mercenary spirit and a thirst for dollars, and to have had all the simplicity of his island character knocked out of him in his collision with English and Americans. The little respect he ever felt for his own religion and for its ministers, seemed merged in the high regard he expressed for the clergy of the United States; and in the place of what he had lost, nothing remained but discontent at the poverty of the island of Pico, and a hungry craving to get back one more to the flesh-posts and dollars of the United States.»<sup>442</sup>

De acordo com os irmãos Bullar (1841), medos e superstições acompanhavam a personalidade dos guias da montanha, revelando ambos medos exagerados: «One dreaded the witches, of which he said he knew there were great numbers in Pico, – that they made fires on the mountain at night, – that these last he had seen, and that he had also heard them screaming. The fears of the other were principally for his own convenience.»<sup>443</sup>

Thomas Higginson ([1855] 2007) também aponta o mau carácter do seu guia aquando da subida à montanha do Pico:

«In Fact José was rather greedy, rather selfish & an uncommon liar, even if he is not the same unpleasantly characterized in Bullow's [SIC] book (...) Before José went to sleep, we dimly saw him sitting up & when Mr. L. asked why, he indignantly replied that he was praying & then coolly added, 'I can pray in English, this way' & then proceeded to repeat, 'Now I lay me down to sleep', with some peculiar modifications. We afterwards found this to be one of his regular accomplishments.»<sup>444</sup>

---

como os portugueses, geralmente inclinados à indolência (...)). BOID, [1835] 1952: 31.

<sup>440</sup> CANFIELD, 1892: 5, 6. Tradução livre da autora: «Eles são extremamente educados e gentis e, embora não se consiga perceber a sua língua, não se pode deixar de apreciar a sua companhia.»

<sup>441</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 310. Tradução: «O desprezo da verdade, a falta de sinceridade e o amor da manha, eis os defeitos principais do carácter dos ilhéus.» BULLAR, [1841] 2001: 152.

<sup>442</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 349, 350. Tradução: «Um dos guias era natural do Pico, mas vivera na América o tempo suficiente para falar inglês, para perder o amor da sua terra, adquirir espírito mercenário e sede de dollars e para que se lhe corrompesse a simplicidade do carácter ilhéu, em colisão com ingleses e americanos. O pouco respeito que sempre sentira pela sua religião e seus ministros parecia diluir-se perante a alta consideração que exprimia pelo clero dos Estados-Unidos. Do vácuo que lhe ficara na alma nada restava, a não ser o descontentamento pela pobreza da ilha do Pico e o desejo ardente de voltar de novo para a fartura e para os dollars dos Estados-Unidos.» BULLAR, [1841] 2001: 171.

<sup>443</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 358, 359. Tradução: «Um receava as feitiçeras, de que, dizia ele, havia grande número no Pico, que acendiam fogueiras na montanha à noite, fogueiras que ele tinha visto e que ouvira as feitiçeras gritar. Os receios do outro eram principalmente para sua própria conveniência.» BULLAR, [1841] 2001: 175.

<sup>444</sup> HIGGINSON, [1855] 2007: 471, 472. O autor refere-se ao livro dos irmãos Joseph e Henry Bullar, *A Winter in The Azores; and a Summer at the Baths of Furnas*, 1841. Tradução: «Na verdade, o José era bastante ganancioso, egoísta e um extraordinário mentiroso, ainda que não seja o mesmo guia descrito em termos desagradáveis no livro de Bullow (...) Antes de adormecer, víamos indistintamente o José, sentado, e quando o Sr. L perguntou a razão, respondeu indignado que estava a rezar e calmamente acrescentou: 'Now i lay me down to sleep' com algumas modificações

O carácter dos pescadores das ilhas do Pico e de São Miguel foi comentado por Drouët (1858). O autor descreve os pescadores como céticos e pouco aptos à mudança nos seus hábitos. Na ilha do Pico, durante a sua recolha de moluscos terrestres, Drouët conviveu com um pescador que se demonstrou confuso em relação aos seus interesses como cientista. Nas palavras do autor:

«Je me suis adressé aux pêcheurs, qui sont nombreux, notamment dans les îles de San Miguel et de Pico; mais leur concours a été, je puis le dire, on ne peut pas plus faible. Ils ne comprenaient pas qu'on pût venir de si loin pour ramasser de semblables choses, et je n'ai jamais pu les décider, ni pour or ni pour argent, à me rendre, sous ce rapport, de véritables services. Ils n'aiment pas, d'ailleurs, à rien changer à leur habitudes. C'est un pêcheur de Pico qui, me voyant déployer une certaine ardeur à la recherche des petits mollusques terrestres, dit un jour confidentiellement à mon muletier: 'C'est bien dommage, mais ce seigneur français est pris de là!' et en disant ces mots, il se touchait le front d'une manière très-significative.»<sup>445</sup>

### 4.1.3. O VESTUÁRIO

A idumentária das mulheres do Pico é descrita pelos irmãos Bullar (1841), aquando da visita ao mercado da Horta, na ilha do Faial: «Elderly sun-burnt women from Pico, in black cloaks, and wearing on their heads a white handkerchief, surmounted by a round straw hat, were sitting on the ground before piles of small milk cheeses, biscuits and eggs».<sup>446</sup>

Ainda no mercado da Horta, os Bullar (1841) descrevem o traje Capote e Capelo (Ver Figura 8):

«Some of the women muffled their heads in the deep, projecting hoods of their cloaks, with the additional security of a white muslin handkerchief tied round the lower part of their faces; – a concealment frequently adopted here, but which we have not seen before in the other islands. It is very disfiguring, as it gives an impression of ill-health, and also interferes with the dark shade – so suitable to these women's complexions – into which their faces are thrown by the deep-blue hood. This is the 'muffler' which was common in England in the days of Queen Elizabeth.»<sup>447</sup>

---

peculiares. Mais tarde descobrimos que era umas das coisas que fazia regularmente.» HIGGINSON, [1855] 2009: 79, 80.

<sup>445</sup> DROUËT, 1858b: 12. Tradução livre da autora: «Dirigi-me aos pescadores, que são numerosos, principalmente nas ilhas de São Miguel e do Pico; mas o apoio deles foi, posso dizer, muito escasso. Eles não compreendiam que alguém pudesse vir de tão longe para coletar tais coisas, pelo que não pude absolutamente persuadi-los, nem por outro nem por prata, a prestar-me qualquer serviço a esse respeito. Além disso, eles não gostam de mudar os seus hábitos. Um pescador do Pico, vendo-me empregar um certo vigor na procura de pequenos moluscos terrestres, disse um dia confidencialmente ao meu muleteiro: 'É uma pena, mas este senhor francês enlouqueceu!' e, ao proferir estas palavras, tocava na sua testa de forma muito significativa.»

<sup>446</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 326, 327. Tradução: «Mulheres idosas e tostadas do sol, do Pico, de capotes pretos e trazendo na cabeça lenços brancos, encimados por chapéus de palha redondos e abeiros, sentavam-se no chão, diante de pilhas de pequenos queijos, de biscoutos e de ovos.» BULLAR, [1841] 2001: 159, 160.

<sup>447</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 328. Tradução: «Algumas mulheres tapavam as cabeças com os capelos fundos e alongados das suas capas, com a segurança adicional de um lenço branco de musselina preso em volta do queixo – embiocamento aqui muito em voga, que ainda não observáramos nas outras ilhas. A cobertura é desfigurante, dando ao rosto a impressão de doença e interferindo com o sombreado, que tão bem se casa com as feições destas mulheres, em que o vasto capote lhes envolve os rostos. É a manta, vulgar na Inglaterra no tempo da rainha Isabel.» BULLAR, [1841] 2001: 160.

Higginson ([1855] 2007) descreve o traje pitoresco das picoenses:

«Arrived at the narrow little black cove of Arealarga, it was most picturesque to see the women clustering to meet us old & young in the same picturesque dress – blue jacket, blue or white skirt, white waist with gay handkerchief crossed over the heart, & straw hat with or without a burden on top.»<sup>448</sup>

Ainda de acordo com Higginson ([1855] 2007), as mulheres do Pico:

«(...) Usam um corpete branco com um lenço de cores garridas cruzado acima do peito, uma saia curta azul, vermelha ou branca e uma jaqueta de homem azul com mangas apertadas. Na cabeça levam um bonito chapéu de palha de copa redonda com um cordão branco, que agora é extensivamente importado do Faial e, por baixo, têm sempre outro lenço amarrado debaixo do queixo ou então solto.»<sup>449</sup>

Na descrição de Drouët (1870), «Elles portent sur la tête un large chapeau de paille, et autour des reins un lourd jupon de laine bleue, à bordure rouge; à leur côté est suspendue une poche extérieure, em forme d'aumônière, ordinairement multicolore.»<sup>450</sup>

Alice Baker (1882) descreve o traje feminino tradicional como sendo extremamente bonito:

«A dark blue petticoat of the heavy woollen stuff known as ‘picot’, bordered with scarlet; a hussar jacket of the same, reaching to the bottom of the waist, with many seams in the back, welted with red; a red cotton handkerchief for the head, surmounted by a man’s straw hat of the flat braid of the island, and trimmed with a red worsted band.»<sup>451</sup>

Charles Roundell (1889) também descreve o vestuário feminino:

«The women turn back their hair and knot it behind, so as to support the low-crowned straw hat, which they, alone of the Azorean women, wear; in windy weather these hats are kept on by a lump of lava poised on the crown. Their dress is a very full dark-blue skirt, dark-blue jacket, with red seams, over a white chemise, and every woman wears a patchwork pocket under her jacket, the arrangement of the pieces being peculiar to each village.»<sup>452</sup>

De acordo com o diário dos irmãos Bullar (1841), o vestuário dos homens da ilha do Pico é distinto do dos homens do Faial, acrescentando que alguns dos camponeses do Pico vestem-se inteiramente de vermelho:

«Some of the Pico peasants are dressed entirely in red. They have a red short-jacket of linsey-woolsey, waistcoat and knee-breeches of the same, with gaiters buttoning over the feet. (...) But the fear of ridicule, it is said, keeps these men away from Fayal, where their dress excites so much attention, and gives rise to so much fun, that they

<sup>448</sup> HIGGINSON, [1855] 2007: 468. Tradução: «Chegámos à pequena enseada da Areia Larga, negra e estreita. Era muito pitoresco ver as mulheres em grupo que tinham vindo ao nosso encontro, velhas e novas, todas usando o mesmo traje pitoresco – jaqueta azul, saia azul ou branca, corpete branco com um lenço de cor garrida cruzado ao peito, chapéu de palha à vezes levando algo em cima.» HIGGINSON, [1855] 2009: 76.

<sup>449</sup> HIGGINSON, [1860] 2009: 42.

<sup>450</sup> DROUËT, 1870: 91. Tradução livre da autora: «Elas usam na cabeça um grande chapéu de palha, e ao redor dos rins uma pesada saia de lã azul, com a borda vermelha; do lado, é pendurado um bolso externo, geralmente multicolor.»

<sup>451</sup> BAKER, 1882: 84. Tradução livre da autora: «Uma saia azul escura do tecido pesado de lã conhecido como ‘picot’, com bordas escarlates; uma jaqueta de hussardos do mesmo tecido, alcançando a parte inferior da cintura, com muitas costuras nas costas, debruadas com vermelho; um lenço de algodão vermelho na cabeça, encimado por um chapéu de palha de homem da trança achatada da ilha, e enfeitado com uma faixa de lã vermelha.»

<sup>452</sup> ROUNDELL, 1889: 94. Tradução livre da autora: «As mulheres viram os seus cabelos para trás e apanham-nos na parte de trás, de forma a apoiar o chapéu de palha de coroa baixa, que apenas elas, das açorianas, usam; com o tempo ventoso, esses chapéus são mantidos na cabeça com um pedaço de lava pousado na coroa. A sua vestimenta é composta por uma saia azul escura muito cheia, jaqueta azul escura com costuras vermelhas, sobre uma camisa branca, e toda a mulher usa um bolso de retalhos abaixo da jaqueta, sendo o arranjo das peças peculiar a cada aldeia.»

seldom like to pass through the ordeal; and, as it is in one part of Pico only that the inhabitants so dress themselves, they are not commonly seen at Horta. We passed one of them the other day, the only specimen that has appeared, and he was an old man, whose long grey hairs showed that he was too aged to change his habits and dress, or too care much for what other might think about them. He had, too, in common with many of the islanders of Pico, an air of respectability about him, – like a gentleman of the old school, – which probably tended to shield him from ridicule.»<sup>453</sup>

Para Thomas Higginson ([1860] 2009), «The Pico men, as I have seen them in Fayal, are tall spare straight creatures, with bundles above their little round caps, homespun jackets & trousers, & sandals of raw hat.»<sup>454</sup> O autor acrescenta que «os camponeses do Pico levam vantagem aos do Faial quanto ao pitoresco das suas roupas. Os homens usam jaquetas azuis de tecido feito em casa e calças azuis ou brancas com um barrete de lã vermelho ou azul.»<sup>455</sup>

Mrs. Charles Roundell (1889) também descreve o traje tradicional masculino picoense:

«The ancient dress of the men of Pico was most picturesque, all of bright-red homespun. The jacket and waistcoat were short, and the red knee-breeches met gaiters and sandals of hide, with the hair left on. This dress is not now seen, and the men content themselves with blue homespun seamed with red, and straw hats with red worsted bands.»<sup>456</sup>

Quanto ao calçado, utilizado pelo sexo masculino apenas, de acordo com Hebbe ([1802] 1816), «Les paysans de Pico de vont pas nu-pieds comme ceux des autres îles: les cailloux tranchans répandus sur le sol les obligent à se servir de chaussures de peau, dont le poil est tourné em dehors.»<sup>457</sup> Segundo os Bullar (1841), «(...) these are either bare or covered with a leathern sandal, knotted over the toe, on which the hair of the animal is not unfrequently left.»<sup>458</sup>

---

<sup>453</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 305, 306. Tradução: «Alguns aldeões do Pico vestem-se inteiramente de vermelho. Usam jaqueta curta de estamemha, vermelha, colete e calções do mesmo tecido e cor, com polainas abotoadas sobre os pés. (...) Parece, porém, que o receio do ridículo inibe estes homens de visitarem o Faial, onde os seus trajes tanto chamam a atenção e de tal modo dão motivo a troças que raramente eles se dispõem a submeter-se à prova; e como é apenas numa parte do Pico que os habitantes se vestem por aquela forma, sucede que eles dificilmente são vistos na Horta. Há dias passámos por um deles, único exemplar que apareceu. Tratava-se de um velho, cujos longos cabelos brancos denotavam o desígnio inabalável de conservar os velhos trajes e hábitos e de se não preocupar com o que deles pensassem as outras pessoas. Apresentava este ancião, como é vulgar entre os ilhéus do Pico, certo ar de respeitabilidade – de um ‘gentleman’ da velha guarda – que naturalmente o protegia das investidas do ridículo.» BULLAR, [1841] 2001: 150, 151.

<sup>454</sup> HIGGINSON, [1855] 2007: 469. Tradução: «Os homens do Pico, tal como os tenho visto no Faial, são altos e magros. Levam fardos em cima dos pequenos bonés redondos, jaqueta e calças de tecido feito em tear manual e sandálias de couro cru.» HIGGINSON, [1855] 2009: 76.

<sup>455</sup> HIGGINSON, [1860] 2009: 42.

<sup>456</sup> ROUNDELL, 1889: 94. Tradução livre da autora: «O traje tradicional dos homens do Pico era muito pitoresco, todo de tecido vermelho vivo. A jaqueta e o colete eram curtos, e as bermudas vermelhas combinavam com polainas e sandálias de couro, com o pelo mantido. Este traje já não é visto e os homens contentam-se com chapéus de tecido azul com costuras vermelhas e chapéus de palha com faixas vermelhas de lã.»

<sup>457</sup> HEBBE, [1802] 1816: 326. Tradução livre da autora: «Os camponeses do Pico não andam descalços como os das outras ilhas: os calhaus afiados espalhados pelo solo obrigam-nos a calçar sapatos de couro, com o pelo virado para fora.»

<sup>458</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 305, 306. Tradução: «Estes andam descalços ou cobertos de sandálias de coiro (onde não raras vezes ficaram restos do pêlo do boi), atadas por sobre o dedo grande.» BULLAR, [1841] 2001: 150.

De acordo com Briant Barrett, o facto do solo da ilha do Pico ser extremamente áspero obriga os homens camponeses a usar calçado. Barrett aprofunda a sua descrição e descreve-lhes o calçado: «os seus sapatos ou alpercatas, como eles lhes chamam, são pedaços de couro amarrados à volta do pé.»<sup>459</sup>

#### 4.1.4. O TECIDO SOCIAL

A pobreza, a fome, o trabalho árduo e precário, a má higiene, e o lazer, são fatores presentes na vivência dos habitantes da ilha do Pico segundo os testemunhos deixados pelos viajantes do século XIX. A referência a roubos ocorridos no Pico são indicadores de uma realidade tumultuosa. A propósito, é sugerida por por Higginson ([1860] 2009) uma índole desonesta e gananciosa dos padres da ilha do Pico, aquando do roubo da mercadoria de um naufrágio aí ocorrido:

«Houve um grande naufrágio no Pico durante a nossa estadia e nas rochas desprotegidas ficaram encalhadas mercadorias no valor de duzentos mil dólares. Não havia meios para a sua defesa e não se podia esperar que os camponeses não lhes pusessem as mãos em cima. Mas as mãos que apareceram em primeiro lugar foram as do padre da freguesia. Não houve missa na igreja durante três semanas e durante dias ficou por se fazer um funeral para que o representante de Deus pudesse roubar mais sedas e rendas. Quando finalmente houve missa, o povo permaneceu calado até que o padre se levantou para o sermão. Então, todos se levantaram tumultuosamente e saíram da igreja a correr e gritavam ‘Ladrão!’ Mas por quê esta indignação?’ dizia-nos um católico bem informado, ‘não há nenhum padre em qualquer das duas ilhas que não tivesse feito o mesmo’. Uns dias mais tarde vi este mesmo sereno crítico, vela na mão, à cabeça duma procissão solene na Igreja Matriz.»<sup>460</sup>

A pobreza da ilha e o grave estado de fome em que a população se encontrava a meados do século XIX refletem uma realidade que pode ser testemunhada nos comentários de Drouët (1870), fruto de observação própria, aquando da sua passagem pela ilha em 1857. O autor expressa a sua surpresa ao descobrir dois casos de crianças – ou jovens adolescentes –, de idades compreendidas entre os oito e os doze anos, ainda amamentados pelas mães:

«Le 12 septembre, j’explorai une partie de la côte ouest de l’île, en passant par Magdalena. J’avais un jeune garçon de onze à douze ans, déjà fort, pour porter ma boîte à herborisation, et peu s’en fallut que je ne fusse obligé d’emmener em même temps sa mère, grande matrone de trente-cinq à quarante ans. Je ne fus pas peu surpris d’apprendre que le drôle était encore à la mamelle, et M. Ribeiro, vice-consul de France, me confirma que le fait n’était pas rare dans l’île de Pico, où l’on voyait souvent, dans les familles pauvres, la mère allaiter un grand gaillard de douze à treize ans; il me cita à l’appui plusieurs exemples pris dans le voisinage. Dans la propre maison, on employait journallement la femme d’un pêcheur donnant ainsi le sein à un enfant de huit ans, qui paraissait très-vigoureux.»<sup>461</sup>

<sup>459</sup> BARRETT, 2017: 219.

<sup>460</sup> HIGGINSON, [1860] 2009: 54.

<sup>461</sup> DROUËT, 1870: 90. Tradução livre da autora: «No dia 12 de setembro, explorei uma parte da costa oeste da ilha, passando pela Madalena. Eu tinha comigo um rapaz de onze a doze anos, já forte, para carregar a minha caixa de botânica, e pouco faltou para que eu fosse obrigado a levar, ao mesmo tempo, a mãe, uma grande matrona de trinta e cinco a quarenta anos. Não fiquei nada surpreendido ao saber que o rapaz ainda mamava, e M. Ribeiro, vice-cônsul de

O estado de pobreza em que a população da ilha do Pico se encontrava e o trabalho precário a que os ilhéus estavam sujeitos nos inícios do século XIX são mencionados no diário de Briant Barrett. O seguinte trecho do seu diário descreve um episódio ocorrido na ilha do Pico bastante revelador da realidade austera da época:

«(...) fui convidado por um camponês ou lavrador para provar do seu vinho novo considerado, entre eles, uma especialidade! Mal entrei na sua adega, o bom do homem perguntou-me se eu sabia alguma notícia do filho que tinha sido chamado para cumprir o serviço militar no exército português, há já alguns anos, e que tinha fugido num navio de guerra inglês que se encontrava no Faial, naquela altura, por preferir servir nele. Pode parecer estranho a um estrangeiro a aversão que os ilhéus têm em cumprir o serviço militar do seu próprio país, mas têm que ter em conta que o ilhéu, quando está ao serviço do seu próprio Príncipe, além de ter má alimentação, arrisca a sua vida por uma miserável quantia de três pences por dia! Porém, se estes estivessem nesta situação, deixariam de se admirar, pelo que leva a alguns naturais a seguirem a bordo dos navios de guerra, para servirem os nossos soberanos.»<sup>462</sup>

Também as más condições de higiene que a população da ilha do Pico partilhava nos inícios do século XIX são descritas por Barrett num outro cenário:

«(...) chegámos à ponta de Nossa Senhora da Ajuda. Aqui, as pessoas já estavam deitadas, mas tivemos que bater à porta do Capitão da aldeia que nos acomodou, oferecendo-nos para a ceia, para um grupo de quatro pessoas, sete ovos e algum pão. Depois de comermos, fizemos um chá e deitámo-nos. Durante a noite, servimos de repasto às pulgas. Nunca me lembro de ter sido tão torturado! De manhã, ao romper da aurora, levantei-me e tive que despir o casaco e o colete para que estes insectos, que abundavam em exames, saíssem das mangas da camisa e do colarinho.»<sup>463</sup>

Boid (1834) menciona o trabalho pesado a que o sexo feminino na ilha do Pico estava sujeito no século XIX. O autor considera as mulheres como sendo escravas, cenário este, que segundo o autor, é o reflexo de um país pouco civilizado ou com pouca inteligência moral:

«(...) as in all countries little advanced in civilization, or moral intelligence, the men consign their wives to the most degrading and laborious occupation: I have oftentimes wondered at the enormous burdens the women are in the habit of carrying on their heads, grieving at the same time, to see the female sex under a Christian government reduced to such a condition; indeed the women at this island are positive slaves and by hard labour soon become decrepid and infirm.»<sup>464</sup>

A vida árdua levada pelas mulheres do Pico no século XIX é também notada por Benjamin (1878). No seu diário, o autor comenta: «Blithe and buxom, they seem to bear the burdens of life right merrily. Where ignorance is bliss, there is indeed no greater folly than to be wise.»<sup>465</sup>

---

França, confirmou-me que o facto não era raro na ilha do Pico, onde se via com frequência, nas famílias pobres, a mãe amamentar um grande rapaz de doze a treze anos; ele deu-me vários exemplos da vizinhança. Na própria casa, a esposa de um pescador que lá habitava diariamente, amamentava uma criança de oito anos, que parecia muito vigorosa.»

<sup>462</sup> BARRETT, 2017: 229.

<sup>463</sup> BARRETT, 2017: 221.

<sup>464</sup> BOID, 1834: 305. Tradução: «(...) tal como em todos os países pouco adiantados em civilização ou inteligência moral, os homens encarregam as suas mulheres das ocupações mais pesadas e aviltantes. Pasmado às vezes das enormes cargas que as mulheres costumam conduzir à cabeça e lamento ao mesmo tempo ver o sexo feminino, sob um governo cristão, reduzido a tal condição. Na verdade, as mulheres nesta ilha são verdadeiras escravas e o trabalho pesado em breve as torna decrepitas e enfermas.» BOID, [1835] 1952: 31.

<sup>465</sup> BENJAMIN, 1878: 43. Tradução livre da autora: «Alegres e bem constituídas, elas parecem suportar os fartos da vida animadamente. Onde a ignorância é bem-aventurança, não há maior loucura do que ser sábio.»

O trabalho realizado pela população mais jovem na ilha do Pico, no século XIX, é notado por Alice Baker (1882). No seu diário, Baker descreve os rapazes do Pico na apanha de sargaço, destinado a venda como fertilizante. Baker elabora uma imagem detalhada dos nativos, num cenário onde a autenticidade transborda: «The beach was lively with naked boys, who were dragging out great handfuls of the moss clutched from the crest of the waves. It is sold for a fertilizer. Great flat circular heaps of it, alternate red and white, were piled high upon the shingle.»<sup>466</sup>

No que respeita às tradições religiosas dos picoenses, temos uma descrição detalhada elaborada por Drouët (1870) de uma cerimónia batismal. Celebrado com danças e música, o batizado é descrito, em pormenor, num cenário local e literário bastante animado:

«Suivant l'usage du pays, les voisins ayant demandé, à propos du baptême, la permission de venir danser, je vis arriver, entre huit et neuf heures du soir, une bande joyeuse se composant du bourg presque entier d'Area Larga. Hommes, femmes et enfans évahirent la maison; les guitares et les cavaquinhos préludèrent par des accords, et le baile commença. On exécuta successivement toutes les danses nationales et locales, tells que la chamarita, la caracol, la sapataya, la charamba, le volta-no-meio, le pesinho, le pecegos, les vaccas, le remarema, la praya, le manjaricao et enfin landun, la plus ancienne de toutes, mais qui est presque abandonnée. Un violon et les guitares jouaient les airs tout en dansant; des voix chantaient les paroles. Les danseurs étaient toujours par couples illimités, danseuse et cavalier, et presque toutes ces danses avaient lieu em rond et em grand cercle. L'assemblée accompagne et marque la mesure en faisant claquer des doigts en guise de castagnettes.»<sup>467</sup>

Relativamente às relações sociais dos açorianos, Barrett (2017) descreve os faialenses como muito sociáveis devido à continuidade do seu comércio com a Europa e à colonização dos flamengos, mais abertos socialmente e com muitas formalidades nas relações sociais. De acordo com autor, «No Pico, tudo isto é posto de parte. As mulheres aqui, têm mais liberdade, sendo-lhes permitido dar passeios de burro ou a pé.»<sup>468</sup>

## 4.2. AS ATIVIDADES ECONÓMICAS

Segundo Norberta Amorim (2004), no século XIX, «(...) a maior e mais populosa ilha, das quatro que formavam o distrito da Horta, a ilha do Pico, era também aquela em que os seus

<sup>466</sup> BAKER, 1882: 82, 83. Tradução livre da autora: «A praia estava animada com rapazes nus, que arrastavam grandes punhados de musgo agarrados na crista das ondas. É vendido como fertilizante. Grandes montes circulares achatados, alternados de vermelho e branco, encontravam-se empilhados no cascalho.»

<sup>467</sup> DROUËT, 1870: 88, 89. Tradução livre da autora: «Segundo os costumes locais, tendo os vizinhos pedido, a propósito do batismo, permissão para vir dançar, vi chegar, entre as oito e as nove horas da noite, um grupo alegre composto de quase toda a aldeia da Areia Larga. Mulheres, homens e crianças invadiram a casa; guitarras e cavaquinhos anunciaram com os seus acordes, e o baile começou. Todas as danças nacionais e locais foram executadas sucessivamente, como a chamarita, o caracol, a sapataya, a charamba, a volta-no-meio, o pesinho, o pecegos, as vaccas, a remarema, a praya, o manjaricao e, por fim, landun, a mais antiga de todas, mas quase abandonada. Um violino e guitarras tocavam as melodias enquanto dançavam; vozes cantavam as letras. Os bailarinos estavam sempre em pares ilimitados, bailarina e cavalheiro, e quase todas essas danças ocorriam à roda e num grande círculo. A assembleia acompanha e marca o tempo estalando os dedos como castanholas.»

<sup>468</sup> BARRETT, 2017: 217, 218.

habitantes mais diversificavam as actividades para poderem compensar a falta dos cereais básicos, essenciais ao seu sustento.»<sup>469</sup> Ainda segundo a autora, «a proximidade entre Faial e Pico, com o trânsito constante entre as ilhas irmãs, trazia à segunda o pão que faltava e levava à primeira o combustível e os mimos de mesa, do vinho à fruta, passando pela carne e pelo peixe seco.»<sup>470</sup>

No que respeita às actividades económicas da ilha do Pico, as referências ao tema, pelos viajantes do século XVIII, são muito escassas. É, portanto, o século XIX que estudaremos neste capítulo, rico em descrições das actividades económicas dos picoenses: a agricultura, a pecuária, a pesca, o comércio, e os transportes. São mencionadas ainda a caça e o artesanato, embora com referências muito superficiais, as quais mencionaremos no parágrafo seguinte.

A caça era uma atividade muito pouco relevante na ilha do Pico, de acordo com descrições dos viajantes do século XIX, havendo, porém, algumas referências à caça de pombos pelos locais<sup>471</sup> e pelos próprios viajantes, como no caso do inglês Briant Barrett.<sup>472</sup> Quanto ao artesanato produzido na ilha do Pico, o fabrico de roupas em lã para consumo doméstico é mencionado pelos viajantes. Barrett (2017) comenta a produção de chapéus de palha pelos habitantes da freguesia da Prainha: «(...) grosseiros, introduzidos na Terceira, para onde tinham sido trazidos por alguns prisioneiros franceses.»<sup>473</sup>

## **4.2.1. ATIVIDADES AGRÍCOLAS**

### **4.2.1.1. A VITIVINICULTURA**

De acordo com o capitão Edward Boid (1834), a vinha foi introduzida na ilha do Pico pelo final do século XVI, vinda do Porto, de Lisboa e da Madeira.<sup>474</sup> Segundo Henri Drouët (1861), de acordo com diferentes versões de outros autores, as primeiras vinhas nos Açores eram provenientes do Chipre, da Madeira ou até mesmo da Borgonha. O autor crê ser mais provável que tenham sido trazidas de Portugal continental no final do século XV.<sup>475</sup>

Sobre a origem da vinha na ilha do Pico, Susana Goulart Costa (1998) defende:

«De acordo com fontes orais transmitidas pelos cronistas, os primeiros bachelos foram introduzidos no Pico logo no início do povoamento, por intermédio de frades franciscanos moradores no Faial e proprietários de várias terras na ilha fronteira. Desde cedo é notória a predisposição ambiental picoense para a cultura da vinha, em virtude de

---

<sup>469</sup> AMORIM, 2004: 204.

<sup>470</sup> Ibidem.

<sup>471</sup> GODMAN, 1870: 15.

<sup>472</sup> BARRETT, 2017: 227.

<sup>473</sup> BARRETT, 2017: 229.

<sup>474</sup> BOID, 1834: 302.

<sup>475</sup> DROUËT, 1861: 62.

usufruir de um clima mais quente e menos húmido que as restantes congéneres açorianas e de uma topografia peculiar, esculpida pelas inúmeras manifestações vulcânicas que assolaram a ilha (...).»<sup>476</sup>

Segundo Arthur Morelet (1860), a vinha é cultivada em todo o arquipélago açoriano, porém, apenas as ilhas do Pico, São Jorge e Graciosa produzem vinho suficiente para exportação, sendo a ilha do Pico o principal centro de produção, e a do Faial, o centro do comércio. Segundo o autor, as primeiras vinhas do arquipélago são oriundas de Portugal continental e não da Madeira, como referido por outros autores, havendo videiras nas variedades: cereal, tinta, malvasia, e a dominante – o verdelho.<sup>477</sup>

Em começos do século XIX, John Hebbe ([1802] 1816) escreveu sobre o vinho do Pico. De acordo com autor, a natureza dividiu a ilha do Pico em duas partes: a de este, mais baixa, onde se produz frutas, grãos e vinho; e a de oeste, a mais elevada, que forma o vulcão. Segundo Hebbe ([1802] 1816), as vinhas são plantadas em toda a parte até à altitude favorável ao seu crescimento, a terra é comprada no Faial e transportada em cestas e, como fertilizante, é utilizado o sargaço que dá à costa.<sup>478</sup>

Hebbe ([1802] 1816) descreve a paisagem da vinha, com os seus muros de pedra – que formam os currais – escrevendo sobre a sua utilidade:

«Pour se garantir des vents de mer, on a entouré chaque espace d'environ cinq cents à deux mille pieds carrés, de murs de pierre, à angles droits; ils sont de la hauteur d'un homme, et n'ont qu'une ouverture pour y entrer. Ces murs, et la nudité du sol, donnent au pays, quand il n'est pas couvert de vignes, un aspect extrêmement triste. Ils ne suffisent cependant pas pour préserver, les vignobles les plus proches de la mer, du tort considerable que les brouillards salés causent aux ceps, quand ils fleurissent, et que le fruit se forme.»<sup>479</sup>

O capitão Edward Boid (1834) descreve o processo de plantação da vinha na ilha do Pico com pormenor, retratando a paisagem resultante:

«The western territory of Pico presents the most rocky portion; and it is on the surface of these dry unfruitful-looking tracts of hard lava that the vine is planted, and appears luxuriantly to flourish. Where the lava is not in a sufficiently friable state, the plant is inserted into small fissures, which, if not already formed by nature, are made with heavy crow bars; a portion of soil is introduced with the plant, which serves to nourish it for two or three seasons, when it is renewed; while little walls of lava are built up about six feet apart, to protect the plants from the sea weather, which gives during winter, to the whole extent through which they are cultivated (namely about one-fifth of the distance from the sea up the mountain), an unvaried aspect of gloomy-looking patch-work: but from the spring until October – when

---

<sup>476</sup> COSTA, 1998: 90.

<sup>477</sup> MORELET, 1860: 109, 110.

<sup>478</sup> HEBBE, [1802] 1816: 323, 324.

<sup>479</sup> HEBBE, [1802] 1816: 324. Tradução livre da autora: «Para se proteger contra os ventos do mar, cada área de cerca de quinhentos a dois mil pés quadrados foi cercada por paredes de pedra em ângulos retos; são da altura de um homem e só têm uma abertura para entrar. Essas paredes, e a nudez do solo, dão ao local, quando não está coberto de vinhas, um aspeto extremamente triste. No entanto, não são suficientes para preservar as vinhas próximas do mar dos consideráveis danos que a ressalsa lhes causa, quando florescem e quando se formam os frutos.»

the entire grounds, as well as the walls, are enveloped by the rich foliage of wine – an inconceivable richness of colouring succeeds, varied by a thousand shades and hues according to the state and progress of each season.»<sup>480</sup>

Segundo Boid (1834), a aparência estéril da superfície torna difícil explicar a exuberância e fertilidade dos vinhedos do Pico, características aliadas, segundo o autor, a três causas: a posição protegida em que se encontram; o calor e humidade do ambiente serem regulares, pois a lava absorve a humidade, o que, na ausência de sol, retém o calor necessário para a planta; e a matéria vulcânica decomposta, com propriedades fertilizantes, absorvida pela evaporação e restituída novamente à terra.<sup>481</sup>

Os irmãos Joseph e Henri Bullar (1841) descrevem a paisagem da vinha da ilha do Pico no mês de maio, do ano 1838, aquando da sua viagem ao arquipélago açoriano:

«May 10 – A garrulous old boatman walked into our room this morning, and volunteered his services in showing us over the vineyards near our house. I have before said that at this season of the year when the vines have not put forth their leaves, the base of the mountain appears, when seen from a distance, to be covered with a coarse black net-work, which, as you first approach the island by sea, might easily be mistaken for a bare trellis-work of dark wood, erected for training the vines. When, however, you near the shore of Pico, and objects become more clearly visible, this trellis work is found to consist of low stone walls of black lava dividing the vineyards into small compartments; and you discover that these compartments are the meshes of the network which appears to overspread the mountain.»<sup>482</sup>

Na segunda metade do século XIX, Manuel Henriques (1867) também descreve a paisagem vitivinícola da ilha do Pico no mês de maio, na base da montanha do Pico:

«The base of the mountain appears, when seen from a distance, to be covered with a coarse black net-work, which might be easily mistaken for a trellis-work of dark wood for training the vines. But as you approach the shore, and objects become more visible, this trellis-work is seen to consist of low stone walls of black lava, dividing the vineyards into small compartments, the meshes, as it were, of the net-work which had appeared to overspread the mountain. To the eye of a stranger it appears almost as a singular phenomenon, that green vines and fresh grapes should be produced from the barren stones in this mountain, as that pure water should gush out of a rock. Wherever you cast

---

<sup>480</sup> BOID, 1834: 302, 303. Tradução: «A região ocidental do Pico é a mais pedregosa e é na superfície destes áridos e aparentemente estéreis tractos de dura lava que se planta a vinha, que ali viceja com exuberância. Nos sítios onde a lava não é suficientemente friável, a planta é metida em pequenas fendas, que, se não foram já formadas pela natureza, se fazem com pesadas alavancas; nelas se introduz, com a planta, uma porção de terra, que serve para alimentar aquela por duas ou três estações, depois do que se renova; a cerca de seis pés de distância constroem-se pequenas paredes de lava, para proteger a planta contra o tempo do mar. Tais muros dão a todo o terreno por onde se estende a vinha, durante o inverno, isto é, por cerca de um quinto da distância do mar à montanha, um aspecto monótono e melancólico de manta de retalhos. Porém desde a Primavera até Outubro, quando todos os vinhedos, bem como os muros, se cobrem de pujante folhagem das videiras, segue-se uma inconcebível riqueza de colorido, matizado por miríades de sombras e tintas, segundo o estado e andamento de cada estação.» BOID, [1835] 1952 : 29, 30.

<sup>481</sup> BOID, 1834: 303.

<sup>482</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 337, 338. Tradução: «Maio, 10 – Entrou-nos hoje em casa um velho barqueiro falador, que se prontificou a mostrar-nos as vinhas nas proximidades da sua casa. Já atrás disse que nesta época do ano, quando ainda as folhas das cepas não rebentaram, a base da montanha parece, vista a distância, coberta de grossa e negra rede, na qual, ao aproximarmo-nos pela primeira vez da ilha por mar, facilmente podia ser tomada como latada ou caniçada de madeira escura, para educação das videiras. Quando, porém, nos acercamos da costa e os objectos se tornam mais nitidamente visíveis, verifica-se que estas latadas são constituídas por muros baixos de lava preta que dividem os vinhedos em pequenos compartimentos e descobre-se que tais divisões são as malhas da rede que parece estender-se por sobre a montanha.» BULLAR, [1841] 2001: 164.

your eye, hardly anything but stones meets your view. Scarcely any vegetable soil is apparent in the vineyards (...) Imagine the refuse of a stone-quarry spread over the foot of a mountain divided by walls some two feet high, of the same material, and then fancy a single vine, just sprouting, planted in the centre of each division, and the whole vineyard, of twenty or thirty acres, surrounded by a high wall of loose-piled stones, and an idea may be had of what a Pico vineyard really is in May – very different, indeed, from what is two months later.»<sup>483</sup>

Thomas Higginson (2007), ao passar pelas vinhas da ilha do Pico no ano 1855, descreve-lhes os compartimentos de pedra circundantes – os currais: «after the village we passed the vineyards, stretching up the hillside & black as coal, the vines now being spread upon the little squares of stone wall by which each is surrounded, till the grapes are almost ripe.»<sup>484</sup>

Arthur Morelet (1860) também escreve sobre a viticultura na ilha do Pico, descrevendo-lhe a paisagem resultante com algum detalhe. O autor menciona a prática da viticultura no tipo de lava conhecido no arquipélago pelo nome de biscoitos<sup>485</sup> e os abrigos formados pelos muros de pedra.<sup>486</sup>

«On plante même, dans l'île de Pico, sur les laves poreuses et boursoufflées qui portent le nom de biscoitos. Après avoir débarrassée la place des scories et de la végétation sauvage, on profite de toutes les fissures, de tous les déchirements du sol, pour pratiquer des creux d'un mètre de profondeur que l'on remplit de terre (...) la dépense d'entretien se renouvelle chaque année après les grandes pluies de l'hiver. Dans de telles conditions, la plante n'a pas une longue durée et il est nécessaire de la renouveler souvent. Les pierres extraites du sol servent à construire des murs d'un mètre de hauteur, qui forment des abris contre les vents de l'ouest et du nord-ouest. C'est ainsi que chaque vignoble se trouve divisé en une multitude de petits compartiments, dont l'aspect uniforme et la couleur grisâtre forment un ensemble assez peu pittoresque.»<sup>487</sup>

---

<sup>483</sup> HENRIQUES, 1867: 62-64. Tradução livre da autora: «A base da montanha parece, quando vista à distância, estar coberta com uma rede grossa, preta, que pode ser facilmente confundida com uma treliça de madeira escura para a condução das vinhas. Mas, à medida que se aproxima da costa e os objetos tornam-se mais visíveis, vê-se que esta treliça consiste em paredes baixas de pedra de lava negra, dividindo os vinhedos em pequenos compartimentos, as malhas, por assim dizer, da rede que parecia espalhar-se pela montanha. Aos olhos de um estranho, parece um fenómeno quase tão singular, que vinhas verdes e uvas frescas possam ser produzidas das pedras estéreis desta montanha, assim como água pura possa jorrar de uma rocha. Onde quer que se olhe, quase nada além de pedras alcança a visão. Quase não se evidencia solo vegetal nas vinhas (...) Imagine-se o refugio de uma pedreira espalhada ao longo do sopé de uma montanha dividida por paredes de cerca de sessenta centímetros de altura, do mesmo material, e uma única videira, acabada de brotar, plantada no centro de cada divisão, e toda a vinha, de vinte ou trinta acres, rodeada por um muro alto de pedras empilhadas soltas, e pode ter-se uma ideia do que é realmente uma vinha no Pico em Maio – muito diferente, de facto, do que é dois meses depois.»

<sup>484</sup> HIGGINSON, [1855] 2007: 469. Tradução: «Depois do povoado passámos pelos vinhedos que se estendem, negros como carvão, pela encosta acima, os pés de vinha agora ocupando os pequenos quadrados de muro de pedra que circundam cada um, até as uvas estarem quase maduras.» HIGGINSON [1855] 2009: 77.

<sup>485</sup> COSTA, 2019: 13.

<sup>486</sup> Segundo Manuel Costa, «A retícula dos muros de pedra segue uma organização própria. As propriedades são delimitadas por paredes altas e dobradas e a vinha no interior está dividida em 'jeirões', separados pelos muros dobrados das veredas, onde desembocam as 'canadas'. As 'canadas' são os elementos estruturais da vinha, formadas por muros singelos e intercetadas perpendicularmente pelos 'traveses', que podem ser muros singelos ou sobrados, dependendo da quantidade de pedra existente no terreno, e que formam os característicos 'currais'. A passagem de um curral para o outro é feita através das 'bocáinas', que são passagens estreitas e, em regra, desencontradas, com o objetivo de evitar o encanamento do vento.» COSTA, 2019: 11.

<sup>487</sup> MORELET, 1860: 110. Tradução livre da autora: «Planta-se mesmo, na ilha do Pico, nas lavas porosas e inchadas que têm o nome de biscoitos. Depois de se ter livrado o local da escória e da vegetação selvagem, aproveita-se todas as fissuras, todos os rasgos do solo, para fazer buracos de um metro de profundidade que são enchidos de terra (...) a despesa de manutenção é renovada a cada ano após as fortes chuvas de inverno. Nessas condições, a planta não dura muito e é necessário renová-la com frequência. As pedras extraídas do solo são utilizadas na construção de muros de um

Nos finais do século XIX, Mrs. Charles Roundell (1889) também descreve a paisagem das vinhas do Pico, mencionando os seus muros de lava negros. Roundell (1889) descreve a paisagem negra até ao mês de abril e a nudez da lava no Verão, quando as torrentes de água descem da montanha até aos vinhedos:

«Each vineyard contains about twenty-five acres, and is divided into small compartments by walls of black lava, three feet in height; a vine is planted in the middle of each compartment, and kept in place by loose bits of lava laid on the boughs. Until April the lower portion of Pico seems to be covered by a black network (...) The cone is seamed by torrents in all directions. Rushing from the melting snow, they carry everything before them, so that in summer the black lava is left quite bare, and the water, percolating through the spongy turf on the slopes of the mountain, reaches the vineyards on the stony soil below.»<sup>488</sup>

No seu diário, John Hebbe (1816) anota que as vinhas da ilha do Pico pertencem aos proprietários do Faial, um terço dos quais lá passa a época da vindima.<sup>489</sup> De acordo com o estudo de Ricardo Manuel Madruga da Costa sobre a vitivinicultura na ilha do Pico nas primeiras duas décadas do século XIX, ao analisar o contributo dos proprietários residentes no Faial para a produção vitivinícola da ilha no ano de 1809, tomando como alvo de estudo o Concelho da Madalena, o autor comenta o domínio dos proprietários faialenses na cultura da vinha, com um peso na produção superior a 70%. Nas palavras do autor:

«(...) fica evidenciado o domínio das casas faialenses na cultura da vinha da mais importante área da ilha do Pico a ela dedicada, com um peso na produção superior aos 70% (...) aos picoenses, no que respeita aos vinhedos, cabe gerir uma vasta teia de pequenas ‘vinhas’ às quais cumpria produzir uma parcela de pouco mais de 25% das colheitas (...) [Quanto à] (...) concentração dos interesses dos produtores faialenses na aprazível zona dos vinhedos da freguesia da Madalena (...) no conjunto dos mais de 70% que de todo o concelho cabia àqueles proprietários, saía quase 60% da produção do concelho a cargo dos ‘senhores do Faial’. Era a prevalência de um grupo social que até na escolha dos vinhedos fora contemplada com a cómoda proximidade dos ‘lajidos’ magníficos que ocupavam as vinhas que formavam o anel que se espraiava pela extensão da Areia Larga, da Barba e Formozinha até ao Cais do Mourato – essa espécie de ‘Crescente Fértil’ da vinicultura picoense.»<sup>490</sup>

Briant Barrett (2017) descreve o processo de cultivo da vinha do Pico, sendo esta, segundo o autor, diferente das demais ilhas e «menos cuidada do que em qualquer outra parte do mundo».<sup>491</sup> O

---

metro de altura, que servem de abrigo contra os ventos de oeste e noroeste. É assim que cada vinha se divide em uma infinidade de pequenos compartimentos, cujo aspeto uniforme e cor acinzentada formam um conjunto muito pouco pitoresco.»

<sup>488</sup> ROUNDELL, 1889: 95, 99. Tradução livre da autora: «Cada vinha contém cerca de vinte e cinco acres e é dividida em pequenos compartimentos por paredes de lava negra, com cerca de um metro de altura; uma videira é plantada no meio de cada compartimento e mantida no lugar por pedaços soltos de lava colocados nos ramos. Até abril, a parte inferior do Pico parece estar coberta por uma rede negra (...) O cone é sulcado por torrentes em todas as direções. Escorrendo da neve derretida, elas arrastam tudo por diante, de modo que, no Verão, a lava negra fica completamente nua, e a água, percolando a verdura esponjosa nas encostas da montanha, atinge os vinhedos no solo pedregoso abaixo.»

<sup>489</sup> HEBBE, [1802] 1816: 325.

<sup>490</sup> COSTA, 2004: 130.

<sup>491</sup> BARRETT, 2017: 235.

autor descreve a vitivinicultura da ilha do Pico, desde o processo de plantação da vinha, passando pela poda e monda, amadurecimento da uva, e terminando com a vindima.

Sobre o processo de plantação, Barrett (2017) descreve:

«Aqui, a vinha é plantada, primeiramente, nas fissuras de lava por meio de cortes com cerca de dois pés de profundidade e coberta por terra depois da plantação. Aqui, são levantados muros de pedra solta e sem mescla, com quatro a cinco pés de altura, ficando uma distância, entre eles, de duas a três jardas. Formam, assim, longas filas com vinte pés, de nascente para poente, unidas entre si e, para poder passar um homem, deixam uma abertura de três pés ou um pouco mais. Ao longo destes muros, as vinhas são plantadas de modo a ficarem voltadas a Sul. As gavinhas destas plantas são, também, cobertas de terra, durante um ano, para enraizarem e só depois é que são separadas e replantadas. Estas são consideradas as melhores vinhas e, na verdade produzem uvas de excelente qualidade.»<sup>492</sup>

No que respeita ao processo da poda e da monda, em Barrett (2017) encontramos:

«Na Primavera são, rigorosamente, podadas e mondadas, acontecendo o mesmo três vezes por ano, a última das quais quando as uvas estão quase maduras. Na sua maioria, a uva é de casta branca ou amarela, sendo a uva preta muito pouco cultivada. Deixam crescer os rebentos, rente ao chão, até as uvas atingirem o estado de maturação e, só nessa altura, são levantados e presos no cimo dos muros ou nos lados. Caso estes não cheguem acima, são elevados sobre pedras colocadas debaixo do ramo, impedindo assim, que o cacho de uvas toque no chão ou que faça muito peso sobre ele. Naquela ocasião são, também, arrancadas as folhas supérfluas (que são quase metade delas), para impedir que as uvas fiquem tapadas e não recebam a plena influência do sol.»<sup>493</sup>

Quando ao processo de amadurecimento, Barrett (2017) refere acontecer, geralmente, no mês de agosto. Segundo o autor, as uvas «são, indiscriminadamente, colhidas, colocadas em cestos e transportadas à cabeça dos trabalhadores para as adegas. Por vezes, as uvas são transportadas em grandes barricas e colocadas em carros de bois, mas isto só acontece quando os vinhedos ficam distantes da adega.»<sup>494</sup>

Barrett (2017) descreve a prensa utilizada no esmagamento da uva e explica o seu processo:

«A prensa é uma grande cisterna quadrada feita, geralmente, de madeira do Brasil, cujas tábuas têm três polegadas de espessura. Uma prensa grande pode levar uma elevada quantidade de uvas, enchendo oito pipas de vinho, da medida do Faial, com cerca de 106 a 110 galões cada. As uvas são vazadas dentro do lagar, seguindo-se o esmagamento destas, com os pés, executado por oito a dez homens, extraíndo-se, assim, o sumo. Em frente da prensa há uma torneira com o cano quadrado, que se abre de vez em quando, para deixar sair o líquido. É colocado um cesto debaixo da torneira para servir de peneira, impedindo que as cascas e grainhas caiam dentro das dornas. O sumo é vazado em medidas certas, sendo a décima vazada colocada numa pipa separada destinada ao Rei que todos os anos recebe as dízimas, dispondo delas num leilão, na Alfândega.»<sup>495</sup>

Barrett (2017) prossegue com a descrição do processo de esmagamento da uva:

«O primeiro sumo que sai da prensa é extremamente doce. Depois de todo o líquido ser extraído, por meio dos pés, ficam somente, agora, amontoadas no meio do lagar as cascas e as grainhas. Sobre elas é colocada uma tábua forte

<sup>492</sup> BARRETT, 2017: 235.

<sup>493</sup> BARRETT, 2017: 235, 236.

<sup>494</sup> BARRETT, 2017: 236.

<sup>495</sup> Ibidem.

com uma pedra de meia tonelada de peso numa das extremidades que opera como uma alavanca que faz pressão, espremendo uma vez mais, as cascas e os talos. À medida que a trave faz pressão e a pedra se aproxima do chão, esta é elevada por uma rosca ligada à extremidade da trave. Como resultado disto, obtém-se um líquido que, em vez de ser posto de parte para fazer um vinho inferior, é misturado com o primeiro o que, certamente, vai prejudicar a sua qualidade.»<sup>496</sup>

A produção do vinho Passado do Pico ou Malvasia é descrita por Barrett (2017):

«A ‘Malvasia’ do Pico ou ‘Passado’, como costumam chamar, é feito dos melhores cachos maduros que são seleccionados e colocados sobre a lava lisa, próxima da costa, que é de uma natureza fortemente absorvente dos raios solares, onde ficam expostos em pleno calor de sol. Se a lava for inclinada, melhor será, porque escorrerá toda a água, caso aconteça chover. Desta forma, estas ficam expostas durante dez a quinze dias, conforme a temperatura do sol, até se tornarem quase em passas. São, então, espremidas como as outras, mas como é evidente, o ‘Passado’ requer três vezes a quantidade de uvas para se obter uma só pipa, devido ao suco ser muito reduzido, quando absorvido pelo sol.»<sup>497</sup>

Por fim, no que respeita ao processo de fermentação do vinho, segundo Barrett (2017): «O vinho começa a fermentar no mesmo dia em que é imprensado, continuando no estado de fermentação por duas ou três semanas, até se tornar, finalmente, claro. Quanto mais tempo leva a fermentar, melhor e mais forte se torna.»<sup>498</sup>

Arthur Morelet (1860) escreve sobre a colheita da uva no Pico e o seu transporte. Segundo o autor, a colheita termina pelo final do mês de agosto e o seu transporte é feito em vasilhas de madeira, atividade na qual «(...) les ouvriers employés à ces divers travaux sont payés comme simples manoeuvres, à raison de 100 reis par jour (40 c.), excepté ceux qui transportent le raisin sur leur tête (acarretadores), dont le salaire est double.»<sup>499</sup>

Em finais do século XIX, Alice Baker (1882) descreve a uva do Pico como pequena, branca, e semelhante em tamanho, forma e textura à uva Delaware. Para a autora, «it has a delicious flavor, and is so delicate that one may eat pounds of them without a surfeit.»<sup>500</sup> Sobre a vindima, a autora descreve o amassar das uvas com os pés pela população mais jovem, com alguma aversão: «we saw the grapes trodden out in a vat by the naked feet of boys and girls. The must foaming ‘round the white feet of laughing girls’ is prettier in the poem than in reality.»<sup>501</sup>

---

<sup>496</sup> BARRETT, 2017: 236.

<sup>497</sup> BARRETT, 2017: 236, 237.

<sup>498</sup> BARRETT, 2017: 237.

<sup>499</sup> MORELET, 1860: 111. Tradução livre da autora: «(...) os trabalhadores, empregados nestas diversas obras, são pagos como simples operários, a 100 réis por dia, exceto os que carregam as uvas na cabeça (acarretadores), cujo salário reside no dobro.»

<sup>500</sup> BAKER, 1882: 83. Tradução livre da autora: «tem um sabor delicioso e tão delicado que podemos comer quilos delas sem fartar.»

<sup>501</sup> BAKER, 1882: 83, 84. Tradução livre da autora: «vimos as uvas pisadas num lagar pelos pés descalços de rapazes e raparigas. O mosto espumando ‘ao redor dos pés brancos de moças que riem’ é mais bonito no poema do que na realidade.»

No que respeita à descrição da produção e exportação do vinho da ilha do Pico pelos viajantes, no século XVIII Don Vicente Tofiño de San Miguel (1789) escreve que «El vino es la gran cosecha de toda la Isla (...)».<sup>502</sup> Segundo o autor, sua maioria, o vinho tem excelente qualidade, e o que não corresponder a esta, é reduzido a aguardente. São produzidas cerca de 20 000 pipas anuais, em parte exportadas para o Brasil em vinho ou aguardente, e para Inglaterra, onde o vinho é apreciado por se assemelhar ao vinho do Porto.<sup>503</sup>

Na primeira metade do século XIX, de acordo com o testemunho de Hebbe (1816), o melhor vinho produzido na ilha do Pico é o da parte ocidental, enquanto que o da parte oriental é convertido em aguardente. Segundo o autor, para ser produzida uma pipa de aguardente, são necessárias quatro pipas de vinho.<sup>504</sup>

Para Thomas Ashe (1821), a riqueza da ilha do Pico é o seu vinho, cujo principal mercado são as Índias Ocidentais, onde é apreciado pela marinha e pelo exército. Segundo o autor, um agente na ilha do Faial contrata a principal porção de cada vindima para os comissários dessas colónias; Ashe (1821) considera o vinho do Pico em cor e sabor um Madeira inferior, cinquenta por cento mais barato.<sup>505</sup>

Briant Barrett (2017) descreve o vinho do Pico como «(...) leve e, em certas alturas, extremamente bom».<sup>506</sup> De acordo com o autor, o vinho do Pico «é muito procurado pelos mercadores de vinho da Inglaterra por possuir a singular qualidade de tomar o gosto e o sabor de qualquer vinho branco, quando misturado com ele.»<sup>507</sup>

O consumo de grande quantidade do vinho do Pico em Inglaterra e nos Estados Unidos é, segundo Barrett (2017), feito com o nome de ‘Madeira’, pois ao ser misturado com o vinho do Pico, a diferença entre ambos torna-se mínima. O autor explica que: «o vinho, no seu estado virgem, nunca é bebido na Inglaterra porque se perderia. Por conseguinte, deitam aguardente e preparam-no, com tanta habilidade e artimanha, como fazem quando preparam um cavalo que desejam vender.»<sup>508</sup>

Quanto à produção do vinho, segundo Barrett (2017), em 1812 a produção de vinho não ultrapassou as 1800 pipas de inferior qualidade, enquanto que, no ano seguinte, a produção subiu para as 12000 da melhor qualidade.<sup>509</sup> Os dados de Barrett (2017), ao que parece, são exagerados. De acordo com o estudo de Ricardo Manuel Madruga da Costa sobre a vitivinicultura da ilha do

---

<sup>502</sup> TOFIÑO DE SAN MIGUEL, 1789: 218. Tradução livre da autora: «O vinho é a grande colheita de toda a ilha (...)».

<sup>503</sup> Ibidem

<sup>504</sup> HEBBE, [1802] 1816: 325.

<sup>505</sup> ASHE, 1821: 233.

<sup>506</sup> BARRETT, 2017: 237.

<sup>507</sup> Ibidem.

<sup>508</sup> BARRETT, 2017: 237.

<sup>509</sup> BARRETT, 2017: 238.

Pico nas primeiras décadas do século XIX, em 1812 foram produzidas 1331 pipas de vinho e no ano seguinte, 3978 pipas.<sup>510</sup>

Barrett (2017) fornece-nos uma escala quantitativa para avaliação de um bom ano de produção de vinho na ilha do Pico, em inícios do século XIX. Segundo o autor: «Num ano excepcional, a ilha do Pico produziu tanto como 24000 pipas de vinho. Embora considerassem uma óptima produção quando produzia 18000 pipas, consideravam um ano bastante razoável quando produzia 12000 pipas.»<sup>511</sup>

Ainda na primeira metade do século XIX, Edward Boid (1834) menciona uma produção anual de vinho do Pico de quase 25000 barris, vinho este enviado para a ilha do Faial para cura e exportação.<sup>512</sup> Segundo Norberta Amorim (2004), nos finais do século XIX, a maior quantidade de vinho produzido na ilha do Pico ocorria na Madalena, com destaque para as freguesias da Candelária e São Mateus, sendo a freguesia da Piedade a maior produtora de vinho do Concelho das Lajes do Pico, e as freguesias de Santo António e Santa Luzia as mais produtivas do Concelho de São Roque.<sup>513</sup>

De acordo com os irmãos Bullar (1841), a ilha do Pico produz um vinho parecido ao vinho ‘Madeira’, de segunda ordem, e uma bebida execrável, forte e embriagante, exportada em grande quantidade para a Inglaterra e a América – o ‘vinho de estufa’ – , conhecido em Portugal pelo rótulo de xerez; o vinho vulgar do Pico, exportado apenas para as outras ilhas dos Açores; o vinho ‘passado’, «(...) a pleasant sweet wine (...)»,<sup>514</sup> e também tentativas de produção de *champagne*.<sup>515</sup>

Arthur Morelet (1860) escreve sobre a fraca qualidade dos vinhos tintos no arquipélago. De acordo com o autor:

«L’Archipel ne produit pas de vins rouges: celui que l’on y recolte est sec, assez capiteux, analogue aux Madère, mais évidemment inférieur. Il gagne beaucoup lorsqu’il a été fait avec soin, surtout avec des rasins mûrs; autrement, il est détestable. Le meilleur se récolte sur les laves échauffées par le soleil, notamment dans le nord de Pico, où l’on cite des crus de Cachorro, Lagido, etc., près de Magdalena. Au sud de l’île, où le sol vaut mieux et où les ceps sont enracinés plus profondément, le raisin mûrit d’une manière moins égale et la qualité s’en ressent.»<sup>516</sup>

Para além da descrição da paisagem vitivinícola da ilha do Pico, dos processos de produção vitivinícola, desde a plantação da vinha à vindima, do comércio e exportação do vinho, os viajantes

<sup>510</sup> COSTA, 2004: 113.

<sup>511</sup> BARRETT, 2017: 238.

<sup>512</sup> BOID, 1834: 302.

<sup>513</sup> AMORIM, 2004: 190.

<sup>514</sup> BULLAR, 1841, vol.I: 340. Tradução: «(...) um vinho adocicado, agradável (...)». BULLAR, [1841] 2001: 165.

<sup>515</sup> BULLAR, 1841, vol.I: 339, 340, BULLAR, [1841] 2001: 165.

<sup>516</sup> MORELET, 1860: 112. Tradução livre da autora: «O Arquipélago não produz vinhos tintos: o vinho aí colhido é seco, bastante inebriante, semelhante ao da Madeira, mas obviamente inferior. Ganha qualidade quando feito com cuidado, principalmente com uvas maduras; caso contrário, é detestável. O melhor é colhido a partir da lava aquecida pelo sol, especialmente no norte do Pico, onde citamos os *crus* do Cachorro, Lagido, etc., perto da Madalena. No sul da ilha, onde o solo é melhor e as vinhas estão mais enraizadas, as uvas amadurecem menos uniformemente e a qualidade ressenete-se.»

que visitaram o arquipélago açoriano mencionam também o importante acontecimento, em 1853, que devastou as vinhas açorianas – a praga do *oidium tuckeri*.

A meados do século XIX, Henri Drouët (1858) escreve sobre os impactos do aparecimento da doença do *oidium* na ilha do Pico. Nas palavras do autor, «Le commerce du vin de Pico n'existe plus, à proprement parler, et l'île a subi, par cela même, un notable appauvrissement.»<sup>517</sup> Segundo Drouët (1858), uma pipa de vinho – equivalente a 500 garrafas – era vendida por 200 francos na ilha do Faial, uma década antes da sua visita, em 1857, e valia 550 francos.

Drouët (1858) descreve o cenário da devastação das vinhas na ilha do Pico pelo oídio, no ano de 1857, aquando da sua visita ao arquipélago açoriano: «Survenue depuis tantôt six années, la maladie est actuellement en pleine activité, et l'on ne rencontre partout que des cepts maladifs et rabougris, portant à de rares intervalles des grappes avortées et atteintes par l'oïdium.»<sup>518</sup>

De acordo com Morelet (1860), o oídio apareceu nos Açores em 1853<sup>519</sup> e teve tamanho impacto que reduziu a vindima na ilha do Pico a um quinto do que era. Antes da doença, a produção do Pico era de 25000 pipas anuais, onde apenas 1000 eram destinadas à exportação, sendo que a pipa dos Açores contém 400 litros de vinho.<sup>520</sup> Segundo Drouët (1861), «Tant que ce fléau n'aura pas disparu, on peut donc dire que cette branche de commerce n'existe plus aux Açores.»<sup>521</sup>

Jean-Léon Soubeiran e Augustin Delondre (1867) também escrevem sobre a doença do oídio no Pico e a devastação das vinhas. Segundo os autores, «(...) la maladie qui sévissait à peu près depuis 1856 commence à entrer depuis deux ou trois ans dans une période décroissante, et la production s'est élevée cette année (1867) à un dixième à peu près de ce qu'elle était autrefois.»<sup>522</sup>

Rupert Swindells (1877) escreve sobre a consequência da devastação das vinhas do Pico no prisma social, resultando na emigração dos habitantes. Segundo Swindells (1877), antes de 1853, a ilha do vinho era considerada a vinha dos Açores e a exportação do vinho 'Pico Madeira' atingia as 20,000 a 30,000 pipas. Porém, «Unfortunately the Oidium Tuckeri devastated the vineyards in

---

<sup>517</sup> DROUËT, 1858: 25. Tradução livre da autora: «O comércio do vinho já não existe e, por causa disto, a ilha sofreu um empobrecimento notável.»

<sup>518</sup> DROUËT, 1858: 25. Tradução livre da autora: «A doença, que começou há seis anos, está agora em plena atividade, e encontra-se por todo o lado apenas vinhas doentes e raquíticas, com cachos abortados e afetados pelo oídio em intervalos raros.»

<sup>519</sup> O oídio aparece nos Açores em 1852. Comemorações dos 10 Anos de Classificação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico como Património Mundial. Consultado a 14/07/2021, em [www.azores.gov.pt](http://www.azores.gov.pt)

<sup>520</sup> MORELET, 1860: 113, 114.

<sup>521</sup> DROUËT, 1861: 63. Tradução livre da autora: «Até que esta praga desapareça, podemos afirmar que este ramo de comércio já não existe nos Açores.»

<sup>522</sup> SOUBEIRAN, DELONDRE, 1867: 14. Tradução livre da autora: «(...) a doença, que prevalece desde cerca de 1856, começou a declinar passados dois ou três anos, e a produção aumentou este ano (1867) para cerca de um décimo do que fora outrora.»

1853; but little wine has been made since, and many of the inhabitants have emigrated to Brazil and California.»<sup>523</sup>

Alberto d'Albertis (1888) também comenta a devastação das vinhas do Pico após o aparecimento do oídio. Segundo o autor, as terras do Pico produziam outrora o vinho lembrado por velhos *gourmets*, perdido devido à doença. As terras deram lugar às vinhas americanas, cujo vinho é muito diferente das vinhas primitivas da ilha. Nas palavras de D'Albertis (1888):

«Nel 1852 Pico produceva 25000 pipe di vino secco, gustoso, avente qualche analogia col vino secco di Madera, ma l'anno seguente il rapido sviluppo del fungo parassita, favorito dall'umido calore dell'isola, aveva ridotto il raccolto ad un quinto ed in pochi anni la produzione del vino era totalmente estinta, tantochè nel 1867, invano si sarebbe cercato un grappolo d'uva in tutta l'isola. La distruzione dei vigneti fu tanto disastrosa a Pico, inquantoché la natura della maggior parte del suolo da essi occupata, non permette quasi altra specie di coltura.»<sup>524</sup>

De acordo com Norberta Amorim (2004), no século XIX a produção de aguardente de vinho, ao contrário da aguardente de frutos, era pouco significativa na ilha do Pico, surgindo, «após a crise dos vinhos em 1852, [como] uma alternativa para os terrenos pobres das freguesias do concelho da Madalena, mas também de Santo António e de Santa Luzia, no concelho de S. Roque (...)».<sup>525</sup> Segundo Amorim, investiu-se na plantação de figueiras, macieiras e pessegueiros destinadas à produção de aguardente.<sup>526</sup>

#### 4.2.2. OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS

Vicente Tofiño de San Miguel (1789), no final do século XVIII, caracteriza o solo do pico como áspero e coberto de pedras, o que se traduz numa colheita de cereais muito curta.<sup>527</sup> A ilha do Pico, efetivamente, é constituída por muita lava, escasseando em solo cultivável, tendo sido necessária, segundo testemunhos de viajantes no século XIX, a compra de terra à ilha do Faial. A terra era transportada, segundo John Webster (1821), através do canal Faial-Pico.<sup>528</sup>

De acordo com o testemunho do capitão Boid (1834), na primeira metade do século XIX, grande parte da superfície do Pico era imprópria para cultivo; a parte de solo que a ilha possui é

---

<sup>523</sup> SWINDELLS, 1877: 118. Tradução livre da autora: «Infelizmente, o *Oidium Tuckeri* devastou os vinhedos em 1853; mas pouco vinho foi produzido desde então, e muitos dos habitantes emigraram para o Brasil e para a Califórnia.»

<sup>524</sup> D'ALBERTIS, 1888: 192, 193. Tradução livre da autora: «Em 1852, o Pico produzia 25000 pipas de vinho seco e saboroso, tendo alguma analogia com o vinho seco da Madeira, mas no ano seguinte o rápido desenvolvimento do fungo parasita, favorecido pelo calor húmido da ilha, reduziu a vindima para um quinto, e em poucos anos a produção de vinho estava totalmente extinta, tanto que em 1867 ter-se-ia procurado um cacho de uva por toda a ilha em vão. A destruição das vinhas foi muito desastrosa no Pico, pois a natureza da maior parte dos solos por estas ocupado dificilmente permite outras culturas.»

<sup>525</sup> AMORIM, 2004: 190.

<sup>526</sup> Ibidem.

<sup>527</sup> TOFIÑO DE SAN MIGUEL, 1789: 218.

<sup>528</sup> WEBSTER, 1821: 234.

descrita pelo autor como rica, capaz de produzir uma boa área de cereais para consumo dos habitantes, assim como bons vegetais.<sup>529</sup>

Manuel Henriques (1867), na segunda metade do século XIX, também escreve sobre a natureza do solo rochoso do Pico o qual, segundo o autor, era pouco propício para o cultivo de cereais.<sup>530</sup> Apesar das características do solo da ilha e da necessidade de importação de terra à ilha do Faial, viajantes como William Bolton (1843) e John Dix (1851) descrevem a ilha do Pico como sendo muito cultivada.<sup>531</sup>

De acordo com Boid (1834), a parte sul da ilha do Pico era a que continha mais solo fértil e arável, sendo a terra sobre as Lajes e o território a este cultivada com particular cuidado, em socalcos; do mar à base da montanha, a terra é descrita como sendo ricamente cultivada com plantações e laranjais.<sup>532</sup>

Segundo John Hebbe (1816), a parte este do Pico era baixa e unida, e produzia diferentes tipos de cereais e frutos.<sup>533</sup> De acordo com Barrett (2017), a parte mais fértil da ilha era a Terra do Pão, onde se produzia o dobro das outras ilhas açorianas.<sup>534</sup> De acordo com Charles Thomson (1877), a parte mais baixa e plana da montanha produzia milho, inhame e trigo em abundância.<sup>535</sup>

De acordo com Charles Thomson (1877), as outras ilhas dos Açores eram muito dependentes da ilha do Pico para o abastecimento de vegetais, frutas e aves domésticas, produtos exportados para o mercado do Faial de barco, através do canal Faial-Pico; o mercado da ilha de São Miguel, por sua vez, era mais pobre e desprovido, devido à sua distância em relação à ilha do Pico.<sup>536</sup> Boid (1834) também menciona a exportação de vegetais do Pico. Segundo o autor, em particular, eram exportadas cebolas por comerciantes americanos e outros, através da ilha do Faial.<sup>537</sup>

Segundo Norberta Amorim (2004), «Embora básicos e com possibilidade de se conservar o ano inteiro, nem só o trigo e o milho apoiavam a alimentação quotidiana das populações das quatro ilhas [Faial, Pico, Flores e Corvo]. Sem grande significado a produção de centeio ou cevada, a batata inglesa e a batata doce em épocas próprias, o feijão e o inhame, eram importantes suplementos alimentares, sem esquecer a fava, que além de suplemento alimentar constituía, ao lado do tremçoço, importante adubo para os campos, ávidos de azoto.»<sup>538</sup>

---

<sup>529</sup> BOID, 1834: 301.

<sup>530</sup> HENRIQUES, 1867: 62.

<sup>531</sup> BOLTON, 1843: 11, DIX, 1851: 20.

<sup>532</sup> BOID, 1834: 301, 307, 308.

<sup>533</sup> HEBBE, [1802] 1816: 323.

<sup>534</sup> BARRETT, 2017: 229.

<sup>535</sup> THOMSON, 1877: 25.

<sup>536</sup> THOMSON, 1877: 25, 28.

<sup>537</sup> BOID, 1834: 301.

<sup>538</sup> AMORIM, 2004: 186.

#### 4.2.2.1. A CERREALICULTURA

No que respeita à cerealicultura, segundo os viajantes, os cereais cultivados na ilha do Pico nos séculos XVIII e XIX eram o trigo e o milho. Nas observações de Briant Barrett (2017), tendo avistado um terreno apropriado para a produção de cevada, «(...) os ilhéus dizem que onde não produz trigo devido às ‘nevoeiras’ ou mesmo à saraiva, na altura da floração, todos os outros cereais ou vegetais plantados em terras altas são altamente prejudicados, não produzindo quase nada.»<sup>539</sup>

No século XVIII, de acordo com Vicente Tofiño de San Miguel (1789), a colheita de cereais do Pico era muito curta, sendo necessário importá-los das ilhas vizinhas.<sup>540</sup> Segundo James Cook (1842), ainda no século XVIII, a ilha do Faial exportava a sua produção principal – o trigo e o milho da Índia – para a ilha do Pico.<sup>541</sup>

Já no século XIX, John Fowler (2017) também confirma a escassez de cereais na ilha do Pico e a sua consequente necessidade de importação.<sup>542</sup> De acordo com Barrett (2017), a parte nordeste da ilha – Nossa Senhora da Piedade – é a parte mais fértil da ilha para o cultivo de cereais.<sup>543</sup>

Segundo Charles Thomson (1877), na base da montanha da ilha do Pico produzia-se trigo.<sup>544</sup> Quanto ao milho, segundo os testemunhos de Thomas Ashe (1813), Charles Thomson (1877), Lyman Weeks (1882), Alberto D’Albertis (1888) e Charles Roundell (1889), campos deste cereal eram cultivados na base da montanha do Pico,<sup>545</sup> abaixo das vinhas.<sup>546</sup> De acordo com Barrett (2017), o milho era também cultivado no terreno que ladeia o Cabeço da Areia, situado no caminho entre a Piedade e a aldeia de Manhenga.<sup>547</sup>

Segundo Norberta Amorim (2004), em finais do século XIX a ilha do Pico não produzia milho suficiente para o consumo dos habitantes. O Concelho da Madalena era o concelho mais pobre na produção deste cereal, devido ao seu solo de formação mais recente, seguido do Concelho das Lajes; o trigo, por sua vez, de acordo com a autora, produzia algum excedente apenas na freguesia da Prainha, no Concelho de São Roque, sendo o Concelho das Lajes o mais necessitado da sua importação.<sup>548</sup>

---

<sup>539</sup> BARRETT, 2017: 228.

<sup>540</sup> TOFIÑO DE SAN MIGUEL, 1789: 218.

<sup>541</sup> COOK, 1842: 593.

<sup>542</sup> FOWLER, [1831] 2017: 67, 68.

<sup>543</sup> BARRETT, 2017: 224.

<sup>544</sup> THOMSON, 1877: 25.

<sup>545</sup> ASHE, 1813: 294, THOMSON, 1877: 25, WEEKS, 1882: 68, D’ALBERTIS, 1888: 193.

<sup>546</sup> ROUNDELL, 1889: 97.

<sup>547</sup> BARRETT, 2017: 225.

<sup>548</sup> AMORIM, 2004: 183, 184.

#### 4.2.2.2. A FRUTICULTURA

No que respeita à fruticultura da ilha do Pico, já no século XVIII a ilha é caracterizada por grande abundância de frutas, segundo Tofiño de San Miguel (1789) «(...) todas de excelente calidad»<sup>549</sup>. No século XIX, de acordo com John Hebbe (1816), a parte este da ilha do Pico produzia diferentes tipos de frutas.<sup>550</sup> Briant Barrett (2017) também menciona a produção de frutas na ilha: «das Lagens até à bonita aldeia de S. Bartolomeu, o caminho sobe, ligeiramente, continuando a subir até S. João. Os pequenos jardins, de cada lado do caminho, estavam cheios de árvores de fruta.»<sup>551</sup>

Barrett (2017) transcreve o relato da subida à montanha do Pico por Mr. Parkin, Cônsul Inglês no Faial, o qual menciona a existência de diversas árvores de fruto a uma hora de viagem da Areia Larga, em direção ao cimo da montanha: figueiras, macieiras, pessegueiros, ameixeiras, pereiras, damasqueiros, morangos silvestres e uvas. A fruta do Pico é considerada, pelo autor, de qualidade superior à fruta das demais ilhas.<sup>552</sup>

As maçãs do Pico são notadas por Hewett Watson (1843),<sup>553</sup> enquanto que figos e damascos são mencionados por Charles Thomson (1877),<sup>554</sup> Alberto D'Albertis (1888)<sup>555</sup> e por Rupert Swindells (1877), o qual afirma terem um amplo cultivo.<sup>556</sup> O capitão Boid (1834) observa ainda a presença de laranjais na base da montanha do Pico.<sup>557</sup> De acordo com Watson (1843), no Pico ou em qualquer outra ilha dos Açores não eram produzidas cerejas, framboesas ou groselhas.<sup>558</sup> É ainda mencionada, por Arthur Morelet (1860), a Camarinha – *Corema alba* Don. – fruto comestível, utilizado, segundo o autor, na produção de álcool na ilha do Pico.<sup>559</sup>

De acordo com Norberta Amorim (2004), em finais do século XIX, na ilha do Pico, produziam-se laranjas, maçãs, pêras, pêssegos, figos, e castanhas. Segundo a autora, enquanto o concelho das Lajes era mais propício ao cultivo de laranjas, pêssegos e figos eram mais cultivados nos outros dois concelhos da ilha – Madalena e São Roque.<sup>560</sup> Como podemos observar através dos testemunhos do século XIX mencionados, os viajantes não mencionam a cultura da castanha na ilha do Pico.

<sup>549</sup> TOFIÑO DE SAN MIGUEL, 1789: 218. Tradução livre da autora: «(...) todas de excelente qualidade.»

<sup>550</sup> HEBBE, [1802] 1816: 323.

<sup>551</sup> BARRETT, 2017: 229.

<sup>552</sup> BARRETT, 2017: 230, 235.

<sup>553</sup> WATSON, 1843: 5.

<sup>554</sup> THOMSON, 1877: 25.

<sup>555</sup> D'ALBERTIS, 1888: 193.

<sup>556</sup> SWINDELLS, 1877: 118.

<sup>557</sup> BOID, 1834: 308.

<sup>558</sup> WATSON, 1843: 5.

<sup>559</sup> MORELET, 1860: 102.

<sup>560</sup> AMORIM, 2004: 191.

### 4.2.2.3. A OLERICULTURA

O cultivo de legumes e verduras na ilha do Pico é descrito nos testemunhos dos viajantes do século XIX. São mencionados, especificamente: o inhame, a batata-doce, a cebola e a couve. É também mencionada a utilização da planta tintureira urzela pelos habitantes dos Pico. O tremoço é, por sua vez, considerado por Arthur Morelet (1860) o único fertilizante utilizado pelos açorianos.<sup>561</sup>

De acordo com o capitão Boid (1834), grandes quantidades de vegetais, cebolas em particular, eram produzidos no Pico e destinados à exportação, realizada através de comerciantes americanos, entre outros, que frequentavam a ilha do Faial.<sup>562</sup> As couves do Pico, segundo Charles Thomson (1877), era vendidas no mercado do Faial.<sup>563</sup> Quanto aos legumes, de acordo com Charles Roundell (1889), estes eram plantados na base da montanha do Pico, acima da zona da plantação das vinhas.<sup>564</sup>

O inhame – *Arum colocasia L.* – segundo Morelet (1860), provavelmente importado de Portugal, está naturalizado nos Açores, reproduzindo-se de forma espontânea. Rico em fécula, o autor descreve-o como um alimento saudável e nutritivo, superior à batata, sendo as suas folhas aproveitadas para o alimento dos porcos.<sup>565</sup> De acordo com Norberta Amorim (2004), o inhame era um produto presente na alimentação dos picoenses durante todo o ano. Valia no Concelho das Lajes do Pico, em 1884, mais do que a batata doce<sup>566</sup> e era frequentemente consumido neste concelho e no Concelho de São Roque.<sup>567</sup>

No que respeita à cultura do inhame na ilha do Pico, de acordo com Morelet (1860), este era plantado a uma légua e meia do litoral em direção à montanha, apertado entre as rochas<sup>568</sup>; segundo Charles Roundell (1889), encontrava-se plantado acima das vinhas;<sup>569</sup> na apreciação de Alberto D'Albertis (1888), a plantação de inhame ia diminuindo à medida que se sobe a montanha e a cultura do homem cessa;<sup>570</sup> de acordo com Charles Thomson (1877), os inhames eram produzidos em abundância na base da montanha,<sup>571</sup> onde pareciam, segundo Lyman Weeks (1882), «(...) oases in the desert.»<sup>572</sup>

---

<sup>561</sup> MORELET, 1860: 28.

<sup>562</sup> BOID, 1834: 301.

<sup>563</sup> THOMSON, 1877: 25.

<sup>564</sup> ROUNDELL, 1889: 97.

<sup>565</sup> MORELET, 1860: 101.

<sup>566</sup> AMORIM, 2004: 186.

<sup>567</sup> AMORIM, 2004: 188.

<sup>568</sup> MORELET, 1860: 126.

<sup>569</sup> ROUNDELL, 1889: 97.

<sup>570</sup> D'ALBERTIS, 1888: 193.

<sup>571</sup> THOMSON, 1877: 25.

<sup>572</sup> WEEKS, 1882: 68. Tradução livre da autora: «(...) oásis no deserto.»

Quanto à batata, Lyman Weeks (1882) descreve o seu cultivo na base da montanha<sup>573</sup> e Charles Roundell (1889) acima da zona das vinhas.<sup>574</sup> Alberto D'Albertis (1888) é o único viajante que especifica uma espécie de batata produzida no Pico – a batata-doce –, produzida na área cultivada da montanha do Pico.<sup>575</sup>

De acordo com Norberta Amorim (2004), o clima do Pico não permitia a conservação prolongada da batata. A batata inglesa cobria a época de Verão, e a batata doce, a de Outono. O Pico era a única ilha que, no ano de 1884, não produzia batata inglesa e doce suficiente para consumo, levando os habitantes à necessidade de importá-la.<sup>576</sup>

No que respeita à urzela – *Rocella tinctoria* –, segundo Boid (1834), esta planta era um musgo de valor relativamente abundante no arquipélago açoriano e uma das produções lucrativas da ilha do Pico.<sup>577</sup> O autor descreve este musgo como tendo uma coloração cinza-esverdeada, crescendo em rochas e paredes e podendo ser encontrado, nos Açores, exclusivamente nos lados setentrionais das ilhas.<sup>578</sup> Boid (1834) menciona ainda uma anterior apropriação da urzela pela coroa portuguesa, tendo a sua venda sido tornada pública em data mais próxima ao ano de 1832, data da sua visita ao arquipélago açoriano.<sup>579</sup>

É ainda mencionada ainda, pelos viajantes, a cultura do tremoço no arquipélago açoriano. Segundo Morelet (1860), o inhame era enterrado no sulco onde cresce, servindo de fertilizante às culturas do arquipélago, e contribuindo assim para o enriquecimento das colheitas.<sup>580</sup>

#### 4.2.2.4. A SILVICULTURA

No que respeita ao aproveitamento de madeira na ilha do Pico, Edward Boid (1834) afirma que o Pico possuía as melhores madeiras do arquipélago, em particular o cedro e o teixo branco.<sup>581</sup> Ainda no século XVIII, Don Vicente Tofiño de San Miguel (1789) afirma que a ilha do Pico fornecia lenha à ilha do Faial.<sup>582</sup> Na entrada do século XIX, John Hebbe (1816) confirma o fornecimento de madeira do Pico ao Faial, extraída da região arborizada da montanha,<sup>583</sup> uma região rica, segundo Charles Thomson (1877).<sup>584</sup>

---

<sup>573</sup> Ibidem..

<sup>574</sup> ROUNDELL, 1889: 97.

<sup>575</sup> D'ALBERTIS, 1888: 193.

<sup>576</sup> AMORIM, 2004: 186, 187.

<sup>577</sup> BOID, 1834: 311.

<sup>578</sup> BOID, 1834: 312, 313.

<sup>579</sup> BOID, 1834: 313.

<sup>580</sup> MORELET, 1860: 28.

<sup>581</sup> BOID, 1834: 300.

<sup>582</sup> TOFIÑO DE SAN MIGUEL, 1789: 227.

<sup>583</sup> HEBBE, [1802] 1816: 326, 327.

<sup>584</sup> THOMSON, 1877: 25.

O teixo do Pico – *Taxus baccata*<sup>585</sup> – é equiparado em qualidade por Thomas Ashe (1813) e Rupert Swindells (1877) ao mogno, e foi produzido em grande quantidade.<sup>586</sup> Segundo Ashe (1813), era uma madeira muito solicitada em Lisboa e era utilizada na produção de mobiliário, como escrivaninhas, mesas de trabalho, entre outras peças chiques.<sup>587</sup> John Fowler (2017), na primeira metade do século XIX, descreve o teixo do Pico como sólido e bonito.<sup>588</sup> Segundo o autor, esta árvore era monopólio do Governo à época, não podendo ser cortada sem ser por sua ordem.<sup>589</sup>

De acordo com Susana Goulart Costa (1998), ainda já no século XVIII, os concelhos lançaram posturas que proibiram o corte das árvores. Segundo a autora:

«A falta deste género deve ter como principal motivo o excesso de exportação, pois as entradas de navios oriundos do Pico no porto de Angra comprovam o contínuo transporte de lenha no mesmo período. Se a venda para o exterior era mais lucrativa para os comerciantes picoenses, os habitantes queixavam-se da escassez do produto, que provocava quer a subida dos preços das lenhas, quer a necessidade de recorrer à importação (...).»<sup>590</sup>

No século XIX, de acordo com Charles Roundell (1889), na região arborizada da montanha onde se encontra a *Myrica Faya*, a *Erica Azorica*, musgo, fetos, nas encostas, encontrava-se o teixo. À data da sua visita, segundo a autora, esta árvore era cortada para produção de lenha, não sendo replantada pelo Governo.<sup>591</sup> É ainda referida a produção de carvão no arquipélago açoriano.

Sobre a produção de carvão, a espécie da flora açoriana *Erica Azorica* é mencionada por Arthur Morelet (1860) pela sua utilidade. Segundo o autor, esta espécie possui uma madeira dura que era convertida pelos açorianos em carvão, e cujos ramos eram utilizados para produzir vassouras.<sup>592</sup>

### 4.2.3. A PECUÁRIA

Para além da agricultura, outra atividade económica comentada pelos viajantes nos séculos XVIII e XIX e de grande importância às ilhas açorianas é pecuária. Relativamente à pecuária da ilha do Pico, de acordo com os viajantes, a ilha produzia desde gado bovino, caprino, ovino e asinino. O gado suíno é pouco ou nada mencionado nos testemunhos dos visitantes.

---

<sup>585</sup> Ver: Teixo (*Taxus baccata*). Consultado a 24/07/2021, em [www.almanaqueacoriano.com](http://www.almanaqueacoriano.com)

<sup>586</sup> ASHE, 1813: 296, SWINDELLS, 1877: 118.

<sup>587</sup> ASHE, 1813: 296. John Webster também escreve sobre o teixo e a produção de mobiliário, baseando-se na descrição de Ashe. WEBSTER, 1821: 234.

<sup>588</sup> FOWLER, [1831] 2017: 68.

<sup>589</sup> Ibidem.

<sup>590</sup> COSTA, 1998: 89.

<sup>591</sup> ROUNDELL, 1889: 97.

<sup>592</sup> MORELET, 1860: 102.

No século XVIII, Segundo Tofiño de San Miguel (1789), o Pico produzia gado bovino e ovino em maior quantidade do que a capacidade de consumo da população.<sup>593</sup> Na primeira metade do século XIX, o gado bovino e ovino são descritos, em termos de qualidade, por Briant Barrett (2017) como excelentes, superiores e mais baratos do que o das demais ilhas do arquipélago.<sup>594</sup> De acordo com Rupert Swindells (1877), aves domésticas eram ainda produzidas e exportadas para as outras ilhas açorianas.<sup>595</sup>

Na região das pastagens da montanha do Pico, são descritas pelos irmãos Bullar (1841), vacas, bois e ovelhas,<sup>596</sup> as últimas, descritas por Thomas Higginson (2007) como «(...) long-wooled sheep, of the whitest white & the blackest black.»<sup>597</sup> Higginson(2007) acrescenta: «(...) Pico above us, & the Serra around us dotted white & black with reposing sheep.»<sup>598</sup>

Ainda na região das pastagens da montanha do Pico, Higginson (2007) continua a descrição da paisagem que observou. Descreve cordeiros mortos e meio comidos por cães, rapazes, raparigas e cães pastores.<sup>599</sup> Gado bovino vermelho e cabras pretas de cornos longos são ainda descritos na zona de pastagem por Lyman Weeks (1882), durante a sua descida da montanha.<sup>600</sup>

Na opinião Briant Barrett (2017), o qual visitou o arquipélago açoriano entre 1812-1814, as pastagens do Pico são melhores do que as outras ilhas açorianas e ótimas para o alimento do gado de produção de carne sólida, tendo a capacidade de produzir seis vezes mais gado.<sup>601</sup> As pastagens da montanha são descritas por Charles Roundell (1889) como excelentes, «(...) pastures of spongy turf, watered by the melting snows of the cone, in which are fed the cattle for which Pico is famous.»<sup>602</sup>

No diário de Barrett (2017), as pastagens da montanha do Pico, assim como o seu gado bovino e ovino são descritos pelo cônsul inglês no Faial, Mr. Parkin:

«Após outra hora e meia de caminhada, chegámos ao começo do que chamam a zona de pastagem, com grandes pastos repartidos por diferentes proprietários, separados por árvores e muros de pedra (...) contornámos o lado Sul da montanha e, ao fim de mais de uma hora de caminhada, chegámos aos baldios que é uma terra sem dono, não apropriada, que produz erva rasteira, onde se cria e alimenta grande quantidade de gado bovino e ovino. Este último é muito pequeno, mas a sua carne é de bom paladar, bem como a carne de bovino. Uma vez por ano, os habitantes de

<sup>593</sup> TOFIÑO DE SAN MIGUEL, 1789: 218.

<sup>594</sup> BARRETT, 2017: 235.

<sup>595</sup> SWINDELLS, 1877: 118.

<sup>596</sup> BULLAR, 1841, vol.I: 356, 366.

<sup>597</sup> HIGGINSON, [1855] 2007: 469. Tradução: «(...) ovelhas de pêlo longo do branco mais branco e do negro mais negro.» HIGGINSON, [1855] 2009: 77.

<sup>598</sup> HIGGINSON, [1855] 2007: 471. Tradução: «(...) o Pico por cima de nós e a Serra, à nossa volta, salpicada do branco e negro das ovelhas que repousavam.» HIGGINSON, [1855] 2009: 79.

<sup>599</sup> HIGGINSON, [1855] 2007: 474.

<sup>600</sup> WEEKS, 1882: 71.

<sup>601</sup> BARRETT, 2017: 235.

<sup>602</sup> ROUNDELL, 1889: 96. Tradução livre da autora: «(...) pastagens de erva esponjosa, regadas pelas neves derretidas do cone, nas quais é alimentado o gado pelo qual o Pico é famoso.»

cada paróquia apanham-nos para os marcar. Os pastores e vaqueiros que cuidam deles, como é óbvio, conhecem-nos muito bem e sabem a quem pertence cada um deles.»<sup>603</sup>

Relativamente às cabras, Edward Boid (1834), descreve o cenário de «(...) myriads of goats, which seem to run wild amongst the precipitous hights».<sup>604</sup> Quanto aos burros, estes eram usados em parte da descida da montanha pelos viajantes, pois eram deixados a certa altitude durante a subida, onde esperavam pelos homens.<sup>605</sup> Os burros eram também usados como meio de transporte pela ilha.

Segundo Norberta Amorim (2004), em finais do século XIX, nas ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo, era dado um contributo económico pelo gado «(...) principalmente o gado bovino, lanígero e suíno, embora o gado caprino assumia também alguma importância.»<sup>606</sup> Quanto ao gado cavalariço e asinino, estes eram, segundo a autora, de importância muito relativa.<sup>607</sup>

No que respeita à produção de gado na ilha do Pico, no ano de 1884, segundo Amorim (2004), o concelho da Madalena apresentava uma produção inferior aos demais concelhos da ilha em número de cabeças de gado, por ser o concelho com o terreno mais pobre. Apesar disto, segundo a autora, criavam-se leitões destinados à venda nas freguesias de Bandeiras e São Mateus, e cabras para consumo doméstico de leite nesta última.<sup>608</sup>

Quanto ao concelho das Lajes, segundo Amorim (2004), este compreendia a maior extensão de lavouras e pastagens e detinha o maior número de cabeças de gado bovino. Nas palavras da autora:

«(...) Freguesias com maior produção cerealífera criavam, relativamente, maior número de bois. Uma freguesia com terrenos mais pobres como S. João criava vacas de leite nas pastagens do alto. Também neste concelho pastavam mais ovelhas e carneiros. Nas Lajes e nas Ribeiras a criação de cabras para consumo de leite era mais frequente do que nas outras freguesias.»<sup>609</sup>

Em relação ao valor do gado na ilha do Pico, na análise de Norberta Amorim (2004) referente ao ano de 1884, os preços do gado variam por espécie, sexo e por concelho. Relativamente ao gado bovino, no concelho das Lajes, uma vaca custava 19\$000 réis, enquanto que no de São Roque custava 15\$000 réis, e no da Madalena 12\$000 réis. Segundo a autora, o valor do leite transformado em queijo contribuiu para a valorização das vacas no concelho das Lajes. Quanto aos

---

<sup>603</sup> BARRET, 2017: 231.

<sup>604</sup> BOID, 1834: 301. Tradução livre da autora: «(...) miríades de cabras que parecem correr como animais selvagens por entre os abismos e precipícios.» BOID, [1835] 1852: 28.

<sup>605</sup> WEEKS, 1882: 70.

<sup>606</sup> AMORIM, 2004: 191.

<sup>607</sup> Ibidem.

<sup>608</sup> AMORIM, 2004: 193.

<sup>609</sup> AMORIM, 2004: 193.

bois, nas Lajes e em São Roque um boi valia 25\$000 réis, valendo apenas 18\$000 réis no concelho da Madalena.<sup>610</sup>

No que respeita ao gado ovino, segundo Amorim (2004), o concelho de São Roque do Pico, em 1884, detinha o maior número deste gado. As ovelhas custavam \$800 réis por indivíduo nas Lajes do Pico, \$600 réis na Madalena e \$300 réis em São Roque do Pico. Já os carneiros valiam mais no concelho das Lajes, onde cada indivíduo custava 1\$400 réis, na Madalena os mesmos \$600 réis que as ovelhas, e em São Roque \$400 réis.<sup>611</sup>

Quanto ao gado caprino, segundo Amorim (2004), no ano acima referido, era no concelho das Lajes do Pico que este gado tinha maior expressão, «(...) onde o leite de cabra alimentava crianças e velhos, particularmente entre a população ligada o mar, como era o caso das Ribeiras e da própria sede de concelho.»<sup>612</sup> Segundo a autora, neste concelho cada cabra atingia os 3\$000 réis, valendo apenas 1\$000 réis no concelho de São Roque e \$500 réis no da Madalena. Cada bode, por sua vez, custava 1\$000 réis na Madalena, \$700 réis nas Lajes e \$400 réis em São Roque.<sup>613</sup>

Em relação ao gado suíno nas quatro ilhas do ex-distrito da Horta – Faial, Pico, Flores e Corvo – nos finais do século XIX, Norberta Amorim (2004) comenta sobre a dependência da banha de porco no consumo dos habitantes, concluindo que «(...) o facto de existirem famílias sem possibilidade de matar um porco ao ano pode expressar graves carências.»<sup>614</sup>

Segundo Amorim (2004), no concelho de São Roque do Pico, em finais do século XIX, apenas 60 em 100 famílias conseguiam sustentar um porco, sendo o concelho das Lajes o que detinha o maior número deste gado.<sup>615</sup> As porcas nas Lajes valiam 12\$000 réis, tal como os porcos; em São Roque, as porcas valiam 10\$000 réis e na Madalena 5\$000 réis, enquanto que os porcos valiam 20\$000 réis em São Roque e apenas 3\$600 réis na Madalena.<sup>616</sup>

Relativamente ao consumo doméstico de carne pelos habitantes da ilha do Pico no ano de 1884, Norberta Amorim (2004) afirma que, das quatro ilhas que formavam o distrito da Horta, era na ilha do Pico onde se tinha o maior hábito de comer carne de carneiro, abatendo-se, em contrapartida, poucas vitelas.<sup>617</sup> Nas palavras da autora:

«Até épocas recentes não era hábito nestas ilhas sacrificar vitelas para consumo. Mesmo quando havia que matar vitelas à nascença para aproveitar todo o leite, só em alguns comiam dessa carne. O animal recém nascido era

---

<sup>610</sup> AMORIM, 2004: 195.

<sup>611</sup> AMORIM, 2004: 194, 195.

<sup>612</sup> AMORIM, 2004: 194.

<sup>613</sup> AMORIM, 2004: 195.

<sup>614</sup> AMORIM, 2004: 194.

<sup>615</sup> Ibidem.

<sup>616</sup> AMORIM, 2004: 195.

<sup>617</sup> AMORIM, 2004: 196.

frequentemente enterrado. O preconceito para com os animais jovens estendia-se aos carneiros, chibatos e aos porcos, preconceito que pode ter raízes na própria gestão dos recursos.»<sup>618</sup>

De acordo com Amorim (2004), das quatro ilhas do ex distrito da Horta, em 1884, o Pico era ilha com menor consumo de carne bovina por habitante. Era no concelho da Madalena onde se verificava o menor consumo de carne de carneiro, enquanto a carne de cabrito ou de cabra era pouco apreciada nestas ilhas. A carne de porco era, pelo contrário, muito valorizada, sendo, na ilha do Pico, consumida em maior quantidade no concelho de São Roque.<sup>619</sup>

No que respeita aos produtos derivados da pecuária da ilha do Pico, segundo os testemunhos dos viajantes no século XIX, na ilha do Pico eram produzidos leite<sup>620</sup>, carne<sup>621</sup>, couro,<sup>622</sup> e lã.<sup>623</sup> O couro consumido na ilha era preparado e curado pelos nativos, segundo o capitão Edward Boid (1834), com o tanino de murtas da ilha.<sup>624</sup>

Quanto à produção de lã na ilha do Pico, segundo Boid (1834), havia abundância de ovelhas na ilha, sendo portanto usadas na produção de vestuário para consumo doméstico.<sup>625</sup> Segundo Norberta Amorim (2004), em 1884 a lã e o linho no Pico eram transformados em tecido e colchas.<sup>626</sup> A autora acrescenta que «Tecer a lã era uma atividade feminina mais difundida no concelho das Lajes, mas onde se teciam mais colchas era no concelho da Madalena, especialmente na Candelária e em S. Mateus.»<sup>627</sup>

De acordo com Amorim (2004), em 1884 a produção de lã, produzida nas ilhas do Faial, Pico, Flores e Corvo, «(...) tinha no Pico uma maior expressão, particularmente no concelho das Lajes.»<sup>628</sup> Ainda sobre o ano de 1884, a autora acrescenta que as freguesias de Santo António, no concelho de São Roque, e a sede do concelho das Lajes eram as maiores produtoras de lã, não esquecendo a referência à freguesia das Ribeiras, no concelho das Lajes, com alguma relevância na produção desta matéria prima. Lãs preta e branca eram produzidas na ilha. A lã preta era ligeiramente mais barata do que a branca na Madalena e nas Lajes, apresentando igual preço no concelho de São Roque.<sup>629</sup>

No que respeita aos preços das colchas de lã na ilha do Pico, segundo Amorim (2004), em 1884, o preço do metro de tecido na ilha sofria de grande variação, custando \$600 réis na Madalena

---

<sup>618</sup> AMORIM, 2004: 197.

<sup>619</sup> Ibidem.

<sup>620</sup> D'ALBERTIS, 1888: 209.

<sup>621</sup> BARRETT, 2017: 235.

<sup>622</sup> BOID, 1834: 305.

<sup>623</sup> BOID, 1834: 301.

<sup>624</sup> BOID, 1834: 305.

<sup>625</sup> BOID, 1834: 300, 301.

<sup>626</sup> AMORIM, 2004: 201.

<sup>627</sup> AMORIM, 2004: 203.

<sup>628</sup> AMORIM, 2004: 198.

<sup>629</sup> AMORIM, 2004: 199, 201.

e apenas \$100 réis em São Roque, enquanto que as colchas na Madalena do Pico atingiam os 4\$000 réis por unidade.<sup>630</sup>

Outra matéria-prima utilizado na produção de têxteis mencionada por Norberta Amorim (2004), para além da lã é a cultura do linho. Embora não inserida nas matérias-primas da pecuária, Amorim (2004) menciona a interessante produção desta matéria na ilha do Faial, afirmando ser um produto não cultivado na ilha do Pico no ano de 1884.<sup>631</sup> Apesar da ausência do seu cultivo na ilha do Pico, segundo a autora, o linho era tratado na freguesia das Ribeiras e na freguesia da Praínha, resultando na produção de pano.<sup>632</sup>

Apesar da deficiente, ou quase inexistente, referência dos viajantes estrangeiros a outros produtos derivados da pecuária na ilha do Pico para além do leite, da carne, do couro e da lã, importa registar ainda a referência à produção de manteiga e de queijo no Pico no ano de 1884, hoje, produtos de grande importância à escala regional.

No que respeita à produção de manteiga na ilha do Pico em 1884, Norberta Amorim (2004) afirma que «(...) no concelho da Madalena do Pico não se produzia manteiga, sendo muito escassa a produzida nos outros dois concelhos (...)».<sup>633</sup> Segundo a autora, a produção deste produto na ilha era muito localizada, verificando-se apenas nas Lajes, São Roque e em maior relevo nas Ribeiras.<sup>634</sup> Para além das conclusões de Amorim, a irrelevância desta produção no Pico pode assumir-se, também, pela ausência de comentários sobre o tema nos diários dos viajantes estrangeiros.

Por último, dos produtos derivados da atividade da pecuária na ilha do Pico, temos a produção do queijo. À semelhança da produção da manteiga, a produção do queijo não é um tema usualmente comentado pelos viajantes dos séculos VIII e XIX. Há, porém, referência à sua comercialização na ilha do Faial por Charles Roundell no final do século XIX.<sup>635</sup>

Segundo Amorim (2004), em 1884 a maior produção de queijos provinha dos concelhos das Lajes e de São Roque. Segundo a autora, «(...) o queijo do Pico, ou queijo de S. João, tem características próprias que se mantiveram ao longo dos séculos e ainda são uma imagem de marca da ilha.»<sup>636</sup> Em 1884, o queijo era produzido apenas nos concelhos das Lajes e em São Roque, sendo produzido em maior quantidade em São João, nas Ribeiras, em São Roque e em Santa Luzia.<sup>637</sup>

---

<sup>630</sup> AMORIM, 2004: 203, 204.

<sup>631</sup> AMORIM, 2004: 198.

<sup>632</sup> AMORIM, 2004: 203.

<sup>633</sup> AMORIM, 2004: 198.

<sup>634</sup> AMORIM, 2004: 199.

<sup>635</sup> ROUNDELL, 1889: 94, 95.

<sup>636</sup> AMORIM, 2004: 198.

<sup>637</sup> AMORIM, 2004: 200.

#### 4.2.4. A PESCA

A pesca no arquipélago dos Açores é comumente referida pelos viajantes do século XIX. São feitas referências aos pescadores das ilhas e à baleação no arquipélago. Esta prática é mencionada pelo oceanógrafo francês Léopold de Folin e por Albert I, Príncipe do Mónaco, aquando das suas campanhas oceanográficas no arquipélago. O príncipe refere a oportunidade que teve de estudar, pela primeira vez, o cérebro, a cabeça e as partes digestivas de um cachalote, capturado por baleeiros da ilha do Pico.<sup>638</sup>

Drouët dedica um capítulo à pesca do cachalote nos Açores na obra *Sur Mer et sur Terre*, 1870.<sup>639</sup> O seu relato sobre a baleação havia sido confirmado pelos cônsules de França e dos E.U.A. a pedido do autor, de forma a assegurar a sua autenticidade. Drouët deixou o Faial a 15 de julho de 1857, no yatch *Santa-Cruz*, numa excursão em direção à Graciosa, Flores e Corvo, acompanhado do geólogo alemão Georges Hartung.

Samuel Benjamin (1878) menciona a importância das ilhas açorianas na baleação. Segundo o autor: «The Azores are an important rendezvous for whalers, who can provision there more cheaply than at home, and for that purpose touch there even when bound around the Horn. The waters in that vicinity are also good for cruising, although whales are less abundant than formerly.»<sup>640</sup>

A origem da Baleação nos Açores remonta ao século XVIII, por volta de 1770, quando as rotas da baleação americana alcançaram o arquipélago açoriano. Embora tenha havido incentivos do governo português através de benefícios fiscais no desenvolvimento desta atividade, não se encontravam reunidas as condições necessárias para a operação desta prática em alto-mar. Perante esta limitação, os baleeiros açorianos adaptaram-se, criando uma versão alternativa desta prática, de carácter regional – a baleação costeira –, inaugurada na baía de Porto Pim, Faial, em 1832.

Quanto à ilha do Pico, segundo Luís Silva (2014), nas Lajes do Pico a baleação iniciou-se em 1830 e a primeira armação baleeira surgiu na Calheta do Nesquim, no ano de 1876. Seguiram-se outras armações, fundando-se em 1942, em São Roque, a Fábrica das Armações Baleeiras Reunidas Lda, uma fundição das companhias baleeiras preexistentes.<sup>641</sup>

Segundo Albano Cymbron e Márcia Dutra (2013), em 1890 existiam 33 armações baleeiras no arquipélago dos Açores, sendo a ilha do Pico a que possuía maior produção de óleo de baleia.

---

<sup>638</sup> MONACO, 1902: 271, 272.

<sup>639</sup> Ver Drouët, 1870, pp,119-139.

<sup>640</sup> BENJAMIN, 1878: 33, 34. Tradução livre da autora: «Os Açores são um ponto de encontro importante para os baleeiros, que ali podem abastecer-se de forma mais económica e por esta razão, passam lá mesmo quando fazem a travessia do Horn.»

<sup>641</sup> SILVA, 2014: 99.

Entre 1886 e 1890, na ilha do Pico, foram capturados 62 cachalotes, enquanto que a do Faial registava apenas 17 capturas. Apesar do elevado número de capturas, o lucro obtido neste período não se encontrava no seu expoente devido à natureza dispendiosa desta indústria e à competição com as barcas americanas, muito mais preparadas e apetrechadas para a prática da baleação.<sup>642</sup>

Foi em meados do século XX que a pesca da baleia atingiu o seu auge no arquipélago açoriano, com a industrialização desta prática, e que a Vila das Lajes pôde iniciar o seu desenvolvimento económico, com o contributo da Sociedade de Indústria Baleeira Insular, Lda, criada em 1949, fruto da reunião de 10 sociedades baleeiras.<sup>643</sup>

## 4.2.5. O COMÉRCIO E OS TRANSPORTES

### 4.2.5.1. O COMÉRCIO

Segundo as observações de Briant Barrett (2017) nos inícios do século XIX, «(...) o comércio do Faial consistia, unicamente, na exportação de vinho do Pico.»<sup>644</sup> Os produtos do Pico eram vendidos no mercado da ilha do Faial, segundo os irmãos Bullar (1841), «(...) held partly in a covered building, and partly in the street»,<sup>645</sup> onde as mulheres do Pico vendiam diversos produtos como: queijos, biscoitos, ovos, rolos de pano de linho, e «(...) conical caps of various-coloured worsted».<sup>646</sup>

O americano Thomas Higginson (2007), em meados do século XIX, testemunha a operação de comércio no canal Faial-Pico. Nas palavras do autor: «The great boat was filled with returning men women & children, sitting on long thwarts across the open hold which was filled up with merchandise & live stock.»<sup>647</sup>

Charles Roundell (1889) também menciona os produtos da ilha do Pico, comercializados na ilha do Faial e carregados diariamente nos barcos encarregados da travessia do canal: lenha, carvão, pão, aves domésticas, ovos, queijos, fruta, vegetais, e algum vinho.<sup>648</sup> Segundo Norberta Amorim

---

<sup>642</sup> CYMBRON e DUTRA, 2013 :54.

<sup>643</sup> A Baleação: Saga Baleeira. Consultado a 04/03/2022, em [www.cm-lajesdopico.pt](http://www.cm-lajesdopico.pt)

<sup>644</sup> BARRETT, 2017: 217.

<sup>645</sup> BULLAR, 1841, vol I: 326. Tradução: «(...) parte num edifício coberto, parte na rua.» BULLAR, [1841] 2001: 159.

<sup>646</sup> BULLAR, 1841, vol.I: 327. Tradução: «(...) barretes cónicos de fio de lã, de variadas cores». BULLAR, [1841] 2001: 160.

<sup>647</sup> HIGGINSON, [1855] 2007: 468. Tradução: «O grande barco estava cheio de homens, mulheres e crianças que regressavam, sentados em bancos compridos atravessados no porão aberto cheio de mercadoria e gado.» HIGGINSON, [1855] 2009: 75.

<sup>648</sup> ROUNDELL, 1889: 94, 95.

(2004), nos finais do século XIX, a venda de frutos ao Faial «(...) constituía um recurso para as débeis economias de freguesias como Madalena, Criação Velha, Candelária ou Santa Luzia.»<sup>649</sup>

No século XIX, a relação de interdependência das ilhas do Pico e do Faial era facilmente notada pelos viajantes, o que contribui para a medir o quão estreita era a relação entre as duas ilhas e, conseqüentemente, para uma definição do seu reconhecimento histórico. Manuel Henriques (1867) apercebe-se desta interdependência. Nas suas palavras: «The welfare of this island is so linked with that of Fayal, that one could not very well be independent of the other.»<sup>650</sup>

A interdependência Pico-Faial é também notada por Thomas Ashe (1813). Ao notar a falta de um porto adequado à receção de navios na ilha do Pico, o autor afirma: «But there is no harbour or any anchorage for other than boats that can run into little bays and creeks. In consequence of this deficiency the Peak serves as tributary to Fayal in the manner that Saint Mary does to Saint Michael, and as Tercera receive the produce of Graciosa and Saint George.»<sup>651</sup> Ashe (1813) acrescenta: «On entering Fayal it requires but a small portion of penetration to perceive that its port is by far the safest in all the Azores.»<sup>652</sup>

A presença de estrangeiros e residentes de diversas nacionalidades na Horta é notada por Thomas Ashe (1813), em inícios do século XIX. A sua descrição detalhada do cenário do comércio atlântico da época, no porto do Faial, transmite-nos a paisagem de um comércio internacional, desenvolvido, e promissor. Ashe (1813) nota que o sucesso do comércio no Faial teve origem em diversos fatores: o aumento e melhoria do vinho do Pico; o estado vantajoso da agricultura; a presença de um espírito político mais tolerante e liberal, e, de igual relevo, a sua vantagem geográfica – situar-se na rota de retorno a casa dos navios europeus. O autor descreve com detalhe o cenário no porto da Horta:

«There were in it thirty sail, on the day of my arrival, and I was informed there was sufficient room, and good anchorage, for sixty more. There are several English, Scotch, and Irish settlers in Fayal, consuls from various nations, and more strangers to be met with than could reasonably be expected from the size of the place. The original trade consisted in the supply of ships homeward bound from the Indies, from the South Seas, and from the Brazils; but since the increase and improvement of the Peak wine, of the advantage state of agriculture, and the more liberal and tolerant spirit in politics, the commerce of Fayal has extended itself considerably. In good years from eight to ten thousand pipes of wine are exported, and corn and provisions sufficient to freight seventy vessels of from eighty to one hundred tons

---

<sup>649</sup> AMORIM, 2004: 191.

<sup>650</sup> HENRIQUES, 1867: 62. Tradução livre da autora: «O bem-estar desta ilha está tão ligado ao do Faial, que uma não poderia facilmente ser independente da outra.»

<sup>651</sup> ASHE, 1813: 296. Tradução livre da autora: «Mas não há porto ou ancoradouro para além dos barcos que podem navegar em pequenas baías e riachos. Como consequência desta deficiência, o Pico é tributário ao Faial, como Santa Maria a São Miguel, e como a Terceira recebe os produtos da Graciosa e de São Jorge.»

<sup>652</sup> ASHE, 1813: 297. Tradução livre da autora: «Ao entrar no Faial, é necessária apenas uma pequena aproximação para perceber que o seu porto é, de longe, o mais seguro dos Açores.»

each. It has this advantage, that it is directly in the track of homeward bound European ships, with which it can carry on a considerable direct and indirect traffic.»<sup>653</sup>

#### 4.2.5.2. OS TRANSPORTES

O transporte de bens na ilha do Pico no século XIX, como referido pelos viajantes nos Açores, era feito com a utilização de diferentes meios, desde o recurso aos próprios habitantes, que os carregam com o próprio corpo, ao recurso a burros, cavalos, ou carros de bois. É ainda muito recorrente o transporte das pessoas em burros ou cavalos, inclusive o dos visitantes que pretendem aventurar-se, quase sempre com destino à montanha do Pico.

No que respeita aos bens destinados à exportação – efetuada através da ilha do Faial –, estes eram transportados nos *ferryboats* do canal Faial-Pico: em parte destinados ao mercado da Horta; a outra parte destinada ao estrangeiro. Os bens eram carregados nos navios que os esperavam no porto da Horta. De acordo com Norberta Amorim (2004), já em meados do século XVIII, verificava-se o apoio das autoridades camarárias da Madalena, no Pico, na salvaguarda do comércio com a ilha do Faial, através do estabelecimento de carreiras marítimas regulares no canal Faial-Pico. Nas palavras de Amorim:

«(...) em meados do século XVIII, as autoridades camarárias madalenenses diligenciam o estabelecimento de carreiras marítimas regulares, inclusivamente diárias, com a ilha do Faial, para salvaguardar o contínuo fluxo de passageiros e mercadorias. Este perspicuo intercâmbio recrudescer na quadra estival, por via da bonomia climática e sobretudo da realização das vindimas. Na verdade, em todos os verões, registamos a passagem de muitas famílias faialenses à ilha do Pico, originando um casual e provisório acréscimo demográfico, que por vezes agrava a corrente escassez de comestíveis.»<sup>654</sup>

No que respeita ao transporte de bens no espaço geográfico da ilha do Pico, nos testemunhos dos viajantes, temos como exemplos o transporte da água e do milho. O transporte da água era feito pelas mulheres em suportes carregados à cabeça, cuja imagem é frequentemente descrita em diferentes cenários pelos viajantes do século XIX (Ver Figura 9). Fouqué (1873), por exemplo, interpreta a paisagem do transporte da água pelas mulheres como uma cerimónia religiosa, descrevendo-a num cenário literário que exala maravilha:

---

<sup>653</sup> ASHE, 1813: 297. Tradução livre da autora: «Havia nele trinta veleiros, no dia da minha chegada, e fui informado haver espaço suficiente e boa ancoragem para mais sessenta. Existem vários colonos ingleses, escoceses e irlandeses no Faial, cônsules de várias nações e estrangeiros com quem nos deparamos, do que o que se poderia, razoavelmente, esperar, a contar pela dimensão do lugar. O comércio original consistia no fornecimento de navios de retorno das Índias, dos Mares do Sul, e dos «Brasis»; mas desde o aumento e melhoria do vinho do Pico, do estado avantajado da agricultura e do espírito mais liberal e tolerante na política, o comércio do Faial expandiu-se consideravelmente. Em anos bons, de oito a dez mil pipas de vinho são exportadas, e milho e provisões suficientes para carregar setenta embarcações de oitenta a cem toneladas cada. Tem a vantagem de situar-se diretamente na rota dos navios europeus de retorno a casa, com os quais pode realizar um tráfego direto e indireto.»

<sup>654</sup> AMORIM, 2004: 333, 334.

«A certaines heures de la journée, les femmes de Bandeiras pénètrent dans la galerie, portant sur la tête de grands vases allongés qu’elles viennent remplir d’eau. En les voyant dans ce lieu sombre s’avancer nu-pieds à la file, la tête chargée de vases de forme antique, on croirait volontiers assister à l’une de ces cérémonies religieuses dont les vieilles peintures murales nous ont conservé l’image.»<sup>655</sup>

Relativamente ao transporte de bens nas costas dos habitantes, o transporte do milho às costas era realizado pelos homens. Briant Barrett (2017) descreve a natureza desta atividade com desaprovação, pela dureza que comportava:

«Na nossa caminhada, encontramos pobres indivíduos que tinham vindo das partes mais distantes da ilha para se abastecerem de cereais para si e suas famílias. Parecia inconcebível que a um pobre homem fosse compensatório, pela diferença de um dólar, fazer uma caminhada de mais ou menos trinta e seis milhas e de outras tanto de regresso, por lugares difíceis de transitar com um carregamento de milho às costas, no valor de dois bushels.»<sup>656</sup>

Durante a subida à montanha do Pico, os bens dos viajantes não só eram carregados em burros ou cavalos, como podiam, também, ser carregados nas costas de habitantes locais. Alberto D’Albertis (1888) afirma que as suas provisões sólidas foram transportadas por este meio, aquando da sua subida à montanha.<sup>657</sup>

Para além da mercadoria carregada às costas pelos habitantes do Pico e pelos animais de carga que, segundo Fouqué (2019), eram muito raros,<sup>658</sup> é mencionada ainda a existência de carros de bois. Temos o exemplo dos irmãos Bullar (1841): «The lava pavement was iron-grey, and had been worn into regular channels<sup>659</sup> by the wheels of the ox-waggons.»<sup>660</sup>

Em relação ao transporte de passageiros nos burros ou cavalos, os visitantes da ilha do Pico que se aventuravam a subir a montanha montavam, habitualmente, estes animais até determinada altitude, onde os deixavam à sua espera, recuperando-os durante a descida. De acordo com Herman Canfield (1892), os burros carregavam os visitantes quase até ao cimo da montanha;<sup>661</sup> Charles Roundell (1889) especifica que estes chegavam até aos «(...) four thousand feet»,<sup>662</sup> pese embora fossem difíceis de encontrar na ilha.<sup>663</sup>

Quanto aos cavalos, Alberto D’Albertis (1888) experienciou a subida ao Pico montado num. O autor italiano descreve os animais – que apelidou de *bucefali* –, acusando, com desaprovação e

---

<sup>655</sup> FOUQUÉ, 1873, vol. II: 17, 18. Tradução: «A certas horas do dia, as mulheres das Bandeiras entravam no túnel, trazendo por cima da cabeça grandes vasos alongados que vêm encher de água. Vendo-as avançar descalças e em fila indiana neste lugar sombrio, com a cabeça carregada de vasos de formato antigo, julgávamos estar a assistir a uma daquelas cerimónias religiosas que as antigas pinturas murais nos conservaram a imagem.» FOUQUÉ, [1873] 2019: 77.

<sup>656</sup> BARRETT, 2017: 224.

<sup>657</sup> D’ALBERTIS, 1888: 195.

<sup>658</sup> FOUQUÉ [1873] 2019: 70.

<sup>659</sup> O autor refere-se às relheiras.

<sup>660</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 351, 352. Tradução: «O piso de lava, de cor parda, apresentava regos regulares, abertos pelas rodas dos carros de bois.» BULLAR, [1841] 2001: 172.

<sup>661</sup> CANFIELD, 1892: 6.

<sup>662</sup> ROUNDELL, 1889: 96. Tradução livre da autora: «(...) quatro mil *feet*». Aproximadamente, 1219 metros.

<sup>663</sup> *Ibidem*.

ironia, o estado subnutrido e os maus-tratos a que estavam sujeitos:<sup>664</sup> «Erano dessi veri scheletri ambulanti, e non fu senza una certa apprensione che inforcammo codesti rappresentanti della razza equina, la di cui spina dorsale poteva gareggiare in durezza e asperità con le colate di lava.»<sup>665</sup> D’Albertis (1888) descreve ainda os burriqueiros que o acompanharam na subida à montanha: «(...) alegri e contenti, come comportava la loro età, aguzzavano i denti su alcuni neri chicharros, mentre noi..., noi respiravamo l’aria ossigenata del Pico!»<sup>666</sup>

No que respeita ao transporte de mercadoria e de passageiros no canal Faial-Pico, os barcos que faziam a travessia do canal – os *ferryboats* – foram comumente descritos pelos viajantes. Tofiño de San Miguel (1789), ainda no século XVIII, regista: «El puerto de la Magdalena se reduce à una ensenadita muy pequeña, donde hay una Poblacion: aqui se embarcan la mayor parte de los frutos de la Isla para el Fayal en embarcaciones pequeñas de remos.»<sup>667</sup>

No século XIX, Os irmãos Bullar (1841) descrevem um dos barcos: «(...) a large boat, rough and unfinished within, with two lateen sails stretched on spars that looked like mere barkless branches of trees.»<sup>668</sup> Em John Osborne (1843), é-lhes feita uma pequena referência «(...) boats are constantly passing between the islands.»<sup>669</sup> Charles Roundell (1889) descreve os barcos pelos seus dois mastros e grandes velas latinas, mencionando o seu uso na travessia diária do canal, destinada ao transporte de mercadoria do Pico para a Horta, Faial.<sup>670</sup>

A travessia diária dos barcos do canal Faial-Pico é mencionada por vários viajantes. Na descrição dos irmãos Bullar (1841), «A constant intercourse is kept up with Pico, by means of large ferry-boats, which ply backwards and forwards every day, whenever the weather will permit.»<sup>671</sup> Segundo Barrett (2017), este comércio, na ilha do Pico, tem partida no «(...) pequeno varadouro da Areia Larga».<sup>672</sup>

No cenário descrito por Samuel Benjamin (1878):

---

<sup>664</sup> Nome do cavalo de guerra de Alexandre o Grande – Bucéfalo –, sendo o termo empregado pelo autor com ironia, querendo significar «cavallo vecchio e malridotto», ‘cavalo velho e maltratado’. [www.Dizionario.corriere.it](http://www.Dizionario.corriere.it)

<sup>665</sup> D’ALBERTIS, 1888: 191. Tradução livre da autora: «Eram estes verdadeiros esqueletos ambulantes, e foi com certa apreensão que montámos esses representantes da raça equina, cuja espinha dorsal podia competir em dureza e aspereza com os fluxos de lava.»

<sup>666</sup> D’ALBERTIS, 1888: 195. Tradução livre da autora: «(...) alegres e contentes, como implicava a sua idade, afiavam os dentes em alguns chicharros negros.»

<sup>667</sup> TOFIÑO DE SAN MIGUEL, [1787] 1789: 217. Tradução livre da autora: «O porto da Madalena reduz-se a uma enseada muito pequena, onde existe uma população: aqui é embarcada a maior parte dos frutos da ilha para o Faial, em pequenas embarcações a remos.»

<sup>668</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 330. Tradução: «(...) barco largo, tosco e por acabar no interior, com duas velas latinas estendidas em varas que mais se assemelhavam a ramos de árvores descascados.» BULLAR, [1841] 2001: 161.

<sup>669</sup> OSBORNE, 1843: 183. Tradução livre da autora: «(...) barcos transitam constantemente entre as ilhas.»

<sup>670</sup> ROUNDELL, 1889: 94.

<sup>671</sup> BULLAR, 1841, vol. I: 305. Tradução: «Mantêm-se comunicações constantes com o Pico, por meio de barcos, que durante todo o dia atravessam o canal, sempre que o tempo o permita.» BULLAR, [1841] 2001: 150.

<sup>672</sup> BARRETT, 2017: 217.

«I was in season to see the Pico ferry-boats landing their passengers and cargoes, which were carried through the surf on the heads or shoulders of barelegged boatmen. The boats carry two lateen-sails, and are made to stand heavy weather. In the early morning they come from Magdalena and Larga, villages of Pico, deeply laden with passengers, wood, charcoal, fruits, and other commodities, and, after discharging, reload and return.»<sup>673</sup> (Ver Figuras 10 e 11).

Lyman Weeks (1882) descreve a sua experiência a bordo de um dos barcos do canal:

«Two of our party became passengers one afternoon, and were stowed away in a comfortable corner of the stern, while boxes, bundles, and baskets innumerable wedged us in, and peasants in picturesque costumes were stretched out on the deck. Away we went for Madeleina, the chief town of the island, and the rude-appearing craft made the passage in almost yachting time.»<sup>674</sup>

Alberto d'Albertis (1888) também descreve um dos *ferryboats* do canal (Ver Figura 12):

«Queste barche, grosse e robuste, hanno linee d'acqua abbastanza fine e aggraziate e non ostante la loro larghezza, raggiungono una discreta velocità; ad Horta sono desse i rappresentanti dei nostri trams od omnibus, sono i ferryboats che mettono in comunicazione Pico e Fayal. Quando vento manca, si muovono abbastanza rapide, spinte da lunghi remi, ognuno di quali è vogato da due uomini. Quella in cui ci trovavamo, era zeppa di mercanzie, casse e ceste; eranvi contadini ed artigiani venuti ad Horta per vendere i loro prodotti, o per fare compere diverse.»<sup>675</sup>

Segundo d'Albertis (1888), durante o Inverno a comunicação entre o Faial e o Pico era interrompida devido às tempestades no Canal. Nas suas palavras: «Ma pur troppo questo breve tragitto di sole tre miglia, non è sempre fatto in queste buone condizioni, chè, massime durante l'inverno, la comunicazione fra le due isole è spesso interrotta, anche per un mese continuo, stante il frequente imperversare delle tempeste che sui bassifondi di questo canale suscitano un mare spaventoso.»<sup>676</sup>

No que respeita ao transporte da mercadoria destinada à exportação, esta era feita através dos navios ancorados no porto da Horta, devido à falta de portos para o efeito na ilha do Pico. Este facto é notada por Edward Boid (1834):

---

<sup>673</sup> BENJAMIN, 1878: 40. Tradução livre da autora: «Era época de ver os *ferryboats* do Pico desembarcarem os seus passageiros e carga, transportados na arrebentação na cabeça ou nos ombros de homens de pernas despidas. Os barcos têm duas velas latinas e são feitos para resistir ao mau tempo. De manhã cedo, vêm da Madalena e [Areia] Larga, aldeias do Pico, carregados de passageiros, lenha, carvão, frutas, e outras mercadorias, e, depois de descarregarem, recarregam e regressam.»

<sup>674</sup> WEEKS, 1882: 66, 67. Tradução livre da autora: «Uma tarde, dois do nosso grupo tornaram-se passageiros e foram alojados num canto confortável da popa, enquanto caixas, fardos e inúmeros cestos nos encurralavam, e camponeses em trajes pitorescos estavam estendidos no convés. Dali, partimos para a Madalena, a cidade principal da ilha, e a embarcação, de aspeto rude, fez a passagem quase em tempo de iate.»

<sup>675</sup> D'ALBERTIS, 1888: 189, 190. Tradução livre da autora: «Estes barcos, grandes e robustos, têm linhas de água bastante finas e graciosas e, apesar da sua largura, alcançam uma velocidade razoável; na Horta, são estes os representantes dos nossos elétricos ou autocarros, os *ferryboats* que ligam o Pico ao Fayal. Quando não há vento, eles movem-se com bastante rapidez, impulsionados por longos remos, remados cada um por dois homens. Aquele em que nos encontrávamos estava cheio de mercadorias, caixas e cestas; havia camponeses e artesãos vindos à Horta para vender os seus produtos, ou fazer compras diversas.»

<sup>676</sup> D'ALBERTIS, 1888: 190. Tradução livre da autora: «Mas, infelizmente, este curto percurso de apenas três milhas nem sempre é feito nestas boas condições, porque, principalmente durante o Inverno, quando a comunicação entre as duas ilhas é frequentemente interrompida, mesmo durante um mês contínuo, dada a fúria frequente das tempestades que, nos baixios deste canal, suscitam um mar terrível.»

«The whole coast is bordered by rugged unapproachable rocks, without a port or anchorage for a ship; and the only place I observed capable of giving shelter to very small craft is Lagens, within a small cove, the entrance to which is between two reefs of rocks. In consequence of this inaccessible character, Pico carries on all its trade through the medium of Fayal, to the morgados of which, indeed, the greater portion of the landed property belongs.»<sup>677</sup>

Charles Kerhallet (1851) também comenta a ausência de portos para navios de mercadorias na ilha do Pico:

«(...) on voit que l'île de Pico n'offre pas un seul mouillage passable pour des navires; les côtes sont le plus souvent inabordables, (...) L'île de Pico, pour la navigation, est donc d'une médiocre importance; mais il s'y fait un grand commerce de cabotage, et l'on porte dans l'île de Fayal à Horta la plupart de ses produits.»<sup>678</sup>

Segundo John Webster (1821), por não haver na ilha do Pico um ancoradouro seguro para navios, apenas para barcos, no século XIX o vinho do Pico era exportado para as Índias Ocidentais e para os Estados Unidos através da ilha do Faial e, por esta necessidade de conexão, conhecido como vinho Faial.<sup>679</sup>

A falta de um porto de embarque adequado para o transporte do vinho do Pico é ainda notada por Morelet (1860). O autor escreve sobre o transporte dos vinhos, destinados ao comércio no grupo central das ilhas açorianas: «Ces vins, quinze jours après la vendange, sont embarques pour être emmagasinés à Fayal. Comme il n'existe point de quais propres au chargement, on est obligée de jeter les fûts à la mer et les faire flotter jusqu'au bâtiment de transport.»<sup>680</sup>

---

<sup>677</sup> BOID, 1834: 300. Tradução: «Toda a costa é circundada de rochas escabrosas e inacessíveis, sem um porto ou ancoradouro para navios. O único lugar que me pareceu capaz de abrigar pequenos navios é as Lajes, pequena enseada cuja entrada se faz por entre duas linhas de recifes. Em consequência desta inacessibilidade das costas, todo o comércio do Pico se faz por intermédio do Faial, a cujos morgados pertencem de facto, a maior parte das terras cultiváveis.» BOID, [1835] 1952: 28.

<sup>678</sup> KERHALLET, 1851: 68. Tradução livre da autora: «(...) vemos que a ilha do Pico não oferece um único ancoradouro preparado para navios; as costas são frequentemente inacessíveis (...) A ilha do Pico, para a navegação, é, portanto, de uma importância medíocre; mas existe um grande comércio de cabotagem e, a maior parte dos seus produtos, são transportados para a Horta, na ilha do Faial.»

<sup>679</sup> WEBSTER, 1821: 233.

<sup>680</sup> MORELET, 1860: 111. Tradução livre da autora: «Estes vinhos, quinze dias após a vindima, são enviados para armazenamento no Faial. Como não existem docas de carga específicas para o seu carregamento, temos que lançar as pipas ao mar e fazê-las flutuar até às embarcações de transporte.»

## CONCLUSÃO

Na primeira metade do século XVIII, naturalistas – vulcanólogos e botânicos – visitam e/ou escrevem sobre o arquipélago dos Açores. Outros, embora não tendo oportunidade de conhecer o arquipélago, não se abstêm de mencionar as ilhas nas suas obras. No século XIX, o número de diários de viagem de cariz científico sobre os Açores aumenta em grande escala e surgem muitos outros diários de viagem que estudam o arquipélago numa vertente antropológica.

Navegadores, geógrafos, historiadores, militares, e escritores, incluem os Açores na sua rota de viagem, viagens estas por motivos muito variados, deixando-nos testemunhos de incalculável valor sobre o arquipélago dos Açores. A nacionalidade, cultura, religião, profissão, tempo de permanência e visita nas/às ilhas, e a própria personalidade dos viajantes, transformam esses testemunhos numa panóplia colorida de visões, recheadas ora de elogios ora de críticas pejorativas à realidade açoriana nos séculos XVIII e XIX.

Desde americanos, ingleses, espanhóis, franceses, entre outros, os viajantes criam imagens do arquipélago dos Açores, mais ou menos reais, mas certamente únicas e de grande interesse ao estudo das ciências naturais e sociais, deixando-nos como herança uma riqueza de variadas fontes úteis ao estudo histórico-patrimonial das ilhas.

No que respeita à ilha do Pico – objeto de estudo deste trabalho –, a sua paisagem é descrita e caracterizada através de diferentes temáticas e sub-temáticas, mais ou menos comuns à generalidade das obras dos viajantes. Das fontes recolhidas e estudadas, podemos tirar conclusões sobre cada uma das temáticas tratadas neste trabalho, desde a descrição do meio natural da ilha do Pico, às características e vivência social das suas gentes, e ainda sobre as atividades económicas praticadas na ilha pelos nativos, que traçam o carácter do espectro social.

O meio natural da ilha do Pico é descrito com extremo detalhe, desde o clima à geologia, dos recursos hídricos à flora e fauna da ilha: na geologia, são mencionadas as erupções vulcânicas históricas, é descrito o carácter vulcânico da ilha e da sua afamada montanha – o monumento natural mais requisitado pelos viajantes; relativamente aos recursos hídricos, em escassez na ilha, são comentados os usos e aproveitamentos da água; a flora e fauna são caracterizadas com detalhe de forma geral ao arquipélago, com referência a algumas espécies particulares à ilha do Pico.

Quanto às observações de cariz antropológico e aos comentários sobre a vivência das gentes da ilha do Pico, são feitas descrições dos habitantes, desde o carácter fisionómico à natureza do seu carácter: a beleza das mulheres é comumente celebrada pelos autores; outra celebração é o charme pessoal das gentes; são também tecidas críticas negativas ao carácter dos guias da montanha com quem alguns dos viajantes se cruzaram.

O vestuário tradicional dos habitantes é ainda, repetidamente, descrito por entre os autores com grande pormenor. Encontramos descrições detalhadas sobre o traje usado por cada um dos sexos, desde o calçado ou ausência deste, ao uso do cabelo por baixo dos chapéus tradicionais. Os trajes são, comumente, descritos pelos viajantes como sendo bonitos ou pitorescos.

Outras referências encontradas respeitam ao tecido social picoense da época, onde é denunciada a pobreza e a fome existentes na ilha no século XIX, assim como a realidade da prática de trabalho árduo e precário. A higiene, ou a falta dela, e o lazer, são também temas abordados pelos viajantes que visitam a ilha do Pico.

Relativamente às atividades económicas praticadas pelos habitantes do Pico, a vitivinicultura é, sem dúvida, a atividade mais notada e abordada pelos autores, vindo, por norma, associada à dependência económica existente entre as ilhas Pico-Faial, noção facilmente adquirida pelos visitantes de ambas ilhas.

Os comentários dos autores estrangeiros sobre a vitivinicultura picoense vão desde a descrição da paisagem criada pelos muros de pedra lávica que resguardam as vinhas dos elementos, passando pelos processos de plantação das videiras, processos de fabrico do vinho e sua qualidade, até à sua exportação, contendo detalhes sobre as quantidades exportadas antes e após o aparecimento do oídio no arquipélago.

São descritas ainda outras atividades agrícolas de menor importância à economia da ilha do Pico, como a cerealicultura, a fruticultura, a olericultura, e a silvicultura, com comentários sobre os produtos cultivados na ilha e o seu comércio na ilha do Faial. É ainda mencionada, no âmbito das atividades económicas, a pecuária: desde a descrição dos diferentes tipos de gado existentes na ilha, ao uso e aproveitamento dos produtos derivados.

O comércio e os meios de transporte utilizados no Pico são outros temas comuns nos escritos dos viajantes. No que respeita ao comércio, é mencionado, principalmente, o comércio do vinho do Pico com o estrangeiro e a sua exportação através da ilha do Faial. É ainda referida a venda de produtos picoenses no mercado da Horta, Faial. As relações de comércio entre as duas ilhas levam os viajantes à conclusão da dependência mútua existente entre as ilhas do Canal.

No que respeita aos transportes, é mencionado o transporte do vinho do Pico, através do canal Faial-Pico, nos barcos à vela e a remos característicos da época, justificando, portanto, a relação estreita do comércio entre as ilhas do Pico do Faial. São ainda referidos os meios de transporte utilizados pelas gentes do Pico no transporte dos seus bens: do carregamento de produtos às costas, em animais de carga, à utilização de carros de bois.

A título de conclusão deste trabalho, importa compreender as temáticas abordadas neste trabalho como um todo, indissociáveis a uma caracterização patrimonial completa da paisagem da

ilha do Pico: desde a paisagem do meio natural, rica em biodiversidade, à paisagem cultural dos picoenses.

A Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, Património Mundial da UNESCO desde 2004, representa a atualização patrimonial classificada da realidade observada pelos viajantes nos séculos XVIII e XIX, na ilha do Pico, dissecada e estudada neste trabalho. A visão dos visitantes que percorreram as ilhas, que interpretaram e registaram representações do seu património, transmitem, na História, a perenidade de um património mutável e vivo, do qual ainda restam vestígios no presente – a memória.

Urge, portanto, salientar a importância de uma abordagem de estudo holística ao tema deste trabalho, que visa uma compreensão do património natural e cultural, alertando o leitor para a ecologia humana resultante do cruzamento dos dois conceitos, alicerces de uma interpretação da paisagem cultural da ilha do Pico – viva, dinâmica e evolutiva no seu âmago.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA

### FONTES IMPRESSAS

ASHE, Thomas. 1813. *History of the Azores, or Western Islands; containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants: and demonstrating the Importance of these Valuable Islands to the British Empire*. London: Sherwood, Neely, and Jones.

ATKINS, John. 1735. *A voyage to Guinea, Brazil and West Indies, in His Majesty's Ships, the Swallow and Weymouth*. London and Scarborough, Caesar Ward and Richard Chandler.

BARRETT, Briant. 2017. *Relato da Minha Viagem aos Açores – 1812-1814*. Açores: Letras Lavadas edições.

BENJAMIN, Samuel. 1878. *The Atlantic Islands as Resorts of Health and Pleasure*. New York: Harper & Brothers, Publishers.

BOID, Edward. 1834. *A Description of the Azores or Western Islands, from personal observation comprising remarks on their peculiarities, topographical, geological, statistical, etc., and on their hitherto neglected condition*. London: Edward Churton.

BOID, Edward. [1834] 1835. *A Description of the Azores or Western Islands, from personal observation comprising remarks on their peculiarities, topographical, geological, statistical, etc., and on their hitherto neglected condition*. London: Edward Churton.

BOID, Edward. [1835] 1952. O Distrito da Horta que compreende Faial, Pico, Corvo e Flores *in Descrição dos Açores*, trad. João H. Anglin dos capt. VI-X (parte II) da obra *A Description of the Azores* (London, 1835), pp. 1-42. Angra do Heroísmo: Tipografia Andrade.

BROWN, A. Samler. 1927. *Brown's Madeira Canary Islands and Azores (...)* 14<sup>a</sup> ed., Ed. Simpkin, Marshall, Hamilton, Londres: Kent & Co., Ltd.

BUCH, Leopold von. [1825] 1836. *Description Physique des îles Canaries*. Paris, F. G. Levrault, Libraire-éditeur. [Tradução francesa].

BUFFON, George-Louis. 1749. *Histoire naturelle, generale et particulière, avec la description du cabinet du Roy*. Tomo I. Paris: L'Imprimerie Royale.

BULLAR, Joseph & Henri. 1841. *A Winter in the Azores; and a summer at the baths of the Furnas*. London, John van Voorst, vols. I e II.

BULLAR, Joseph & Henry. [1841] 2001. *Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas*. Trad. João Hickling Anglin. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

CASTILHO, Júlio. 1886. *Ilhas Occidentaes do Archipelago Açoriano*. Lisboa: David Corazzi.

DABNEY, Roxana. [1899]. *Annals of the Dabney Family in Fayal*. [Boston]: For private Circulation.

D'ALBERTIS, Enrico. 1888. *Crociera del Corsaro alle Azzorre*. Milano: Fratelli Treves, Editori.

DARWIN, Charles. 1844. *Geological observations on the volcanic islands visited during the voyage of H.M.S. Beagle, together with some brief notices of the geology of Australia and the Cape of Good Hope. Being the second part of the geology of the voyage of the Beagle, under the command of Capt. Fitzroy, R. N. during the years 1832 to 1836*. London, Smith Elder and Co.

DROUËT, Henri. 1858. *Rapport à sa majesté le roi de Portugal sur n voyage d'exploration scientifique aux îles Açores, exécuté par M.M. Arthur Morelet et Henri Drouet pendant le printemps et l'été de 1857*. Troyes: Bouquot, Imprimeur-Libraire.

DROUËT, Henri. 1858a. Sur un voyage aux îles Açores in *Rapport à sa majesté le roi de Portugal sur n voyage d'exploration scientifique aux îles Açores, exécuté par M.M. Arthur Morelet et Henri Drouet pendant le printemps et l'été de 1857*, pp. 5-33. Troyes: Bouquot, Imprimeur-Libraire.

DROUËT, Henri. 1858b. Mollusques marins des îles Açores in *Rapport à sa majesté le roi de Portugal sur n voyage d'exploration scientifique aux îles Açores, exécuté par M.M. Arthur Morelet et Henri Drouet pendant le printemps et l'été de 1857*, pp. 7-17. Troyes: Bouquot, Imprimeur-Libraire.

DROUËT, Henri. 1859. Coléoptères Açoréens in *Revue et Magasin de Zoologie* n.º 7. Paris: Baillièrre Libraire.

DROUËT, Henri. 1861. *Éléments de la Faune Açoréene*. Paris: J. B. Baillièrre & Fils, Libraires de L'Academie de Médecine, J. Rothschild, Libraire d'Histoire Naturelle.

DROUËT, Henri. 1866. *Catalogue de la Flore des Iles Açores précédé de l'Itinéraire d'un Voyage dans cet Archipel*. Paris: J. B. Baillièrre & Fils, J. Rothschild.

DROUËT, Henri. 1870. *Sur Terre et sur Mer: Excursions d'un Naturaliste en France, aux Açores, a la Guyane et a Angola*. Paris: L. Hachette et Cie, L. Gide.

FOLIN, Alexandre. 1887. *Sous les Mers, Campagnes d'Explorations du «Travailleur» et du «Talisman»*. Paris: Librairie J.-B. Baillière et Fils.

FORSTER, George. 1777. *Voyage round the world in His Britannic Majesty's sloop Resolution, commanded by Capt. James Cook, during the years 1772, 3, 4, and 5*. London, B. White, J. Robson, P. Elmsly, e G. Robinson (ed.), evols..

FOUQUÉ, Ferdinand. 1873. *Voyages Geologiques aux Açores in Revue des Deux Mondes, 1er Janvier 1873*, tome I (pp. 3-28), tome II (pp. 1-28), tome III (pp. 1-35). Paris: de L'Imprimerie de J. Claye.

FOUQUÉ, Ferdinand. [1873] 2019. *Viagens Geológicas aos Açores*. Trad. Claro – Centro de Traduções e Competências Interculturais, Lda. S/l.: Instituto Açoriano de Cultura.

FOWLER, John. [1831] 2017. *Diário de um Naufrágio nas Flores e no Faial: John Fowler, viajante a bordo do Robert Fulton, extraído de Journal of a tour in the State of New York in the year of 1830*. Trad.: Elisa Gomes da Torre. S/l.: Instituto Açoriano de Cultura.

GIBBONS, Marianna. 1880. *'Happy Days', A Summer Tour to the Azores and Lisbon*. Lancerter, PA: John A. Hiestand.

GODMAN, Frederick. 1870. *Natural History of the Azores, or Western Islands*. London: John Van Voorst, Paternoster Row.

GUERNE, Jules. 1887a. *Notes sur la Faune des Açores, diagnoses d'un mollusque, d'un rotifère et de trois crustacés nouveaux in Le Naturaliste* Paris: Bureaux du Journal.

GUERNE, Jules. 1887b. *Sur la faune des îles de Fayal et de San Miguel (Açores)*. Paris: Gauthier-Villars, L'Académie des Sciences.

HEBBE, John. [1802] 1816 *Description des Îles Açores in Voyages dans l'intérieur du Brésil, particulièrement dans les districts de l'or et du diamante, faits avec l'autorisation du Prince Régent de Portugal en 1809 et 1810: contenant aussi un voyage au Rio-de-la-Plata, et un essai historique sur la révolution de Buenos-Ayres*. Paris, Ed. Gide Fils, librerie, 2 vols.. [Tradução francesa de Jean Baptiste Benoit Eyriès.].

HEBBE, John. [1802] 1888-1890. Descrição das ilhas dos Açores in *Arquivo dos Açores* série I, v. 10, pp. 515-537. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

HENRIQUES, Manuel. 1867. *Trip to the Azores or Western Islands*. Boston: Lee and Shepard.

HERIOT, George. 1807. *Travels through the Canadas, containing a description of the picturesque scenery on some of the rivers and lakes; with an account of the productions, commerce, and inhabitants of those provinces to which is subjoined a comparative view of the manners and customs of several of the Indian nations of North and South America*. London: printed for Richard Phillips.

HICKLING, Catherine. 1993. *Diário de Catherine Green Hickling in Insulana*, 1993, vol. 49. Trad. Henrique Rodrigues, pp. 45-126. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

HICKLING, Charles Sr., HICKLING, Charles Jr.. [1865-1867] 2017. *Os dias de Charlie nas Western Islands: as ilhas do Faial e do Pico na visão de um turista americano a meados do séc. XIX*. Trad. Ricardo Costa, Carlos Riley, Isabel Albergaria. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

HIGGINSON, Thomas. [1855] 2007. The Ascent of Pico in *Portuguese Literary & Cultural Studies* 11 (2007): 465-75. Ed. George Monteiro. Massachusetts: University of Massachusetts Dartmouth.

HIGGINSON, Thomas. [1855] 2009, Subida à Montanha do Pico in *O Faial e os Portugueses*, 2009. Trad. Lisa Godinho, Leonor Simas-Almeida, pp. 73-84. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

HIGGINSON, Thomas. [1860] 2009. O Faial e os Portugueses in *O Faial e os Portugueses*. Recolha, organização e introdução de George Monteiro, trad. Lisa Godinho, Leonor Simas-Almeida, pp. 24-59. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

HIGGINSON, Thomas. 2009. *O Faial e os Portugueses*, recolha, organização e introd. de George Monteiro, trad. Lisa Godinho e Leonor Simas-Almeida. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

HODGES, G. Lloyd. 1933. *Narrative of the Expedition to Portugal in 1832 under the Orders of (...) Dom Pedro, Duke of Braganza*, 2 vols. London: James Fraser.

HULBERT, Charles. 1827. *Volcanic wonders and scenes of astonishment: being historic and scientific descriptions of the volcanos of the Azores and a general view of burning mountains, in various parts of the globe*. Second edition. Shrewsbury: C. Hulbert.

JEDINA, Leopold. 1878. *Voyage de la Frégate autrichienne Heligoland autour l 'Afrique*. Paris: Maurice Dreyfus.

KERHALLET, Charles. 1851. *Description de l'Archipel des Açores*. Paris: Imprimerie Administrative de Paul Dupont, Paris.

KERHALLET, Charles. 1865. *Description Nautique des Açores, par M (...)*. sep. do Manuel de la Navigation à la Cote Occidental d' Afrique", 3<sup>o</sup> ed., Paris: Impimerie Administrative de Paul Dupont.

MONACO, Albert I. 1902. *La Carrière d'un Navigateur*. Paris: Librairie Plon, Librairie Plon-Nourrit et Cie Imprimeurs-Éditeurs.

MORELET, Arthur. 1860. *Notice sur l'histoire naturelle des Açores, suivie d'une description des mollusques terrestres de cet archipel*. Paris: J.-G. Baillièrre et Fils.

MURRAY, Charles. 1839. *Travels in North America during the years 1834, 1835 & 1836, including a summer residence with the Pawnee tribe of Indians in the remote prairies of the Missouri, and a visit to Cuba and the Azores Islands*. London: Richard Bentley.

PFEIFFER, Ida. 1855. *A Lady's Second Journey Round The World: From London to the Cape of Good Hope, Borneo, Java, Sumatra,... and the United States, 2 vols*. London: Longman, Brown, Creen, and Longmens.

POMEROY, Caroline. [1842] 1997. Diário de Caroline Pomeroy in *Insulana, 1997, vol. 53*. Trad. Henrique Rodrigues, pp. 77-130. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

PRESCOTT, William. 1951. Quatro Cartas do Historiador W. H. Prescott, contendo impressões da sua Visita a S. Miguel em 1815-16, in *Insulana*, VII, nº.3, 4, ed. de J. Anglin, pp. 218-235. Ponta Delgada: Instituto Cultural.

REID, Samuel. 1893. *The History of the Wonderful Battle of the Brig-of-War General Armstrong with a British Squadron, at Fayal, 1814*. Boston: L. Barta & Co.

SEUBERT, Moritz. 1844. Flora Azorica in *Archivo dos Açores*, vol. XIV. Trad. do latim para o português.

STEELE, Robert. 1810. *A Tour through part of the Atlantic; or recollections from Madeira, The Azores (or Western Isles) and Newfoundland, (Including the Period of Discovery, Produce,*

*Manners, and Customs, of each place, With Memorandums from the Convents, visited in the Summer of 1809, in H.M.S. Vestal*). London: J. J. Stockdale.

TOFIÑO DE SAN MIGUEL, Vicente. 1789. *Derrotero de las costas de España en el Océano Atlántico, y de las Islas Azores ó Terceras, para inteligencia y uso de las cartas esféricas presentadas al Rey nuestro señor por el Exc.<sup>mo</sup> Don Antonio Valdés (...) y construidas de orden de S. M. por el Brigadier de la Real Armada Don Vicente Tofiño de San Miguel (...)*. Madrid: Viuda de Ibarra, Hijos y Compañía.

TRELEASE, William. 1897. *Botanical Observations on The Azores*. Eight Annual Report of The Missouri Botanical Garden.

TWAIN, Mark. 1869. *The Innocents Abroad, or The New Pilgrims' Progress; being some account of the steamship Quaker City pleasure excursion to Europe and the Holy Land; with descriptions of countries, nations, incidents and adventures, as they appeared to the author*. Hartford, Conn.: The American Publishing Company. Ed. Facsimile Hippocrene Books Inc. New York.

VARGAS DE BEDEMAR, Edouard. 1837. *Resumo de observações geológicas feitas em uma viagem às ilhas da Madeira, Porto Santo e Açores nos anos de 1835 e 1836 pelo Conde Vargas de Bedemar*. Lisboa: Galhardo Irmãos.

WALKER, Walter. 1886. *The Azores: Or Western Islands. A Political, Commercial and Geographical Account, containing what is historically known of these Islands, and Descriptive of their Scenery, Inhabitants, and Natural Productions; having special reference to (...) St. Michael and St. Mary (...)*. London: Trüner & Co.

WATSON, Hewett. 1843. Notes of a Botanical Tour in the Western Azores in *The London Journal of Botany*, Tom. II, pp. 1-9; 125-131; 394-408. London: Sir. W. J. Hooker, K.H. L.L.D. F.R.S. & L.S.

WATSON, Hewett. 1844. Notes on the Botany of the Azores in *The London Journal of Botany*, Tom. III, pp. 1-35. London: Sir. W. J. Hooker, K.H. L.L.D. F.R.S. & L.S.

WATSON, Hewett. 1847. Supplementary Notes on the Botany of the Azores in *The London Journal of Botany*, Tom. VI, pp. 1-16. London: Sir. W. J. Hooker, K.H. L.L.D. F.R.S. & L.S.

WEBSTER, John. 1821. *A description of the Island of St. Michael comprising an account of its geological structure, with remarks on the other Azores or Western Islands*. Boston, R. P. & C. Williams.

WEEKS, Lyman. 1882. *Among the Azores*. Boston: James R. Osgood and Company.

WESTON, Silas. [1856] 2013. *Um Observador Observado*, edição comentada e traduzida da obra de Silas Weston, *Visit to a Volcano, or what I saw at the Western Islands (Providence, 1856)*. Trad. Carlos Riley, Leonor Silva e Ricardo Costa. Horta: Núcleo Cultural.

### **OBRAS AUXILIARES**

SCANLON, Jennifer, COSNER, Shaaron. 1996. Charlotte Baker Alice in *American Women Historians, 1700s-1990s: a biographical dictionary*, pp: 10. London: Greenwood Press.

STEPHEN, Leslie. 1832-1904. *Dictionary of National Biography*, vol. 47. p. 46. New York: Macmillan.

STEPHEN, Leslie. 1885-1900. *Dictionary of National Biography*, vol. 19. pp. 23, 24. London: Smith, Elder.

### **OBRAS GERAIS**

CARREIRO, Francisco. 1978. *Esboço Histórico dos Açores*. Ponta Delgada: Instituto Universitário dos Açores.

CHAGAS, Frei Diogo das. [1646-1654] 1989. *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores* [s.i.], Secretaria Regional da Educação e Cultura / Universidade dos Açores: 527-530.

CHAVES. Francisco. 1920. Bibliographia Zoologica dos Açores in *Arquivo dos Açores*, 1920, vol. XIII. Ponta Delgada: Of. Artes Gráficas.

CHAVES, José. 1977. *Os livros de viagens em Portugal no século XVIII e a sua projecção europeia*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

CRISTÓVÃO, Fernando, CARREIRA, José *et al.* 1999. *Condicionantes culturais da literatura de viagens: estudos e bibliografias*. Lisboa: Cosmos: Centro de Literaturas de Expressão Portuguesa da Universidade de Lisboa.

D'AGOSTINI, Maria. 1987. *La Letteratura di Viaggio: Storia e prospettive di un genere letterario*. Milano: Edizioni Angelo Guerini e Associati s.r.l.

FRUTUOSO, Gaspar. [1586-1590] 1998. *Saudades da Terra*, vol. 6: 110-117. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

LEITE, João. 1991. *Estrangeiros nos Açores no Século XIX*. Ponta Delgada: Eurosigno.

MACEDO, António. 1871. *História das quatro ilhas que formam o distrito da Horta*. Horta, Typ. De Graça, Jr., vol 1. Pp: 469-478. Reimpressão fac-similada da edição de 1871. Açores: Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direcção Regional dos Assuntos Culturais.

MALDONADO, Manuel. 1990. *Fenix Angrence*, vol. 2, pp. 132-133. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira.

MÓNICA, Maria, SOUSA, Paulo. 2013. *The Dabneys, a Bostonian Family in the Azores 1806-1871, an anthology based on the Annals of the Dabney Family in Fayal compiled by Roxana Lewis Dabney*. Lisboa: Luso-American Development Foundation, New Bedford, Massachusetts: Old Dartmouth Historical Society – New Bedford Whaling Museum.

MONTE ALVERNE, Fr. Agostinho. 1986-1994. *Crónica da província de S. João Evangelista das ilhas dos Açores*. Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1988, 3: 191 (2ª. Edição).

PACHECO, Maria. 2020. *Viajantes nos Açores: o olhar estrangeiro sobre as ilhas desde o Séc. XVI / Travellers in the Azores: the islands as seen by foreigners since the 16th century*. Ponta Delgada: Artes e Letras.

PEREZ, Carlos. 1987. *Bio-bibliografía de viajeros por España y Portugal (siglo XIX)*. Madrid: Ollero & Ramos. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

SOUSA, Élvio. 2011. O fabrico do açúcar e os seus derivados in *Ilhas de Arqueologia. O Quotidiano e a Civilização Material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII)*, vol. I: 423-458. Lisboa: Universidade de Lisboa.

SOUSA, João. 1822. *Corographia Açorica, ou Descrição Phísica, Política e Histórica dos Açores*. Ponta Delgada: Jornal de Cultura.

TELES, Alberto. 1889. *Chorographia Geral dos Açores*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VIANA, Mário. 2008. *História da Ilha do Faial: das origens a 1833: (das origens à época de elevação da Horta a cidade)*. Horta: Câmara Municipal da Horta.

WALTER, François. 2004. *Les figures paysagères de la nation: territoire et paysage em Europe (16<sup>o</sup>-20<sup>o</sup> siècle)*. Paris: École des hautes études em sciences sociales.

1984. *Os Açores vistos por Estrangeiros: Literatura de Viagens e Estudos Científicos*. Ponta Delgada: BPARPD.

## ESTUDOS

AFONSO, João. 1989. *Açores Vistos por Quem os Visitou*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

ALBERGARIA, Isabel. 2019. *Plantas e Jardins: A paixão pela horticultura ornamental na lha de São Miguel*. Ponta Delgada: DRAC – BPARPD.

AMORIM, Norberta. 2004. População e recursos básicos: As quatro ilhas do ex-distrito da Horta em finais do século XIX in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs. XV a XX: Actas do Colóquio realizado em Maio de 2002 nas ilhas do Faial e das Flores*, pp. 175-205. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

ANDRADE, Ângelo; COSTA, Ricardo Manuel Madruga da. 2014. *Trails in the Horta Harbour*. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

ARRUDA, Luís. 1998a. Naturalists and Azores before the 20th century in *Museu Bocage: Museu Nacional de História Natural*, Publicações Avulsas, 2.º Série, n.º 3. . Lisboa: Publicações Avulsas.

ARRUDA, Luís. 1998b. Os naturalistas, o Faial e periferia açoriana até ao século XIX, in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs. XV a XIX: Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e S. Jorge de 12 a 15 de Maio de 1997*. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

ARRUDA, Luís. 2004. Lista de publicações científicas por Frederico Machado (1918-2000) in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 13: 29-36. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

ARRUDA, Luís. 2014. *Descobrimento Científico dos Açores: do Povoamento ao início da erupção dos Capelinhos*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

AZEVEDO, Orlando de. 2000. Campanhas Oceanográficas do Príncipe do Mónaco nos Açores in *V Colóquio Internacional de História das Ilhas do Atlântico: O Papel das Ilhas no Atlântico na Criação do Contemporâneo, Actas do Congresso realizado em Angra do Heroísmo de 24 a 28 de Maio de 1999*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira.

BENEDETTI, Catia. 1999. Crociera del Corsaro alle Azzorre: Ponta Delgada em 1886 no relato de um viajante italiano in *Actas do Colóquio Comemorativo dos 450 anos da Cidade de Ponta Delgada*, pp. 235-247. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, Câmara Municipal de Ponta Delgada.

BRITO, Raquel. 1995. Formação e Transformação do Espaço Rural nas «Ilhas de Baixo» in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs- XV a XIX: Actas do colóquio realizado nas ilhas do Faial e do Pico de 10 a 13 de Maio de 1993*, pp. 71-83. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

CALDEIRA, Carlos. 1852-1853. Apontamentos d'Uma Viagem de Lisboa à China e da China a Lisboa in *Insulana MCMXC*, vol. XLVI. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

CARITA, Rui. 2004. Os vinhos das Ilhas Atlânticas entre os finais do século XVII e os inícios do século XIX in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs- XV a XX: Actas do III colóquio, realizado em Maio de 2002, nas ilhas do Faial e das Flores*, pp. 135-152. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

CARPINE-LANCRE, Jacqueline. 1992. L'Hirondelle aux Açores in *Centenaire de la Dernière Campagne Oceanographique du Prince Albert de Monaco aux Açores à bord de l'Hirondelle, Communications Açores, 1988, Açoreana*, suplemento: 22-49.

CASTELO-BRANCO, Maria. 1995. Viajantes Ingleses nos Açores nos Inícios do Século XIX in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs. XV a XIX: Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e do Pico de 10 a 13 de Maio de 1993*. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

COSTA, Manuel. 2019. Muros de Basalto Negro: um repositório da geodiversidade, da biodiversidade e da história da ilha do Pico in *Douro e Pico, Paisagens Culturais Património Mundial*. Porto: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

COSTA, Ricardo. 2004. Uma Perspectiva da Vitivinicultura da Ilha do Pico nas duas Primeiras Décadas do Século XIX in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs- XV a XX: Actas do III colóquio, realizado em Maio de 2002, nas ilhas do Faial e das Flores*, pp. 109-133. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

COSTA, Ricardo. 2011. Uma outra visão da ilha do Faial in *Mark Twain – Um viajante inocente? No centenário da morte do escritor, realizado na cidade da Horta no dia 22 de Outubro de 2010*. Horta: CEGF, FLAD e Núcleo Cultural da Horta.

COSTA, Ricardo *et al.* 2017. *Os dias de Charlie nas Western Islands, As ilhas do Faial e do Pico na visão de um turista americano a meados do séc. XIX*. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

COSTA, Susana. 1997. *O Pico: séculos XV-XVIII: contributo para o estudo de uma ilha "com pouca história."* São Roque: Câmara Municipal.

COSTA, Susana. 1998. A economia picoense entre os séculos XV e XVIII: um exemplo ambíguo de uma periferia in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs. XV a XX: Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e S. Jorge de 12 a 15 de Maio de 1997*, pp. 81-103. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

CYMBRON, Albano, DUTRA, Márcia. 2013. *As Baleias nos Açores: da caça ao turismo*. Horta: Observatório do Mar dos Açores.

DIAS, Fátima. 1999. A redescoberta das ilhas: a construção de um imaginário (a visão nem sempre "politicamente correcta" do viajante nas ilhas) in *V Colóquio Internacional de História das Ilhas do Atlântico*, Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, 1999, vol. XVII. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da ilha Terceira.

FONTAINE, Maurice. 1992. Le Prince Albert Ier de Monaco, Les Açores et l'Institut Oceanographique in *Centenaire de la Dernière Campagne Oceanographique du Prince Albert de Monaco aux Açores à bord de l'Hirondelle, Communications Açores, 1988, Açoreana*, Suplemento: 9-20.

FRANÇA *et al.* 2003. Geologia dos Açores in *Açoreana*, vol. X, fasc. I. Açores: Direcção Regional da Cultura. Pp: 11-140.

KEMMLER, Rolf. 2001-2018. Lyman Horace Weeks: Among the Azores (1882) in *29.º Colóquio da Lusofonia*. Belmonte: AICL- Colóquios da Lusofonia.

KEMMLER, Rolf. 2017. A população de São Miguel em A Winter in the Azores: and a Summer at the Baths of the Furnas (1841) in *4º Colóquio da Lusofonia no Fundão, Colóquios da Lusofonia: Cadernos de Estudos Açorianos*. S/l: AICL- Colóquios da Lusofonia.

KEMMLER, Rolf. 2017. Os Açores vistos por um açoriano na diáspora: A Trip to the Azores or Western Islands (1867) de Manuel Borges de Freitas Henriques (1827-1873) in *25º Colóquio da*

*Lusofonia, Graciosa, 2015, Colóquios da Lusofonia: Cadernos de Estudos Açorianos. S/l: AICL- Colóquios da Lusofonia.*

KEMMLER, Rolf. 2017. I. Notas sobre a percepção dos Açores no mundo anglófono novecentista I: os habitantes dos Açores segundo Thomas Ashe (1813) e Mark Twain (1869), *in 17º Colóquio da Lusofonia, Lagoa, 2012, Colóquios da Lusofonia: Cadernos de Estudos Açorianos. S/l: AICL- Colóquios da Lusofonia.*

KEMMLER, Rolf. 2017. II. Notas sobre a percepção dos Açores no mundo anglófono novecentista II: John White Webster e A Description of the island of St. Michael (1821) *in 19º Colóquio da Lusofonia, Maia, 2013, Colóquios da Lusofonia: Cadernos de Estudos Açorianos. S/l: AICL- Colóquios da Lusofonia.*

KEMMLER, Rolf. 2017. III. Notas sobre a percepção dos Açores no mundo anglófono novecentista III: Edward Boid e A Description of the Island of St. Michael (1835) *in 20º Colóquio da Lusofonia, Seia, 2013, Colóquios da Lusofonia: Cadernos de Estudos Açorianos. S/l: AICL- Colóquios da Lusofonia.*

KORR, Mary. 2017. Hopeworth Sanitarium in Bristol offered rest and work cures *in Rhode Island Medical Journal.*

MARTINS, António. 2005. Alberto I, Príncipe do Mónaco: O Homem, o Navegador, o Investigador e os Açores *in Açoreana, 10(2), pp. 267-278.*

MARTINS, António *et al.*. 2006. Distribuição dos Moluscos Terrestres da ilha do Pico (Açores) e variabilidade de *oxychilus (Drouetia) Minor* (Morelet, 1860) *in XII Expedição Científica do Departamento de Biologia – Pico 2005, 34, pp. 53-67. Ponta Delgada: Departamento de Biologia, Universidade dos Açores.*

MARTINS, Rui. s.d. *Para uma antropologia da água doce no arquipélago dos Açores.* Ponta Delgada: Universidade dos Açores, Centro de Estudos Etnológicos.

MENDONÇA, Duarte. 2011. Um olhar americano sobre as ilhas do Faial, Pico e São Jorge no século XIX *in O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX: actas do V colóquio realizado nas ilhas do Faial e S. Jorge, nos dias 17 a 20 de Maio de 2010.* Horta: Núcleo Cultural da Horta.

MENESES, Avelino. 1995. A Insuficiência Frumentária do Faial-Pico em Meados do Século XVIII *in O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs- XV a XIX: Actas do colóquio realizado nas ilhas do Faial e do Pico de 10 a 13 de Maio de 1993, pp. 333-342.* Horta: Núcleo Cultural da Horta.

MENESES, Avelino. 2007. A Ilha do Pico: a antítese da história dos Açores in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs. XV a XX: Actas do IV Colóquio realizado em Maio de 2006 nas ilhas do Faial e do Pico*, pp. 647-653. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

MORALES, Alejandro. 1998. Análisis comparativo de tres islas macaronésicas (Pico, Porto Santo y Lanzarote): el cultivo de la vid in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Sécs. XV a XX: Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e S. Jorge de 12 a 15 de Maio de 1997*, pp. 305-323. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

NUNES, João *et al.* 2001a. Principais sismos destrutivos no arquipélago dos Açores – uma revisão in *5º Encontro Nacional de Sismologia e Engenharia Sísmica – SÍSMICA 2001*, pp. 119-131. Ed. FRAGOSO, M.R.

PACHECO, Eugénio. 1899. *S.A.S. O Príncipe de Mónaco e os seus Serviços à Causa Açoreana*. São Miguel: Typo-Lithographia Ferreira & C.<sup>a</sup>.

RODRIGUES, José. 1999. *Literatura de Viagens e Literaturas Insulares*. Ponta Delgada: BPARPD.

PINTO, Manuel. 2003. Gaspar Frutuoso, os Açores e a Atlântida de Platão in *Açoreana*, vol. X, fasc. I, pp. 193-206. Açores: Direcção Regional da Cultura.

PORTEIRO, Filipe. 2009. A importância das campanhas oceanográficas do Príncipe Albert I do Mónaco para o conhecimento do Mar dos Açores in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 18: 189-219.

RODRIGUES, José. 2004. Entre Ficção e Realidade: O Faial e as Ilhas do Grupo Central da Segunda Viagem de James Cook in *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX: Actas do III Colóquio realizado em Maio de 2002 nas ilhas do Faial e das Flores*. Horta: Núcleo Cultural.

RODRIGUES, Rodrigo. 1991. *Notícia biográfica do Dr. Gaspar Frutuoso*. Ponta Delgada: Instituto Cultural.

SALDANHA, Luiz. 1992. Le Prince Albert Ier de Monaco et le Colonel Afonso Chaves in *Centenaire de la Dernière Campagne Oceanographique du Prince Albert de Monaco aux Açores à bord de l'Hirondelle, Communications Açores, 1988, Açoreana*, suplemento: 51-56.

SILVA, João. 1988. Os Açores em 1832: A perspectiva do Comandante Edward Boid, oficial inglês e romântico in *Arquipélago – Revista da Universidade dos Açores*, n.º especial (Relações Açores Grã-Bretanha), pp. 211-232- Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

SILVA, Luís. 2014. *Como o ecoturismo trabalha a nível da comunidade: o caso da observação turística de cetáceos* in Património, Ruralidade e Turismo: Etnografias de Portugal Continental e Açores, pp. 91-118. Lisboa: ICS.

SILVA, Susana. 2005. As ilhas do Faial e do Pico vistas, no século XIX, por viajantes estrangeiros in *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX: actas do VI Colóquio, realizado nas ilhas do Faial e de S. Jorge nos dias 17 a 20 de Maio de 2010*. Horta: Núcleo Cultural da Horta.

SILVA, Susana. 2009. Notas ao Darwin's Beagle Diary in *Darwin nos Açores*, dir. José Pereira Nuno Gomes e Verónica Neves, Diário pessoal com comentários. Horta: Observatório do Mar dos Açores.

SILVA, Susana. 2016. O olhar de viajantes estrangeiros sobre as mulheres açorianas (século XIX) in *Percursos da História. Estudos In Memoriam de Fátima Sequeira Dias*, coord. Manuel Conde, Margarida Machado e Susana Silva, pp. 109-138. Ponta Delgada: Nova Gráfica.

SILVA, Susana Serpa. 2017. Prefácio de *Relato da Minha Viagem aos Açores (1812-1814)*, Briant Barrett, pp. 9-23. Ponta Delgada: Publiçor – Letras Lavadas. [Publicação de fonte inédita].

SILVA, Susana. 2019. Portos e Atividades Marítimas nos Açores à luz da literatura de viagens (século XIX) in *Navegação no Atlântico / Atlantic Navigation. XVIII Reunião Internacional de História da Náutica / XVIII International Reunion for History of Nautical Science*, coord. Francisco Domingues e Susana Silva, pp. 329-348. Ponta Delgada: CHAM Açores. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.3/5515>

SILVA, Susana. 2020. *A Ilha Graciosa nos relatos de viajantes estrangeiros (século XIX)* in *Questões de Identidade Insular na Macaronésia*, coord. Duarte Chaves, pp. 103-120. S. Jorge: Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM – Centro de Humanidades. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.3/5642>

SIMAS, Rosa. 2011. Mark Twain e Thomas Higginson: dois Turistas americanos na Horta in *Mark Twain – Um Viajante Inocente? No centernário da morte do escritor, realizado na cidade da Horta no dia 22 de Outubro de 2010*. Horta: CEGF, FLAD e Núcleo Cultural da Horta.

TAVARES, Conceição. 2009. *Albert I do Mónaco, Afonso Chaves e a Metereologia nos Açores: Episódios oitocentistas da construção científica do mundo atlântico*. S/l.: Sociedade Afonso Chaves, Centro Interuniversitário da História das Ciências e da Tecnologia.

ZBYSZEWSKI, Georges *et al.* 1963. *Notícia Explicativa da Folha "A" da Ilha do Pico (Açores)*, in *Carta Geológica de Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

ZBYSZEWSKI, Georges *et al.* 1963. *Notícia Explicativa da Folha “B” da Ilha do Pico (Açores)*, in Carta Geológica de Portugal. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

ZBYSZEWSKI, Georges *et al.* 1964. *Contribuição para o conhecimento da geologia da ilha do Pico (Açores)* in Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências, Tomo XIX. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

ZBYSZEWSKI, Georges *et al.* 1976. *Memórias* da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências, Tomo XIX. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

### **SITES UTILIZADOS**

A Baleação: Saga Baleeira. Consultado a 04/03/2022, em <http://www.cm-lajesdopico.pt/lajes-do-pico/baleacao#saga-baleeira>

Around the world in the 1800s: The voyage of the SUNBEAM  
Consultado a 12/04/2021, em <https://www.sea.museum/2013/06/18/around-the-world-in-the-1800s-part-1-the-voyage-of-the-sunbeam/>

Arruda, L. M. (2004), Lista de publicações científicas por Frederico Machado (1918-2000). *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 13: 29-36. Consultado a 20/11/2020, em <https://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch13/n13-4.html>

Artigos sobre a Paisagem da Cultura da Vinha do Pico. Consultado a 05/03/2022, em <http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/vinhas-pico/legislacao-artigos.html>

Ashe, Thomas  
Consultado a 25/02/2022, em <https://www.dib.ie/index.php/biography/ashe-thomas-a0246>

Augustin Delondre (1823-1879)  
Consultado a 03/05/2021, em [https://data.bnf.fr/fr/13014961/augustin\\_delondre/](https://data.bnf.fr/fr/13014961/augustin_delondre/)

Brassey, Anna (1839–1887)  
Consultado a 12/04/2021, em <https://www.encyclopedia.com/women/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/brassey-anna-1839-1887>

Brassey, Thomas (1836–1918)

Consultado a 12/04/2021, em

<https://adb.anu.edu.au/biography/brassey-thomas-5339>

Charles Philippe de Kerhallet (1809-1863).

Consultado a 07/01/2021, em:

[https://data.bnf.fr/fr/15613854/charles-philippe\\_de\\_kerhallet/](https://data.bnf.fr/fr/15613854/charles-philippe_de_kerhallet/)

Charles Savile Roundell

Consultado a 13/04/2021, em

[http://self.gutenberg.org/articles/Charles\\_Savile\\_Roundell](http://self.gutenberg.org/articles/Charles_Savile_Roundell)

Comemorações dos 10 Anos de Classificação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico como Património Mundial. Consultado a 14/07/2021, em

<http://www.azores.gov.pt/Gra/srrn-natureza/conteudos/noticias/2014/Marco/not20140325.htm>

Diccionario de la lengua española, em

<https://dle.rae.es/>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, em

<https://dicionario.priberam.org/>

Dictionnaire de l'Académie Française, em

<https://www.dictionnaire-academie.fr/>

Documentário *Currais de Pedra*. Consultado a 05/03/2022, em

[http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/vinhas-pico/currais-pedra/\\_intro.html](http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/vinhas-pico/currais-pedra/_intro.html)

Documentário *Vinha do Pico – Paisagem de Oportunidades*. Consultado a 05/03/2022, em

[http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/vinhas-pico/15AnosVinhas/\\_intro.html](http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/vinhas-pico/15AnosVinhas/_intro.html)

Enciclopedia Treccani, em

<https://www.treccani.it/>

Encyclopædia Britannica, em

<https://www.britannica.com/>

Encyclopedie.fr, em

<https://www.encyclopedie.fr/>

Findlay, Alexander George, the younger

Consultado a 06/04/2021, em

<https://www.oxforddnb.com/view/10.1093/ref:odnb/9780198614128.001.0001/odnb-9780198614128-e-9452>

Francisco Afonso de Chaves

Consultado a 03/05/2021, em

<http://www.icpd.pt/arquivo/ver.php?id=282>

Georges Zbyszewsky (1909-1999)

Consultado a 25/02/2022, em

<http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/p55.html>

Hunt, Thomas Carew (1808-1886)

Consultado a 07/04/2021, em

<https://plants.jstor.org/stable/10.5555/al.ap.person.bm000044948>

Jean-Léon Soubeiran (1827-1892)

Consultado a 03/05/2021, em

[https://data.bnf.fr/10609720/jean-leon\\_soubeiran/](https://data.bnf.fr/10609720/jean-leon_soubeiran/)

Mark Twain

Consultado a 22/06/2021, em

<https://www.britannica.com/biography/Mark-Twain>

Obituary. Rupert Swindells, 1835-1908

Consultado a 06/04/2021, em

<https://www.icevirtuallibrary.com/doi/abs/10.1680/imotp.1908.17395>

Oxford Dictionary of National Biography, em

<https://www.oxforddnb.com/>

Paisagem Vinha da Ilha do Pico

Consultado a 26/02/2022, em

<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal/paisagem-vinha-da-ilha-do-pico>

Parquesnaturais.azores.gov.pt

Consultado a 09/11/2020, em

<https://parquesnaturais.azores.gov.pt/pt/parques/5/areasprotegidas/34>

Poços de Maré

Consultado a 26/02/2022, em

[http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/vinhas-pico/pocos-mare/\\_texto.html](http://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/vinhas-pico/pocos-mare/_texto.html)

Royal Mail Steam Company

Consultado a 07/01/2021, em

<https://collections.rmg.co.uk/archive/objects/492013.html>

Samuel Greene Wheeler Benjamin

Consultado a 06/04/2021, em

<https://catalogue.nla.gov.au/Search/Home?lookfor=author:%22Benjamin%2C%20S.%20G.%20W.%20%28Samuel%20Greene%20Wheeler%29%2C%201837-1914%22&iknowwhatimean=1>

Story: Dumont d'Urville, Jules Sébastien César

Consultado a 07/01/2021, em

<https://admin.teara.govt.nz/en/biographies/1d19/dumont-durville-jules-sebastien-cesar>

Teixo (*Taxus baccata*)

Consultado a 24/07/2021, em

<https://www.almanaqueacoriano.com/index.php/uncategorized/26-floresta/2595-teixo-taxus-baccata>

Vieira, Alberto, Descobrir o Atlântico nos séculos XVIII e XIX

Consultado a 24/07/2021, em

<https://silo.tips/download/recomendacoes-descobrir-o-atlantico-nos-seculos-xviii-e-xix-viii-e-xix-culoalbert>

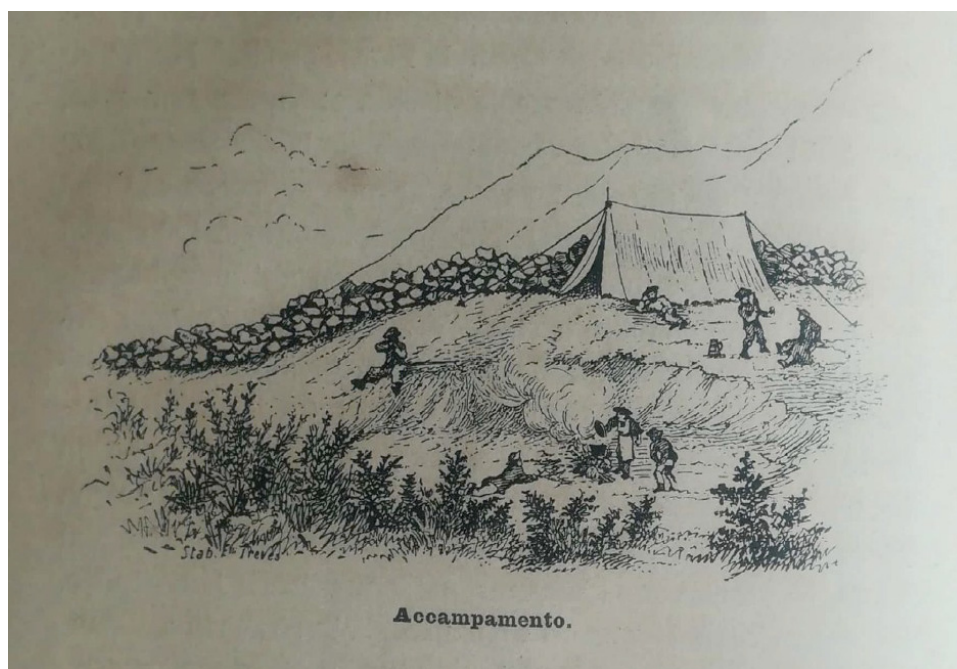
## ANEXOS

Figura 1



As ilhas do Pico e de São Jorge vistas do Faial (WEBSTER, 1821, entre p. 232 e 233).

Figura 2



Acampamento de Alberto D'Albertis aquando da sua subida à montanha do Pico (D'ALBERTIS, 1888, p. 268).

Figura 3



Representação do Piquinho da montanha do Pico no relato de Alberto D'Albertis (D'ALBERTIS, 1888, entre p. 202 e 203).

Figura 4



A vista da montanha do Pico (BOID, 1834, p. 299).

.Figura 5



Ao longe, a montanha do Pico ( BOID, [1834] 1835, entre a p. 254 e 255).

Figura 6



O Piquinho da montanha do Pico, visto da ilha do Faial (BENJAMIN, Samuel. 1878, p. 39).

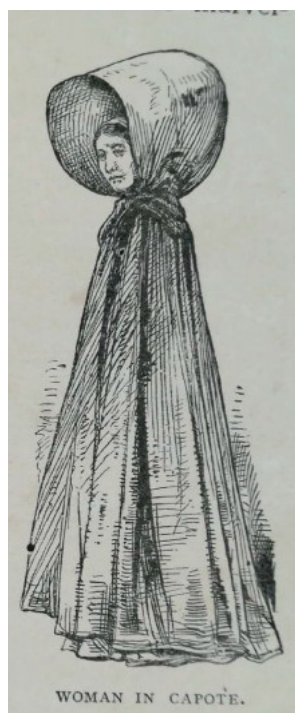
Figura 7



PICO, GIRLS AT A WELL.

Mulheres do Pico num poço (BULLAR, 1841, vol. I, p. 336).

Figura 8



WOMAN IN CAPOTE.

Mulher de Capote e Capelo no mercado da Horta, Faial (WEEKS, 1882, p. 47)

Figura 9



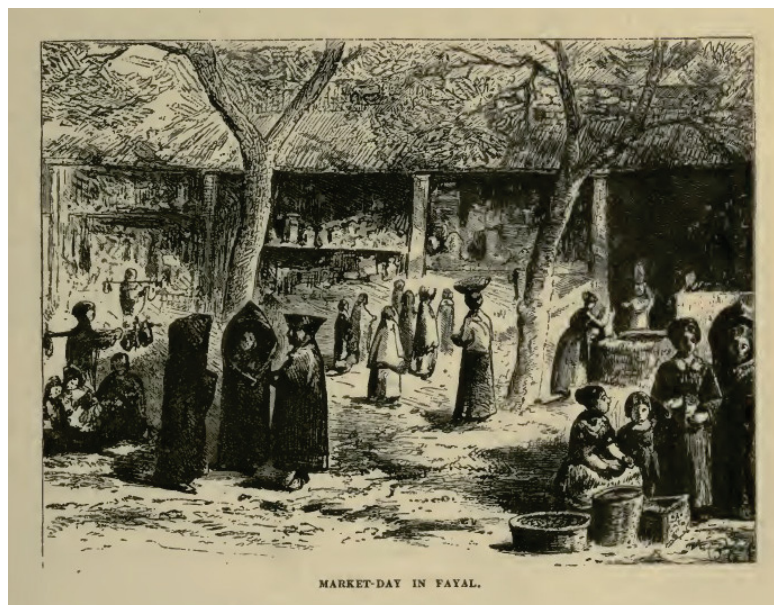
Mulher do Pico a carregar água (WEEKS, 1882, p. 70).

Figura 10



Os *Ferryboats* do Pico (BENJAMIN, 1878, p. 41).

Figura 11



O mercado da Horta, Faial (BENJAMIN, 1878, p. 47).

Figura 12



Ferryboat do Pico em detalhe (D'ALBERTIS, 1888, p. 189).

**UNIVERSIDADE DOS AÇORES**  
**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

Rua da Mãe de Deus  
9500-321 Ponta Delgada  
Açores, Portugal